Ao Ex.mo Snr.

Innocencio Francisco da Silva

Off.

em nome do Snr. Doutor José
Feliciano de Castilho

Julio de Castilho

1 Março
1866

LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO E JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO

IV

FERNÃO MENDES PINTO

I

FERNÃO
MENDES PINTO

EXCERPTOS

SEGUIDOS DE UMA NOTICIA SOBRE SUA VIDA E OBRAS
UM JUIZO CRITICO
APRECIAÇÕES DE BELLEZAS E DEFEITOS
E ESTUDOS DE LINGUA

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO

TOMO PRIMEIRO

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR
69, RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS. — AUG. DURAND, ÉDITOR, RUE DES GRÉS, 7

1865

INDICE

PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO

FIM DO INDICE.

PEREGRINAÇÃO

DE

FERNÃO MENDES PINTO[1]

CAPITULO I

Do que passei em minha mocidade n'este reino até que me embarquei para a India.

Quando ás vezes ponho diante dos olhos os muitos e grandes trabalhos e infortunios que por mim passárão, começados no principio da minha primeira idade, e continuados pela maior parte e melhor tempo da minha vida, acho que com muita razão me posso queixar da ventura, que parece que tomou por particular tenção e empreza sua perseguir-me e maltratar-me, como se isso

[1] Nova edição, conforme á primeira de 1614. Lisboa, typographia Rollandiana, 1829 — 4 vol. in-8°.

lhe houvera de ser materia de grande nóme e de grande gloria; porque vejo que, não contente de me pôr na minha patria, logo no começo da minha mocidade, em tal estado que n'ella vivi sempre em miserias e em pobreza, e não sem alguns sobresaltos e perigos da vida, me quiz tambem levar ás partes da India, onde, em lugar do remedio que eu ia buscar a ellas, me forão crescendo com a idade os trabalhos e os perigos. Mas por outra parte, quando vejo que do meio de todos estes perigos e trabalhos me quiz Deos tirar sempre em salvo, e pôr-me em seguro, acho que não tenho tanta razão de me queixar por todos os males passados, quanta de lhe dar graças por este só bem presente; pois me quiz conservar a vida, para que eu pudesse fazer esta rude e tosca escriptura, que por herança deixo a meus filhos (porque só para elles é minha tenção escrevêl-a), para que elles vejão n'ella estes meus trabalhos e perigos da vida, que passei no discurso de vinte e um annos, em que fui treze vezes captivo, e dezesete vendido, nas partes da India, Ethiopia, Arabia feliz, China, Tartaria, Macassar, Samatra, e outras muitas provincias d'aquelle oriental archipelago, dos confins da Asia, a que os escriptores chins, siames, gueos, elequios, nomêão nas suas geographias por pestana do mundo, como ao diante espero tratar muito particular e muito diffusamente; e d'aqui por uma parte tomem os homens motivo de se não desanimarem com os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem, porque não ha nenhuns, por grandes que sejão, com que

não possa a natureza humana, ajudada do favor divino, e por outra me ajudem a dar graças ao Senhor omnipotente, por usar comigo da sua infinita misericordia, apezar de todos meus peccados, porque eu entendo e confesso que d'elles me nascêrão todos os males que por mim passárão, e d'ella as forças e o animo para os poder passar, e escapar d'elles com vida. E tomando por principio d'esta minha peregrinação o que passei n'este reino, digo que depois que passei a vida até idade de dez ou doze annos na miseria e estreiteza da pobre casa de meu pai, na villa de Monte-mór o velho, um tio meu, parece que desejoso de me encaminhar para melhor fortuna, me trouxe á cidade de Lisboa, e me pôz no serviço de uma senhora de geração assaz nobre, e de parentes assaz illustres, parecendo-lhe que pela valia assim d'ella, como d'elles, poderia haver effeito o que elle pretendia para mim.

E isto era no tempo em que na mesma cidade de Lisboa se quebrárão os escudos pela morte d'el-rei D. Manoel, de gloriosa memoria, que foi em dia de Santa Luzia, treze dias do mez de Dezembro do anno de 1521, de que eu sou bem lembrado, e de outra cousa mais antiga d'este reino me não lembro.

A tenção d'este meu tio não teve o successo que elle imaginava, antes o teve muito differente, porque havendo anno e meio, pouco mais ou menos, que eu estava no serviço d'esta senhora, me succedeu um caso que me pôz a vida em tanto risco, que para a poder salvar me

foi forçado sahir-me n'aquella mesma hora de casa, fugindo com a maior pressa que pude; e indo eu assim tão desatinado com grande medo que levava, que não sabia por onde ia, como quem vira a morte diante dos olhos, e a cada passo cuidava que a tinha comigo, fui ter ao cáes da pedra, onde achei uma caravela d'Alfama, que ia com cavallos e fato de um fidalgo para Setubal, onde n'aquelle tempo estava el-rei D. João o terceiro, que santa gloria haja, com toda a côrte, por causa da peste que então havia em muitos lugares do reino; n'esta caravela me embarquei eu, e ella se partio logo, e ao outro dia pela manhã, sendo nós tanto ávante como Cesimbra, nos commetteu um francez corsario, e abalroando comnosco, nos lançou dentro quinze ou vinte homens, os quaes, sem resistencia, nem contradicção dos nossos, se senhoreárão do navio, e depois que o despojárão de tudo quanto achárão n'elle, que valia mais de seis mil cruzados, o mettêrão no fundo, e a dezesete que escapámos com vida, atados de pés e de mãos, nos mettêrão no seu navio, com fundamento de nos levarem a vender a Larache, para onde se dizia que ião carregados de armas, que de veniaga levavão aos mouros; e trazendo-nos com esta determinação mais treze dias, banqueteados cada hora de muitos açoutes, quiz sua boa fortuna que no cabo d'elles ao pôr do sol, houverão vista de uma vela, e seguindo aquella noite, marcados pela sua esteira, como officiaes velhos praticos n'aquella arte, forão com ella antes do quarto da modorra rendido, e

dando-lhe tres surriadas de artilharia a abalroárão muito esforçadamente, e ainda que na defensão houve da parte dos nossos alguma resistencia, nem isso bastou para os inimigos deixarem de a entrar, com morte de seis Portuguezes, e dez ou doze escravos.

Era este navio uma formosa náo de um mercador de Villa de Conde, que se chamava Silvestre Godinho, que outros mercadores de Lisboa trazião fretada de S. Thomé, com muitos assucares e escravaria, a qual os pobres roubados, que lamentavão sua desaventura, punhão em valia de quarenta mil cruzados.

Tanto que estes corsarios se vírão com presa tão rica, mudando o proposito que antes trazião, se fizerão na volta de França, e levárão comsigo alguns dos nossos, para serviço da mareação da náo que tinhão tomado. E aos outros mandárão uma noite lançar na praia de Melides, nús e descalços, e alguns com muitas chagas dos açoutes que tinhão levado, os quaes d'esta maneira forão ao outro dia ter a Santiago de Cacém, no qual lugar todos forão muito bem providos do necessario pela gente da terra, e principalmente por uma senhora que ahi estava, por nome D. Brites, filha do conde de Villa-Nova, e mulher de Alonso Peres Pantoja, commendador e alcaide-mór da mesma villa.

E depois que os feridos e os doentes forão convalescidos, cada um se foi para onde lhe pareceu que teria o remedio de vida mais certo, e o pobre de mim com outros seis ou sete tão desamparados como eu, fomos ter

a Setubal, onde me cahio em sorte lançar mão de mim um fidalgo do mestre de Santiago por nome Francisco de Faria, ao qual servi quatro annos, em satisfação dos quaes me deu ao mesmo mestre de Santiago por seu moço da camara, a quem servi um anno e meio. E porque a moradia, que então era costume dar-se nas casas dos principes, me não bastava para minha sustentação, determinei embarcar-me para a India, ainda que com pouco remedio, já offerecido a toda ventura, ou má ou boa, que me succedesse.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS II E III

Sahe do reino a 11 de Março de 1537, para a India, em uma armada de cinco náos. Chega a *Moçambique*, vai a Diu : de Diu se parte n'uma de duas fustas que se vão ao estreito de Meca a tomar novas da armada do Turco de quem havia receios. Dão-se por perdidos com um temporal, junto ás ilhas de Curia, Muria, e Abdalcuria. Tomão e mettem no fundo um navio turco.

FERNÃO MENDES PINTO.

EXTRACTO

DO

CAPITULO IV

Como d'aqui fomos a Massuaa, e d'ahi por terra á mãi do Preste João, á fortaleza de Gileitor.

D'aqui d'esta paragem nos partímos para Arquico, terra do Preste João, a dar uma carta que Antonio da Silveira mandava a um Henrique Barbosa, feitor seu, que lá andava havia tres annos por mandado do governador Nuno da Cunha.

Chegando nós a Gotor, uma legua abaixo do porto de Massuaa, fomos todos bem recebidos da gente da terra, e de um Portuguez que ahi achámos, por nome Vasco Martins de Seixas, natural da villa de Obidos, que por mandado de Henrique Barbosa havia um mez que alli estava, esperando por algum navio de Portuguezes, com uma carta do mesmo Henrique Barbosa, que deu aos capitães, em que lhe dava as novas que tinha sabido dos Turcos, e lhe pedia que em todo caso se fossem ver alguns Portuguezes com elle, porque importava muito ao serviço de Deos e de el-rei, e que elle os não podia ir buscar, porque estava n'aquella fortaleza de Gileitor, em guarda da princeza de Tigremahom, mãi do Preste, com quarenta Portuguezes que ahi tinha comsigo.

Os capitães ambos puzerão esta ida em conselho, com

os mais que para isso forão chamados, e se assentou, por parecer de todos, que quatro soldados o fossem ver em companhia de Vasco Martins, e lhe levassem a carta que Antonio da Silveira lhe mandava, o que assim se fez. E partidos os quatro, dos quaes eu fui um, logo ao outro dia seguinte caminhámos por terra em boas cavalgaduras de mulas que o Tiquaxy, capitão da terra, nos mandou dar, por uma provisão da princeza, mãi do Preste, que o Vasco Martins trouxera para isso, com mais seis abexins que nos acompanhárão. E aquelle mesmo dia fomos dormir a um mosteiro de officinas nobres e ricas, que se dizia Satilgão, e como ao outro dia foi manhã, caminhámos ao longo de um rio mais cinco leguas, até um lugar que se chamava Bitonto, no qual nos agasalhámos aquella noite em um bom mosteiro de religiosos que se chamava S. Miguel, com muita festa e gasalhado do prior e sacerdotes que n'elle estavão, onde nos veio ver um filho do Barnagais, governador d'este imperio de Ethiopia, moço de idade de dezesete annos, e muito bem disposto, acompanhado de trinta de mulas, e elle sómente vinha em um cavallo ajaezado á portugueza, com um arreio de velludo rôxo franjado de ouro, que da India lhe mandára o governador Nuno da Cunha, havia dous annos, por um Lopo Chanoca, que depois foi captivo no Cayro, ao qual este principe mandava resgatar por um mercador judêo, natural de Asebibe, porém quando este lá chegou, o achou já morto, de que dizem que mostrou muito sentimento, e nos affirmou o Vasco

Martins que alli n'aquelle mosteiro de S. Miguel lhe mandára fazer o mais honrado sahimento que elle nunca víra em sua vida, no qual se juntárão quatro mil sacerdotes, afóra outra mór cópia de noviços a que elles chamão santilêos. E sabendo que fòra casado em Gôa, e que tinha tres filhas, moças pequenas, e muito pobres, lhes mandára de esmola trezentas oqueás de ouro, que da nossa moeda tem cada oqueá doze cruzados.

Ao outro dia nós partímos d'este mosteiro em boas cavalgaduras que este principe nos mandou dar, com quatro homens seus que nos acompanhassem, os quaes nos forão agasalhando por todo o caminho esplendidissimamente, e fomos dormir a umas casas grandes, que se dizião betenigus, que quer dizer casas de rei, cercadas em distancia de mais de tres leguas de arvoredo muito alto de aciprestes, e cedros, e palmeiras de datiles e cocos, como na India. E continuando d'aqui por nossas jornadas de cinco leguas por dia por campinas de trigo muito grandes e muito formosas, chegámos a uma serra que se dizia Vangaleu, povoada de judêos, gente branca, e bem proporcionada, mas muito pobre, segundo o que nos pareceu d'ella. E d'ahi a dous dias e meio chegámos a uma boa povoação, que se chamava Fumbau, duas leguas da fortaleza de Gileitor, onde achámos Henrique Barbosa com os quarenta Portuguezes, os quaes nos recebêrão com muita alegria, acompanhada de grande cópia de lagrimas, porque ainda que (como nos elles dizião) alli estivessem muito á sua vontade,

sendo em tudo senhores absolutos de toda a terra, comtudo se não havião por satisfeitos n'ella, por ser aquillo desterro, e não patria sua. E porque já ao tempo que aqui chegámos era muito noite, não pareceu a Henrique Barbosa saber a princeza da nossa chegada. E ao outro dia pela manhã, que era um domingo, quatro dias de Outubro, nós fomos com elle e com os quarenta Portuguezes ao aposento onde a princeza vivia, a qual tanto que soube que eramos chegados, nos mandou entrar na capella, onde já então estava para ouvir missa; e pondonos em joelhos diante d'ella, lhe beijámos o abano que tinha na mão, com mais outras ceremonias de cortezia ao seu uso, que os Portuguezes nos tinhão ensinado. Ella nos recebeu com muita alegria, e nos disse : « A vinda de vós outros, verdadeiros christãos, é ante mim agora tão agradavel, e foi sempre tão desejada, e o é todas as horas d'estes meus olhos que tenho no rosto, como o fresco jardim deseja o borrifo da noite ; venhais embora, venhais embora! e seja em tão boa hora a vossa entrada n'esta minha casa, como a da rainha Helena na terra santa de Jerusalem. » E mandando-nos assentar em umas esteiras, quatro ou cinco passos afastados de si, nos esteve perguntando, com a boca cheia de riso, por algumas cousas novas e curiosas, a que dizião que sempre fôra muito inclinada ; pelo papa ; como se chamava ; quantos reis havia na christandade ; se fôra já algum de nós á casa santa, e porque se descuidavão tanto os principes christãos na destruição do Turco ; e o poder que

el-rei de Portugal tinha na India se era grande, e quantas fortalezas havia n'ella, e em que terras estavão, e outras muitas cousas d'esta maneira. E das respostas que os nossos lhe davão, mostrava ficar satisfeita.

E com isto nos despedímos d'ella, e nos recolhêmos ao nosso aposento.

E depois de haver já nove dias que aqui estavamos, nos fomos despedir d'ella, e beijando-lhe a mão, nos disse : « Certo que me peza de vos irdes tão cedo, mas já que é forçado ser assim, ide-vos muito embora, e seja em tão boa hora a vossa tornada á India, que quando lá chegardes, vos recebão os vossos como o antigo Salomão recebeu a nossa rainha Sabá na casa admiravel de sua grandeza. »

A todos quatro nos mandou dar vinte oqueás de ouro, que são duzentos e quarenta cruzados, e mandou tambem um naique com vinte abexins, que nos veio guardando dos ladrões, e provendo-nos de mantimento e cavalgaduras até o porto de Arquico, onde as nossas fustas estavão, e o Vasco Martins de Seixas trouxe um presente rico de muitas peças de ouro, para o governador da India, o qual se perdeu no caminho.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS V ATÉ XI

Sahem de Arquico a 6 de Novembro de 1537. Na altura da ponta de Gocão são tomados por tres velas turcas, não escapando dos 54 Portuguezes senão 11 ; um dos quaes é o autor. São levados para a cidade de Meca, onde depois de muitos máos tratos e perigos de vida, o autor é vendido a um Grego renegado, homem de tão má condição, que muitas vezes lhe causou tentações de se matar com peçonha. Do Grego é revendido a um judêo a troco de tamaras por preço de doze mil réis, e das mãos d'este resgatado por christãos portuguezes de armas por duzentos pardáos.

De Ormuz embarca para Gôa. Avistão Diu cercada por uma poderosa armada de Turcos, que lhes manda dar caça : logrão escapar e vão para Chaul. De Chaul se abalão para Gôa. Encontrando no caminho com tres fustas de Moraes, que vão faltas de gente, dão para ellas doze homens, dos quaes um é Fernão Mendes. Vai para Dabul. De Dabul para Gôa. De Gôa para Onor. Aqui, não obstante os avisos e conselhos em contrario, que lhes dá a rainha da terra, amiga dos Portuguezes, determinão-se em acommetter uma valente galé turca.

Os Turcos tinhão-se fortificado em terra : acommet-

tidos, defendem-se; depois de grande perda de parte a parte, retirão-se os nossos estomagados contra a rainha, de quem suppunhão haverem sido os infieis em secreto favorecidos : esta se defende por um bramene, seu embaixador e parente, na presença do capitão-mór, anhelando a conservar as pazes com el-rei de Portugal. Voltão para Gôa : convalesce o autor das feridas que na pendencia recebêra. Torna a sahir na armada do vicerei D. Garcia de Noronha. Em Chaul sabem que já a fortaleza de Diu está descercada : abalão-se para Diu. Sobrevem um temporal, que na altura dos picos de Daanuu lhes come sete navios. Chegados a Diu reedificão a fortaleza que os Turcos havião deixado quasi de todo por terra. De Diu parte com Pero de Faria para Gôa, de Gôa para Malaca, onde chega a 5 de Junho de 1539.

CAPITULO XIII

Como Pero de Faria foi visitado por um embaixador do rei dos Batas, e do que passou com elle.

Ao tempo que Pero de Faria chegou a esta fortaleza de Malaca, estava n'ella por capitão D. Estevão da Gama, e esteve ainda alguns dias até acabar o seu tempo ; porém como Pero de Faria era capitão chegado de novo, e que ainda então começava o seu tempo, depois de haver

alguns dias que era chegado á fortaleza, os reis comarcãos d'ella o mandárão visitar por seus embaixadores, e dar-lhe os parabens da sua capitania, com offerecimentos de muita amizade e conservação de pazes com el-rei de Portugal, entre os quaes veio um d'el-rei dos Batas, que habita na ilha Samatra, da parte do oceano, onde se presume que jaz a ilha do ouro, que el-rei D. João o terceiro algumas vezes tentou mandar descobrir, por informações que d'estas partes alguns capitães lhe escrevêrão. Este embaixador, que era cunhado do mesmo rei dos Batas, e se chamava Aquarem Dabolay, trouxe um rico presente de páos de aguila e calambá, e cinco quintaes de beijoim de boninas, e uma carta escripta em folha de palmeira, a qual dizia assim :

« Cobiçoso mais que todos os homens do serviço do Leão, coroado no throno espantoso das aguas do mar, assentado por poderio incrivel no assopro de todos os ventos, principe rico do grande Portugal, teu senhor e meu, ao qual em ti, varão de columna de aço, Pero de Faria, novamente obedeço por verdadeira e santa amizade, para de hoje em diante me render por seu subdito, com toda a limpeza e amor que um bom vassallo deve fazer, eu Angeessiry Timorraja, rei dos Batas, desejando agora de novo tua amizade, para com os fructos d'esta minha terra enriquecer os teus subditos, me offereço por novo trato de ouro, pimenta, camphora, aguila, e beijoim, encher essa alfandega do teu rei e meu, comtánto que na firmeza de tua verdade me mandes

um cartaz de tua lettra, para minhas lancharas e jurupangos navegarem seguros com todos os ventos. E te peço mais de nova amizade, que dos esquecidos de teus armazens me soccorras com pilouros e polvora, de que ao presente me acho muito falto, para com a ajuda e favor d'este primeiro sauguate de tua amizade, castigar os perjuros Achems, inimigos crueis d'essa tua antiga Malaca; com os quaes te juro de emquanto viver nunca ter paz nem amizade, até não tomar vingança do sangue de tres filhos meus, que de contínuo m'a pedem com as lagrimas derramadas pela nobre mãi que os concebeu, e os criou a seus peitos, que este cruel tyranno Achem me tem mortos nas povoações de Iacur e Lingau, como mais particularmente em nome de minha pessoa t'o dirá Aquarem Dabolay, irmão da triste mãi d'estes filhos, que de mim te envio por nova amizade, para que senhor comtigo, trate o mais que lhe parecer serviço de Deos, e bem do teu povo. De Panajú, aos cinco mamocos da oitava lua. »

Este embaixador foi bem recebido de Pero de Faria, e com as honras e ceremonias feitas ao seu modo, e depois que lhe deu a carta (a qual foi logo trasladada da lingua malaya, em que vinha escripta, em portuguez) lhe disse por um interprete a causa da desavença d'este tyranno Achem com o rei dos Batas, a qual foi, que havia alguns dias que este inimigo commettêra a este rei bata, que era gentio, que tomasse a lei de Mafamede, e que casaria com uma sua irmã, comtanto que largasse

de si a mulher com que estava casado havia vinte e seis annos, por ser tambem gentia como elle. E porque o Bata lhe não concedêra isto que lhe pedíra, incitado o tyranno Achem por um seu caciz, veio com elle a rompimento de guerra, e ajuntando cada um d'elles seu campo, tiverão uma batalha assaz travada, a qual depois de durar tres horas, conhecendo o Achem a melhoria dos Batas, por ter perdida muita parte da sua gente, se veio retirando para uma serra, que se dizia Cagerrendão, onde o Bata o teve cercado vinte e tres dias, e por lhe n'este tempo adoecer muita gente, e o campo da parte contraria estar tambem muito falto de mantimentos, fizerão ambos pazes entre si, com tal condição, que o Achem désse logo ao Bata cinco bares de ouro, que fazem da nossa moeda duzentos mil cruzados, para pagar á gente estrangeira que tinha comsigo ; e que o Bata casaria o seu filho mais velho com a irmã do Achem, sobre que tiverão a differença. E satisfeito este concerto por ambas as partes, o Bata se tornou para sua terra, onde desfez logo o seu campo, e despedio toda a gente.

Durou a quietação d'esta paz por tempo de sós dous mezes e meio, em que ao Achem vierão trezentos Turcos por que esperava do estreito de Meca, em quatro náos de pimenta que lá tinha mandado, e muitos caixões de espingardas e armas, com algumas peças de artilharia de bronze, e de ferro coado, com os quaes o Achem, e com outra mais gente que ainda tinha comsigo, fingindo ir a Pacem prender um capitão que se lhe levantára,

veio sobre dous lugares do Bata, que se chamavão Iacur e Lingau, e como os achou descuidados, pelas pazes que erão feitas havia tão poucos dias, os tomou muito facilmente, com morte de tres filhos do Bata, e setecentos orobalões, que é a melhor gente e a mais fidalga de todo o reino.

O rei bata, sentindo em extremo esta tamanha traição, fez juramento na cabeça do principal idolo da sua gentilica seita, por nome Quiay Hocombinor, Deos da justiça, de não comer fruta, nem sal, nem cousa que lhe fizesse sabor na boca, até não vingar a morte de seus filhos, e se satisfazer do que lhe tomárão, ou morrer na demanda. E querendo agora este rei bata pôr por obra o que tinha determinado, ajuntou um campo de quinze mil homens, assim naturaes como estrangeiros, em que alguns principes seus amigos o ajudárão, e não contente com isso se quiz tambem valer do nosso favor, e por isso commetteu Pero de Faria com esta nova amizade que atrás disse, a qual lhe elle aceitou de muito boa vontade, porque entendia quão importante ella era ao serviço d'el-rei, e á segurança d'aquella fortaleza, e quanto com ella crescia o rendimento da alfandega, e o proveito seu, d'elle, e dos Portuguezes que n'aquellas partes do sul tinhão seus tratos, e fazião suas fazendas.

CAPITULO XIV

Do que mais passou n'este caso até Pero de Faria me mandar a este rei bata, e do que vi no caminho.

Pero de Faria, depois que leu esta carta do rei dos Batas, e entendeu do seu embaixador o negocio a que vinha, o fez agasalhar o mais honradamente que então foi possivel. E passados dezesete dias depois que chegára a Malaca, o despedio bem despachado, e satisfeito do que viera buscar, porque lhe deu ainda algumas cousas além das que lhe pedíra, como forão cem panellas de polvora, e rocas, e bombas de fogo, com que se partio tão contente d'esta fortaleza, que, chorando de prazer, um dia perante todos os que estavão no taboleiro da igreja, virando-se para a porta principal d'ella, com as mãos levantadas, como quem fallava com Deos, disse publicamente: « Prometto, em nome do meu rei, a ti Senhor poderoso, que com descanso e grande alegria vives assentado no thesouro de tuas riquezas, que são os espiritos formados da tua vontade, que se te praz dar-nos victoria contra este tyranno Achem, para que de novo lhe tornemos a ganhar o que elle com tamanha traição e tanta perfidia nos tomou nos dous lugares de Iacur e Lingau, de sempre com muita lealdade e agradecimento te conhecermos na lei portugueza da tua santa verdade, em que consiste o bem dos nascidos, e de novo te edificarmos em

nossa terra casas limpas, de cheiros suaves, onde todos os vivos te adorem com as mãos alevantadas, assim como na terra do grande Portugal se fez sempre até agora. E assim te prometto e juro, com toda a firmeza de bom e leal, que meu rei não tenha nunca outro rei senão este grande Portuguez que agora é senhor de Malaca. » E embarcando-se logo na lanchara em que viera, se partio, e o forão acompanhando dez ou doze balões até á ilha de Upe, que estava d'alli pouco mais de meia legua, onde o bendara de Malaca (que é o supremo no mando, na honra, e na justiça dos mouros), por mandado de Pero de Faria, lhe deu um grande banquete ao seu modo, festejado com charamelas, trombetas, e atabales, e com musicas de boas fallas á portugueza, com harpas, e doçainas, e violas d'arco, que lhe fez metter o dedo na boca, que entre elles é signal de grandissimo espanto.

Vinte dias depois da partida d'este embaixador, cobiçando Pero de Faria o muito proveito que alguns mouros lhe dizião que n'aquelle reino podia fazer-se em fazendas da India se as lá mandasse, e o muito mais que poderia tirar do retorno d'ellas, armou uma embarcação das que n'aquella terra se chamão jurupangos, que são do tamanho de uma caravela pequena, em que por então não quiz arriscar mais que sós dez mil cruzados de emprego, com os quaes mandou um mouro, natural d'ahi de Malaca, para os beneficiar. E commetteu-me se queria eu lá ir, porque levaria n'isso muito gosto, para socolor de embaixador ir visitar de sua parte o rei dos

Batas, e ir tambem com elle ao Achem, para onde então se estava fazendo prestes, porque quiçá me montaria isso algum pedaço de proveito, e para que de tudo o que visse n'aquella terra lhe désse verdadeira informação, e se ouvia tambem lá praticar na ilha do ouro, porque determinava de escrever a sua alteza o que n'isso passasse. Não me pude eu então escusar de fazer o que me elle pedia, ainda que algum tanto arreceiava a ida, assim por ser terra nova, e de gente atraiçoada, como porque ainda então não tinha mais de meu que sós cem cruzados, por onde não esperava fazer lá proveito. Mas emfim me embarquei na companhia do mouro que levava a fazenda. E atravessando o piloto d'aqui de Malaca ao porto de Surotilau, que é na costa do reino de Aarú, velejou ao longo da ilha Samatra por esta parte do mar mediterraneo, até um rio que se dizia Hicanduré, e navegando mais cinco dias por esta derrota, chegou a uma formosa bahia, nove leguas do reino Peedir, em altura de onze gráos, por nome Minhatoley; d'aqui cortou toda a travessa da terra (a qual já aqui n'esta paragem não é de mais largura que de sós vinte e tres leguas) até vermos o mar da outra banda do oceano, e navegando por elle quatro dias, com tempos bonanças, foi surgir n'um rio pequeno, de sete braças de fundo, que se dizia Guateamgim, pelo qual velejou seis ou sete leguas adiante, vendo por entre o arvoredo do matto muito grande quantidade de cobras, e de bichos, de tão admiraveis grandezas e feições, que é muito para se arreceiar con-

tal-o, ao menos á gente que vio pouco do mundo, porque esta como vio pouco, tambem costuma a dar pouco credito ao muito que outros vírão. Em todo este rio, que não era muito largo, havia muita quantidade de lagartos, aos quaes com mais proprio nome pudera chamar serpentes, por serem algũns do tamanho de uma boa almadia, conchados por cima do lombo, com as bocas de mais de dous palmos, e tão soltos e atrevidos no commetter, segundo aqui nos affirmárão os naturaes da terra, que muitas vezes arremettião a uma almadia quando não levava mais que tres, quatro negros, e a sossobravão com o rabo, e um e um os comião a todos, e sem os espedaçarem, os engolião inteiros.

Vimos aqui tambem uma muito nova maneira e estranha feição de bichos, a que os naturaes da terra chamão caquesseitão, do tamanho de uma grande pata, muito pretos, conchados pelas costas, com uma ordem de espinhos pelo fio do lombo, do comprimento de uma penna de escrever, e com azas da feição das do morcego, com o pescoço de cobra, e uma unha a modo de esporão de gallo na testa, com o rabo muito comprido, pintado de verde e preto, como são os lagartos d'esta terra.

Estes bichos de vòo, a modo de salto, cação os bugios e bichos por cima das arvores, dos quaes se mantêm. Vimos tambem aqui grande somma de cobras de capello, da grossura da côxa de um homem, e tão peçonhentas em tanto extremo, que dizião os negros que se chegavão com a baba da boca a qualquer cousa viva, logo em pro-

viso cahia morta em terra sem haver contrapeçonha, nem remedio algum que lhe aproveitasse. Vimos mais outras cobras que não são de capello, nem tão peçonhentas como estas, mas muito mais compridas e grossas, e com as cabeças do tamanho de uma vitela; estas nos dizião elles que caçavão tambem de rapina no chão, por esta maneira : sobem-se em cima das arvores silvestres, de que toda a terra é assaz povoada, enroscando a ponta do rabo em um ramo se descem abaixo, deixando sempre a presa feita em cima, e posto a cabeça no matto, e com orelha por escuta pregada no chão, sentem com a calada da noite toda a cousa que bole, e em prepassando o boi, o porco, o veado, ou qualquer outro animal, o ferrão com a boca, e como já têm feita a presa com o rabo lá em cima do ramo, em nenhuma cousa pegão que a não tragão a si, de maneira que cousa viva lhe não escapa.

Vimos aqui tambem muito grande quantidade de monos pardos e pretos, do tamanho de grandes rafeiros, dos quaes os negros têm muito maior medo que de todos est'outros animaes, porque commettem com tanto atrevimento, que ninguem lhes póde resistir.

CAPITULO XV

Do que em Panaajú passei com o rei dos Batas, antes que se partisse para o Achem.

Indo nós por este rio acima, espaço de sete ou oito leguas, chegámos a uma povoação pequena, que se dizia Batorrendão, que em nossa linguagem quer dizer pedra frita, distante obra de um quarto de legua da cidade de Panaajú, onde então o rei dos Batas se estava fazendo prestes para ir sobre o Achem, o qual, tanto que soube do presente e carta que lhe eu levava do capitão de Malaca, me mandou receber pelo Xabandar, que é o que governa com mando supremo todas as cousas tocantes ao meneio das armadas; o qual com cinco lancharas, e doze balões, me veio buscar áquelle porto onde eu estava surto, e me levou com grande estrondo de atabaques e sinos, e grita da chusma, até um cáes da cidade, que se dizia campalator, onde o bendara, governador do reino, me estava esperando, acompanhado de muitos orobalões e amborrajas, que é a mais nobre gente da côrte, porém os mais d'elles, ou quasi todos pobrissimos no trato de suas pessoas, e nos seus vestidos, por onde entendi que não era esta terra tão rica como em Malaca se cuidava.

Chegando eu ás casas d'el-rei, passei pelo primeiro

páteo d'ellas, e na primeira porta do segundo estava uma mulher velha, acompanhada de outra gente muito mais nobre, e melhor tratada que a que vinha comigo. Esta velha me acenou com a mão, como que me mandava que entrasse, e com aspecto grave e severo me disse : « Tua vinda, homem de Malaca, a esta terra d'el-rei meu senhor, é tão agradavel á sua vontade, como a chuva em tempo secco na lavoura de nossos arrozes; entra seguro e sem receio de nada, porque já todos, pela bondade de Deos, somos como vós outros, e assim esperamos n'elle que seja até o derradeiro bocejo do mundo. » E mettendo-me dentro na casa onde el-rei estava, lhe fiz meu acatamento, pondo tres vezes o joelho no chão, e assim lhe dei a carta e o presente que levava, com que elle mostrou que folgava muito, e me perguntou a que vinha, a que respondi conforme ao regimento que levava, dizendo que a servir sua alteza n'aquella jornada, e ver pelos olhos a cidade do Achem, e a fortificação d'ella, e que braças de fundo tinha o rio, para saber se podião entrar n'elle náos grossas e galeões, porque o capitão de Malaca tinha determinado, tanto que a gente viesse da India, vir ajudar sua alteza, para lhe entregar aquelle inimigo Achem em sua mão, o que o pobre rei, por quão conforme isto era ao seu desejo, creu muito de verdade, e erguendo-se do baileu, que era a tribuna em que estava assentado, se pôz em joelhos diante de uma caveira de vacca, que n'uma cousa como prateleira ou cantareira estava posta muito enramada de muitas hervas cheirosas, com os

cornos ambos dourados; e levantando as mãos para ella, disse, quasi chorando :

« Tu, que sem obrigação de amor maternal a que a natureza te obrigasse, recreias continuamente todos aquelles que querem o teu leite, como faz a propria mãi ao que pario, não participando, por ajuntamento de carne, dos trabalhos e miserias de que participão aquellas de que todos nascemos, eu te peço de coração que n'esses prados do sol, onde, com a grande paga e galardão que recebes estás satisfeita do bem que cá fizeste, conserves comigo a nova amizade d'este bom capitão, para que ponha por obra isto que agora tenho ouvido. » A que todos os seus com uma grande grita, e com as mãos alevantadas, respondêrão, dizendo tres vezes : « pachy parau tinacor, » que quer dizer : « oh! quem o visse e logo morresse. »

E ficando logo todos em um silencio triste, se virou el-rei para mim, e alimpando os olhos das lagrimas que a efficacia da oração que fizera lhe tinha feito derramar, me esteve perguntando por algumas particularidades da India, e de Malaca, em que gastou um pequeno espaço, até que me despedio com boas palavras, e promessa de boa veniaga á fazenda que o mouro trazia do capitão, que era o que eu então mais pretendia que tudo. E porque já n'este tempo que aqui cheguei, el-rei estava de caminho para o Achem, e não entendia em outra cousa, senão no que convinha para este effeito, passados nove dias depois que cheguei a esta cidade de Panaajú, me-

tropole d'este reino bata, se partio com toda a gente que ahi tinha comsigo, para um lugar que se chamava Turbão, d'alli cinco leguas, onde a maior parte da gente o estava já esperando, ao qual chegou com uma hora de sol, sem estrondo nem regozijo algum, pelo sentimento da morte dos tres filhos, que sempre com mostras de muita tristeza se enxergou n'elles.

SUMMARIO

DO

CAPITULO XVI

Acompanha o autor ao rei dos Batas, que se move com um exercito de quasi mil homens, parte dos quaes são auxiliares, vindos de outras terras, contra o rei do Achem. Alcançado o exercito d'este, dá-se uma temerosa batalha, em que o Bata leva a melhoria, e lança o inimigo em fuga : queima-lhe duas povoações grandes ás abas da capital; toma-lhe á escala vista uma fortaleza, e mette á espada toda a gente d'ella : põe cerco á cidade. O Achem põe fogo a uma mina, que mata grande numero dos seus inimigos, e aproveitando-se da confusão, manda sahir contra elles cinco mil amoucos, que os fazem fugir com grande perda. Sobrevindo uma armada de uns cinco mil homens, pertencentes ao Achem, o Bata dá-se pressa

de tornar para as terras; chegado a Panaajú despede toda a gente, assim natural como estrangeira. Continúa o autor dizendo :

E se foi pelo rio acima em uma lanchara pequena, sem querer levar comsigo mais que dous ou tres homens, e foi ter a um lugar que se dizia Pachissarú, no qual esteve encerrado quatorze dias, a modo de novenas, em um pagode de um idolo que se chamava Guina seroo, deos da tristeza; e tornado para Panaajú, me mandou chamar, e ao mouro que feitorisava a fazenda de Pero de Faria, ao qual esteve miudamente perguntando pela venda d'ella, e se lhe ficavão devendo alguma cousa, porque lh'o mandaria logo pagar; a que o mouro e eu respondêmos que, com as mercês e favores de sua alteza, tudo se nos fizera muito bem feito, e que os mercadores tinhão já pago tudo, sem ficarem devendo nada, e que o capitão lhe serviria aquella mercê com muito cedo o vingar d'aquelle inimigo Achem, e lhe restituir as terras que lhe elle tinha tomado : ao que el-rei, depois de estar um pouco pensativo com o que me ouvira, respondeu :

— Ah! Portuguez, Portuguez, rogo-te que não faças de mim tão nescio, já que queres que te responda, que cuide que quem em trinta annos se não pôde vingar a si, me possa soccorrer a mim; porque como o rei de vós outros, e os seus governadores, não castigárão este inimigo, quando vos tomou a fortaleza de Paacum, e a galé que ia para Maluco, e as tres náos em Quedá, e o galeão de Malaca, em tempo de Garcia de Sá, e

as quatro fustas depois em Salangor, com as duas náos que vinhão de Bengala, e o junco, e o navio de Lopo chanoca, e outras muitas embarcações, que agora me não vêm á memoria, em que me affirmárão que matára mais de mil de vós outros, afóra presa riquissima que tomou n'ellas, logo foi para elle me destruir a mim, e eu ter muito poucas esperanças em vossas palavras, basta-me ficar como fico, com tres filhos mortos, e a maior parte do meu reino tomada, e vós na vossa Malaca não muito seguros.

Da qual resposta, dita com tanto sentimento, confesso que fiquei tão corrido e embaraçado, porque entendi que fallava verdade, que nunca mais lhe fallei em soccorro, nem ousei a lhe ratificar as promessas que antes lhe fazia, por nossa honra.

SUMMARIO

DO

CAPITULO XVIII

Embarca Fernão Mendes a sua fazenda; vai-se despedir do rei bata; este lhe faz o melhor agasalho; aconselha aos Portuguezes que se acautelem sobretudo do rei do Achem, porque diz elle :

— Porque a honra de que agora mais se preza, e que

traz por timbre de todos os seus titulos, é bebedor do turvo sangue estrangeiro dos malditos cafres, sem lei, do cabo do mundo, usurpadores, por summo gráo de tyrannia, de reinos alheios nas terras da India, e ilhas do mar, de que os seus todos fazem grande caso. O qual titulo lhe veio este anno da casa de Meca, pelo presente das alampadas de ouro que lá mandou de esmola ao alcorão do seu Mafamede, como costuma fazer todos os annos.

— E assim te digo, que digas de minha parte ao capitão de Malaca, inda que já lh'o tenho escripto, que se vigie continuamente d'este inimigo Achem, porque em nenhuma outra cousa imagina senão em como vos ha de lançar fóra da India, e metter n'ella o Turco, de quem dizem que para isso pretende grande soccorro; mas Deos, por quem é, proverá de maneira que todas as suas maliciosas astucias succedão muito ao revez de seus pensamentos.

E com isto me deu uma carta em resposta da embaixada que lhe eu trouxe, com um presente de seis azagayas com os alvados de ouro, e doze cates de calambuco, com uma boceta de tartaruga, guarnecida de ouro cheia de aljofre grosso, e dezeseis perolas de bom tamanho. E a mim fez mercê de dous cates de ouro, e um terçado pequeno, guarnecido do mesmo. E despedindo-me d'elle com muita sobejidão de honras, como sempre me fizera, mostrando ser de sua parte muito fixa esta nova amizad que tomára comnosco, me vim embarcar, acompanhado

do mesmo Aquarem Dabolay seu cunhado, que fôra por embaixador a Malaca.

E partidos d'este porto de Panaajú, chegámos com duas horas de noite a um ilhéo, que se dizia Apefingau, obra de uma legua e meia da barra, povoado de gente pobre, que vive pela pescaria dos saveis, de que, por falta de sal, não aproveitão mais que sós as ovas das femeas, como nos rios de Aarú e Siaca, nest'outra costa do mar mediterraneo.

CAPITULO XIX

Do que passei até chegar ao reino de Quedá, na costa da terra firme de Malaca, e do que alli me aconteceu.

Ao outro dia seguinte pela manhã nos partímos d'este ilhéo de Fingau, e corrêmos a costa do mar oceano em distancia de vinte e seis leguas, até abocar o estreito de Minhagaruu, por onde tinhamos entrado; e passados á contra-costa dest'outro mar mediterraneo, seguímos nossa derrota ao longo d'ella até junto de Pullo Bugay, d'onde atravessámos a terra firme; e aferrando o porto de Iunçalão, corrêmos com ventos bonanças dous dias e meio, e fomos surgir no rio de Parlés, do reino de Quedá, no qual estivemos cinco dias surtos, por nos não servir o vento; e n'elles o mouro e eu, por conselho de alguns

mercadores da terra, fomos ver o rei, com uma odiá ou presente (como lhe nós cá chamamos) de algumas peças sufficientes a nosso proposito, o qual nos recebeu com mostras de bom gasalhado.

N'este tempo, que aqui chegámos, estava el-rei celebrando com grande apparato e pompa funebre de tangeres, bailes, gritas, e de muitos pobres a que dava de comer, as exequias da morte de seu pai, que elle matára ás punhaladas, para se casar com sua mãi, que estava já prenhe d'elle, e por evitar as murmurações, que sobre este horrendo e nefandissimo caso havia no povo, mandou lançar pregão, que sob pena de gravissimas mortes ninguem fallasse no que já era feito, por razão do qual nos disserão ahi, que por outro novo modo de tyrannia tinha já mortos os principaes senhores do reino, e outra grande somma de mercadores, cujas fazendas mandou que fossem tomadas para o fisco, o que lhe importou mais de dous contos de ouro; e com isto era já n'este tempo, que aqui cheguei, tamanho o medo em todo o povo, que não havia pessoa que ousasse soltar palavra pela boca.

E porque este mouro Coja Ale, que vinha comigo, era de sua natureza solto da lingua, e muito atrevido em fallar o que lhe vinha á vontade, parecendo-lhe que por ser estrangeiro, e com nome de feitor do capitão de Malaca, poderia ter mais liberdade para isso que os naturaes, e que o rei lh'o não acoimaria a elle, como fazia aos seus, sendo um dia convidado de outro mouro que

se dava por seu parente, mercador estrangeiro, natural de Patane, parece ser, segundo me depois contárão, que estando elles no meio do banquete, já bem fartos, vierão os convidados a fallar n'este feito tão publicamente, que ao rei, pelas muitas escutas que n'isso trazia, lhe derão logo rebate; o qual sabendo o que passava, mandou cercar a casa dos convidados, e tomando-os a todos, que erão dezesete, lh'os trouxerão atados. Elle em os vendo, sem lhes guardar mais ordem de justiça, nem os querer ouvir de sua boa ou má razão, os mandou matar a todos com uma morte cruelissima, a que elles chamão de gregoge, que foi, serrarem-os vivos pelos pés, e pelas mãos, e pelos pescoços, e por derradeiro pelos peitos até o fio do lombo, como os eu vi depois a todos.

E temendo-se el-rei que pudesse o capitão tomar mal mandar-lhe elle matar o seu feitor na volta dos condemnados, e que por isso lhe mandasse lançar mão por alguma fazenda sua, que lá tinha em Malaca, me mandou logo n'aquella noite seguinte chamar ao jurupango, onde então estava dormindo, sem até áquella hora eu saber alguma cousa do que passava. E chegando eu já depois da meia-noite ao primeiro terreiro das casas, vi n'elle muita gente armada com traçados, e cofos, e lanças, a qual vista, sendo para mim cousa assaz nova, me pôz em muito grande confusão; e suspeitando eu que poderia ser alguma traição das que já em outros tempos n'esta terra houve, me quizera logo tornar; o que os que me levavão não consentírão, dizendo que não houvesse medo de cousa que

visse, porque aquillo era gente que el-rei mandava para fóra a prender um ladrão, da qual resposta confesso que não fiquei satisfeito, e começando eu já n'este tempo a tartamelear, sem poder quasi pronunciar palavra que se me entendesse, lhes pedi, assim como pude, que me deixassem tornar ao jurupango em busca de umas chaves, que me lá ficárão por esquecimento, e que lhes daria por isso quarenta cruzados logo em ouro, a que elles todos sete respondêrão : « Nem que nos dês quanto dinheiro ha em Malaca, porque se tal fizermos, nos mandará el-rei cortar as cabeças. »

N'este tempo me cercárão já outros quinze ou vinte d'aquelles armados, e me tiverão todos fechado no meio ; até que a manhã começou a esclarecer, que fizerão saber a el-rei que estava eu alli, o qual me mandou logo entrar, e só Deos sabe como o pobre de mim então ia, que era mais morto que vivo.

E chegando ao outro terreiro de dentro, o achei em cima de um alifante, acompanhado de mais de cem homens, afóra a gente da guarda, que era em muito maior quantidade, o qual, quando me vio da maneira que vinha, me disse por duas vezes :

— Jangão tacor, não hajas medo, vem para cá, e saberás o para que te mandei chamar.

E accenando com a mão, fez afastar dez ou doze d'aquelles que alli estavão, e a mim me accenou que olhasse para alli : eu então olhando para onde elle me accenava, vi jazer de bruços no chão muitos corpos mor-

tos, todos mettidos n'um charco de sangue; um dos quaes conheci que era o mouro Coja Ale, feitor do capitão, que eu trouxera comigo, da qual vista fiquei tão pasmado e confuso, que como homem desatinado me arremessei aos pés do alifante em que el-rei estava, e lhe disse chorando :

— Peço-te, senhor, que antes me tomes por teu captivo, que mandares-me matar, como a esses que ahi jazem, porque te juro á lei de christão, que o não mereço; e lembro-te que sou sobrinho do capitão de Malaca, que te dará por mim quanto dinheiro quizeres, e ahi tens o jurupango com muita fazenda, que tambem pódes tomar se fôres servido.

A que elle responde :

— Valha-me Deos, como? tão máo homem sou eu que isso faça? não hajas medo de cousa nenhuma; assenta-te, e descansarás, que bem vejo que estás affrontado; e depois que estiveres mais em ti, te direi o porque mandei matar esse mouro, que trouxeste comtigo, porque se fôra Portuguez, ou christão, eu te juro em minha lei que o não fizera, ainda que me matára um filho.

Então me mandou trazer uma panella com agua, de que bebi uma grande quantidade, e me mandou tambem abanar com um abano, em que se gastou mais de uma grande hora. E conhecendo elle então que estava eu já fóra de sobresalto, e que podia responder :

— A proposito, me disse, muito bem sei, Portuguez,

que já te dirião como os dias passados matára eu meu pai, o qual fiz porque sabia que me queria elle matar a mim, por mexericos que homens máos lhe fizerão, certificando-lhe que minha mãi era prenhe de mim, cousa que eu nunca imaginei; mas já que com tanta semrazão elle tinha crido isto, e por isso tinha determinado de me dar a morte, quiz lh'a eu dar primeiro a elle; e sabe Deos quanto contra minha vontade, porque sempre lhe fui muito bom filho, em tanto, que por minha mãi não ficar, como ficão outras muitas viuvas, pobres, e desamparadas, a tomei por mulher, e engeitei outras muitas, com que d'antes fui commettido, assim em Patane, como em Berdio, Tanauçarim, Siaca, Iambé, e Andraguiré, irmãs e filhas de reis, com que me puderão dar muito dote. E por evitar murmurações de maldizentes, que fallão sem medo quanto lhes vem á boca, mandei lançar pregão, que ninguem fallasse mais n'este caso. E porque esse teu mouro que ahi jaz, hontem estando bebado, em companhia de outros cães taes como elle, disse de mim tantos males que hei vergonha de t'os dizer, dizendo publicamente em altas vozes, que eu era porco, e peior que porco, e minha mãi cadella sahida, me foi forçado por minha honra mandar fazer justiça d'elle, e d'esses outros perros tão máos como elle. Pelo que te rogo muito como amigo, que te não pareça mal isto que fiz, porque te affirmo que me magoáras muito n'isso, e se por ventura cuidas que o fiz para tomar a fazenda do capitão de Malaca, crê de mim, que nunca tal imaginei,

e assim lh'o pódes certificar com verdade, porque assim te juro em minha lei, porque sempre fui muito amigo de Portuguezes, e assim o serei emquanto viver.

Eu então, ficando algum tanto mais desassombrado, comquanto não estava ainda de todo em mim, lhe respondi : que sua alteza em mandar matar aquelle mouro, fizera muito grande amizade ao capitão de Malaca seu irmão, porque lhe tinha roubado toda sua fazenda, e a mim por isso já por duas vezes me quizera matar com peçonha, só por lhe eu não poder dizer as emburilhadas que tinha feitas, porque era tão máo perro que continuamente andava bebado, fallando quanto lhe vinha á vontade, como cão que ladrava a quantos via passar pela rua.

D'esta minha resposta, assim tosca, e sem saber o que dizia, ficou el-rei tão satisfeito e contente, que chamando-me para junto de si, me disse :

— Certo que n'essa tua resposta conheço eu seres muito bom homem, e muito meu amigo, porque de o seres te vem não te parecerem mal as minhas cousas, como a esses perros cães que ahi jazem; e tirando da cinta um cris que trazia guarnecido de ouro, m'o deu, e uma carta para Pero de Faria, de muito ruins desculpas do que tinha feito.

E despedindo-me então d'elle pelo melhor modo que pude, e com lhe dizer que havia ainda alli de estar dez ou doze dias, me vim logo embarcar, e tanto que fui dentro no jurupango, sem esperar mais um momento, larguei a amarra por mão, e me fiz á vela muito de-

pressa, parecendo-me ainda que vinha toda a terra após mim, pelo grande medo, e risco da morte em que me víra havia tão poucas horas.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS XX E XXI

Tornado o autor a Malaca, dá conta ao governador de tudo que fôra mandado examinar. Vinte e seis dias depois da sua chegada vem um embaixador do rei de Aarú, vizinho de Malaca, pedir soccorro contra o Achem. Não o consegue por differenças entre o governador portuguez que está a sahir, e o seu successor que está a entrar, nenhum dos quaes quer tomar a si aquelle peso, pelo que, depois de publicamente os reprehender a ambos da sua deslealdade para com um rei tão fiel subdito da corôa de Portugal, se torna o embaixador muito desconsolado para suas terras. Cahido em si, e envergonhado com aquillo, o governador novo Pero de Faria manda por Fernão Mendes uma lanchara ao mesmo rei de Aarú com tres quintaes de polvora de bombarda, duas arrobas da de espingarda, cem alcanzias de fogo, cem pelouros de berço, e cincoenta de falcão, doze espingardas, quarenta rocas de pedra, sessenta murrões,

e uma coura de laminas de setim carmesim com cravação dourada para sua pessoa, e outras peças de vestir, com uma corja de sarasas e pannos malaios para sua mulher e filhas.

SUMMARIO

DO

CAPITULO XXII

Encontra o autor ao rei de Aarú fortificando-se na entrada do rio de Puneticão, para que a armada dos Achens o não possa entrar, e uma carta de grandes promessas de Pero de Faria. E'por elle muito bem hospedado e vê com seus olhos, por lh'o elle mesmo andar mostrando, o estado de pobreza em que se acha e a sua quasi total penuria do necessario para a guerra. Despede-se recebendo-lhe de presente duas loyas de ouro que são manilhas massiças tiradas pela fieira, que pesavão ambas oitenta cruzados; e uma carta de agradecimentos com um diamante para o capitão.

EXTRACTO
DO
CAPITULO XXIII

Voltando para Malaca, dá-lhe um temporal: afunda-se-lhe a lanchara, afogando-se 23 dos 28 que n'ella ião. O autor e os outros quatro, muito feridos, passão a noite sobre uns penedos, á borda de uma terra alagadiça e fechada de matto, tão basto (continúa o autor) que nenhum passaro, por pequeno que fosse, podia passar por entre os espinhos, de que o arvoredo silvestre era tecido.

Estivemos alli tres dias, postos assim em cocaras sobre uns penedos, sem comermos em todos elles mais que os limos do mar, que na babugem da agua achavamos.

Passado este tempo com assaz de confusão e pena, sem sabermos determinar o que fosse de nós, caminhámos ao longo da ilha Samatra, atolados na vasa até á cinta, aquelle dia, e já quasi sol posto, chegámos á boca de um rio pequeno, de pouo mais de um tiro de bésta em largo, que por ser muito fundo, e nós virmos muito cansados, nos não atrevêmos ao passar.

Alli nos agasalhámos aquella noite, mettidos na agua até o pescoço, e a passámos com assaz de tormento e trabalho, por parte dos atabões e mosquitos do matto

que nos atanasavão de tal maneira que não havia nenhum de nós que não estivesse banhado em sangue. E como a manhã foi clara, perguntei aos quatro marinheiros que ião comigo, se conhecião aquella terra, e se havia alli por derredor alguma povoação, a que um d'elles, homen já de dias, e casado em Malaca, me respondeu chorando:

— A povoação, senhor, que tu e eu agora temos mais perto, se Deos milagrosamente nos não soccorre, é a morte penosa que temos diante dos olhos, e a conta dos peccados que antes de muito poucas horas havemos de dar, para o qual nos é necessario fazermo-nos prestes muito depressa, como quem forçadamente ha de passar outro muito maior trago que este em que nos agora vemos, tomando com paciencia isto que da mão de Deos nos é dado; e não te desconsoles por cousa que vejas, e que o temor te ponha diante, porque considerado bem tudo, pouco vai em ser mais hoje que amanhã.

E abraçando-se comigo muito apertadamente, me pedio com muitas lagrimas que logo o fizesse christão, porque entendia, e assim o confessava, que só com o ser se podia salvar, e não na triste seita de Mafamede, em que até então vivêra, de que pedira a Deos perdão. E em acabando de dizer isto, expirou logo, porque como elle estava muito fraco, e trazia a cabeça aberta com os miolos todos pisados, e quasi podres, por não ser curado, e juntamente a ferida cheia de agua salgada, e muito mordida dos atabões e mosquitos, parece que aquillo foi

causa de acabar tão depressa, ao qual eu por meus peccados nunca pude ser bom, assim por a brevidade do tempo me não dar lugar, como por estar eu tambem já tão fraco, que a cada passo cahia na agua, do esvaecimento da cabeça, e do muito sangue que se me tinha ido das feridas e das chagas que trazia nas costas.

Comtudo elle foi enterrado na vasa o melhor que então pôde ser, e nós, os tres marinheiros e eu, nos determinámos em passarmos o rio da outra banda, com tenção de dormirmos n'umas arvores altas, que estavão apparecendo da outra parte, com medo dos tigres e reimões, de que toda a terra era muito povoada, afóra outras muitas diversidades de animaes peçonhentos, que n'ella havia, com infinidade de cobras de capello, e outras de sardas, verdes e pretas, tão peçonhentas que com o bafo sómento matão.

Determinados todos quatro n'isto, roguei eu aos dous d'elles que fossem diante, e ao outro que fosse junto comigo para me ajudar a sustentar, porque ia já muito fraco; dos dous se lançou logo um ao rio, e após elle o outro, dizendo-me ambos que os seguisse, e não houvesse medo; e em chegando elles a pouco mais de meio rio, arremettêrão a elles dous lagartos muito grandes, e em muito pequeno espaço fizerão a cada um d'elles em quatro pedaços, ficando toda a agua cheia de sangue, e assim os levárão ao fundo, da qual vista fiquei eu tão assombrado que nem gritar pude, nem sei quem me tirou fóra, nem como escapei, porque n'este tempo

estava mettido na agua até os peitos, com o outro negro que me tinha pela mão, o qual estava tão cheio de medo que não sabia parte de si.

EXTRACTO

DO

CAPITULO XXIV

Do que mais passei até ser levado á cidade de Siaca, e do que n'ella me succedeu.

Ficando eu (como já disse) tão pasmado, e tão fóra de mim, que nem fallar, nem chorar pude por espaço de mais de tres horas, nos tornámos o outro marinheiro e eu a metter no mar até pela manhã, que vimos vir uma barcaça demandar a boca do rio, e tanto que emparelhou comnosco, nos tirámos da agua, e postos assim nús em joelhos, e com as mãos alevantadas, lhes pedimos que nos quizessem tomar.

Os que vinhão na barcaça, em nos vendo levárão remo, e depois de estarem um pouco quedos, vendo o triste e miseravel estado em que estavamos, e entendendo que eramos gente perdida no mar, se chegárão mais perto, e nos perguntárão o que queriamos? nós lhes respondêmos que eramos christãos naturaes de Malaca, e que vindo de Aarú nos perderamos havia já nove dias, pelo que lhes pediamos pelo amor de Deos que nos quizessem levar com-

sigo para onde quer que fossem. A que um, que parecia ser o principal d'elles, respondeu : « Não estais vós de maneira, segundo vejo em vossas disposições, que possais merecer o que nos comerdes, pelo que vos seria bom, se tendes algum dinheiro escondido, dardes-nol-o, e então usaremos comvosco d'essa proximidade que vossas lagrimas nos pedem, porque de outra maneira não tendes remedio. »

E fazendo com isto mostra de se quererem tornar, lhes tornámos a pedir, chorando, que nos tomassem por seus captivos, e nos fossem vender onde quizessem, porque por mim, que era Portuguez, e muito parente do capitão de Malaca, lhes darião em toda a parte o que pedissem; ao que elles respondêrão : « Somos contentes, com condição, que se assim não fôr como dizeis, vos havemos de matar com açoutes, e atados de pés e de mãos vos havemos de lançar vivos ao mar ; » e nós lhes dissemos que assim o fizessem. E saltando logo quatro d'elles em terra, nos mettêrão na embarcação, porque a este tempo estavamos nós taes, que nem bulir-nos podiamos. Depois de nos terem dentro, parecendo-lhes que com ferros e açoutes confessariamos onde tinhamos escondido algum dinheiro, que sempre cuidárão que lhes dessemos, nos atárão a ambos ao pé do mastro, e com duas rotas dobradas nos sangrárão muito sem piedade, e por eu já então estar quasi morto, me não derão uma certa beberagem, como derão ao pobre do meu companheiro, que foi um certo modo de cal,

delida em ourina, com que logo lhe fizerão vomitar os figados, de que morreu d'alli a uma hora, e como não lhe achárão no que vomitára ouro nenhum, como tinhão para si, quiz Nosso Senhor que isso foi causa para me não fazerem a mim outro tanto, mas ensalmourandome com a mesma beberagem as feridas dos açoutes, por não morrer d'ellas, foi a dôr em mim tão excessiva, que de todo estive á morte.

Partidos nós d'aqui d'este rio, que se chamava Arissumhee, fomos ao outro dia á vespera surgir defronte de uma grande povoação de casas palhaças, chamada Siaca, do reino de Iambee, onde me tiverão vinte sete dias, em que prouve a Nosso Senhor que convalesci dos açoutes. Vendo então os que tinhão parte em mim, que erão sete, que lhes não servia eu para o officio que tinhão, que era andarem sempre mettidos na agua pescando, me puzerão em leilão por tres vezes, sem em todas ellas haver quem quizesse fazer lanço em mim, pelo que, desconfiados de acharem quem me comprasse, me lançárão fóra de casa, por me não darem de comer, pois lhes não podia prestar para nada. E havendo já trinta e seis dias que estava fóra do seu poder, deitado ao almarge, como saudeiro sem dono, pedindo de porta em porta alguma fraca esmola, que muito raramente me davão, por ser pobrissima toda a gente d'aquella terra, permittio Nosso Senhor, que jazendo eu um dia lançado na praia ao sol, lamentando minhas desaventuras, acertou de passar um mouro natural da ilha de Palimbão,

que já por algumas vezes tinha ido a Malaca, e conversado com Portuguezes.

Continúa o autor contando como este mouro, induzido pelas muitas promessas que lhe elle fez, resolveu de o mercar aos pescadores, para o levar a Malaca, onde seria resgatado por bom dinheiro, como sobrinho, que lhe affirmou ser, do governador.

CAPITULO XXV

Do que mais me succedeu com este mercador mouro.

Passados quatro dias depois d'este concerto que fiz com este mouro, elle por meio de outro natural, ahi da terra, tratou dissimuladamente com os sete pescadores sobre o preço; os quaes, como estavão já enfadados de mim, assim por eu ser muito doente, como por lhes não servir, nem prestar para nada, e haver já perto de um mez que me tinhão lançado fóra, e serem sete os que tinhão parte em mim, e estarem já differentes na praçaria e conformidade que antes tinhão, e outras muitas cousas que Deos permittio que fossem parte para me não terem em conta, elles todos por meio d'este terceiro, que o mouro metteu por corretor, se avírão com o mercador em preço de sete mazes de ouro, que de nossa

moeda fazem quantia de mil e quatrocentos réis, a meio cruzado por maz, os quaes elle pagou logo, e me trouxe para sua casa.

E havendo já cinco dias que eu estava fóra do poder dos outros, e algum tanto melhorado no captiveiro, pelo bom tratamento que tive d'alli por diante no poder d'este meu amo novo, elle se passou para outro lugar d'alli cinco leguas, por nome Sorobaya, onde acabou de carregar a embarcação da mercadoria em que tratava, que, como já disse, erão ovas de saveis, os quaes n'estes rios são tantos em tanta quantidade, que lhes não aproveitão mais que sós as ovas das femeas, de que carregão todos os annos passante de duas mil embarcações, e cada embarcação leva cento e cincoenta, duzentas jarras, e cada jarra um milheiro, por ser impossivel poder-se aproveitar o mais.

Acabando o mercador de carregar a lanchara, que era a embarcação em que levava esta mercadoria, se partio para Malaca, onde chegou d'alli a tres dias, e se foi logo á fortaleza ver o capitão, e me levou comsigo, a quem deu conta do que tinha passado comigo.

Pero de Faria, em me vendo da maneira que vinha, ficou como pasmado, e me disse com as lagrimas nos olhos, que fallasse alto, para saber se era eu aquelle, já que na dissemelhança e disformidade do rosto e dos membros lh'o não parecia. E como havia já mais de tres mezes que não sabião novas de mim, e me tinhão por morto, acudio tanta gente a me ver, que não cabia na

fortaleza, perguntando-me todos com as lagrimas nos olhos pela causa da desaventura em que me vião ; e dando-lhes eu conta muito miudamente de todo o successo da minha viagem, e do infortunio que n'ella passára, ficárão todos tão admirados, que sem fallarem, nem responderem cousa alguma, se ião benzendo do que me tinhão ouvido. E provendo-me então os mais d'elles com suas esmolas, como n'aquelle tempo se costumava, fiquei muito mais rico do que antes era.

Ao mercador que me trouxe, mandou Pero de Faria dar sessenta cruzados, e duas peças de damasco da China, e lhe mandou em nome d'el-rei quitar os direitos de sua fazenda que devia na alfandega, que seria quasi outro tanto, e em cousa nenhuma lhe foi feito nenhum aggravo, de que elle ficou muito satisfeito e contente, e se deu por bem pago da veniaga que comigo fizera.

A mim me mandou o capitão agasalhar em casa de um escrivão da feitoria, por ser casado na terra, e lhe parecer que ahi seria melhor provido que em outra nenhuma parte, como na verdade fui. E alli estive na cama passante de um mez, que prouve a Nosso Senhor que de todo recebi perfeita saude.

SUMMARIO

DO

CAPITULO XXVI E EXTRACTO DO XXVII

Conta o autor como, vindo o Achem com uma grossa armada commetter a tranqueira, que o rei do Aarú tinha apercebido na boca do rio Puneticão, esse se defendeu valorosamente; mas ao cabo, por traição de um seu cacix, foi perdido e morto com uma arcabuzada pelos peitos; e continúa:

Os inimigos, tomando o triste rei que jazia morto no campo, lhe tirárão as tripas, e salgado o mettérão em uma arca, e o levárão ao Achem, o qual o mandeu publicamente, e com grandes ceremonias de justiça, serrar em pedaços, e cozer n'uma caldeira de breu e azeite, com um espantoso pregão, que dizia assim:

« Esta é a justiça que manda fazer Soltão Alaradim, rei da terra de ambos os mares, pivete das alampadas de ouro da capella do propheta Nobi, que quer e lhe praz que assim serrado e cozido em fogo padeça a alma d'este mouro, por ser transgressor da lei do Alcorão, e da perfeita crença dos Massoleymões da casa de Meca, que sendo justo, por doutrina santa do livro das flôres, se fez nas obras intemente a Deos, com mandar continuamente avisos dos segredos d'este reino aos malditos cães do cabo do mundo, que por tyrannia de offensa

grave, e por peccados de nosso descuido senhorêão Malaca. » A que todo o povo, com um espantoso tumulto de vozes, respondia : « Pequeno castigo para tamanho crime. »

E d'esta maneira, que assim passou realmente na verdade, se perdeu este reino de Aarú com morte d'este pobre rei tanto nosso amigo, ao qual me parece que puderamos valer com muito pouco custo e cabedal que puzeramos de nossa parte, se no principio d'esta guerra lhe acudírão com o que elle pedio pelo seu embaixador; mas de quem teve a culpa d'isto (se ahi houve alguma) não quero eu ser juiz : seja a quem lhe pertence por direito.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS XXVIII ATÉ XXXI

Sabendo da cruel morte de seu marido, a rainha do Aarú, que desde o principio da guerra se tinha ido esconder no matto com as outras mulheres e uns trezentos homens, para as guardarem, jura vingar-se, e com mais quatrocentos, que se lhe ajuntárão aos trezentos que já tinha, feitos todos amoucos, dá sobre a sua capital usurpada, mata muitos dos seus inimigos; continúa do matto

a perseguil-os; e só desiste quando as chuvas em terras tão alagadiças e a falta de mantimento a constrangem a retirar-se, d'onde consegue embarcar-se para Malaca.

Em Malaca é recebida com grandes honras e muitas promessas enganosas de soccorro; escandalisada da deslealdade e cegueira dos Portuguezes, que não ajudão aos seus amigos, embarca-se para Bintão, onde estava o rei do Jantana. Este, dando-lhe toda a razão nos seus muitos queixumes contra os Portuguezes, lhe empenha a sua palavra de rei e de bom mouro de a ajudar até a metter outra vez de posse do seu reino, se ella o quizer tomar por marido, o que ella aceita.

Manda embaixador ao Achem com um rico presente e uma carta, em que lhe encarece por bons termos a sem-razão com que havia tomado o reino do Aarú, e como lhe deve restituir a elle, á vista do direito que tem sua mulher, o que não querendo fazer, o obrigará a conquistal-o com as armas.

O Achem rejeita-lhe o presente, despede-lhe contumeliosamente o embaixador, e n'uma carta soberba e injuriosa lhe responde que em vez de pedir o que lhe não pertence, saiba que o proprio reino do Jantana lh'o ha de elle tirar.

O rei do Jantana enfurecido faz tudo prestes de repense, acommette e retoma o reino do Aarú, e destróe quasi totalmente uma poderosa armada que o Achem para lá mandava a sustentar a conquista; da qual ar-

mada sós quatorze velas escapárão para lhe ir levar a noticia da derrota. Ouçamos aqui o autor :

Chegadas estas quatorze velas ao Achem, lhe derão conta de tudo o que passava, de que dizem que ficou tão triste, que vinte dias o não vio pessoa nenhuma, no fim dos quaes mandou cortar as cabeças aos capitães das quatorze velas; e a todos os mais que n'ellas vinhão mandou rapar as barbas, e que, sob pena de serem serrados vivos, d'alli por diante andassem sempre vestidos como mulheres, tangendo com adufes por onde quer que fossem, e que quando jurassem sobre alguma cousa, fosse : « Assim me Deos traga meu marido, ou assim eu veja prazer dos que pari. »

E estes homens, vendo-se constrangidos a um castigo tão affrontoso, quasi todos se desterrárão, e muitos tomárão a morte com suas proprias mãos, uns com peçonha, outros enforcando-se, e alguns d'elles a ferro.

E d'esta maneira que tenho contado (prosegue o nosso autor) e que pontualmente assim passou na verdade, ficou o reino de Aarú livre d'este tyranno Achem, e em poder do rei do Jantana, até o anno de mil e quinhentos sessenta e quatro, que o mesmo Achem com uma frota de duzentas velas, fingindo ir sobre Patane, deu manhosamente uma noite no Jantana, onde o rei então estava, e o tomou ás mãos com suas mulheres e filhos, e outra muita gente, e os levou captivos para sua terra, onde de todos, sem perdoar a nenhum, mandou fazer crueis justiças; e ao rei, com um páo muito grosso fez

botar os miolos fóra, e tornou de novo a senhorear o reino de Aarú, de que logo intitulou por rei o seu filho mais velho, que foi o que depois matárão em Malaca vindo-a elle cercar, sendo capitão da fortaleza D. Lionis Pereira, filho do conde da Feira, que lh'a defendeu com tanto esforço, que pareceu mais milagre que obra natural, por ser então tamanho o poder d'este inimigo, e os nossos tão poucos em sua comparação, que bem se pudera dizer com verdade que erão duzentos mouros para cada christão.

SUMMARIO
DOS
CAPITULOS XXXIII, XXXIV E XXXV

Acabado o autor de convalescer, sahe de Malaca em uma lanchara de remo, para o reino de Leão, mandado pelo governador Pero de Faria, que deseja de o favorecer, com dez mil cruzados de sua fazenda para os lá entregar a um seu feitor; e com ordem de se passar d'alli a Patane, com uma carta e um presente para o rei a tratar do resgate de cinco Portuguezes.

No meio da viagem, salva quatorze Portuguezes e nove escravos que havia quatorze dias andavão naufragos sobre uma jangada.

Chegado a Pão, estando com os seus patricios em casa do feitor para quem levava a fazenda, e andando este a trocar á pressa tudo quanto alli tinha em ouro, diamantes e perolas, para se recolher a Malaca, pelo receio que tinha de um seu grande inimigo que o queria matar, succede haver na terra uma espantosa revolta, nascida de ter sido o rei morto pelo embaixador do rei Borneo, pelo achar com sua mulher.

Uma grande quantia de alevantados arremette á feitoria : os Portuguezes defendem-se, até lhes morrerem onze homens, em cujo extremo deixão tudo, e fogem para a lanchara, alguns muito feridos, e se abalão para Patane. Conseguem do rei de Patane licença para se pagarem, em bens de moradores do reino de Pão, do prejuizo que lá padecêra a fazenda dos Portuguezes; e constando-lhes que a dezoito leguas d'alli, no rio de Calantão, estão tres juncos da China muito ricos, de mercadores mouros naturaes do reino de Pão, embarcão-se em tres navios oitenta Portuguezes, de trezentos que então havia na terra, e partem apercebidos para os tomarem; commettem-os e os rendem. Tornão-se para Patane com os tres juncos captivos; a rogos d'el-rei os entregão aos donos, recebendo porém d'estes, como resgate, cincoenta mil cruzados, que em tanto se avaliava a perda que em Pão havião tido os Portuguezes.

SUMMARIO
DO
CAPITULO XXXVI

De Patane sahe para Sião com o feitor de Antonio de Faria, que vai lá negociar fazenda sua. Estando surtos na barra de Lugor dá sobre elles um junco de mouros e Turcos, e os toma morrendo dos dezeseis Portuguezes que erão, doze, e trinta e seis moços marinheiros. Dos quatro que escapárão a nado, um se afoga, e Fernão Mendes com os dous sahe em terra, onde chegão bem escalavrados.

CAPITULO XXXVII

Do que passámos os tres companheiros, depois que nos mettêmos pelo matto dentro.

Os tres companheiros que escapámos d'aquella desaventura, vendo-nos assim feridos, e sem remedio nenhum, nos puzemos todos a chorar, e darmos muitas bofetadas em nós, como homens desassisados, e pasmados do que tinhamos visto havia menos de meia hora, e d'esta maneira passámos aquelle triste dia. E vendo que

a terra alli era alagadiça, e cheia de muitos lagartos e cobras, houvemos que o melhor conselho era deixarmonos alli ficar tambem aquella noite, a qual passámos atolados na vasa até os peitos, e ao outro dia, sendo já manhã clara, nos fomos ao longo do rio até um esteiro pequeno, que nos não atrevêmos a passar, assim por ser muito fundo, como pela grande somma de lagartos que n'elle vimos; e alli passámos tambem a noite com assaz de trabalho, no qual continuámos mais cinco dias, sem podermos ir atrás nem adiante, por ser tudo apaulado, e cheio de grandes hervaçaes; e n'este tempo nos falleceu um dos companheiros, por nome Bastião Henrique, homem muito honrado e rico, e que na lanchara perdêra oito mil cruzados. Os outros dous que ficámos sómente, que eramos Christovão Borralho e eu, nos puzemos a chorar á borda do rio, em cima do morto mal enterrado, e já n'este tempo tão fracos que nem fallar podiamos, e com determinação de acabarmos alli essas poucas horas que cuidavamos que nos ficavão de vida.

Ao outro dia, que era o setimo de nossa desaventura, já quasi sol posto, vimos vir a remo pelo rio acima uma barcaça carregada de sal, e perlongando de junto de nós, pedimos de joelhos aos remeiros que nos quizessem tomar : elles quando nos vírão, parárão um pouco, com os olhos postos em nós, como espantados de nos verem da maneira que estavamos em joelhos, e com as mãos levantadas, como quem fazia oração; e sem nos responderem, fizerão mostra de quererem seguir seu caminho,

a que ambos gritando em altas vozes, tornámos a pedir com muitas lagrimas que nos não deixassem alli morrer.

Ao tom d'estes nossos brados, sahio de debaixo do toldo uma mulher já de dias, que no aspecto, e na gravidade de sua pessoa, mostrava bem ser quem depois soubemos que era, a qual em nos vendo da maneiras que estavamos, como quem se apiedava de nós, e se condoía de nossa desaventura, e das feridas que lhe mostrámos, tomando um páo na mão, fez chegar a carcaça á terra, e por tres ou quatro vezes deu nos marinheiros com elle, porque refusavão. E saltando seis d'elles em terra nos tomárão ás costas, e nos mettêrão dentro.

Esta honrada mulher, em nos vendo assim feridos, e com as camisas e calções envoltos em lama e em sangue, nos mandou logo lavar com muitos baldes de agua, e dar a cada um seu panno com que por então nos cobrímos, e fazendo-nos assentar junto de si, nos mandou trazer de comer, e ella mesma nol-o pôz diante por sua mão, e nos disse: «Comei vós outros, pobres estrangeiros, e não vos desconsoleis por vos verdes d'essa maneira; porque aqui estou eu, que sou mulher, e não tão velha que passe de cincoenta annos, e ha menos de seis que me vi captiva e roubada de mais de cem mil cruzados que tinha de meu, e com tres filhos mortos, e um marido a quem queria mais que aos olhos com que o via, e todos, assim pai como filhos, e dous irmãos, e um genro, vi despedaçados nas trombas dos alifantes d'el-rei de Sião, e com vida cansada e triste, coei todos estes

males e desgostos, e outros quasi tamanhos, quaes forão ver pela mesma maneira tres filhas donzellas, e minha mãi, e meu pai, e trinta e dous parentes meus, sobrinhos e primos, mettidos em fornos acesos, dando tamanhos gritos que rompião o céo, para que Deos os valesse n'aquelle tormento tão insoffrivel; mas forão meus peccados tamanhos, que cerrárão as orelhas á clemencia infinita do Senhor de todos os senhores, para que não ouvisse esta petição, que a mim parecia ser justa, mas na verdade o que elle ordena isso é o melhor. » A isto lhe respondêmos nós que por peccados nossos permittira Deos vermo-nos d'aquella manheira; a que ella, tambem com muitas lagrimas, que lhe não faltavão então assim como a nós, disse : « Bom é sempre em vossas adversidades justificardes os toques da mão do Senhor, porque n'essa verdade, confessada de boca, e crida de coração, com constancia firme e limpa, está muitas vezes o premio de nossos trabalhos. »

E discorrendo assim por sua pratica, nos perguntou pela causa da nossa desaventura, e de que maneira vieramos ter á quelle miseravel estado; nós lhe contámos então tudo o como passára, mas que não conheceramos que gente era a que nos fizera aquillo, nem sabiamos a razão por que nol-o fizera. A isto respondêrão os seus, que aquelle junco grande que diziamos, era de um mouro guzarate, por nome Coja Acem, que aquella manhã sahíra do rio, e que ia carregado do Brazil para a ilha de Ainão.

A honrada dona, batendo então nos peitos, por signal de grande espanto, disse : «Que me matem, se assim não é, porque esse mouro que vós outros dizeis se gabava publicamente a quem o queria ouvir, que da geração d'estes homens de Malaca tinha mortos por algumas vezes uma grande somma, e que lhe queria tamanho mal que tinha promettido ao seu Mafamede de matar inda outros tantos. » Nós, espantados de uma cousa tão nova, lhe respondêmos que lhe pediamos que nos dissesse que homem era aquelle, ou porque dizia que nos queria tamanho mal ; a que ella disse, que do porque não sabia mais que dizer elle que um nosso grande capitão, por nome Heitor da Silveira, lhe matára seu pai, e dous irmãos, em uma náo que lhe tomára no estreito de Meca, vindo de Judaa para Dabul.

E por todo o caminho nos foi contando outras muitas particularidades do grande odio que nos tinha aquelle mouro, e do que em nosso vituperio contava de nós.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS XXXVIII, XXXIX E XL

Leva-os a velha para sua casa na cidade de Lugor, onde ao fim de vinte e tres dias convalescem. Voltão

com um mercador parente d'ella n'um calaluz para Patane : sabendo d'elles Antonio de Faria, e os outros Portuguezes, como a sua fazenda fôra roubada, o que a elle Faria o deixava perdido, jurou não tornar a Malaca sem ter feito pagar aos seus roubadores com os bens e mais as vidas. Para o desempenho d'este juramento ajunta 55 soldados, dos quaes é um o pobre do autor.

« Por me ver, diz elle, sem um só vintem de meu, nem quem m'o désse, nem emprestasse, e dever em Malaca mais de quinhentos cruzados, que alguns amigos me tinhão emprestado, os quaes, com mais outros tantos que tinha de meu, todos por meus peccados o perro me levou na volta dos outros de que tenho contado, sem salvar de tudo quanto tinha de meu mais que a pobre pessoa, com tres zargunchadas, e uma pedrada na cabeça, de que estive á morte por tres ou quatro vezes, e ainda aqui em Patane me tirárão um osso antes que acabasse de sarar d'ella. »

Sahem de Patane a 9 de Maio de 1540, seguindo seu caminho ao nornordeste, via do reino de Champaa. A tres dias avistão a ilha de Pullo Condor, onde fazem aguada e pescaria; entrão pelo rio de Pullo Cambim, surgem n'elle aos 30 de Maio, diante da cidade de Catimparú, na qual passão quietamente doze dias, informando-se sobre que nações habitavão o sertão d'aquella terra; e d'onde procedia a origem d'aquelle grande rio, ao que os da terra disserão (ouçamol-o pelas palavras do autor) :

« Que a origem do rio procedia de um lago, que se chamava Pinator, que demorava a léste d'aquelle mar duzentas e sessenta leguas, no reino de Quitiruão, o qual lago estava cercado de grandes serranias, e no pé d'ellas ao longo da agua havia trinta e oito povoações, das quaes as treze sómente erão grandes, e todas as mais muito pequenas, mas que só em uma d'estas grandes, por nome Xincalou, havia uma tamanha mina de ouro, que se affirmava pelo dito dos moradores da terra, que se tirava cada dia d'ella um bar e meio de ouro, que pela valia da nossa moeda vem a ser por anno vinte e dous milhões de ouro na qual mina quatro senhores tinhão parte, tão cobiçosos em tanta maneira, que continuamente andavão em guerras uns com os outros, sobre qual d'elles a havia de senhorear toda, e que um d'estes, por nome Rajahitau, tinha no páteo das suas casas em jarras mettidas na terra até o gargalo seiscentos bares de ouro em pó, como o de Menancabo da ilha Samatra, e que se trezentos homens dos da nossa nação o commettessem com cem espingardas, que sem duvida nenhuma serião senhores d'elle. E que tambem em outra d'aquellas povoações, por nome Buaquirim, havia uma pedreira de que se tiravão muitos diamantes naifes, de roca velha, de muito mór preço que os de Lave, e de Tanjampura na ilha de Jaoa. E fazendo-lhe Antonio de Faria outras muitas perguntas de cousas particulares, lhe disserão outras muitas cousas das abastanças e fertilidade da terra, que havia por este rio

acima tanto para cobiçar, quão faceis e pouco custosas parece que serão de conquistar. »

Surgem na boca do rio Toobasoy, no qual tomão uma embarcação grande, que os queria tomar a elles, e pertencia a um corsario fero matador, e jurado inimigo dos Portuguezes, ao qual deitão os miolos fóra com uma tranca, como elle d'antes fazia aos nossos. A presa, que d'este lanço lhes veio, são trinta e seis mil taeis de prata do Japão, que da nossa moeda fazem cincoenta e quatro mil cruzados, afóra outra muita sorte de boas fazendas.

CAPITULO XLI

Como Antonio de Faria chegou ao rio de Tinacoreu, a que os nossos chamão Varella, e da informação que d'aquelle reino lhe derão uns mercadores.

D'este rio de Toobasoy se partio Antonio de Faria uma quarta-feira pela manhã, vespera do Corpo de Deos do anno de 1540. E fez seu caminho ao longo da costa do reino Champaa, pela não esgarrar com os ventos léstes, que o mais do tempo cursão n'aquelle clima muito tempestuosos, principalmente nas conjuncções das luas novas e cheias; e logo á sexta-feira seguinte, sendo tanto avante como o rio a que os naturaes da terra chamão Tinacoreu, e os nossos a Varella, lhe pareceu

bem, por conselho de alguns, entrar dentro n'elle, para ahi tomar informação de algumas cousas que desejava saber, e para tambem ver se achava ahi novas do Coja Acem, que ia buscar, porque todos os juncos de Sião, e de toda a costa do Malayo que nevegavão para a China, costumavão fazer suas escalas n'este rio, e ás vezes vendem bem suas fazendas a troco de ouro, e calambaa, e marfim, de que em todo este reino ha muito grande quantidade. E surgindo da barra para dentro defronte de uma povoação pequena que se dizia Taiquilleu, nos vierão logo muitos paraoos de refresco a bordo, os quaes vendo que eramos gente nova que elles alli nunca tinhão visto, ficárão muito espantados, dizendo uns para os outros : « Grande novidade deve ser esta com que nos Deos agora visita, e queira elle por sua bondade que não seja esta nação barbada d'aquelles que, por seu proveito e interesse, espião a terra como mercadores, e depois a saltêão como ladrões : acolhamos ao matto, antes que as faiscas d'estes tições, branqueados no rosto com a alvura da cinza que trazem por cima, queimem as casas em que vivemos, e abrasem os campos de nossas lavouras, como têm por costume nas terras alheias; » a que outros respondêrão : « Não seja assim, já que por nossos peccados os temos das portas a dentro; não entendão de nós que como inimigos nos receiamos d'elles, porque mais depressa se declararáõ comnosco, mas com semblante alegre, e palavras brandas lhes perguntemos o que querem, porque sabida a verdade

d'elles a escrevamos logo ao Hoyaa Paquir a Congrau onde agora está. »

Antonio de Faria, fingindo que os não entendia, ainda que na embarcação havia muitos interpretes, os recebeu com bom gasalhado, e comprando-lhes o refresco que trazião, lh'o mandou pagar a como elles quizerão, de que se elles mostrárão muito satisfeitos. E perguntando-lhe elles d'onde era, ou o que queria, lhes disse : que era do reino de Sião do bairro dos estrangeiros de Tanauçarim, e que ia de veniaga, como mercador que era, para a ilha dos Lequios a fazer sua fazenda, e que não entrára alli a mais que a saber de um mercador seu amigo, que se chamava Coja Acem, que tambem para lá ia, se era já passado adiante; pelo que logo se queria tornar, assim por não perder a monção, como por tambem ter entendido que não podia alli vender o que levava. Ao que elles respondêrão : « Dizes verdade, porque aqui n'esta aldèa não ha mais que redes e paraos de pescar, com que pobremente nos sustentamos; porém se tu fôres por este rio acima á cidade de Pilaucacem, onde está el-rei, nós te seguravamos que em menos de cinco dias vendèras dez juncos d'esses carregados de todas as fazendas que trouxeras, por muito ricas que forão, porque ha lá mercadores muito grossos, que tratão por cafilas de alifantes, e de bois, e de camellos, para toda a terra dos lauhós, e pafuaas, e gueos, que são povos de gentes muito ricas. »

Vendo Antonio de Faria a materia disposta para se

informar do que desejava saber, os esteve inquirindo muito miudamente, a que alguns d'elles, que parecião de mais autoridade, respondêrão muito a proposito, dizendo : « Este rio em que agora estás surto se chama Tinacoreu, a que já alguns antigamente chamárão Taraulachim, que quer dizer, massa farta, nome que com muita razão lhe foi posto, segundo os antigos ainda agora nos contão, o qual todo assim como o vês d'este proprio fundo e largura, chega até Moncalor, que é uma serra d'aqui oitenta leguas, e d'ahi para diante é muito mais largo, mas tem menos fundo, e em algumas partes tem campos baixos e alagadiços, nos quaes ha infinidade de aves que cobrem toda a terra, e são em tanta quantidade, que por respeito d'ellas se despovoou agora faz quarenta e dous annos todo o reino dos Chintalenhos, que era de oito dias de caminho.

« Mas passada esta terra das aves, se entra em outra muito mais agreste, e de grandes serranias, onde ha outros muitos animaes muito peiores ainda que as aves, como são alifantes, badas, leões, porcos, bufaros, e gado vaccum em tanta quantidade, que cousa nenhuma que os homens cultivem para remedio de sua vida lhes deixão em pé, sem se lhe poder tolher por nenhuma via. E no meio de toda esta terra, ou reino, como já foi antigamente, está um grande lago, a que os naturaes da terra chamão Cunebetee, e outros o nomêão por do Chiammy, do qual procede este rio com outros tres mais, que regão muito grande quantidade d'esta terra, o qual lago, se-

gundo affirmão os que escrevêrão d'elle, tem em roda sessenta jãos, de tres leguas cada jão, ao longo do qual ha muitas minas de prata, cobre, estanho e chumbo, de que continuamente se tira muita quantidade d'estes metaes que de veniaga levão mercadores em cafilas de alifantes e badas aos reinos de Sornau, que é o de Sião, Passiloco, Sauady, Tangú, Prom, Calaminhan, e outras provincias que pelo sertão d'esta costa de dous e tres mezes de caminho estão divididas em senhorios e reinos de gentes brancas, de baças, e de outras mais pretas. E em retorno d'estas fazendas se traz muito ouro, e diamantes, e rubins. »

E perguntados se tinhão estas gentes armas, respondêrão que não tinhão outras senão sómente paos tostados, e crises de dous palmos de córte; e tambem disserão que se podia lá ir por aquelle rio em dous mezes até dous e meio de caminho, e isto por respeito das aguas que descião com muito impeto a maior parte do anno, porém que á vinda se vinha em oito até dez dias.

E após estas perguntas lhes fez Antonio de Faria outras muitas, a que elles respondêrão outras muitas cousas d'aquella terra, assaz merecedoras de qualquer grande espirito desejar de se empregar n'ellas, e quiçá de muito maior proveito e menos custo, assim de sangue como de tudo o mais, do que é tudo o da India, em que tanto cabedal se tem mettido até agora.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS XLII ATÉ LII

Do rio Tinacoreu vão ancorar n'uma ilha que está na boca da enseada da Chauchenchina, e se chama Pullo Champeiloo; seguem depois de tres dias, em que se estiverão reparando, via da ilha de Ainão, em demanda do inimigo Coja Acem. Aqui se melhorão de embarcação. Descobrem uma poderosissima armada de obra de duas mil velas dentro em um rio; á boca d'elle tomão um junco alteroso, suppondo que seria de Coja Acem. Sabendo porém por um christão do monte Sinay, que n'ella achárão, que era de outro corsario, tão ruim inimigo nosso como aquelle, e que estava escondido no payol das amarras, e descendo ao procurarem, eil-o que sahe de improviso com outros seis, feitos amoucos, pelejão ainda com os Portuguezes, fazem-lhes alguns mortos e feridos, e a final são acabados de matar. N'este junco com que logo d'alli se abalão para a outra costa da Cauchenchina achão (o autor que por si o diga) « quinhentos bares de pimenta, de cincoenta quintaes o bar, e sessenta de sandalos, e quarenta de noz e maça, e oitenta de estanho, e trinta de marfim, e doze de cêra, e cinco de aguila fina, o que tudo, pela valia da terra, podia montar até sessenta mil cruzados, afóra um camello, e quatro

falcões, e treze berços de metal, da qual artilharia a maior parte fôra nossa, que este mouro tinha roubado na náo de Christovão Sardinha, e no junco de João de Oliveira, e no navio de Bartholomeu de Mattos. E achárão-se mais tres arcas encouradas, com muitas colchas e vestidos de Portuguezes, e um prato de agua ás mãos, dourado, com seu gomil e saleiro da mesma maneira, e vinte e duas colheres, e tres castiçaes, e cinco copos dourados, e cincoenta e oito espingardas, e sessenta e duas corjas de roupa de Bengala, o qual movel todo fôra de Portuguezes, e dezoito quintaes de polvora, e nove crianças de seis até oito annos, todos com bragas nas pernas, e algemas nas mãos, e taes que era lastima vêl-os da maneira que estavão, porque não trazião mais que as pelles sómente pegadas nos ossos. »

Chegão á bahia de Camoy, onde se faz a pescaria das perolas d'el-rei da China; levantão bandeira de veniaga, ao costume da terra, acodem duas lanteas a ver-se com elles ; os das lanteas ficão espantados de ver os rostos dos nossos e os avisão do perigo que n'aquella paragem correm, porque toda a embarcação que n'ella se acha, afóra as barcaças deputadas para a pescaria das perolas, é logo por lei mandada queimar com toda a gente que dentro leva, pelo que lhes aconselhão que passem adiante ao porto de Guamboy, onde está a casa do contracto da gente estrangeira.

Contão a historia d'aquelle anchacilado de Ainão, como viera á corôa do imperador da China, e varias par-

ticularidades relativas ao seu imperio e ás grandezas de Pekim.

Despedidos d'estes pescadores de perolas em boa amizade, os Portuguezes se vão para o rio de Tanauquir. E estando forcejando pelo entrar, por ser grande a força da corrente, descem contra elles dous juncos mui fortes e de carranca muito guerreira, com os quaes os Portuguezes pelejão muito esforçadamente, e a final os rendem. No porão de um d'estes juncos achão varios Portuguezes captivos, e quem lhes conte como aquelles dous juncos pertencião a um christão renegado por nome Francisco de Sá, ou Necodá Xicanlem, grande inimigo e destruidor da nossa gente, o qual morrêra n'este conflicto.

Sabendo Antonio de Faria, por uns pescadores, que seria arriscado metter-se no rio e ir negociar á cidade, por se já lá saber do que fizera áquelle perro, com quem o governador da provincia levava avença nas presas que fazia; queimado um dos juncos captivos, se faz á vela com o outro para Mutipinão. No caminho encontrão umas lanteas muito festivas, em que vai uma noiva esperar o seu noivo; tomão-as, aproveitão d'ellas o que lhes serve; levão captiva a noiva e dous irmãos seus pequenos e vão surgir ao porto de Mutipinão. Ahi, depois de algumas difficuldades, vendem da sua fazenda a mercadores da terra, pela quantia de 130 mil taeis, a seis tostões cada tael. Vão-se ao morro de Pullo Hinhor, julgando encontrar lá o Cojá Acem; não o achando, tornão

a demandar a costa do sul, onde fazem algumas presas. Acolhem-se ao porto de Madel, com medo ao tufão de que já se percebem indicios. Para a mesma acolheita, entrão muitas velas. Antonio de Faria, offendido pela descortezia com que se houve para com elle a gente de um junco grande, que lhe parece dever ser o de Coja Acem, investe com elle e ao cabo de uma bem ferida peleja o toma, o qual junco pertencia a um Hinimilau, gentio convertido á seita de Mafamede, e que dizia ter merecido já o céo pelas muitas mortes que havia dado a Portuguezes. Este é por elles tirado do mar ainda com vida.

Interrogado por Antonio de Faria, conta desassombradamente que já antes de ser mouro fôra christão, e as grandes rapinas que aos Portuguezes tinha feito, e as muitas mortes que lhes havia dado, pelo que Antonio de Faria o manda matar. Val esta presa mais de quarenta mil taeis. O junco é queimado por não haver esquipação com que o marear. Os capitães dos outros juncos chins, espantados com aquelle feito, mandão implorar a protecção de Antonio de Faria como senhor do mar, pelo que lhe offerecem vinte mil taeis. Antonio de Faria lh'a concede, recebendo logo a quantia promettida.

Tornão a correr a costa pela enseada dentro á busca do Coja Acem. Costêão toda a fralda da terra de ambas as costas de sul e norte, sem em ambas verem cousa de que lançar mão.

CAPITULO LIII

Como nos perdêmos na ilha dos Ladrões.

Havendo já sete mezes e meio que continuavamos n'esta enseada de um bordo no outro, e de rio em rio, assim em ambas as costas de norte e sul, como na d'esta ilha de Ainão, sem Antonio de Faria em todo este tempo poder ter novas nem recado de Coja Acem, enfadados os soldados d'este trabalho em que havia tanto tempo que continuavão, se ajuntárão todos, e lhe requerêrão que do que tinhão adquirido lhes désse suas partes conforme a um assignado que d'elle tinhão, porque com isso se querião ir para a India, ou para onde lhes bem viesse, e sobre isto houve assaz de desgosto e enfadamentos, por fim dos quaes se concertárão em irem invernar a Sião, onde se venderia a fazenda que trazião nos juncos, e que depois de ella ser feita em ouro, se faria a repartição que requerião, e com este concerto jurado e assignado por todos, se vierão surgir a uma ilha que se dizia dos Ladrões, por estar mais fóra da enseada que todas as outras, para d'ahi com as primeiras bafagens da monção fazerem sua viagem; e havendo já doze dias que aqui estavão, e todos com muito desejo de darem effeito a isto que tinhão assentado, quiz a fortuna que com a conjuncção da lua nova de Outubro, de que nós sempre tememos, veio um tempo tão tempestuoso de chuvas e ventos, que não

se julgou por cousa natural; e como nós vinhamos faltos de amarras, porque as que tinhamos erão quasi todas gastadas, e meias podres, tanto que o mar começou a se empolar, e o vento sueste nos tomou em desabrigado, e travessão á costa, fez um escarcéo tão alto de vagas tão grossas, que comquanto se buscárão todos os meios possiveis para nos salvarmos, com cortar mastros, desfazer chapiteos, e obras mortas de pôpa e de prôa, alijar o convez, guarnecer bombas de novo, baldear fazendas ao mar, e ahustar calabretes e viradores para talingar em outras ancoras com a artilharia grossa que se desencarretára dos repairos em que estava, nada d'isto nos bastou para nos podermos salvar, porque como o escuro era grande, o tempo muito frio, o mar muito grosso, o vento muito rijo, as aguas cruzadas, o escarcéo muito alto, e a força da tempestade muito terrivel, não havia cousa que bastasse a nos dar remedio, senão só a misericordia de Nosso Senhor, por quem todos com grandes gritos e muitas lagrimas continuamente chamavamos; mas como, por nossos peccados, não eramos merecedores de nos elle fazer esta mercê, ordenou a sua divina justiça, que sendo já passadas as duas horas depois da meia-noite nos deu um pegão de vento tão rijo, que todas as quatro embarcações, assim como estavão vierão á costa, e se fizerão em pedaços, onde morrêrão quinhentas e oitenta e seis pessoas, em que entrárão vinte e oito Portuguezes, e os mais que nos salvámos pela misericordia de Nosso Senhor (que ao todo fomos

cincoenta e tres, de que os vinte e dous forão Portuguezes, e os mais, escravos e marinheiros) nos fomos assim nús e feridos metter n'um charco de agua, no qual estivemos até pela manhã; e como o dia foi bem claro, nos tornámos á praia, a qual achámos toda juncada de corpos mortos, cousa tão lastimosa e espantosa de ver, que não havia homem que só d'esta vista não cahisse pasmado no chão, fazendo sobre elles um tristissimo pranto, acompanhado de muitas bofetadas que uns e os outros davão em si mesmos.

Durou isto até quasi á vespera, em que Antonio de Faria (que prouve a Deos que fosse um dos que ficárão vivos, com que tivemos algum pequeno de allivio) reprimindo em si a dôr que nós outros não podiamos dissimular, se veio aonde todos estavão, vestido n'uma cabaya de grã, que despíra a um dos que jazião mortos, e com rosto alegre, e os olhos enxutos, fez a todos uma breve falla, tocando por vezes n'ella quão varias e mentirosas erão as cousas do mundo, pelo que lhes pedia como a irmãos, que trabalhassem todo o possivel pelas pôrem em esquecimento, visto como a lembrança d'ellas não servia de mais que de se magoarem uns aos outros.

Porque visto bem o tempo, e o miseravel estado em que a fortuna, por nossos peccados, nos tinha posto, conheceriamos e entenderiamos quão necessario nos era o que nos dizia e aconselhava, porque elle esperava em Deos Nosso Senhor, que alli n'aquelle despovoado e espesso matto lhes havia de trazer cousas em que se salvas-

sem, porque se havia de crer firmemente que nunca elle permittia males que não fossem para muito maiores bens, pelo que elle esperava com firme fé que se alli perderamos quinhentos mil cruzados, antes de pouco tempo tornariamos a ganhar mais de seiscentos mil; a qual breve pratica de todos foi ouvida com assaz de lagrimas e desconsolação.

E provendo-se logo no enterrar dos mortos que jazião na praia, se gastárão n'isso dous dias e meio, em que tambem salvámos algum mantimento molhado para nos sustentarmos, o qual, ainda que foi muito, não durou mais que sós cinco dias, de quinze que aqui estivemos, porque como vinha passado de agua salgada, apodreceu de maneira que nenhum proveito nos fazia o comer d'elle.

Passados com assaz trabalho estes quinze dias que digo, prouve a Nosso Senhor, que nunca falta aos que n'elle confião de verdade, trazer-nos milagrosamente o remedio, com que assim nús e despidos como estavamos nos salvámos, como logo direi.

SUMMARIO
DOS
CAPITULOS LIV E LV

Grandes privações e incommodos padecêmos n'aquella ilha. Em dia de S. Miguel passou acaso voando por cima

de nós um milhano, que vinha de trás de um cabeço que a ilha fazia contra a parte do sul, e peneirando no ar com azas estendidas, lhe cahio das unhas um mugem fresco, de quasi um palmo de comprido, e dando junto d'onde estava Antonio de Faria, o fez ficar um pouco confuso e indeterminado, até que conheceu o que era; e depois de estar um pouco olhando para o peixe, se pôz em joelhos, e agradeceu a Nosso Senhor. E tomando o mugem, o assou n'umas brasas, e o deu aos doentes que tinhão d'elle mais necessidade. E olhando para a parte do outeiro d'onde o milhano viera, vimos outros muitos, que voando, se alevantavão e abaixavão, pelo que se suspeitou que poderia haver alli alguma caça ou carniça em que aquellas aves se cevavão; e como todos estavamos desejosos de algum remedio para os doentes, que tinhamos muitos, nos fomos em procissão o melhor que pudemos, com nossa ladainha, envolta em lagrimas, para aquella parte, e subidos em cima do morro, descobrímos um valle muito plano de muitas arvores de diversas frutas, e pelo meio d'elle uma ribeira de agua doce; e antes de chegarmos a ella nos deparou Nosso Senhor um veado degollado d'aquella hora, que um tigre começava a comer, e dando-lhe todos uma grande grita, nol-o deixou assim como estava, e se foi fugindo para o mais espesso do matto.

Depois de nos termos bem agasalhado, e banqueteado, vimos vir uma lantea de remo, cuja guarnição desembarcou toda. Então disse Antonio de Faria :

« Ainda que sei quão escusado é trazer-vos á memoria quanto nos importa trabalhar por tomarmos esta embarcação, que Nosso Senhor milagrosamente agora aqui nos trouxe, todavia vol-o lembro, para que todos assim como estamos, com o seu santo nome na boca e no coração, arremettamos juntamente a ella, e antes que nos sintão nos lancemos todos dentro, e como a ganharmos, vos peço que não entendamos em mais que em nos apoderarmos das armas que acharmos, porque com ellas nos possamos defender, e ficar senhores d'isto em que depois de Deos está toda a nossa salvação : e tanto que eu disser tres vezes Jesus, nome de Jesus, fazei o que me virdes fazer : » a que todos respondêrão que assim o farião sem falta nenhuma.

E preparados nós no modo conveniente a tão bom proposito, Antonio de Faria fez o signal que disse, e arremetteu logo correndo, e nós todos juntos com elle, e chegando á lantea, nos apoderámos logo d'ella sem contradicção alguma, e largando os proizes com que estava atracada, nos afastámos ao mar, obra de um tiro de bésta. Os Chins, que estavão descuidados d'isto, tanto que sentírão a revolta, acudírão logo á praia com grande pressa, e vendo a embarcação tomada, ficárão tão pasmados, que nenhum d'elles se soube dar a conselho ; e atirando-lhe nós com um meio berço de ferro que trazião na lantea, se acolhêrão todos ao matto, onde então ficárão chorando o successo da sua má fortuna, como nós até então tinhamos chorado o nosso.

Jantámos mui regaladamente do que para os Chins estava apparelhado.

Depois que acabámos de jantar, e demos graças a Deos pela mercê que nos fizera, se buscou a fazenda que vinha na lantea, e se achou n'ella seda, retroz, setins, damascos, e tres boiões grandes de almiscar, e tudo foi avaliado em quatro mil cruzados, afóra uma boa matalotagem de arroz, assucar, lacões, e duas capoeiras de gallinhas, que então se estimárão mais que tudo para convalescerem os doentes, de que ainda havia muitos, e começando uns e outros a cortar pelas peças sem medo, nos provêmos de toda a falta que então tinhamos.

Antonio de Faria, vendo um menino que tambem alli estava de doze até treze annos, muito alvo e bem assombrado, lhe perguntou d'onde vinha aquella lantea, ou por que causa viera alli ter, cuja era, e para onde ia? o qual lhe respondeu : « Era do sem ventura de meu pai, a quem cahio em sorte triste e desaventurada tomardes-lhe vós outros, em menos de uma hora, o que elle ganhou em mais de trinta annos, o qual vinha de um lugar que se chama Quoamão, onde a troco de prata comprou toda essa fazenda que ahi tendes, para a ir vender aos juncos de Sião, que estão no porto de Comhay, e porque lhe faltava a agua quiz sua triste fortuna que a viesse tomar aqui, para vós lhe tomardes sua fazenda sem nenhum temor da justiça do céo ! »

Antonio de Faria lhe disse que não chorasse, e o afagou quanto pôde, promettendo-lhe que o trataria como

filho, porque n'essa conta o tinha, e o teria sempre; a que o moço, olhando para elle, respondeu com um sorriso, a modo de escarneo : « Não cuides de mim, ainda que me vejas menino, que sou tão parvo que possa cuidar de ti que, roubando-me meu pai, me hajas a mim de tratar como filho; e se és esse que dizes, eu te peço muito muito muito por amor de teu Deos que me deixes botar a nado a essa triste terra, onde fica quem me gerou, porque esse é o meu pai verdadeiro, com o qual quero antes morrer alli n'aquelle matto, onde o vejo estar-me chorando, que viver entre gente tão má como vós outros sois. » Alguns dos que alli estavão o reprehendêrão, e lhe disserão que não dissesse aquillo, porque não era bem dito, a que elle respondeu : « Sabeis porque vol-o digo? porque vos vi louvar a Deos, depois de fartos, com as mãos alevantadas, e com os beiços untados, como homens que lhes parece que basta arreganhar os dentes ao céo sem satisfazer o que têm roubado! pois entendei que o Senhor da mão poderosa não nos obriga tanto a bolir com os beiços, quanto nos defende tomar o alheio, quanto mais roubar e matar, que são dous peccados tão graves, quanto depois de mortos conhecereis no rigoroso castigo de sua divina justiça. »

Espantado Antonio de Faria das razões d'este moço, lhe disse se queria ser christão; a que o moço, pondo os olhos n'elle, respondeu : « Não entendo isso que dizes, nem sei que cousa é essa que me commettes; declara-m'o primeiro, e então te responderei a proposito. » E

declarando-lh'o Antonio de Faria por palavras discretas ao seu modo, lhe não respondeu o moço a ellas, mas pondo os olhos no céo, com as mãos alevantadas, disse chorando : « Bemdita seja, Senhor, a tua paciencia, que soffre haver na terra gente que falle tão bem de ti, e use tão pouco da tua lei como estes miseraveis e cegos, que cuidão que furtar e prégar te póde satisfazer como aos principes tyrannos que reinão na terra. » E não querendo mais responder a pergunta nenhuma, se foi pôr a um canto a chorar, sem em tres dias querer comer cousa nenhuma de quantas lhe davão.

Decidímos ir para Liampoo, porto d'alli para o norte 260 leguas; tomámos uma barcaça de pescadores com muito peixe fresco e oito homens para nos marcarem a lantea. Pelas informações d'estes, fomos demandar o rio Xinguau; chegados alli apossámo-nos de outra lantea, e partímos na via do reino de Liampoo.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS LVI, LVII E LVIII

Havendo já dous dias que navegavamos na costa de Lamau, encontrámos um junco de Patane, vindo dos Lequios, o qual era de um corsario chim por nome Quiay Panjão, muito amigo da nação portugueza, e

muito inclinado a nossos costumes e trajos, em companhia do qual andavão trinta Portuguezes, homens todos muito escolhidos, que este corsario trazia a seu soldo, afóra outras muitas vantagens que cada hora lhes fazia, com que todos andavão ricos.

Estando já os dous juncos para pelejar, reconhecem-se; festejão-se com muitas amizades de parte a parte, e concerta-se entre o Chim e Antonio de Faria que irão juntos pela enseada da Cauchenchina dentro ás minas de Quoanjaparú, onde o Faria tem por novas que ha seis casas muito grandes cheias de prata, afóra outra maior somma que nas fundições se lavra, onde sem risco nenhum se podem todos fazer muito ricos.

No porto de Chincheo encontrámos cinco náos de Portuguezes, das quaes tomámos noticias e algum reforço de gente. Seguindo por nossa derrota, encontrámos uma barca de pescadores com oito Portuguezes muito mal tratados, unicos escapos de um junco que dias antes fôra destruido pelo Coja Acem. Pelo dito d'estes Portuguezes conclue com grande alvoroço Antonio de Faria, que deve de estar o perro a estas horas dentro em um rio perto, bem destroçado da refrega precedente.

Determinando commettêl-o, vai com o Chim a Layloo aperceber-se de todo o necessario, sem exceptuar gente para a mareação. De Layloo sahem já com quinhentos homens, e cento e sessenta espingardas, e quarenta peças de artilharia e muitos outros aprestos de guerra,

sendo as suas embarcações tres juncos e duas lanteas. Por uns pescadores que inquirímos e espia que depois para isso mandámos, soubemos como o inimigo se achava de feito dentro do rio de Tinlau a reparar-se.

CAPITULO LIX

Como Antonio de Faria pelejou com o corsario Coja Acem, e do que com elle lhe succedeu.

Velejando nós pelo rio acima com vento e maré que Nosso Senhor então nos deu, em menos de uma hora chegámos onde os inimigos estavão, que até este tempo nos não tinhão ainda sentido; mas como elles erão ladrões, e se temião da gente da terra, pelos males e roubos que alli cada dia lhe fazião, estavão tão apparelhados, e tinhão tão boa vigia, que em nos vendo, tocárão um sino muito apressadamente, ao som do qual foi tamanho o rumor e a revolta da gente, assim da que estava em terra como da que estava embarcada, que não havia quem se ouvisse com elles; o que vendo Antonio de Faria, bradou logo, dizendo : « Eia, senhores e irmãos meus, a elles, a elles, com o nome de Christo, antes que as suas lorchas lhes acudão! Santiago! » e disparando toda a nossa artilharia, prouve a Nosso Senhor que se empregou tão bem, que dos mais esfor-

çados, que já n'este tempo estavão em cima do chapitea, veio logo abaixo a maior parte feitos em pedaços, que foi um bom prognostico do nosso desejo; após isto os nossos tiradores, que serião cento e sessenta, pondo fogo a toda a arcabuzaria, conforme ao signal que lhes fôra feito, os convezes de ambos os juncos ficárão tão vazios da multidão que antes n'elles se via, que já nenhum dos inimigos ousava de apparecer. Os nossos dous juncos, abalroando então os dous dos inimigos assim como estavão, a briga se travou entre todos de maneira, que realmente confesso que não me atrevo a particularisar o que n'ella passou, ainda que me achei presente, porque ainda n'este tempo a manhã não era bem clara, e a revolta dos inimigos e nossa era tamanha, juntamente com o estrondo dos tambores, bacias, e sinos, e com as gritas e brados de uns e de outros, acompanhados de muitos pilouros de artilharia e de arcabuzaria, e na terra o retumbar dos échos pelas concavidades dos valles e outeiros, que as carnes tremião de medo; e durando assim esta briga por espaço de um quarto de hora, as suas lorchas e lanteas lhe acudírão de terra com muita gente de refresco, o que vendo um Diogo Meirelles que vinha no junco de Quiay Panjão, e que o seu condestabre, dos tiros que fazia, nenhum empregava, por andar tão pasmado e fóra de si que nenhuma cousa acertava, estando elle então para dar fogo a um camelo, meio turvado, o empurrou tão rijo que deu com elle da escotilha abaixo, dizendo : « Guar-te

d'ahi, vilão, que não prestas para nada, porque este tiro n'este tempo é para os homens como eu, e não para os taes como tu! e apontando o camelo, por suas miras e regra de esquadria, de que sabia arrazoadamente, deu fogo á peça que estava carregada com pilouro e roca de pedras, e tomando a lorcha, que vinha na dianteira por capitania de quatro, a descoseu toda de pôpa a prôa pelo alcatrate da banda d'estibordo, com que tudo ficou raso com a agua, de maneira que logo alli a pique se foi ao fundo, sem d'ella se salvar pessoa nenhuma; e varejando a munição da roca por cima, deu no convez de outra lorcha que vinha um pouco mais atrás e lhe matou o capitão, e seis ou sete que estavão junto d'elle, de que as outras duas ficárão tão assombradas, que, querendo tornar a voltar para terra, se embaraçárão ambas nos guardins das velas, de maneira que nenhuma d'ellas se pôde mais desembaraçar, e assim presas uma na outra estiverão ambas estacadas sem poderem ir para trás, nem para diante. Vendo então os capitães das nossas duas lorchas (os quaes se chamavão Gaspar de Oliveira, e Vicente Morosa) o tempo disposto para effeituarem o desejo que trazião, e a inveja honrosa de que ambos se picavão, arremettêrão juntamente a ellas, e lançando-lhes muita somma de panellas de polvora, se ateou o fogo em ambas, de maneira que, assim juntas como estavão, ardêrão até o lume da agua, com que a maior parte da gente d'ellas se lançou ao mar, e os nossos os acabárão alli de matar a todos ás zarguncliadas, sem um só ficar

vivo; e sómente n'estas tres lorchas morrêrão passante de duzentas pessoas; e a outra que levava o capitão morto tão pouco não pôde escapar, porque Quiay Panjão foi atrás d'ella na sua champana, que era o batel do seu junco, e a foi tomar já pegada com terra, mas sem gente nenhuma, porque toda se lhe lançou ao mar, de que a maior parte se perdeu tambem n'uns penedos que estavão junto da praia, com a qual vista os inimigos que ainda estavão nos juncos, que podião ser até cento e cincoenta, e todos mouros Lusões, e Borneos, com alguma mistura de Jáos, começárão a enfraquecer de maneira que muitos começavão já a se lançar ao mar.

O perro do Coja Acem, que até este tempo não era ainda conhecido, acudio com muita pressa ao desmancho que via nos seus, armado com uma coura de laminas de setim carmesim, franjada de ouro, que fôra de Portuguezes; e bradando alto para que todos o ouvissem, disse por tres vezes : « Lah hilah hilah lah muhamed roçol halah! O' massoleymões e homens justos da santa lei de Mafamede, como vos deixais vencer assim de uma gente tão fraca como são estes cães, sem mais animo que de gallinhas brancas e de mulheres barbadas? a elles, a elles, que certa temos a promessa do livro das flôres, em que o propheta Noby abastou de deleites aos daroezes da casa de Meca; assim fará hoje a vós e a mim se nos banharmos no sangue d'estes cafres sem lei. » Com as quaes malditas palavras o diabo os esforçou de

maneira que, fazendo-se todos n'um corpo amoucos, tornárão a voltar tão esforçadamente, que era espanto ver como se mettião nas nossas espadas.

Antonio de Faria então bradando tambem aos seus, lhes disse : « Ah! christãos e senhores meus, se estes se esforção na maldita seita do diabo, esforcemo-nos nós em Christo Nosso Senhor posto na cruz por nós, que nos não ha de desamparar, por mais peccadores que sejamos, porque emfim somos seus, o que estes perros não são. » E arremettendo com este fervor e zelo da fé ao Coja Acem como quem lhe tinha boa vontade, lhe deu, com uma espada de ambas as mãos que trazia, uma tão grande cutilada pela cabeça, que cortando-lhe um barrete de malha que trazia, o derrubou logo no chão, e tornando-lhe com outro revez lhe decepou ambas as pernas, de que se não póde mais alevantar, o qual sendo visto pelos seus, derão uma grande grita, e arremettendo a Antonio de Faria se igualárão com elle uns cinco ou seis com tanto animo e ousadia, que nenhuma conta fizerão de trinta Portuguezes de que elle estava rodeado, e lhe derão duas cutiladas com que o tiverão quasi no chão, o que vendo os nossos, acudírão logo com muita pressa, e esforçando-os alli Nosso Senhor, o fizerão de maneira que em pouco mais de dous credos forão mortos dos inimigos alli sobre o Coja Acem quarenta e oito, e dos nossos quatorze sómente, de que sós os cinco forão Portuguezes, e os mais moços escravos, muito bons christãos e muito leaes.

Já n'este tempo os que ficavão começárão a enfraquecer, e se forão retirando desordenadamente para os chapiteos da prôa, com tenção de se fazerem ahi fortes, a que vinte soldados, dos trinta que estavão no junco de Quiay Panjão, acudírão com muita pressa, e tomando-os de rosto antes que se senhoreassem do que pretendião, os apertárão de maneira que os fizerão lançar a todos ao mar, com tamanho desatino que uns cahião por cima dos outros.

Animados então os nossos com o nome de Christo Nosso Senhor, por quem chamavão continuamente, e com a victoria que já conhecião, e com a muita honra que tinhão ganhada, os acabárão alli de matar, e consumir a todos, sem ficarem d'elles mais que sós cinco que tomárão vivos, os quaes depois de presos e atados de pés e de mãos, e lançados embaixo na bomba para com tratos se lhes fazerem algumas perguntas, se degollárão ás dentadas uns aos outros, com receio da morte que se lhes podia dar. E estes tambem forão feitos em quartos pelos nossos moços, e lançados ao mar, em companhia do perro do Coja Acem, seu capitão e caciz maior d'el-rei de Bintão, e derramador e bebedor do sangue portuguez, como se elle intitulava nos começos das suas cartas, e publicamente prégava a todos os mouros, por respeito do qual, e pelas superstições da sua maldita seita, era d'elles muito venerado.

SUMMARIO

DO

CAPITULO LX

Curados os feridos e enterrados os mortos, que da parte dos nossos havião sido 42, e d'estes 8 Portuguezes, e da parte dos inimigos 380, foi logo Antonio de Faria a correr toda a ilha em roda, para ver se havia n'ella alguma gente, e foi dar n'um valle muito aprazivel de muitas hortas e pomares de muita diversidade de frutas, no qual estava uma aldêa de quarenta ou cincoenta casas terreas, que Coja Acem tinha saqueada, e dado a morte a alguns dos moradores d'ella, que não puderão fugir. Mais abaixo do valle, obra de um tiro de bésta, ao longo de uma fresca ribeira de agua doce, em que havia muita quantidade de mugens, e truitas, e roballos, estava uma terrecena ou casa grande, que parecia ser templo d'aquella aldêa, a qual estava toda cheia de doentes e feridos que Coja Acem alli tinha em cura, entre os quaes havia alguns mouros parentes seus, e outros tambem honrados que elle trazia a soldo, que por todos erão noventa e seis; estes, em vendo Antonio de Faria, derão uma grande grita, como que lhe pedião misericordia, a qual elle então não quiz usar com elles, dando por razão que se não podia dar vida a quem tantos christãos tinha mortos, e mandando-lhe pôr o fogo por seis ou sete partes, como a casa era

de madeira breada e coberta de folha de palmeira secca, ardeu de maneira que foi uma espantosa cousa de ver, e em parte piedosa, pela horribilidade dos gritos que os miseraveis davão dentro, quando a labareda começou de se atear por todas as partes; alguns d'elles se quizerão lançar pelas frestas que a casa tinha por cima, porém os nossos, como magoados, os recebêrão de maneira que no ar erão espetados em muitas chuças e lanças.

Acabada esta crueza, tornando-se Antonio de Faria á praia onde estava o junco que Coja Acem tomára havia vinte e seis dias aos Portuguezes de Liampoo, entendeu logo em o lançar ao mar, porque já n'este tempo estava concertado, e depois de ser na agua, o entregou a seus donos, que erão Mem Taborda, e Antonio Henriques, como atrás fiz menção.

Depois de lhes fazer uma piedosa falla, de que ficárão mui agradecidos, começárão estes logo a entender em cobrarem sua fazenda, por toda a ilha, e ainda recolhêrão para cima de cem mil cruzados.

No dia seguinte foi-se Antonio de Faria ao junco grande que tinha tomado, o qual estava ainda cheio dos corpos mortos do dia d'antes, e mandando-os lançar todos ao mar da maneira que estavão, só ao perro do Coja Acem, por ser mais honrado, e merecer mais fausto e ceremonia nas suas exequias, mandou tomar assim vestido e armado como ainda jazia, e feito em quartos o mandou tambem lançar ao mar, onde a se-

pultura que então teve o seu corpo, por assim o merecer sua pessoa e suas obras, forão buchos de lagartos, de que andava grande quantidade a bordo do junco, á carniça dos mortos que se lançavão, ao qual Antonio de Faria, em lugar de oração que lhe rezava pela alma, disse : « Andar muiti eramá para esse inferno, onde a vossa enfuscada alma agora estará gozando dos deleites de Mafamede, como hontem com grandes brados prégaveis a ess'outros cães, taes como vós. »

Pedio então aos senhores que dessem liberdade aos escravos, como a estes promettêra antes da peleja, e assim se lhes deu carta de alforria.

Após isto se fez inventario da fazenda que liquidamente se achou, tirando a que se deu aos Portuguezes, e foi avaliada em cento e trinta mil taeis em prata de Japão, e fazendas limpas, como forão, setins, damascos, seda, retroz, tafetás, almiscar, e porcellanas de barça muito finas, porque então se não fez receita do mais que este corsario tinha roubado por toda aquella costa de Sumbor até o Fucheo, onde havia passante de um anno que continuava.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS LXI ATÉ LXIV

Convalescidos os doentes em 24 dias sahem-se com destino para Liampoo. Toma-os um furioso temporal na ponta de Micuy, na altura de 26 gráos ; perde-se o junco de Antonio de Faria com toda a fazenda, que passava de cem mil taeis, salvando-se a gente, afóra 22 homens que morrêrão, e Antonio de Faria passa para o junco de Mem Taborda. Pela manhã ajunta-se a armada, faltando d'ella outro junco e uma lantea, comidos do mar e passante de cem pessoas: avaliando-se a perda total da fazenda em mais de 200 mil cruzados. Acalmada de todo a tormenta, vão surgir a Nouday. Aqui, sabendo como alguns dos naufragados da sua armada se achavão captivos na terra, manda Antonio de Faria tratar da sua redempção com o mandarim d'ella. O mandarim responde com má cortezia ao requerimento. Faria lhe torna a mandar outro, em que com mais efficacia lhe pede os seus homens, dizendo que lhe dará por elles dous mil taeis de prata, e senão que lhe falle muito claro e o desengane, porque se não ha de ir d'alli até que lh'os não mande. N'esta carta ião dous pontos (diz o autor) que forão causa do negocio se damnar de todo : dizer que era um mercador estrangeiro, Portuguez de nação, que ia de veniaga a Liampoo ; e que el-rei de Portugal era irmão d'el-rei da China. O mandarim corta as orelhas aos

embaixadores, fal-os açoutar e manda por elles esta resposta, escripta em papel roto :

« Bareja triste, nascida de mosca encharcada no mais sujo monturo que póde haver em masmorras de presos que nunca so alimpárão! quem deu atrevimento á tua baixeza para parafusar nas cousas do céo? porque mandando eu ler a tua petição, em que, como a senhor, me pedias que houvesse piedade de ti, que eras miseravel e pobre, á qual eu, por ser grandioso, já me tinha inclinado, e estava quasi satisfeito do pouco que davas, tocou no ouvido de minhas orelhas a blasphemia de tua soberba, dizendo que o teu rei era irmão do filho do sol, leão coroado por poderio incrivel no throno do mundo, debaixo de cujo pé estão submettidas todas as corôas dos que governão a terra com real sceptro e mando, servindo-lhe contínuo de brochas de suas alparcas, esmagados na trilha do seu calcanhar, como os escriptores das brallas do ouro testemunhão na fé de suas verdades em todas as terras que as gentes habitão. E por esta tamanha heresia, mandei queimar o teu papel, representando n'elle por ceremonia de cruel justiça a vil estatua de tua pessoa, como desejo fazer a ti tambem por tamanho peccado; pelo qual te mando que logo e logo, sem mais tardar, te faças á vela, porque não fique maldita do mar que em si te sustenta. »

Antonio de Faria faz alardo de sua gente, acha 300 homens dos quaes 70 Portuguezes, com o fim de sahirem em terra e commetterem a cidade.

SUMMARIO E EXTRACTO

DO

CAPITULO LXV

Sobe o rio com a sua armada e quatro barcaças de pescadores que ahi tomou, surge diante da cidade de Nouday, residencia do mandarim, faz sua salva de cortezia a ver se ainda levará a cousa a seu effeito por meios brandos. Envia mensagem pacifica por um Chim, o mandarim o manda aspar, e mostrar do muro a toda a armada : crescendo com isto a colera aos soldados, lhe disserão, que pois tinha assentado de sahir em terra, não esperasse mais, porque seria dar tempo aos inimigos para ajuntarem muita gente : elle, parecendo-lhe bem este conselho, se embarcou logo com todos os que estavão determinados para este feito, que já estavão prestes para isso, e deixou recado nos juncos, que não deixassem nunca de tirar aos inimigos e á cidade, onde vissem maiores ajuntamentos de gente, porém isto havia de ser emquanto elle não andasse travado com elles.

E desembarcando abaixo do surgidouro, obra de um tiro de berço, sem contradicção nenhuma se foi marchando ao longo da praia para a cidade, na qual já a este tempo havia muita gente por cima dos muros com grande somma de bandeiras de seda, capeando, com muitos tangeres e grandes gritas, como gente que estri-

bava mais nas palavras e nas mostras de fóra, que nas obras.

Chegando os nossos a pouco mais de tiro de espingarda das cavas que estavão por fóra do muro, nos sahírão por duas portas, obra de mil até mil e duzentos homens, segundo o esmo de alguns, dos quaes os cento até cento e vinte erão de cavallo, ou para melhor dizer de sendeiros bem magros. Estes começárão a escaramuçar de uma parte para outra, e o fizerão tão bem, e tão despejadamente, que as mais das vezes se encontravão uns com os outros, e muitas d'ellas cahião tres, quatro no chão, por onde se entendeu que devia de ser gente do termo, que era alli vinda mais por força, que por sua vontade.

Antonio de Faria esforçou alegremente os seus para a peleja, e fazendo signal aos juncos, esperou os inimigos fóra no campo, parecendo-lhe que alli se quizessem averiguar com elle, segundo a fanfarrice das suas mostras promettião: elles tornando de novo á escaramuça, andárão um pedaço á roda, como que debulhavão calcadouro de trigo, parecendo-lhes que só aquillo bastava para nos desviarem do nosso proposito; porém vendo que nós não voltavamos o rosto como lhes pareceu, ou por ventura desejavão, se ajuntárão todos n'um corpo, e assim juntos e mal concertados, se detiverão um pouco sem virem mais por diante. O nosso capitão, vendo-os d'aquella maneira, mandou disparar a espingardaria toda junta; a qual até então estivera sempre quieta, e prouve

a Deos que se empregou tão bem nos de cavallo, que estavão na dianteira, que mais de a metade vierão logo ao chão. Nós, com este bom prognostico, arremettêmos todos a elles, bradando sempre pelo nome de Jesus, e quiz elle por sua misericordia que os inimigos nos largárão o campo, fugindo tão desatinadamente que uns cahião por cima dos outros, e chegando a uma ponte que atravessava a cava, se embaraçárão de maneira que nem podião ir para trás nem para diante. N'esta conjuncção chegou a elles o corpo da nossa gente, e os tratárão de maneira que mais de trezentos ficárão logo alli deitados uns sobre os outros, cousa lastimosa de ver, porque não houve nenhum que arrancasse espada. Nós, com o fervor d'esta victoria, arremettêmos logo á porta, e n'ella achámos o mandarim com obra de seiscentos homens comsigo, o qual estava em cima de um bom cavallo, com umas couraças de velludo rôxo de cravação dourada do tempo antigo, as quaes depois soubemos que forão de um Thomé Pires, que el-rei D. Manoel, de gloriosa memoria, mandára por embaixador á China, na náo de Fernão Peres de Andrade, governando o Estado da India Lopo Soares de Albergaria.

O mandarim, com a gente que tinha comsigo, nos quiz fazer rosto ao entrar da porta, com que entre elles e nós se travou uma cruel briga, em que por espaço de quatro ou cinco credos se ião elles já mettendo comnosco, com muito menos medo que os outros da ponte, se um moço nosso não derrubára o mandarim do cavallo abaixo

com uma espingardada que lhe deu pelos peitos, com que os Chins ficárão tão assombrados, que todos juntamente voltárão logo as costas, e se começárão a recolher sem nenhuma ordem pelas portas dentro, e nós todos de volta com elles derrubando-os ás lançadas, sem nenhum ter accordo de fechar as portas, e levando-os assim como a gado por uma rua muito comprida, vazárão por outra porta que ia para o sertão, pelo qual se acolhèrão todos, sem ficar nem um só.

Antonio de Faria, recolhendo então a si toda a gente, por não haver algum desmancho, se fez todo n'um corpo, e se foi com ella á chifanga, que era a prisão onde os nossos estavão, que em nos vendo derão uma tamanha grita de « Senhor Deos misericordioso » que fazia tremer as carnes. E mandou logo com machados quebrar as portas e as grades, e como o desejo e o fervor d'isto era grande, em um momento foi tudo feito em pedaços, e os ferros com que os captivos estavão presos logo tirados, de maneira que em muito breve espaço os companheiros todos estavão soltos e livres. E foi mandado aos soldados e á mais gente da nossa companhia, que cada um por si apanhasse o que pudesse, porque não havia de haver repartição nenhuma, senão que o que cada um levasse havia de ser tudo seu, mas que lhes rogava que fosse muito depressa, porque lhes não dava mais espaço que só meia hora muito pequena, a que todos respondêrão que erão muito contentes. Então se começárão logo uns e outros a metter pelas

casas, e Antonio de Faria se foi ás do mandarim, que quiz por seu quinhão, onde achou oito mil taeis de prata sómente, e cinco boiões grandes de almiscar que mandou recolher, e o mais largou aos moços que ião com elle, que foi muita seda, retroz, setins, damascos, e barças de porcellanas finas, em que todos carregárão até mais não poderem; de maneira que as quatro barcas, e as tres champanas em que a gente desembarcára, por quatro vezes se carregárão e descarregárão nos juncos, emtanto que não houve moço nem marinheiro que não fallasse por caixão e caixões de peças, afóra o secreto com que cada um se calou.

Vendo Antonio de Faria que era já passada mais de hora e meia, mandou com muita pressa recolher a gente, a qual não havia cousa que a pudesse desapegar da presa em que andava, e na gente de mais conta se enxergava inda isto muito mais. Pelo qual, receioso elle de lhe acontecer algum desastre, por se já vir chegando a noite, mandou pôr fogo á cidade por dez ou doze partes, e como a maior parte d'ella era de taboado de pinho, e de outra madeira, em menos de um quarto de hora ardeu tão bravamente que parecia cousa do inferno. E retirando-se com toda a gente para a praia se embarcou sem contradicção nenhuma, e todos muito ricos e muito contentes, e com muitas moças muito formosas, que era lastima vêl-as ir atadas com os murrões dos arcabuzes de quatro em quatro, e de cinco em cinco, e todas chorando, e os nossos rindo e cantando.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS LXVI E LXVII

Perdêrão-se n'esta tomada de Nouday nove homens, em que entrou um Portuguez, e os feridos forão 50, dos quaes 8 Portuguezes. Na seguinte manhã saquêão outra povoação grande e rica que achão despovoada na contraria margem do rio; e partem para ir passar os tres mezes de invernada na ilha deserta de Pullo Hinhor. Havendo já cinco dias que têm velejado entre as ilhas de Comolem e a terra firme, acommette-os um ladrão por nome Prematá Gundel, grande inimigo da nação portugueza. Dá-se grande batalha entre as duas armadas; os Portuguezes tomão a contraria, recolhendo só do junco principal 120 mil cruzados em prata. A perda dos nossos é de 17 homens, 5 d'elles Portuguezes, e 43 feridos, e um junco mettido no fundo. Desembarcão para se repararem na ilha de Buncalou, a tres ou quatro leguas d'alli para o oeste, e seguem sua derrota para Liampoo. Chegão ás ilhas chamadas as portas de Liampoo, onde está uma cidade portugueza. Aqui são hospedados, e recebem novas certas das grandes revoltas em que anda a China pela morte do imperador, e as ambições de treze pretensores, que todos disputão o imperio.

CAPITULO LXVIII

Do recebimento que os Portuguezes fizerão a Antonio de Faria na povoação de Liampoo.

Todos estes seis dias que Antonio de Faria aqui se deteve, como lhe tinhão pedido os de Liampoo, esteve surto n'estas ilhas; no fim do qual tempo um domingo ante-manhã, que era o tempo aprazado para entrar no porto, lhe derão uma boa alvorada com uma musica de muito excellentes fallas, ao som de muitos instrumentos suaves, que dava muito gosto a quem a ouvia, e no cabo, por desfeita portugueza, veio uma folia dobrada em tambores, pandeiros e sestros, que por ser natural, pareceu muito bem.

E sendo pouco mais de duas horas ante-manhã, com noite quieta, e de grande luar, se fez á vela com toda a armada, com muitas bandeiras e toldos de seda, e as gaveas e sobregaveas guarnecidas de telilha de prata, e estandartes do mesmo, muito compridos, acompanhado de muitas barcaças de remo, em que havia muitas trombetas, charamelas, frautas, pifaros, atambores, e outros muitos instrumentos, assim portuguezes, como chins; de maneira que todas as embarcações ião com suas invenções differentes, a qual melhor.

E sendo já manhã clara, acalmou o vento, pouco mais de meia legua do porto, a que logo acudírão vinte lan-

teas de remo muito bem esquipadas, e dando tôa a toda a armada, em menos de uma hora a levárão ao surgidouro; porém antes que ella lá chegasse, vierão a bordo de Antonio de Faria mais de sessenta bateis e balões, e manchuas com toldos e bandeiras de seda, e alcatifas ricas, nas quaes virião mais de trezentos homens, vestidos todos de festa, com muitos collares e cadêas de ouro, e suas espadas guarnecidas do mesmo em tiracolos, ao uso da Africa, e todas estas cousas vinhão feitas com tanto primor e perfeição, que davão muito gosto e não menos espanto a quem as via.

D'esta maneira chegou Antonio de Faria ao porto, no qual estavão surtas por ordem vinte e seis náos, e oitenta juncos, e outra muito maior somma de vancões, e barcaças amarradas umas ante outras, que em duas alas fazião uma rua muito comprida, enramados todos de pinho, e louro, e cannas verdes, com muitos arcos cobertos de ginjas, peras, limões e laranjas, e de outra muita verdura, e de hervas cheirosas, de que tambem os mastros e as enxarcias estavão cobertas.

Antonio de Faria, depois de estar surto junto de terra no lugar que para isso lhe estava apparelhado, fez sua salva de muita e muito boa artilharia, a que todas as náos e juncos e as mais embarcações que atrás disse respondêrão por sua ordem, que foi cousa muito para ver, de que os mercadores chins estavão pasmados, e perguntavão se era aquelle homem, a que se fazia tamanho recebimento, irmão, ou parente do nosso rei, ou que

razão tinha com elle, a que alguns cortezãos respondião : « Que não, mas que verdade era que seu pai ferrava os cavallos em que el-rei de Portugal andava, e que por isso era tão honrado, que todos os que alli estavão podião muito bem ser seus criados, e servil-o como escravos. »

Os Chins parecendo-lhes que podia ser aquillo assim, olhavão uns para os outros, á maneira de espánto, e dizião : « Certo que muito grandes reis ha no mundo de que os nossos antigos escriptores não tiverão nenhuma noticia, para fazerem menção d'elles nas suas escripturas; e um d'estes reis de que mais caso se devêra de fazer, parece que deve ser o d'estes homens, porque segundo o que d'elle temos ouvido é mais rico e mais poderoso, e senhor de muito maior terra que o Tartaro nem o Cauchim, e quasi que se pudera dizer, se não fôra peccado, que emparelhava com o filho do sol, leão coroado no throno do mundo. »

O que todos os outros que estavão á roda lhe confirmavão, e dizião : « Isso bem claro está, e bem se vê pelas muitas riquezas que esta nação barbada geralmente possue em toda a terra por força de braço armado, em affronta de todas as outras nações. »

Acabadas estas salvas de uma parte e da outra, chegou a bordo do junco de Antonio de Faria uma lantea muito bem remada, toda coberta de um fresco bosque de castanheiros com os seus ouriços assim como a natureza os creára n'elles, guarnecidos pelos troços dos ramos com muita somma de rosas e cravos, entre-

sachados com outra verdura muito mais fresca, e de melhor cheiro que esta, a que os naturaes da terra chamão lechias, e a rama de tudo isto era tão basta que se não vião os que remavão, porque tambem vinhão cobertos da mesma libré.

Em cima no toldo d'esta embarcação vinha armada sobre seis perchas uma rica tribuna forrada de brocado com uma cadêa de prata, e ao redor d'ella seis moças de doze até quinze annos, muito formosas, tangendo em seus instrumentos musicos, e cantando com muito boas fallas, que por dinheiro se trouxerão da cidade de Liampoo, que era d'alli sete leguas, porque isto, e muitas outras cousas se achão alugadas por dinheiro, cada vez que se houverem mister, emtanto que muitos mercadores são ricos só dos alugueres d'estas cousas, de que elles lá usão muito para seus passatempos e recreações.

N'esta lantea se embarcou Antonio de Faria, e chegando ao cáes, com grande estrondo de trombetas, charamelas, atabales, pifaros, atambores, e outros muitos tangeres de Chins, Malayos, Champaas, Siames, Bornêos, Lequios, e outras nações, que alli no porto estavão á sombra dos Portuguezes, por medo dos corsarios de que o mar andava cheio, o desembarcárão d'ella em uma rica cadeira de estado, como chaem do governo dos vinte e quatro supremos que ha n'este imperio, a qual levavão oito homens vestidos de telilha, com doze porteiros de maças de prata, e sessenta alabardeiros com

panouras e alabardas de ouro, que tambem vierão da cidade, e oito homens a cavallo com bandeiras de damasco branco, e outros tantos com sombreiros de setim verde, e carmesim, que de quando em quando bradavão á charachina, para que a gente se afastasse das ruas.

Depois de ser desembarcado em terra, e lhe serem dados os parabens da sua chegada, o vierão alli visitar todos os mais nobres e ricos, os quaes por cortezia se prostravão por terra, em que houve alguma detença, e feito isto se chegárão a elle dous homens fidalgos e velhos residentes na mesma terra, um chamado Tristão de Gaa, e o outro Jeronymo do Rego, e lhe fizerão uma falla em nome de todos, de muitos louvores seus, com termos assaz eloquentes e elegantes, em que na liberalidade o punhão acima de Alexandre, e o provavão com razões muito vivas e verdadeiras, e no esforço o avantajavão de Scipião, Annibal, Pompêo, e Julio Cesar, e outras muitas cousas a este modo.

D'aqui o levárão para a igreja por uma rua muito comprida, fechada toda de pinheiros e louros, e toda juncada, e por cima toldada de muitas peças de setins e damascos, e em muitas partes havia mesas em que estavão caçoulas de prata com muitos cheiros e perfumes, e entremezes de invenções muito custosos.

E já quasi no cabo d'esta rua estava uma torre de madeira de pinho toda pintada a modo de pedraria, que no mais alto tinha tres coruchéos, e em cada um uma grimpa dourada, com uma bandeira de damasco

branco, e as armas reaes illuminadas n'ella com ouro; e n'uma janella da mesma torre estavão dous meninos e uma mulher já de dias chorando, e embaixo ao pé d'ella estava um homem feito em quartos, muito ao natural, que dez ou doze Castelhanos estavão matando, todos armados, e com suas chuças e alabardas tintas em sangue, a qual cousa, pelo grande fausto e apparato com que estava feita, era muito para folgar de ver; e a razão d'isto dizem que foi, porque dizem que d'esta maneira ganhára um Fuão, de quem os verdadeiros Farias descendem, as armas da sua nobreza nas guerras que antigamente houve entre Portugal e Castella.

N'este tempo um sino que estava no mais alto d'esta torre como de vigia, deu tres pancadas, ao qual signal se quietou o tumulto da gente que era muito grande, e ficando tudo calado, sahio de dentro um homem velho vestido em uma opa de damasco rôxo, acompanhado de quatro porteiros com maças de prata, e fazendo um grande acatamento a Antonio de Faria, lhe disse com palavras muito discretas quão obrigados todos lhe estavão pela grande liberalidade que usára com elles, e pela grande mercê que lhes fizera em lhes restituir suas fazendas, pelo qual todos lhe ficavão d'alli por diante por subditos e vassallos, com menagem dada de seus tributarios emquanto vivessem, e que puzesse os olhos n'aquella figura que tinha junto de si, e n'ella, como em espelho claro, veria com quanta lealdade os seus antecessores, de quem elle descendia, ganhárão o hon-

roso nome da sua progenie, como era notorio a todos os povos de Hespanha, d'onde tambem veria quão proprio lhe era a elle o que tinha feito, assim no esforço que mostrára, como em tudo o mais que usára com elles, pelo qual lhe pedia em nome de todos, que em começo do tributo a que por razão da vassallagem lhe estavão obrigados, aceitasse por então aquelle pequeno serviço que lhe offerecia para murrões dos soldados, porque a mais divida protestavão de lh'a satisfazerem a seu tempo, e com isto lhe apresentou cinco caixões de barras de prata em que vinhão dez mil taeis.

Antonio de Faria lhe agradeceu com muitas palavras as honras que até então lhe tinhão feitas, e o presente que lhe offerecião, porém por nenhum caso lh'o quiz aceitar, por muito que todos n'isso insistírão.

CAPITULO LXIX

De que maneira Antonio de Faria foi levado á igreja, e do que passou n'ella até a missa ser acabada.

Abalando-se d'aqui Antonio de Faria, o quizerão levar debaixo de um rico pallio, que seis homens dos mais principaes lhe tinhão prestes, porém elle o não quiz aceitar, dizendo : « que não nascêra para tamanha honra como aquella que lhe querião fazer, » e seguio seu

caminho sem mais fausto que o primeiro, que era acompanhal-o muita gente assim portugueza, como da terra, e de outras muitas nações que alli por trato de mercancia era junta, por ser este o melhor e o mais rico porto que então se sabia em todas aquellas partes ; e levava diante de si muitas dansas, pellas, folias, jogos, e entremezes de muitas maneiras que a gente da terra que comnosco tratava, uns por rogos, e outros forçados das penas que lhes punhão, tambem fazião como os Portuguezes, e tudo isto acompanhado de muitas trombetas, charamelas, frautas, orlos, doçaynas, harpas, violas d'arco, e juntamente pifaros e tambores, com um labyrintho de vozes á charachina, de tamanho estrondo, que parecia cousa sonhada.

Chegando á porta da igreja, o sahírão a receber oito padres revestidos em capas de brocado e telas ricas, com procissão cantando Te Deum laudamus, a que outra somma de cantores, com muito boas fallas, respondia em canto de orgão tão concertado quanto se pudera ver na capella de qualquer grande principe.

Com este apparato foi muito devagar até a capella-mór da igreja, onde estava armado um docel de damasco branco, e junto d'elle uma cadeira de velludo carmesim com uma almofada aos pés, do mesmo velludo. E assentando-se n'esta cadeira ouvio missa cantada, officiada com grande concerto, assim de fallas, como de instrumentos musicos, na qual prégou um Estevão Nogueira, que ahi era vigario, homem já de dias e muito

honrado; mas como elle pelo descostume andava mal corrente na pratica do pulpito, e de si era fraco official, e pouco ou nada lettrado, e sobre isto vão e presumptuoso de quasi fidalgo, querendo então, por ser dia signalado, mostrar quanto sabia, e quão rhetorico era, fundou todo o sermão em louvores sómente de Antonio de Faria, com umas palavras tão desatadas, e por uns termos tanto sem concerto, que enxergando os ouvintes em Antonio de Faria que estava corrido e quasi affrontado, lhe puxárão alguns seus amigos pela sobrepeliz tres ou quatro vezes para que se calasse; e cahindo elle no que era, como homem acordado na briga, disse alto que todos ouvírão, fingindo que respondia aos amigos: « Eu fallo verdade, no que digo pelos santos evangelhos, e por isso deixai-me, que faço voto a Deos de dar com a cabeça pelas paredes por quem me salvou sete mil de cruz que mandava de emprego no junco, os quaes o perro de Coja Acem me tinha já levado pelo páo do canto como jogador de bola, que máo inferno lhe dê Deos na alma lá onde jaz, e dizei todos: amen. » E com esta desfeita foi tamanha a risada na gente, que não havia quem se ouvisse na igreja.

Depois que o tumulto foi calado, e a gente quieta, vierão seis meninos da sacristia, em trajos de anjos, com seus instrumentos de musica todos dourados, e pondo-se o mesmo padre em joelhos diante do altar de Nossa Senhora da Conceição, olhando para a imagem com as mãos alevantadas, e os olhos cheios de agua,

disse chorando em voz entoada e sentida, como que fallava com a imagem:

— Vós sois a rosa, Senhora!

A que os seis meninos respondião;

— Senhora, vós sois a rosa!

Descantando tão suavemente com os instrumentos que tangião, que a gente estava toda pasmada e fóra de si, sem haver quem pudesse ter as lagrimas, nascidas da muita devoção que isto causou em todos.

Após isto, tocando o vigario uma viola grande ao modo antigo, que tinha nas mãos, disse com a mesma voz entoada algumas voltas a este vilancete, muito devotas e conformes ao tempo, e no cabo de cada uma d'ellas respondião os meninos:

— Senhora, vós sois a rosa.

O que a todos geralmente pareceu muito bem, assim pelo concerto grande da musica com que foi feito, como pela muita devoção que causou em toda a gente, com que em toda a igreja se derramárão muitas lagrimas.

CAPITULO LXX

Do banquete que n'este dia se deu a Antonio de Faria e a seus companheiros.

Acabada a missa, se chegárão a Antonio de Faria os quatro principaes do governo d'aquella povoação ou cidade de Liampoo, como os nossos lhe chamavão, que erão Matheus de Brito, Lançarote Pereira, Jeronymo do Rego, e Tristão de Gaa, e tomando-o entre si, acompanhado de toda a gente portugueza, que serião mais de mil homens, o levárão a um grande terreiro que estava na frontaria das suas casas, todo cercado de um espesso bosque de castanheiros, assim como vierão do matto carregado de ouriços, ornado por cima de muitos estandartes e bandeiras de seda, e por baixo juncado de muita espadana, hortelã e rosas vermelhas e brancas, de que na China ha grandissima quantidade. N'este bosque estavão postas tres mesas muito compridas ao longo de umas latadas de murta, com que todo o terreiro estava cerrado, onde havia muitos esguichos de agua que por cantimploras corria de uns aos outros, por uns modos e invenções que os Chins ordenárão, tão subtís e artificiosas, que nunca ninguem pôde entender o segredo d'elles, porque com a furia do assopro de um folle, como de orgão, a que todos tinhão sua correspondencia, es-

guichavão tão alto, que quando tornava a agua a cahir para baixo, vinha tão miuda, que não molhava mais que só como orvalho, de maneira que com um só pote de agua se borrifava todo o terreiro, que era como uma grande praça : defronte d'estas tres mesas, estavão tres aparadores da mesma maneira, com grande somma de porcellanas muito finas, e seis gomis de ouro muito grandes, que os mercadores chins trouxerão da cidade de Liampoo, que lá pedírão emprestados aos mandarins, porque todo o serviço d'estes é com baixellas de ouro, porque a prata é de gente mais baixa e de menos qualidade, e trouxerão mais outras muitas peças, como forão pratos grandes, saleiros, e copos tambem de ouro, com que a vista se deleitava muito, se de quando em quando lhe não causára inveja.

Despedidos logo os que não erão do banquete, ficárão sós os convidados, que serião setenta, ou oitenta, afóra os soldados de Antonio de Faria, que passavão de cincoenta, e assentados á mesa forão servidos por moças muito formosas, e ricamente vestidas ao modo dos mandarins, que a cada iguaria que punhão, cantavão ao som dos instrumentos, que outras tangião, e a pessoa de Antonio de Faria foi servida com oito moças muito alvas e gentís mulheres, filhas de mercadores honrados, que seus pais por amor de Matheus de Brito e de Tristão de Gaa trouxerão da cidade, as quaes todas vinhão vestidas como serêas, que a modo de dansa fazião o serviço da mesa ao som de instrumentos musicos, que davão muito con-

tentamento a quem os ouvia, de que todos os Portuguezes estavão assaz pasmados, mas gabando muito a ordem, concerto e perfeição do que vião e ouvião, e quando havia de beber então se tocavão as charamelas, e trombetas, e atabales. E com esta ordem duraria este banquete perto de duas horas, nas quaes houve tambem seus entremezes de autos, um chim e outro portuguez.

Da perfeição e abastança das iguarias não trato, porque seria processo infinito querer eu particularisar o que alli houve aquelle dia, mas direi sómente que ponho em muita duvida que em muito poucas partes se pudesse dar banquete que em nenhuma cousa fizesse vantagem a este. Levantadas as mesas, que seria já perto das duas horas depois de meio-dia, se forão para outro terreiro, tapado todo em roda, com muitos palanques em que havia infinidade de gente, no qual se corrêrão dez touros, e cinco cavallos bravos, que foi a mais regozijada festa que se pudera ver, acompanhada de muitas trombetas, atabales, pifaros, tambores, e de muitos entremezes de diversas invenções. Depois de isto ser acabado, que era já sobre a tarde, querendo-se Antonio de Faria tornar a embarcar, lh'o não consentírão, mas Tristão Degaa e Matheus de Brito lhe derão as suas casas, que já para isso estavão concertadas com seus passadiços de umas a outras, onde elle ficou muito bem aposentado por tempo de cinco mezes que alli esteve, nos quaes sempre houve muitos desenfadamentos de pescarias, e caças de altenaria de

falcões e açores, e montarias de veados, porcos, touros e cavallos bravos, de que n'esta ilha ha muita quantidade, e muitos jogos e passatempos de autos e entremezes de muitas maneiras, com banquetes esplendidos todos os domingos e dias santos, e muita parte dos da semana; de maneira que todos estes cinco mezes que aqui estivemos nos não parecêrão cinco dias. No fim do qual tempo se fez Antonio de Faria prestes de embarcações e gente, para ir ás minas de Quoangeparú, e porque n'este meio tempo fallecêra Quiay Panjão, que elle muito sentio, foi aconselhado que as não commettesse, porque se soava por nova certa que andava lá a terra muito inquieta, por causa das guerras que o Prechau Mahão tinha com o rei de Chiammay, e com os Pafuaas, e com o rei do Champaa. Mas inculcárão-lhe ahi um corsario muito afamado, que se chamava o Similau, de que elle lançou mão, e houve logo falla d'elle, o qual lhe contou muito grandes cousas de uma ilha por nome Calempluy, na qual estavão dezesete jazigos dos reis da China, em uns presbyterios de ouro, com muito grande quantidade de idolos do mesmo, em que dizia que não havia mais difficuldade nem trabalho que só em carregar os navios, e tambem lhe disse outras muitas cousas de tamanha magestade e riqueza, que deixo aqui de as contar, porque temo que fação duvida a quem as ler. E como Antonio de Faria era naturalmente muito curioso, e não lhe faltava tambem cobiça, se abraçou logo tanto com o parecer d'este Chim, que só por este

seu dito, sem outro mais testemunho, determinou de se pôr a todo o risco, e fazer esta viagem, sem n'esta parte querer tomar outro conselho de ninguem, de que alguns seus amigos se escandalisárão algum tanto, e não sem razão.

SUMMARIO E EXTRACTO

DO

CAPITULO LXXI.

A 14 de Março de 1541 parte-se d'aqui Antonio de Faria com a sua gente em demanda da ilha de Calempluy, onde lhe dizem haver grande riqueza, que se tomará sem nenhuma difficuldade : leva por guia a um Chim por nome Similau, corsario muito afamado, por lhe ter morrido o Quiay Panjão, com quem viera. Deitão-se fóra das ilhas de Angitur, seguem por mar que até então Portuguezes nunca tinhão visto nem navegado. Chegão á boca da enseada das pescarias de Nankim, atravessão um golphão de quarenta leguas, correm com a prôa ao norte ao longo da serra de Nangafau. Por serem os mares grossos, se mettem n'um rio de bom surgidouro, cujos moradores se temem de tratar com elles : descahidos os mares, tornão a sahir pelo rumo de les-

nordeste : abocão ao estreito do Sileupaquim, por dentro do qual correm mais cinco dias sempre á vista de muitas povoações e cidades muito nobres; este rio ou estreito é frequentado de infinidade de embarcações.

Os Portuguezes principião a receiar-se e murmurar do guia, julgando-se alli pouco seguros; este lhes prova como lhes não póde ser traidor, e diz a Antonio de Faria que poderão ir com menos perigo se quizerem seguir um caminho que levará mais um mez; aceita-se.

Tornão a sahir da enseada de Nankim; costêão a terra mais cinco dias, no fim dos quaes (falla o autor) :

Prouve a Nosso Senhor que vimos uma serra muito alta com um morro redondo para a parte do léste, a qual o Similau disse que se chamava Fanjus, e chegando-nos bem a ella, entrámos em uma muito formosa angra, de quarenta braças de fundo, que á maneira de meia lua ficava abrigada de todos os ventos, na qual podião muito bem estar surtas duas mil náos, por muito grandes que fossem.

Aqui desembarcou Antonio de Faria em terra com dez ou doze soldados, e a correu toda em roda, sem achar nenhuma gente que o informasse do caminho que pretendia fazer, de que ficou assaz agastado e arrependido do que, sem consideração nem conselho de ninguem, mas só por sua vontade e por sua cabeça, tinha commettido, ainda que em si reprimia a dôr d'este erro com a maior dissimulação que podia, por não enxergarem os seus n'elle fraqueza.

Aqui n'esta angra tornou a praticar perante todos com o Similau sobre esta navegação que se fazia tanto ás cegas; e elle lhe respondeu:

— Eu, Sr. capitão, se te pudera empenhar outra joia de maior preço que minha cabeça, cré de mim que o fizera muito levemente, porque vou tão certo n'esta via que levo, que não receiára dar-te mil filhos em refens do que em Liampoo te prometti, e ainda agora te torno a dizer que, se te arrependes ou receias passar avante pelo que os teus te dizem de mim continuamente á orelha, como eu muito bem tenho visto e ouvido, manda o que quizeres, porque prestes estou para em tudo te fazer a vontade. E quanto a te dizerem que te faço agora esta viagem mais comprida do que em Liampoo te prometti, tu sabes a razão por que o fiz, a qual, no tempo que t'a dei, te não pareceu mal; e pois então t'o não pareceu, quiete-se agora teu coração, e não tornes atrás do que tens assentado, e tu verás quão proveitoso fructo tiras d'este trabalho.

Com isto ficou Antonio de Faria algum tanto mais quieto, e lhe disse que fosse muito embora por onde lhe parecesse melhor, e que da murmuração dos soldados de que se queixava lhe não désse nada, porque de gente ociosa era emendar vidas alheias, e não olhar pela sua, mas que elles se refrearião d'alli por diante, ou os castigaria muito bem; de que o Similau então se deu por satisfeito.

SUMMARIO

DO

CAPITULO LXXII

Velejámos ao longo da costa, chegámos a uma balisa que se chamava Buxipalem, onde se nos disse que havia cousas incriveis. Vimos aqui uns peixes de feição de raias, a que os nossos chamavão peixes mantas, de mais de quatro braças em roda, e o focinho rombo como de boi. Vimos outros como grandes lagartos, pintados de verde e preto, com tres ordens de espinhas no lombo, da grossura de uma setta, e de quasi tres palmos de comprido, muito agudas nas pontas, e o mais corpo todo cheio d'ellas, mas não tão grossas, nem tão compridas. Estes peixes se encrespão de quando em quando como porcos espins, com que ficão assaz temerosos no aspecto, tinhão o focinho muito agudo e preto, com dentes que lhe sahião fóra do queixo a modo de javalis, de comprimento de quasi dous palmos: a estes dizia o Similau que chamavão os Chins puchissucões. Vimos tambem outros peixes muito pretos, da maneira de enxarrocos, mas tão disformes na grandeza, que só a cabeça era de mais de seis palmos de largo, e quando nadavão e estendião as barbatanas, ficavão redondos de mais de uma braça ao parecer dos que os vírão. E não digo de

outras muitas diversidades de peixes que aqui vimos, por me parecer desnecessario deter-me sobejamente em cousa que não faz a proposito do que vou tratando; sómente direi que em duas noites que aqui estivemos surtos, nos não davamos por seguros dos lagartos, balêas, peixes e serpentes que de dia tinhamos visto, porque erão tantos os uivos, os assopros e os roncos, e na praia os rinchos dos cavallos marinhos, que eu me não atrevo a podêl-o declarar com palavras.

Surgimos depois na formosa bahia de Calendão; e como ahi nos fallasse o Similau com grandes escarcéos de uma grande e poderosa terra, puzemos prôa direita ao rumo de léste.

SUMMARIO

DO

CAPITULO LXXIII

Continuando o caminho, chegárão a uma serra muito alta, Botinafau, em que havia muitos tigres, badas, leões, caleus, onças, zebras, e outra muita diversidade de bichos, os quaes saltando e preando só pela inclinação das suas robustas e féras naturezas, fazião cruel guerra a outras sortes de bichos e animaes de natureza

mais fraca, como são veados, porcos, bugios, adibes, monas, raposas e lobos, o que todos estiverão vendo com muito gosto por um grande espaço, e com grandes apupadas e brados que lhe davão, de que elles se não espantavão muito, como cousa que não erão corrida de caçadores. Entrárão depois n'outra serra agreste, Gangitanou, onde habitava uma disforme gente que se chamavão gigauhos, com quem traficárão. Passada toda esta distancia de terra, que podia ser de quarenta leguas pouco mais ou menos, caminhámos assim á vela e a remo mais dezeseis dias, sem em todos elles vermos gente nenhuma, como cousa despovoada; só em duas noites enxergámos uns fogos muito pela terra dentro. No cabo d'estes dias quiz Nosso Senhor que chegámos á enseada de Nankim, que o Similau nos tinha dito, e com esperança que d'alli a cinco ou seis dias veriamos o effeito do nosso desejo.

SUMMARIO

DO

CAPITULO LXXIV

Chegados a esta enseada de Nankim, os Portuguezes, por conselho do Similau, se escondem por não serem conhecidos dos da terra, indo só á vista os Chins. En-

trão no porto de uma grande cidade chamada Sileupamor, e vendo ahi mais de tres mil embarcações, se tornão a sahir muito caladamente. Faltão já os mantimentos; desembarcão a furtal-os na dispensa de um hospital, e proseguem a sua viagem mais sete dias; ao cabo d'elles Antonio de Faria, já desconfiado com a demora, inquire ao guia sobre em que altura se faz: o guia lhe responde muito fóra de proposito, como homem que tem perdida a estimativa. Antonio de Faria quer matal-o: os Portuguezes lhe têm mão, considerando-lhe que se o fizer ficaráõ ainda mais perdidos. Pelo que lhe diz, que sem nenhuma falta lh'o fará se em sós tres dias o não puzer em Calempluy; do que o Similau fica tão assombrado que logo n'essa noite se deita ao mar e foge, imitando o seu exemplo, pelo temor com que ficárão, maïs trinta e dous Chins da esquipação. Ficão todos consternados; mas emfim não desistem do seu empenho. Tomão uma barcaça com cinco homens: d'elles sabem que a ilha de Calempluy não dista mais que sós dez leguas, por ser a paragem onde estão Tanquilem. Levão os cinco Chins presos a banco; e arrependem-se do que fizerão ao Similau, pelo muito que lhes houvera podido servir. Seguem por sua derrota mais dous dias: dobrão uma ponta da terra chamada Guinaytarão; e a ilha tão desejada se lhes descobre depois de terem andado buscando oitenta e tres dias.

SUMMARIO E EXTRACTO

DO

CAPITULO LXXV

Dobrada a ponta de Guinaytarão, passadas mais de 3 horas da noite, surgírão a tiro de berço da terra, que toda se rodeou para ver que impedimento podia ter a desembarcação. Era esta ilha toda fechada em roda com um terrapleno de cantaria de jaspe de vinte e seis palmos em alto, feito de lageas tão primas e bem assentadas, que todo o muro parecia uma só peça.

Este muro vinha criado de todo o fundo do rio até chegar acima á agua, em altura de outros vinte e seis palmos, de maneira que a sua altura era de cincoenta e dous palmos, e em cima no andar do terrapleno em que o muro acabava a sua altura, tinha uma borda da mesma cantaria roliça como cordão de frade, da grossura de um barril de quatro almudes, que a cingia toda em roda, sobre a qual ião assentadas umas grades de latão feitas ao torno, que por quarteis de seis em seis braças fechavão uns balaustres do mesmo latão; em cada um dos quarteis estava um idolo de mulher com uma bola redonda nas mãos, que por então se não pôde entender o que isto significava. D'estas grades a dentro ia uma fileira de grandissima quantidade de monstros de ferro coado, que a modo de dansa, com as mãos dadas

de uns aos outros, fechavão toda a redondeza da ilha, que, como digo, seria de quasi uma legua em roda.

D'estes monstruosos idolos a dentro, pela mesma ordem e fileira em que elles cingião esta lizira, havia outra de arcos, de obra riquissima, e tudo o mais d'aqui para dentro era um bosque de larangeiras anãs, muito basto sem outra mistura de arvore nenhuma, no meio do qual estavão fabricadas trezentas e sessenta ermidas, dedicadas aos deoses do anno, de que esta gentilidade nas suas historias conta grandes patranhas em ratificação de sua cegueira. Mais acima obra de um quarto de legua, sobre um teso que a terra fazia para a banda do léste, apparecião uns edificios com sete frontarias de casas a modo de igrejas, todos de alto abaixo, quanto a vista podia alcançar, cosidos em ouro, com suas torres muito altas, que, segundo o que parecia, devião de ser campanarios, e por fóra duas ruas de arcos que cingião estes edificios, os quaes arcos erão do mesmo teor das sete frontarias das casas, e todos, desde o mais alto do espigão dos coruchéos até baixo, cosidos em ouro, pelo qual de todos se julgou que devia isto de ser algum templo muito sumptuoso e de grandissima riqueza

---

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS LXXVI E LXXVII

Chegárão a um terreiro pequeno, Antonio de Faria apalpou a porta, bateu, entrárão; e achou um velho de cem annos, que vendo o tropel de gente, cahio tremendo de focinhos no chão.

Disse-lhe Antonio de Faria ser capitão d'aquella gente, que se salvára milagrosamente no mar, e promettêrão vir áquella terra santa dar louvores a Deos, e pedir alguma esmola, que restituiria triplicada.

No emtanto ião os homens tirando de uns caixões muita prata que alli estava de mistura com ossos, do que Faria se desculpava dizendo que se elle o não consentisse, aquelles homens o matarião. E por ser já muito tarde, determinou Antonio de Faria de se não deter então alli mais; porém antes que se recolhesse, vendo que lhe era necessario tomar informação de algumas cousas importantes, para se certificar de alguns receios que tinha, perguntou ao ermitão que gente haveria em todas aquellas ermidas, a que elle respondeu que trezentos e sessenta talagrepos sómente, um em cada ermida, e quarenta menigrepos que os servião de fóra, e os provião de mantimento, e da cura de alguns doentes.

E perguntado se tinhão aquelles ermitães alguma ma-

neira de armas, respondeu que não, porque os que pretendião caminhar para o céo não lhes erão necessarias armas para offender, senão paciencia para soffrer.

E perguntado por que causa estava aquella prata n'aquelles caixões de mistura com aquelles ossos, disse que porque era esmola que aquelles defuntos levavão comsigo, para lá no céo da lua se valerem d'ella em suas necessidades. E depois de lhe perguntarem outras muitas cousas, perguntando-lhe ultimamente se tinhão mulheres, respondeu que os que houvessem de dar vida á alma, lhes era muito necessario não gostarem dos deleites da carne, porque claro estava que no favo doce do mel se criava a abelha, que picando escandalisava e magoava aos que o comião. Antonio de Faria abraçando-o então, e pedindo-lhe muitos perdões ao seu modo, que elles chamão de charachina, se veio embarcar já quasi noite, com determinação de ao outro dia tornar a commetter as outras ermidas, onde tinha por novas que havia uma muito grande quantidade de prata, e alguns idolos de ouro, mas nossos peccados nos tolhêrão vermos o effeito d'isto, que com tanto trabalho e risco das vidas tinhamos procurado havia passante de dous mezes e meio, como logo se dirá.

CAPITULO LXXVIII

Como esta primeira noite fomos sentidos, e por que causa, e do mais que succedeu sobre isso.

Depois de ser embarcado Antonio de Faria, e nós todos com elle, que seria já quasi ás Ave Marias, nos passámos a remo á outra parte da ilha, e surtos d'ella obra de um tiro de falcão, nos deixámos assim estar até quasi meia-noite, com determinação, de tanto que ao outro dia fosse manhã tornarmos a sahir em terra, e commetter as capellas dos jazigos dos reis que estavão de nós menos de um quarto de legua, para n'ellas carregarmos ambas as embarcações, o que quiçá pudera muito bem ser se nós souberamos negociar, ou Antonio de Faria quizera tomar o conselho que lhe davão, o qual foi que pois até então não eramos ainda sentidos, que trouxesse comsigo o ermitão, porque não désse recado na casa dos bonzos do que tinhamos feito, o que Antonio de Faria não quiz fazer, dizendo que seguro estava d'isso, assim por ser o ermitão tão velho como todos viamos, como por ser gotoso, e ter as pernas tão inchadas que se não podia ter n'ellas; porém não foi assim como elle cuidava, porque o ermitão tanto que nos vio embarcados (segundo o que depois soubemos) assim tropego como estava, se foi em pés e em mãos á outra ermida, que distava da sua pouco mais de um tiro de bésta, e deu

conta ao ermitão d'ella do que lhe tinhamos feito, e lhe requereu que pois elle se não podia bolir por causa da sua hydropisia, fosse elle logo dar rebate na casa dos bonzos, o que o outro ermitão logo fez. E nós tambem onde estavamos o entendêmos logo, porque sendo passada uma hora depois da meia-noite, vimos em cima da cerca do pagode grande dos jazigos dos reis, uma muito comprida carreira de fogos, como que fazião signal, e perguntando aos nossos Chins que lhes parecia aquillo, respondêrão todos que sem falta nenhuma eramos sentidos, pelo que nos aconselhavão que sem mais detença nos fizessemos logo á vela. D'isto se deu logo rebate a Antonio de Faria, que n'este tempo estava dormindo, o qual acordou logo muito depressa, e largando o cabo por mão fez tomar o remo, e assim como pasmado se foi direito á ilha, a ver se sentia n'ella alguma maneira de alvoroço, e chegando ao cáes, ouvímos grande estrondo de sinos que se tangião em todas as ermidas, e de quando em quando rumor de gente, a que os Chins dissérão : « Senhor, não tens já mais que ver nem que saber, acolhe-te pelo amor de Deos, e não sejas causa de nos matarem aqui a todos. » Porém Antonio de Faria, sem fazer caso do que elles dizião , saltou em terra com seis homens de espadas e rodellas, e subio pelas escadas do cáes acima quasi affrontado e fóra de si, e subindo desatinadamente por cima das grades, de que toda a ilha, como já disse, era cercada, correu como doudo de uma parte para a outra, sem sentir cousa

alguma, e tornando-se ás embarcações muito affrontado, praticou com todos sobre o que n'isto se devia de fazer, e depois de se darem muitas razões, que elle não queria aceitar, lhe fizerão os mais dos soldados requerimento que em todo o caso se partisse logo, e elle arreceioso de haver algum motim, respondeu que assim o faria, mas que para sua honra lhe convinha primeiro saber o de que havia de fugir, e que portanto lhes pedia muito por mercê que o quizessem alli esperar, porque queria ver se podia tomar alguma lingua que o certificasse mais na verdade d'esta suspeita, e que para isso lhes não pedia mais de espaço que só meia hora, visto como ainda havia tempo para tudo, antes que fosse manhã.

E querendo-lhe alguns dar algumas razões contra isto, as não quiz ouvir, mas deixando-os assim a todos com lhes tomar primeiro as menagens, e lhes dar juramento nos santos Evangelhos, se metteu com os seis que levava por dentro do arvoredo do bosque, e caminhando por elle mais de quatro tiros de espingarda, ouvio diante tanger um sino, e atinando pelo tom onde era, foi dar n'uma ermida muito mais nobre e rica que a outra em que o dia d'antes tinhamos entrado, na qual estavão dous homens, quasi ambos de uma idade, vestidos em trajos de religiosos, e com suas contas ao pescoço, por onde inferio que erão ermitães, e dando n'elles de supito os tomou a ambos, de que um ficou tão pasmado, que muito tempo não fallou a proposito.

Dos nossos seis, os quatro entrárão na ermida, e apanhárão do altar um idolo de prata de bom tamanho, com uma mitra de ouro na cabeça, e uma roda na mão, que não soubemos determinar o que significava, e tomárão mais tres candeeiros de prata, com suas cadêas muito compridas; e tornando-se Antonio de Faria a recolher muito depressa, com os dous ermitães quasi a rasto, e com as bocas tapadas, chegou onde as embarcações estavão, e recolhido n'ellas se fez logo á vela com muita pressa, e se foi pelo rio abaixo, e fazendo perguntas a um dos dous que ia mais em seu accordo, e com grandes ameaças se mentisse, respondeu que era verdade que um santo homem de uma d'aquellas ermidas por nome Pilau Angiroo, chegára já muito de noite á casa do jazigo dos reis, e batendo muito apressadamente á porta, dera um grito muito alto, dizendo:

— O' gentes tristes e ensopadas na bebedice do somno da carne, que professastes com juramento solemne a honra da deosa Amida, premio rico de nosso trabalho, ouvi, ouvi, ouvi, o miseravel que nunca nascêra; sabei que são entradas gentes estrangeiras do cabo do mundo, com barbas compridas, e corpos de ferro, na casa dos vinte e sete pilares, de que um santo homem que me isto disse era vassoura do chão, e roubando n'ella o thesouro dos santos, botárão com desprezo seus ossos no meio da terra, e os contaminárão com escarros podres e fedorentos, dando muitas risadas como demonios obstinados e contumazes no primeiro peccado, pelo que vos

requeiro que ponhais cobro em vossas pessoas, porque se diz que têm jurado de como fôr manhã nos matarem a todos, e por isso ou fugi, ou chamai quem vos soccorra, pois por serdes religiosos, vos não é dado tomardes na mão cousa que tire sangue. » A cujas vozes toda a gente acordou, e acudindo rijo á porta, o achárão quasi morto, deitado no chão de tristeza e cansaço por ser já muito velho, pelo que todos os grepos e menigrepos fizerão os fogos que vistes, e a grande pressa mandárão logo recado ás cidades de Corpilem e Fumbana, para que com muita brevidade acudissem com toda a gente que se pudesse ajuntar, e appellidassem toda a terra para que fizesse o mesmo, pelo que sem duvida vos affirmo que não tardaráõ mais que emquanto se ajuntarem, porque pelo ar, se puder ser, viráõ voando com tanto impeto como açores esfaimados quando lhes tirão as prisões; e sabei que esta é a verdade de tudo o que passa, pelo qual vos requeiro que nos deixeis ir, e não nos mateis, porque será maior peccado que o que hontem commettestes. E lembre-vos que nos tem Deos tomado tanto á sua conta pela penitencia que fazemos, que quasi nos vê todas as horas do dia, e trabalhai por vos pordes em salvo, porque vos affirmo que a terra, o ar, os ventos, as aguas, as gentes, os gados, os peixes, as aves, as hervas, as plantas, e tudo o mais que hoje é creado, vos ha de empecer, e morder-vos tanto sem piedade, que só aquelle que vive no céo vos poderá valer.

Certificado Antonio de Faria da verdade d'este negocio pela informação que este ermitão lhe dera, se foi logo a grande pressa pelo rio abaixo, depennando as barbas, e dando muitas bofetadas em si, por ter perdido por seu descuido e ignorancia uma tamanha cousa como a que tinha commettido, se chegára com ella ao cabo.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS LXXIX ATÉ LXXXVII

Sahem pela enseada de Nankim muito tristes com terem por ignorancia desaproveitado tão bom lanço; passão a um esteiro menos frequentado, por nome Xalingau, por onde caminhão 140 leguas: tornão a entrar na enseada de Nankim, dá-lhes um tufão na altura das minas de Conxinacau. Procurão dar á costa, não o podem; o mar cresce, alijão tudo com tanto desatino, que até á prata e ao mantimento não perdoão. Afunda-se a embarcação de Antonio de Faria; a outra em que vai o autor, já com agua aberta, dá á costa afogando-se logo onze Portuguezes e salvando-se quatorze. Mettem-se pela terra dentro ao longo de uma serra seis ou sete leguas; des-

cobrem para a outra parte um grande paúl em que se perde a vista; retrocedem para a praia, enterrão os mortos que o mar lançou; pernoitão n'um charco com medo dos tigres. Ao outro dia poem-se a caminho para a banda do norte, por mattos e brenhas, até que chegão a um esteiro, passados tres dias, sem terem visto ninguem.

Os primeiros quatro que se atirão para o atravessar a nado morrem por attenuados de forças. Divisão para a parte de léste um fogo; dirigem-se para lá. Encontrão cinco homens a fazer carvão, muito pobres, que depois de lhes darem o arroz que tinhão cozido para a sua cêa, lhes aconselhão irem pedir agasalho a uma albergaria que adiante está. São n'ella bem recebidos, mas remettidos logo para outra mais rica, onde são curados. Convalescidos depois de dezoito dias, caminhão para Susoanganee; onde, recebidos não sem difficuldade, pedem esmola para seguirem seu destino até á cidade de Nankim, 140 leguas adiante, e de lá se passarem a Cantão, onde costumão de vir náos portuguezas a mercadejar. Em Xiangnulee são tomados por ladrões, presos e mettidos n'uma cisterna, em que passão dous dias sem comer, e picados pelas sanguesugas. São justificados, e soltos proseguem por sua jornada. Recebem bom trato e esmola n'umas casas muito nobres. Proseguem de lugar em lugar, e de aldêa em aldêa, por espaço de quasi dous mezes.

No lugar de Chantir assistem a umas exequias onde

são esmolados da fazenda da defunta. Na villa de Tanjur são presos por vadios e mettidos em ferros, no que passão vinte e seis dias com muitos açoutes e fomes, depois dos quaes vão remettidos para Nankim, embarcados e mettidos n'uma corrente com outros trinta ou quarenta presos. Na cadêa de Nankim são roubados logo ao primeiro dia do pouco que levão. N'esta cadêa, em que estão mais de quatro mil presos, passão mez e meio; são sentenciados a serem açoutados nas nadegas e se lhes cortarem os dedos pollegares das mãos. Cumpre-se logo a primeira parte da sentença, de que dous vêm a morrer. Ao cumprimento do restante d'ella poem por elles embargos uns procuradores dos pobres. São mandados com sua causa por appellação para Pekim, levando uma carta de muita recommendação que os mesmos procuradores, especie de irmãos de misericordia, lhes dão para lá entregarem aos tanigores. Lá vão os captivos presos acorrentados a tres e tres, remando a embarcação.

EXTRACTO

DO

CAPITULO LXXXVIII

Seguímos derrota em companhia de outras muitas embarcações que por aquelle rio ião para diversas partes dos anchacilados e senhorios d'aquelle imperio. E ainda que iamos presos ao banco da lantea onde remavamos, não deixavão os olhos de ver cousas muito grandiosas nas cidades, villas e lugares que ao longo d'este grande rio estavão situadas, das quaes brevemente direi alguma cousa d'esse pouco que vimos, e começarei logo por esta cidade de Nankim d'onde partímos.

Esta cidade de Nankim está situada ao longo d'este rio da Batampina em um teso de boa altura, por onde fica a cavalleiro das campinas que estão em torno d'ella, cujo clima é algum tanto frio, porém muito sadio; tem oito leguas de cerca por todas as partes, tres leguas de largo, e uma de comprido por cada parte; a casaria commum é de um só até dous sobrados, porém as casas dos mandarins são todas terreas, e cercadas de muro e cava, em que ha pontes de boa cantaria que dão serventia para as portas, as quaes todas têm arcos de muito custo e riqueza, com muitas diversidades de invenções nos coruchéos dos telhados, o qual edificio, visto todo por junto, representa aos olhos uma grande magestade.

As casas dos chaens, e anchacys, e aytaus, e tutões, e chumbys, que são senhores que governárão provincias e reinos, têm torres muito altas de seis e sete sobrados, com coruchéos cosidos em ouro, onde têm seus armazens de armas, suas recamaras, seus thesouros, e seu movel de seda e de peças muito ricas, com infinidade de porcellanas muito finas, que entre elles é pedraria; a qual porcellana d'esta sorte não sahe fóra do reino, assim porque entre elles val muito mais que entre nós, como por ser defeso com pena de morte vender-se a nenhum estrangeiro, salvo aos Persas do Xatamaas, a que chamão Sofio, os quaes, com licença que têm para isso, comprão algumas peças por muito grande preço.

Affirmárão-nos os Chins que tem esta cidade oitocentos mil vizinhos, e vinte e quatro mil casas de mandarins, e sessenta e duas praças muito grandes, e cento e trinta casas de açougues de oitenta talhos cada uma, e oito mil ruas, de que as seiscentas que são as mais nobres têm todas ao comprido de uma banda e da outra grades de latão muito grossas, feitas ao torno.

Affirmárão-nos mais, que têm duas mil e trezentas casas de seus pagodes, de que as mil são mosteiros de gente professa, e são edificios muito ricos, com torres de sessenta e setenta sinos de metal, e de ferro coado muito grandes, que é cousa horrenda ouvil-os tanger.

Tem mais esta cidade trinta prisões muito grandes e fortes, em cada uma das quaes ha dous e tres mil presos, e a cada uma d'estas prisões responde uma casa como

de misericordia, que provê toda a gente pobre, com seus procuradores ordinarios em todos os tribunaes de civil e crime, e onde se fazem grandes esmolas.

Todas estas ruas nobres têm arcos nas entradas, com suas portas que se fechão de noite, e as mais d'ellas têm chafarizes d'agua muito boa, e são em si muito ricas, e de muito grande trato.

Tem todas as luas novas e cheias feiras geraes, onde concorre infinidade de gente de diversas partes, e ha n'ellas grandissima abundancia de mantimentos quantos se podem imaginar, assim de frutas, como de carnes.

O pescado d'este rio é tanto em tanta quantidade, principalmente de tainhas e linguados, que parece impossivel dizer-se, o qual se vende todo vivo, com juncos mettidos pelos narizes, por onde vêm dependurados; e afóra este pescado fresco, o secco e salgado que vem do mar é tambem infinito.

Affirmárão-nos mais os Chins que tinha dez mil teares de seda, porque d'aqui vai para todo o reino.

A cidade em si é cercada de muro muito forte, e de boa cantaria, onde tem cento e trinta portas para a serventia da gente, as quaes todas têm pontes por cima das cavas.

A cada porta d'estas estava um porteiro com dous alabardeiros para darem razão de tudo o que entra e sahe.

Tem doze fortalezas roqueiras quasi ao nosso modo,

com baluartes e torres muito altas, mas não tem artilharia nenhuma.

Tambem nos affirmárão que rendia esta cidade a elrei todos os dias dous mil taeis de prata, que são tres mil cruzados, como já disse muitas vezes.

Dos paços reaes não direi nada, porque os não vimos senão de fóra, nem d'elles soubemos mais que o que os Chins nos disserão, o qual é tanto que é muito para arreceiar contal-o, e por isso não tratarei por agora d'elles, porque tenho por davante contar o que vimos nos da cidade de Pekim.

SUMMARIO E EXTRACTO

DO

CAPITULO LXXXIX.

Descreve o autor o que vio até chegar á cidade de Pocasser, e ahi visitou um pagode, onde, prosegue elle, nascêra o avô d'este que agora reinava, e porque a mãi alli fallecêra do parto, se mandára enterrar na mesma camara onde parira o filho, e por honra da sua morte se dedicára nas mesmas casas este templo á invocação de Tauhinarel, que é uma seita gentilica das principaes d'este reino da China, como adiante direi quando vier

a tratar do labyrintho das trinta e duas leis que ha n'elles.

Todo este edificio com todas as officinas, jardins, pomares, e tudo o mais quanto ha n'elle que se fecha das portas a dentro, está armado no ar sobre trezentos e sessenta pilares cada um de uma pedra inteira, da grossura quasi de um tonel, e de vinte e sete palmos de alto; estes trezentos e sessenta pilares têm os nomes dos trezentos e sessenta dias do anno, e em cada um d'elles particularmente se festeja com muitas esmolas, e sacrificios sanguinolentos, acompanhados de muitos tangeres, dansas, e outros modos de solemnidades, o nome do idolo d'aquelle pilar, que n'elle mesmo está posto em uma rica charolla, com uma alampada de prata diante. Por baixo, no andar d'estes pilares, vão oito ruas muito nobres fechadas de uma banda e da outra de grades de latão, com suas portas nas entradas para serventia dos peregrinos que vêm de fóra, e da mais gente que como jubilêo concorre continuamente a estas festas.

A casa em cima onde a rainha estava sepultada era feita á maneira de capella redonda, toda de alto abaixo forrada de prata, de muito mais custo no feitio que na valia, segundo o que parecia na diversidade dos lavores que n'ella se vião: tinha no meio uma tribuna redonda feita á proporção da mesma casa, de altura de quinze degráos, fechada em roda com seis ordens de grades de prata com os nós dourados, e no mais alto d'ella estava

uma grande poma, sobre a qual estava um leão de prata que tinha na cabeça um caixão de quasi tres palmos em quadrado de ouro muito fino, em que dizião que estavão os ossos d'aquella rainha, que estes cegos e ignorantes venerão por grande reliquia. Em torno d'esta tribuna, na mesma proporção, estavão quatro tirantes de prata, que tomavão toda a grandura da casa, armados em cima de toda esta obra, dos quaes pendião quarenta e tres alampadas de prata e sete de ouro, as de prata em honra dos quarenta e tres annos de idade que dizião que ella tinha quando morrêra, e as sete de ouro por sete filhos que dizião que paríra.

Do arco d'esta capella para fóra logo á entrada do cruzeiro em oito tirantes que atravessavão toda a casa, estava uma muito grande somma de alampadas de prata, muito grandes e ricas, que os Chins nos disserão que as mulheres dos chaens, aytaus, tutoens, e anchacys, que são as mais honradas do reino que se achárão presentes á morte da rainha, alli mandárão pôr em memoria d'aquella honra, as quaes alampadas dizião que erão duzentas e cincoenta e tres.

Das portas para fóra de toda esta casa (que seria quasi do tamanho da igreja de S. Domingos de Lisboa), em seis fileiras muito compridas que a fechavão toda em roda, estava uma muito grande somma de estatuas de gigantes, de quinze palmos cada uma, muito bem proporcionadas, as quaes erão todas de bronze fundidas, e tinhão suas alabardas e maças do mesmo nas mãos, e

algumas d'ellas com machadinhas ás costas, a qual machina assim toda por junto representava um tamanho apparato e grandiosidade que a vista se não fartava de se empregar n'ella. Entre esta somma de estatuas (que, segundo os Chins nos affirmárão, erão mil e duzentas) estavão vinte e quatro serpentes do mesmo bronze muito grandes, e em cima de cada uma d'ellas estava assentada uma mulher com uma espada na mão e uma corôa de prata na cabeça; estas vinte e quatro mulheres dizião que tinhão titulos de rainhas para honra de seus descendentes, porque todas se sacrificárão na morte d'aquella rainha, para que lá na outra vida as almas d'estas servissem a sua, como cá n'esta os corpos servírão ao seu corpo, cousa que os Chins da geração d'estas mulheres têm por muito grande honra, e o trazem por timbre nos escudos de suas nobrezas. D'estas fileiras de gigantes para fóra estava outra que os fechava a todos em roda de arcos triumphaes, cosidos todos em ouro, com muita quantidade de campainhas de prata, penduradas por cadêas do mesmo, as quaes, tangendo continuamente com o movimento do ar que lhes dava, fazião um tamanho estrondo que não havia quem se ouvisse com ellas.

D'estes arcos para fóra, na mesma proporção, estão duas ordens de grades de latão, que fechão toda esta obra, armadas por quarteis em columnas do mesmo, com uns leões em todo cima postos sobre bolas, que são as armas dos reis da China; nas quadras d'este terreiro

estão quatro monstros do mesmo bronze, fundidos de tão estranha e descompassada grandeza, e diabolica fealdade, que os entendimentos dos homens quasi o não podem imaginar, dos quaes melhor me fôra não dizer nada; pois entendo e confesso de mim que não tenho saber nem palavras para declarar tudo o que n'elles ha; mas como não é razão que de todo fiquem escondidos sem se dar alguma noticia d'elles, direi o que couber no meu fraco entendimento.

Um d'estes monstros que está logo na entrada do terreiro á mão direita, a que os Chins nomeavão por serpe tragadora da concava funda da casa do fumo, que, segundo suas historias contão, é Lucifer, está em figura de uma dessemelhavel serpente, com sete cobras que lhe sahião dos peitos muito feias e temerosas, todas conchadas de verde e preto, com muitos espinhos de mais de palmo em comprido por todos os corpos, como têm os porcos espins, e cada uma d'ellas tinha na boca uma mulher atravessada com os cabellos todos derrubados para trás, como que estava esmorecida; o monstro tinha na boca, que era muito grande e descompassada, um lagarto meio fóra de mais de trinta palmos de comprimento, e da grossura de uma pipa, com os narizes e ventas, e beiços tão cheios de sangue, que todo o mais corpo d'esta grande serpente d'alli para baixo estava tinto d'elle, e tinha apertado entre as mãos um grande elephante, que parecia ser com tanta força, que as tripas e os bofes lhe sahião pela boca fóra, e tudo isto tão pro-

prio, e tanto ao natural, que as carnes tremião de verem uma figura que por ventura nunca entrou em imaginação de homens; a volta do rabo, que seria de mais de vinte braças, estava enrodilhado n'outro dessemelhavel monstro, que era o segundo dos quatro que disse que estavão nas quadras do terreiro, o qual estava em figura de homem, de mais de cem palmos de alto, a que os Chins chamavão turcamparoo, e dizião que era filho d'aquella serpente; este, além de ser muito feio, estava com ambas as mãos mettidas na boca, que a fazia tamanha como uma porta, e com uma ordem de dentes lá dentro no concavo d'ella, e com a lingua negra, de mais de duas braças botada para fóra, que tambem era cousa muito temerosa de ver, e que fazia arripiar as carnes.

Dos outros dous monstros, um era uma figura de mulher, por nome Nadelgau, de dezesete braças de comprido, e seis em roda; esta na grossura da cinta tinha um rosto feito á proporção do corpo, de mais de duas braças, o qual pelas ventas lançava muito grande quantidade de fumo, e pela boca infinidade de faiscas de fogo, não artificial, senão verdadeiro, porque dizem que lá em cima dentro na cabeça lhe fazião continuamente fogo, para mostrarem á gente que era a rainha da esphera do fogo, porque esta, dizem elles que ha de queimar a terra quando se acabar o mundo.

O quarto monstro era uma figura de um homem que estava em cócaras, assoprando com umas bochechas

tamanhas e tão inchadas, que parecia um papafigo de vela enfunado com muito grande vento, e tambem era de tão desacostumada grandeza, e de um aspecto tão feio e temeroso, que apenas o podia soffrer a vista; a este chamão os Chins Uzanguenaboo, o qual dizião que era o que no mar fazia as tempestades, e na terra derrubava os edificios, e a este dava o povo muitas esmolas, porque lhe não fizesse mal, e se escrevião todos por seus confrades com tributo de um maz cada anno, que são cincoenta réis, porque lhes não alagasse os seus juncos, nem fizesse mal aos mareantes, e outras muitas e diversas abusões que por sua grande cegueira crêm tanto de verdade que morrêrão mil mortes por cada uma d'ellas.

CAPITULO XC

Do que achámos por este rio acima até chegarmos a uma villa chamada Junquileu, e do que n'ella vimos, e n'outro lugar adiante d'ella.

Partidos nós ao outro dia d'esta cidade de Pocasser, chegámos a outra que se dizia Xinligau, tambem muito grande e muito nobre, e de muito boa casaria, cercada de muros de tijolo, com sua cava ao redor, e nos cabos dous castellos de entulho muito fortes, e bem acabados, com torres e baluartes quasi a nosso modo, e nas en-

tradas, pontes levadiças que se suspendião no ar por grossas cadêas de ferro, e no meio de cada um d'estes castellos uma torre de cinco sobrados com muitas invenções de pinturas de diversas côres, nas quaes torres ambas nos affirmárão os Chins que estavão em thesouro quinze mil picos de prata do rendimento d'aquelle anchacilado, que o avô d'este rei alli mandára pôr em memoria de um filho que alli lhe nascêra por nome Leuquinau, que quer dizer, alegria de todos, o qual elles têm que foi santo, porque acabou em religião, e está alli enterrado n'um templo da invocação do Quiay Varatel, deos de todos os peixes do mar, de que estes cegos contão muitos desatinos de leis que inventou, e preceitos que deu, que é espanto ouvil-os, de que a seu tempo farei menção.

N'esta cidade e n'outra mais acima cinco leguas se tece a maior parte da seda d'este reino, por causa das aguas que dizem que fazem mais vivas as côres das tintas, que todas as das outras partes. Os teares d'estas sedas, que em somma dizião que erão treze mil, rendião a el-rei da China cada anno trezentos mil taeis.

Continuando nosso caminho por este rio acima, chegámos ao outro dia já quasi vespera a umas grandes campinas em que havia muita quantidade de gado vaccum, e de sendeiros e eguas, aos quaes guardavão muitos homens a cavallo para os venderem aos merchantes que os cortão nos açougues como a outra carne. Passadas estas campinas, que podião ser de dez ou doze le-

guas, chegámos a uma villa que se chamava Junquileu, cercada de tijolo, com espigões por cima do muro, sem ameia nenhuma, nem baluarte, nem torre, como os outros de que tenho contado. No cabo do arrabalde d'esta povoação para a parte do rio, vimos umas casas armadas na agua, sobre esteios de páo muito grossos, já muito velhas e damnificadas á maneira de tercenas; diante da porta, n'um terreiro pequeno, estava um muymento de pedra, fechado todo em roda de grades de ferro, pintadas de verde e vermelho, e por cima um coruchéo de azulejos de porcellana muito fina brancos e pretos, armado sobre quatro columnas de pedra lustrada, muito bem acabadas, e em cima do muymento estavão cinco pilouros de camelo, e outros dous de ferro coado, que parecião ser de meia espera; na frontaria do muymento estava um lettreiro de lettras douradas á charachina, que dizião :

« Aqui jaz Trannocem Mudeliar, tio d'el-rei de Malaca, a quem a morte levou antes que Deos o vingasse do capitão Albuquerque, leão dos roubos do mar. »

Espantados nós todos de ver este lettreiro, perguntámos que cousa era aquella, a que um Chim, que parecia mais honrado que os outros que estavão presentes, respondeu :

« Esse homem que ahi jaz enterrado veio aqui ha quarenta annos por embaixador de um rei que se dizia de Malaca, a pedir soccorro ao filho do sol contra uma gente de terra sem nome, que do cabo do mundo viera

por mar, e lhe tomára Malaca, com outras particularidades de medos incriveis que estão escriptas n'um livro impresso que d'isso se fez. E havendo já quasi tres annos que andava na côrte, continuando com o requerimento do soccorro que pedia, o qual lhe era já concedido pelos chaens do governo, quiz sua ventura que adoeceu de ar que lhe deu, estando uma noite comendo, de que não durou mais que sós nove dias. E parece que magoado de não ter effeito o que vinha pedir, declarou sua linhagem n'esse lettreiro d'essa sepultura em que jaz enterrado, para que até o fim do mundo os homens da terra soubessem quem elle foi, e a que veio. »

D'aqui nos partímos logo, e continuámos nosso caminho pelo rio acima, o qual já n'esta parte é menos largo que na cidade de Nankim, d'onde primeiro partímos, mas a terra é muito mais povoada de aldêas e quintas que todas as outras, porque não ha tiro de pedra onde não haja uma casa, ou de pagode, ou de lavrador e gente de trabalho. E ainda mais adiante obra de duas leguas, chegámos a um grande terreiro todo cercado de grades de ferro muito grossas, no meio do qual estavão em pé duas monstruosas estatuas de bronze fundidas, uma de homem, e outra de mulher, encostadas a umas grossas columnas de ferro coado da grossura de um barril, e de altura de sete braças, e o comprimento d'estes monstros ambos era de setenta e quatro palmos, com ambas as mãos mettidas nas bocas, e as faces muito inchadas como que assopravão, e com os olhos tão en-

carniçados que mettião medo a quem olhava para elles.

O nome do macho era Quiay Xingatalor, e o da femea Apancapatur, e perguntando nós aos Chins pela significação d'aquellas figuras, nos respondêrão :

— Que o macho era o que assoprava com aquellas bochechas tão inchadas o fogo do inferno para atormentar as almas d'aquelles que n'esta vida lhe não davão esmola, e a femea era a porteira do inferno, e que os que n'esta vida lhe davão esmola, os deixava fugir para um rio de agua muito fria por nome Ochileuday, onde os tinha escondidos sem os diabos lhe fazerem mal nenhum.

Um dos da nossa companhia não se pôde ter que se não risse de tamanha parvoice e diabolica cegueira, de que uns tres bonzos que alli estavão (que são os seus sacerdotes) se escandalisárão tanto, que mettêrão em cabeça ao Chifuu que nos levava, que se nos não castigasse de maneira que aquelles deoses se houvessem por satisfeitos d'aquella zombaria que fizeramos d'elles, que sem duvida a sua alma seria muito atormentada d'elles ambos, sem nunca a deixarem sahir do inferno; o qual ameaço assombrou tanto o perro do Chifuu, que, sem esperar mais, nos mandou a todos nove atar de pés e de mãos, e com umas cordas dobradas nos derão a cada um mais de cem açoutes, de que todos ficámos assaz sangrados, e d'alli por diante nunca mais zombámos de cousa que vissemos.

A estes dous diabolicos monstros, no tempo que alli

chegámos, estavão incensando doze bonzos com seus incensarios de prata, cheios de muitos cheiros de aguila e beijoim, e dizião em voz alta e muito desentoada:

— Assim como te servimos, assim nos ajuda.

A que outra grande somma de sacerdotes respondia com uma grande grita:

— Assim t'o prometto como bom senhor.

E assim andárão todos em procissão á roda do terreiro com estes desentoados clamores por espaço de uma grande hora, tangendo sempre muitos sinos de metal e de ferro coado, que fóra do terreiro estavão postos em campanarios, e outros tangião com tambores e sestros que fazião um tamanho estrondo, que em verdade affirmo que mettia medo.

CAPITULO XCI.

Como chegámos a uma cidade que se dizia Sampitay, e do que passámos com uma mulher christã que achámos n'ella.

D'este terreiro para diante continuámos nossa viagem pelo rio acima mais onze dias, o qual n'esta paragem é já tão povoado de cidades, villas, aldêas, lugares, fortalezas e castellos, que em muitas partes ha menos distancia de uns aos outros que tiro de espingarda. E assim

toda a mais terra que viamos quanto alcançava a vista tinha muita quantidade de quintas nobres, e casas de seus pagodes, com muitos coruchéos cosidos em ouro, que representavão tamanha magestade e nobreza, que todos pasmavamos do que viamos.

D'esta maneira chegámos a uma cidade que se chamava Sampitay, na qual estivemos cinco dias, por causa da mulher do Chifuu que ia muito doente. Aqui com sua licença sahímos em terra assim presos como iamos, e nos fomos todos pelas ruas a pedir esmola, que os moradores d'ellas nos derão muito largamente, os quaes admirados de verem gente da nossa maneira, se ajuntavão em quadrilhas a nos perguntarem que homens eramos, e de que reino, ou como se chamava a nossa terra? A que respondiamos conforme ao que já tinhamos dito muitas vezes, que eramos naturaes do reino de Sião, e que nos perderamos no mar com uma tormenta indo de Liampoo para a enseada de Nankim, e que eramos mercadores que já foramos ricos, e tiveramos muito de nosso, inda que nos vião d'aquella maneira.

Uma mulher que estava alli presente á volta de outras muitas, ouvindo a nossa pratica, respondeu :

— Cousa é essa de que ninguem se deve de espantar, porque nunca tal vimos senão ficarem pela maior parte sepultados no mar os que muito labutão no mar, e por isso, amigos meus, o melhor e mais certo é fazer conta da terra, e trabalhar na terra, já que Deos foi servido de nos fazer de terra.

E dando-nos com isto dous mazes de esmola como a pobres, nos encommendou muito que não curassemos de fazer viagens compridas, onde Deos permittíra fazer as vidas tão curtas; mas logo após isto desabotoou a manga de um jubão de setim rôxo que trazia vestido, e arregaçando o braço nos mostrou uma cruz que n'elle tinha esculpida como ferrete de mouro, muito bem feita, e nos disse:

— Conhece por ventura algum de vós outros este signal que a gente da verdade chama cruz, ou ouvistel-o alguma hora nomear?

A que nós todos em o vendo, pondo os joelhos em terra com o devido acatamento, e alguns com as lagrimas nos olhos, respondêmos que sim, a que ella dando um grito, e levantando as mãos para o céo, disse alto:

— Padre nosso que estás nos céos, sanctificado seja o teu nome.

E isto disse-o na linguagem portugueza; e tornando logo a fallar chim, como que não sabia mais do portuguez que estas palavras, nos pedio muito que lhe dissessemos se eramos christãos; a que todos respondêmos que sim, e tomando-lhe todos juntos o braço em que tinha a cruz a beijámos, e dissemos tudo o que ella deixára por dizer da oração do padre nosso, porque soubesse que lhe fallavamos verdade.

Quando ella isto ouvio e entendeu d'aqui que nós eramos christãos, toda banhada em lagrimas se despedio da gente que alli estava, e nos disse:

— Vinde, christãos do cabo do mundo, com esta vossa verdadeira irmã na fé de Christo, e quiçá que parenta de algum de vós outros por parte do pai que me gerou n'este desterro.

E começando a caminhar comnosco para sua casa, os upos, que erão os beleguins que nos trazião, o não querião consentir, e nos dizião que fossemos pedir esmola pela cidade como nos era mandado pelo Chifuu, senão que nos levarião á embarcação, e isto dizião pelo interesse que d'isso lhes cabia, que, como já disse, era a metade de toda a esmola que tiravamos; e fazendo mostra de nos quererem tornar á embarcação, a mulher lhes disse :

— Bem vos entendo, e bem sei que não quereis perder nada do vosso, e assim é razão, já que não tendes outros percalços de que vivais.

Então mettendo a mão na bolsa lhes deu dous taeis de prata, de que ficárão contentes, e com licença do Chifuu nos levou á sua casa, onde nos teve todos os cinco dias que aqui estivemos, fazendo-nos sempre muito gasalhado, e tratando-nos com muita caridade. Aqui nos mostrou um oratorio em que tinha uma cruz de páo dourada, com uns castiçaes e uma alampada de prata, e nos disse que se chamava Ignez de Leiria, e que seu pai se chamára Thomé Pires, o qual d'este reino fôra por embaixador a el-rei da China, e que por um alevantamento que um nosso capitão fizera em Cantão, houverão os Chins que era elle espia e não embaixador, como elle

dizia, e o prendêrão com outros doze homens que trazia comsigo, e depois que por justiça lhes derão muitos açoutes e tratos, de que logo morrêrão os cinco, aos outros desterrárão, apartados uns dos outros, para diversos lugares, onde morrêrão comidos de piolhos, dos quaes um só era vivo, que se chamava Vasco Calvo, natural de um lugar da nossa terra que se dizia Alcouchete, porque assim o tinha muitas vezes ouvido a seu pai, chorando muitas lagrimas quando n'isto fallava. E que a seu pai lhe coubera em sorte ser seu degredo para aquella terra, onde se casára com sua mãi, porque tinha alguma cousa de seu, e a fizera christã, e sempre em vinte e sete annos que alli estivera casado com ella, vivêrão ambos muito catholicamente, convertendo muitos gentios á fé de Christo, de que ainda n'aquella cidade havia mais de trezentos, que alli em sua casa se ajuntavão sempre aos domingos a fazer a doutrina.

E perguntando-lhe nós que era o que diziāo ou que rezavão, respondeu :

— Que nenhuma cousa mais que sómente pôrem-se todos em joelhos diante d'aquella sua cruz, e com as mãos levantadas e os olhos no céo, dizerem todos :

« Senhor Jesus-Christo, assim como é verdade que tu és verdadeiro filho de Deos, concebido pelo Espirito Santo, no ventre da virgem Santa Maria, para salvação dos peccadores, assim nos perdôa nossos peccados para que mereçamos ver a tua face na gloria do teu reino, onde estás assentado á dextra do mui alto. Padre nosso

que estás nos céos, sanctificado seja o teu nome. Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, amen. »

E beijando todos a cruz se abraçavão uns com os outros e se ião para suas casas. E assim vivião todos muito conformes e amigos sem haver entre elles odio ou inimizade alguma. E que outras mais orações lhe deixára seu pai escriptas, que depois lhe furtárão os Chins, por onde não ficárão sabendo mais que só aquillo que nos tinha dito.

A que respondêmos :

— Que muito bom era o que lhe tinhamos ouvido, mas que nós lhe deixariamos outras orações muito boas antes que nos fossemos.

E ella nos disse :

— Assim o fazei pelo que deveis a um Deos tão bom como tendes, e que tanto fez por vós, e por mim, e por todos.

E mandando-nos pôr a mesa nos proveu de comer muito abastadamente, e assim o fez todos os cinco dias que n'esta sua casa estivemos, o qual o Chifuu nos concedeu por um bom presente que ella mandou á sua mulher, e lhe pedio muito que fizesse com seu marido que nos tratasse bem, porque eramos homens que Deos tinha muito á sua conta, e ella lhe prometteu de o fazer assim com muitas palavras de agradecimento pelo que lhe mandára.

Dentro n'estes cinco dias que estivemos em sua casa,

fizemos sete vezes doutrina aos christãos, de que todos ficárão muito animados, e Christovão Borralho lhe fez um caderninho na lettra china em que lhe deixou escripto o Pater-noster, a Ave-Maria, o Credo, a Salve-Regina, os mandamentos, e outras muitas orações boas. E com isso nos despedímos dos christãos, e da Ignez de Leiria, a qual parecia verdadeira christã, segundo o que vimos n'ella esses poucos dias que estivemos em sua casa.

Estes christãos nos derão cincoenta taeis de esmola, que depois nos forão bons para remedio de muitas necessidades em que nos vimos, como direi mais adiante, e a Ignez de Leiria por si nos deu outros cincoenta taeis muito escondidos, e nos pedio muito que em nossas orações a encommendassemos a Nosso Senhor, pois viamos quanta necessidade tinha d'isso.

SUMMARIO E EXTRACTO

DOS

CAPITULOS XCII, XCIII E XCIV

Continuando pelo rio Batanipina, chegão ao lugar de Lequimpau, junto do qual está uma casa mui comprida com trinta fornalhas por banda, em que fundem e apu-

rão grande somma de prata, que em carretas se traz de uma serra que está d'aqui cinco leguas, por nome Tuxenguim, e em cujas minas, dizem os Chins que trabalhão passante de mil homens. Ao outro dia vão surgir entre as cidades de Pacão e Nacau, de cuja vista toma o autor motivo para contar da fundação d'aquelle imperio chim, segundo a ouvio muitas vezes ler na primeira chronica das oitenta dos reis da China, no capitulo 13, e do principio e razão do nome das cidades de Pekim, Nankim, Pacão e Nacau : historia que nós omittimos n'este resumo por fabulosa ; termina no capitulo XCIV por estas palavras :

« Este imperio chim se lê que foi sempre correndo por direitas successões de uns reis nos outros desde aquelle tempo até uma certa idade, que, segundo parece pela nossa conta, foi no anno do Senhor de mil cento e treze, e então foi esta cidade de Pekim entrada de inimigos, e assolada, e posta por terra vinte e seis vezes ; mas como já n'este tempo a gente era muita, e os reis muito ricos, dizem que o que então reinava, que tinha por nome Xipão, a cercou toda em roda da maneira que agora está em vinte e tres annos, e outro rei por nome Iumbileytay, que era seu neto, fez a segunda cerca d'alli a oitenta e dous annos, as quaes ambas têm de circuito sessenta leguas, trinta cada uma, convem a saber, dez de comprido, e cinco de largo, das quaes cercas ambas se lê que têm mil e sessenta baluartes redondos, e duzentas e quarenta torres muito fortes, largas e altas, com seus co-

ruchéos de diversas côres, que lhe dão muito lustro, e em todas estão leões dourados sobre bolas ou pomas redondas, os quaes são a divisa ou as armas do rei da China, pelos quaes quer dar a entender que é elle leão coroado no throno do mundo.

«Por fóra d'esta derradeira cerca vai uma muito grande cava de agua, de mais de dez braças de fundo, e quarenta de largo, dentro da qual ha continuamente grande somma de navios de remo, toldados por cima como casas, em que se vendem todas as cousas quantas se podem imaginar, assim de mantimentos, como de toda a diversidade de mercadorias a que se póde pôr nome. Tem mais esta cidade em roda, segundo os Chins nos affirmárão, trezentas e sessenta entradas, em cada uma das quaes estão sempre quatro upos, armados, e com alabardas nas mãos, para darem razão de tudo o que passa n'ella; ha alli tambem umas certas casas que são como casas de camara, que a cidade para isso tem deputadas com seus anchacys e officiaes de justiça, e aonde tambem se levão os moços que se perdem, para que seus pais os venhão alli buscar.

«Das mais grandezas d'esta insigne cidade direi a seu tempo, porque isto que agora contei assim de corrida, foi sómente para dar uma breve relação da origem e fundação d'este imperio, e do primeiro que fundou esta cidade de Pekim, metropole com razão e com verdade de todas as do mundo, na grandeza, na policia, na abastança, na riqueza, e em tudo o mais quanto se póde di-

zer ou cuidar, e tambem para dar conta da fundação e principio da segunda cidade d'este grande imperio, que é a de Nankim, e d'est'outras duas de Pacão e Nacau, de que atrás tenho contado, nas quaes ambas jazem estes dous seus fundadores em templos muito nobres e ricos, n'umas sepulturas de alabastro verde e branco guarnecidas de ouro, postas sobre leões de prata, com muitas alampadas ao redor, e perfumadores de muitas diversidades de cheiros. »

CAPITULO XCV

Qual foi o rei da China que fez o muro que divide os dous imperios da China e da Tartaria, e da prisão annexa a elle.

Já que tratei da origem e fundação d'este imperio chim, e da cerca d'esta grande cidade de Pekim, tambem me pareceu razão tratar o mais brevemente que puder de outra cousa não menos espantosa que cada uma d'estas.

Lê-se no quinto livro da situação de todos os lugares notaveis d'este imperio, ou monarchia, ou como lhe quizerem pôr o nome (porque na verdade todo o que fôr grande lhe cabe), que um rei por nome Crisnagol-dacotay, que segundo parece pela conta do livro por onde esta gente costuma fazer a conta das suas éras, reinou no anno do Senhor de quinhentos e vinte e oito, vindo

a ter guerra com o Tartaro por differenças que teve com elle sobre o Estado de Xenxinapau, que pelo sertão confina com o reino dos Lauhós, o desbaratou, e ficou senhor do campo, porém o Tartaro, refazendo-se logo de outro maior poder que ajuntou por meio de uma liga e confederação que fez com outros reis seus amigos, tornou sobre o Chim d'ahi a oito annos, e se affirma que lhe tomou trinta e dous lugares notaveis, dos quaes foi um a grande cidade de Ponquilor. E temendo o Chim que não se lhe pudesse defender, veio com elle em concerto de paz, com algumas condições em que o Chim desistio do direito sobre que era o litigio, e lhe deu mais dous mil picos de prata para paga da gente forasteira que trazia comsigo, e com isto ficou o negocio pacifico e quieto por espaço de cincoenta e dous annos, porque assim o diz a mesma historia.

Porém o rei que então reinava na China, receiando-se de outro poder e confederação semelhante á passada, a que elle não pudesse resistir, determinou de fechar com muro toda a raia de ambos estes imperios. E chamando os povos todos a côrtes, lhes deu conta d'esta sua determinação, a qual a todos pareceu muito bem, e muito necessaria, e para ajuda d'esta obra tão importante, lhe derão dez mil picos de prata; que por nossa conta são quinze contos de ouro, á razão de mil e quinhentos cruzados cada pico, e afóra isto se diz que lhe derão mais duzentos e cincoenta mil homens, para trabalharem n'esta obra emquanto ella durasse, de que os trinta mil

dizem que erão officiaes examinados, e os mais, gente de serviço. E depois de se ajuntar tudo o que era necessario para esta tão insigne obra, se começou a pôr a mão n'ella, e diz a historia que em vinte e sete annos se fechou todo o extremo d'estes dous imperios de ponta a ponta, que, segundo se affirma na mesma chronica, é distancia de setenta jãos, que por nossa conta, á razão de quatro leguas e meia por jão, são ao todo trezentas e quinze leguas, na qual obra dizem que trabalhárão continuos setecentos e cincoenta mil homens, de que o povo, como já disse, deu a terça parte, e o sacerdocio e ilhas de Ainão outra terça parte, e el-rei com os principes e senhores, e chaens, e anchacys do governo, a outra terça parte. Este muro vi eu algumas vezes, e o medi, que é por todo geralmente de seis braças de alto, e quarenta palmos de largo no massiço da parede, mas das quatro braças para baixo, corre um entulho a modo de terrapleno, alamborado da face de fóra de um betume como argamassa, de mais largura que o mesmo muro quasi duas vezes, por onde fica sendo tão forte, que nem mil basiliscos o poderão derrubar, e em lugar de torres ou baluartes, tem umas guaritas de dous sobrados, armadas sobre esteios de páo preto, a que elles chamão caubesy, que quer dizer páo ferro, de grossura de uma pipa cada um, e muito altos, por onde estas guaritas parece que ficão sendo muito mais fortes que se forão de pedra e cal.

Este muro, ou chanfacau, como elles lhe chamão, que

quer dizer resistencia forte, corre todo a fio igualmente, até entestar nos agros das serras que no caminho se lhe offerecem, as quaes, para poderem tambem servir de muro, vão todas chanfradas ao pição, com que esta obra fica sendo muito mais forte que o mesmo muro em si. E assim se ha de entender que em toda esta distancia de terra não ha mais muro que o que toma os espaços que ha entre serra e serra; no mais as mesmas serras servem de muro. E em todas estas trezentas e quinze leguas, não ha mais entradas que sós cinco que os rios da Tartaria fazem por estas partes, pelas quaes descendo com impetuosa corrente, com que cortão por este sertão, espaço de mais de quinhentas leguas, se vão metter no mar da China e da Cauchenchina, e um d'estes, porque é mais poderoso que os outros, vai sahir no reino Sornau (a que o vulgo chama Sião) pela barra de Cuy; e em todas estas cinco entradas, o rei chim tem uma força, e o tartaro outra, em cada uma das quaes o Chim tem sete mil homens continuos, a que paga muito grandes soldos, de que os seis mil são de pé, e os mil de cavallo, e a maior parte d'esta gente é estrangeira, como são mogores, pancrús, champaas, coraçones, e gizares da Persia, e outros de outras muitas terras e reinos, que pelo amago d'este sertão habitão, porque na verdade os Chins não são muito homens de guerra, porque além de serem pouco praticos n'ella, são fracos de animo, e algum tanto carecidos de armas, e de todo faltos de artilharia. Em toda a distancia d'este muro ha trezentas e

vinte capitanias de quinhentos homens cada uma, que são ao todo cento e sessenta mil homens, afóra ministros e officiaes de justiça, e upos da guarda dos anchacys, e chaens, e outra mais gente necessaria para o governo, e sustentação d'este povo, que por todos nos affirmárão os Chins que chegavão á cópia de duzentos mil homens continuos, a que el-rei paga mantimento sómente, porque como todos, ou a maior parte d'elles, são forçados condemnados áquelle degredo, não é obrigado lhes dar soldo, senão mantimento sómente, como adiante declararei quando fallar na prisão do deposito d'estes degradados, que está na cidade de Pekim, que tambem é outro notavel edificio e de admiravel grandeza e estado, no qual ha continuamente presos em deposito para a fabrica d'este grande muro, de trezentos mil homens para cima, e todos, ou a maior parte, de dezoito até quarenta e cinco annos, entre os quaes ha muita gente nobre, e homens muito ricos e de grande respeito, que por casos graves se lhes commutou o castigo que merecião para este deposito; no qual a modo de carcere perpetuo estão esperando para d'ahi os levarem ao serviço d'aquelle muro, d'onde podem ter recurso conforme aos estatutos da guerra que sobre isso são feitos, e approvados pelos chaens, que n'isto e em tudo o mais têm os mesmos poderes d'el-rei, com magestade suprema de mero e mixto imperio, e no poder e alçada de cada um d'estes chaens do governo, que são doze, cabe dar se quizer um conto de ouro de renda, sem lhes ninguem ir á mão a isso.

CAPITULO XCVI

De algumas outras cousas que vimos até chegarmos a um lugar onde estava uma cruz, e da razão por que ella alli estava posta.

Tornando agora a continuar com o que atrás vinha contando, de que ha muito que me apartei, partidos nós d'estas duas cidades de Pacão e Nacau, e seguindo nossa viagem pelo rio acima, assim presos como tenho dito, chegámos a outra cidade que se chamava Mindoo, pouco maior que cada uma d'est'outras, na qual para a parte do sertão, espaço de meia legua, estava um muito grande lago de agua salgada, em que havia muito grande somma de marinhas, o qual nos affirmárão os Chins que enchia e vazava da propria maneira que o faz o mar, estando pela terra dentro mais de duzentas leguas, e que rendia todos os annos para o rei da China, só do terço que d'este sal lhe pagavão, cem mil taeis; e que afóra estes lhe rendia mais esta cidade outros cem mil taeis dos teares da seda, da camphora, do assucar, da porcellana, do vermelhão, e do azougue, das quaes cousas nos disserão que havia aqui grandissima quantidade.

Adiante d'esta cidade obra de duas leguas, estavão doze casas muito compridas a modo de terecenas, em que trabalhava muita cópia de gente em fundir e apurar pastas de cobre, onde o tumulto e o estrondo que os

martellos fazião era tamanho, que se ahi ha cousa na terra que se possa parecer com o inferno, não deve ser outra senão esta. E para notarmos bem a causa d'este tão desacostumado estrondo, nos puzemos a olhar o d'onde procedia, e vimos que era de haver em cada uma d'estas casas quarenta fornalhas, á razão de vinte por banda, com quarenta bigornas muito grandes, em cada uma das quaes malhavão oito homens a compasso tão apressadamente, que quasi não davão lugar aos olhos para o enxergarem, assim que em cada uma d'estas casas trabalhavão continuamente trezentos e vinte homens, que a esta razão em todas as doze casas se vinhão a montar tres mil oitocentos e quarenta trabalhadores, afóra outra muita gente que trabalhava n'outro serviço.

E perguntando nós que somma era de cobre a que se lavrava alli cada anno, nos respondêrão que de cento e dez até cento e vinte mil picos, de que el-rei tinha as duas partes, por serem as minas suas, e que a serra d'onde se tirava se chamava Coretumbagá, que quer dizer rio de cobre, porque depois que se descobríra até então, que havia mais de duzentos annos, nunca se pudera esgotar, mas antes se descobria cada vez mais.

Adiante d'estas terecenas, obra de uma legua junto com o rio, n'um terreiro muito grande, fechado com tres ordens de grades de ferro, vimos trinta casas postas em cinco ordens, seis em cada ordem, as quaes tam-

bem erão muito compridas e muito bem acabadas, com grandes torres de sinos de metal e de ferro coado, e muitos lavores de obra de talha, e com columnas douradas, e seus frontispicios de pedraria lavrados de muitas invenções. Aqui n'este terreiro sahímos nós em terra com licença do Chifuu que nos levava, porque se tinha promettido a este pagode, que se chamava Bigay potim, que quer dizer o Deos de cento e dez mil deoses, Corchoo funganė ginaco ginaca, dizem elles, que quer dizer forte e grande sobre todos os mais. Porque uma das ceguciras que estes miseraveis têm, é terem para si que de cada cousa por si ha um Deos particular que a fez, e lhe conserva seu ser natural, mas que este Bigay potim os pario a todos pelos sovacos, e d'elle, como de pai, recebem o ser por uma união filial a que elles chamão Bijaporentesay.

E no reino de Pegú, onde eu já estive algumas vezes, vi outro pagode semelhante a este a que os naturaes da terra nomêão por Ginocoginana, Deos de toda a grandeza. O qual edificio fizerão antigamente os Chins quando senhoreárão a India, que foi, segundo parece pela sua conta, desde o anno do Senhor de mil e treze, até o de mil e setenta e dous, pela qual conta se vê que a India esteve debaixo do imperio do Chim cincoenta e nove annos sómente, porque o rei successor do que a conquistou, que se chamava Oxivagão, a largou por sua vontade, por entender quanto sangue dos seus lhe custava o pouco proveito que tirava d'ella.

N'estas trinta casas que atrás digo, estava uma muito grande quantidade de idolos de páo dourados, e outra tanta de outros de estanho, cobre, latão, ferro coado, e de porcellana, a qual quantidade de idolos era tamanha, que não me atrevo a pôr-lhe numero. Não teriamos d'aqui andado seis ou sete leguas adiante, quando vimos uma grande cidade, com os edificios e muros todos por terra, a qual, ao parecer, teria mais de uma legua em roda. E perguntando aos Chins pela causa d'aquella ruina, nos disserão que aquella cidade se chamára antigamente Cohilouzaa, que quer dizer frol do campo, a qual em seu tempo fôra muito prospera, e que haveria cento e quarenta e dous annos que alli viera ter um homem estrangeiro, em companhia de uns mercadores do porto de Tanaçarim, do reino de Sião, o qual, segundo estava escripto em um livro, por nome Toxefalem, que fallava n'elle, parecia ser homem santo, ainda que n'aquelle tempo, pelas obras que fazia lhe chamavão os bonzos feiticeiro, porque em menos de um mez resuscitára cinco mortos, e fizera outras muitas maravilhas, de que todos recebêrão grandissimo espanto, e tendo por vezes os sacerdotes algumas disputas com elle, os confundio e envergonhou a todos de maneira que por não se verem com elle n'outras altercações, amotinárão o povo todo, e lhe mettêrão em cabeça que se o não matassem os havia Deos de castigar com fogo do céo, pelo qual incitado o povo pelo dito d'elles, se vierão todos á casa de um tecelão pobre, por nome Joane, onde

este homem pousava, e matando o tecelão e dous genros seus, e um filho, porque o quizerão defender, o santo homem se veio chorando a elles, e reprehendendo-os de suas uniões, causadas do seu máo viver, entre algumas cousas que então lhes disse, uma foi affirmar-lhes que o Deos em cuja fé se havião de salvar se chamava Jesus-Christo, o qual viera do céo á terra a se fazer homem, e fôra necessario morrer pelos homens, e que com o preço do seu sangue derramado na cruz pelos peccadores, se houvera Deos por tão satisfeito em sua justiça, que entregando-lhe o poder dos céos e da terra, lhe promettêra que a todos os que professassem sua lei com fé e obras, se lhe não negaria o premio que por isso era promettido, e que todos os deoses a que os bonzos servião e adoravão com sacrificios de sangue, erão falsos, e figuras em que o demonio se mettia para os enganar; o que ouvindo os sacerdotes se acendêrão tanto em colera, que bradando ao povo lhe disserão: « que maldito fosse o que não trouxesse lenha e fogo para o queimar; » o que logo foi feito com muita presteza, e começando-se o fogo a atear com grandissima furia, elle lhe fez o signal da cruz, e lhe dissera umas palavras que lhes a elles não lembravão, mas que tambem estavão escriptas, com que o fogo se apagára logo. E que vendo o povo tamanha maravilha dera uma grande grita, dizendo todos:

— Muito poderoso deve ser o Deos d'este homem, e digno de ser reverenciado em toda a grandeza da terra.

O que ouvindo um d'aquelles bonzos, que forão os principaes n'aquelle motim, e vendo que a gente se começava já a retirar pelo que tinha visto, tirou com uma pedra ao santo homem, e disse :

— Quem não fizer o que eu faço, a serpe da noite o trague no fogo.

A cujas palavras todos os outros bonzos fizerão o mesmo, de maneira que logo alli o matárão ás pedradas, e lançando-o no rio, a corrente da agua se deteve tanto, que em espaço de cinco dias que o santo corpo esteve no rio nunca elle correu para baixo, com a qual maravilha seguírão então muitos a lei d'aquelle homem, de que ainda havia por aquella terra uma grande quantidade.

Emquanto estes Chins nos forão contando isto, dobrámos nós uma ponta da terra, e vimos um terreiro pequeno cercado de arvores ao redor, em meio do qual estava uma cruz de pedra muito grande, e muito bem feita, com cuja vista certifico em verdade que faltão palavras para dizer o que Deos Nosso Senhor alli nos deu a sentir; e pedindo nós todos de joelhos ao Chifuu que nos deixasse ir á terra a ver aquillo que aquelles homens nos dizião, o perro gentio se escusou dizendo que tinhamos longe o lugar onde haviamos de ir dormir, de que ficámos assaz desconsolados ; mas como Deos Nosso Senhor por sua misericordia nos quiz fazer essa mercê quasi milagrosamente, ordenou que tendo já caminhado mais de uma legua adiante, o qual fazia á força de remo,

e com assaz de trabalho, dessem n'aquella hora á sua mulher que levava prenhe tamanhas dôres de parir, que lhe foi forçado tornar d'alli a arribar ao lugar que abaixo tinhamos deixado, que era uma aldêa de trinta ou quarenta casas por nome Xifangau, junto d'onde estava a cruz, e desembarcando alli em terra tomou uma casa em que pôz a mulher onde a cabo de nove dias lhe morreu do parto.

Nós entretanto nos fomos todos ao lugar onde a cruz estava, e prostrados por terra com muitas lagrimas, lhe fizemos nosso devido acatamento, de que os moradores da aldêa ficárão muito espantados, e correndo todos ao lugar onde nós estavamos, se puzerão tambem de joelhos, e levantando as mãos beijárão tambem a cruz muitas vezes, dizendo com voz entoada :

— Christo Jesus, Jesus-Christo, Maria micau vidau, late impone moudel.

Que em nossa linguagem quer dizer — Christo Jesus, Jesus-Chisto, Maria sempre virgem o concebeu, e virgem o pario, e virgem ficou — a que nós respondêmos chorando, que assim era verdadeiramente.

E perguntando-nos se eramos christãos, lhes dissemos que sim.

O que elles folgárão muito de ouvir, e nos levárão a suas casas, e nos agasalhárão com muito amor, os quaes todos erão christãos da progenie do tecelão em cuja casa o santo homem pousava.

Nós lhes perguntámos então pela certeza d'aquillo que

os Chins nos tinhão dito, e elles nos relatárão todo o processo d'este negocio como passára, e nos mostrárão d'isso um livro impresso em que tratava de muito grandes maravilhas que o Senhor por aquelle santo homem alli tinha obrado, o qual dizia que se chamava Matheos Escandel, e que fôra ermitão no monte Sinay, e dizia que fôra Hungaro de nação, de um lugar que se chama Buda.

E conta-se no mesmo livro que nove dias depois de ser enterrado o santo homem, que foi n'aquelle mesmo lugar onde elle então jazia, tremêra aquella cidade de Cohilouzaa onde elle fôra morto, uma vez tão rijamente, que a gente do povo com o grande temor que recebeu, fugíra toda para o campo, e se agasalhára em tendas, sem haver ninguem que ousasse de entrar nas casas.

A isto acudírão logo os bonzos para apaziguarem a união do povo, porque todo junto a uma voz dizia com grandes brados :

— O sangue do santo homem estrangeiro ha de pedir vingança da morte que os nossos bonzos lhe derão porque fallava verdade.

E reprehendendo elles o povo por isto que dizia, lhe disserão « que não dissessem aquillo, que era peccado, nem houvessem medo, porque elles lhes promettião de pedirem todos ao Quiay Tiguarem, deos da noite, que mandasse á terra que não fizesse mais do que tinha feito, porque lhe não darião esmolas. » E com isto se forão todos os sacerdotes sómente em procissão á casa d'este

idolo, que era o principal, sem haver pessoa nenhuma do povo que quizesse ir com elles, por haverem medo de entrar na cidade, e dizem que estando a noite logo seguinte após este tremor todos estes ministros do demonio fazendo seus sacrificios com fumos cheirosos, e outras ceremonias costumadas entre elles, permittio Nosso Senhor, por justo castigo de sua divina justiça, que sendo quasi ás onze horas da noite, tornou a terra outra vez a tremer com tamanho impeto, que templos, casas, muros, e todos os mais edificios quantos havia na cidade vierão ao chão, onde forão mortos todos os bonzos sem um só ficar vivo, que, segundo o livro affirma, passárão de quatro mil, e arrebentando a terra em borbolhões de agua, se soverteu toda a cidade, e ficou em um grande lago de mais de cem braças de fundo.

E nos contárão mais outras muitas particularidades muito estranhas que a todos nos causárão grandissima admiração, e de então para cá se chamou Fiunganorsee, que quer dizer castigo do céo, chamando-se antes Cohilouzaa, que, como já disse, quer dizer frol do campo.

EXTRACTO

DO

CAPITULO XCVII

E partidos d'aqui, seguímos nossa viagem pelo rio acima, vendo sempre de uma banda e da outra muitas e muito nobres cidades e villas, e outras povoações muito grandes, cercadas de muros muito fortes e largos, com seus castellos roqueiros ao longo da agua, afóra muitas torres e casas ricas de suas gentilicas seitas, com campanarios de sinos e coruchéos cosidos em ouro; e pelos campos havia tanta quantidade de gado vaccum, que em algumas partes occupavão distancia de seis, sete leguas de terra, e no rio havia tamanho numero de embarcações, que em algumas partes onde havia ajuntamento de feiras, se não podia alcançar com a vista, afóra outros muitos magotes mais pequenos de trezentas, quinhentas, seiscentas, e de mil velas que a cada passo encontravamos assim de uma parte como da outra, nas quaes se vende toda a diversidade de cousas a que se póde pôr nome.

E muitos Chins nos affirmárão que n'este imperio da China tanta era a gente que vivia pelos rios, como a que habitava nas cidades e nas villas, e que se não fosse a grande ordem e governo que se tem no prover da gente

mecanica, e no trato e officios com que os constrangem a buscarem vida, que sem duvida se comeria uma com a outra, porque cada sorte de trato e de mercancia de que os homens vivem se reparte em tres e quatro fórmas, d'esta maneira.

No trato das adens, uns tratão em botar os ovos de choco, e criarem adinhos para venderem, outros em criarem adens grandes para matar e vender chacinadas, outros tratão na penna sómente, e nas cabedellas e nas tripas, e outros nos ovos sómente, e o que trata em uma d'estas cousas, não ha de tratar na outra, sob pena de trinta açoutes, em que não ha appellação nem aggravo, nem valia, nem adherencia que lhe possa valer.

Nos porcos, uns tratão em os venderem vivos por junto, outros em os matarem e os venderem aos arrateis, outros em os chacinarem e os venderem de fumo, outros em venderem leitões pequenos, outros nos miudos das tripas, e banhas, pés, sangue, e fressura.

No peixe o que vende o fresco não ha de vender o salgado, e o que vende o salgado não ha de vender o secco, e todas as outras cousas, assim de carnes, caças e pescados, como de frutas e hortaliças, se governão a este modo.

E nenhum dos que têm qualquer trato d'estes se póde mudar para outro sem licença da camara, e por causas justas e licitas, sob pena de trinta açoutes.

Ha tambem outros que vivem de venderem pescado vivo que têm em grandes tanques e charcos de agua,

dos quaes carregão muitas embarcações de remo, onde em payões muito estanques o levão em viveiro para diversas terras d'alli muito longe.

Ha tambem ao longo d'este grande rio da Batampina por onde fizemos este nosso caminho da cidade de Nankim para a de Pekim, que é distancia de cento e oitenta leguas, tanto numero de engenhos de assucar, e lagares de vinhos e de azeites, feitos de muitas e muito diversas maneiras de legumes e frutas, que ha ruas d'estas casas ao longo do rio de uma parte e da outra de duas e tres leguas em comprido, cousa certo de grandissima admiração.

Em outras partes ha muitos armazens de infinidade de mantimentos, e outras tantas casas como terecenas muito compridas, em que chacinão, salgão, empesão e defumão todas as sortes de caças e carnes quantas se crião na terra, em que ha rumas muito altas de lacões, marrãs, toucinhos, adens, patos, grous, batardas, emas, veados, vaccas, bufaros, antas, badas, cavallos, tigres, cães, raposos, e toda a mais sorte de animaes que a terra cria, de que todos estavamos tão pasmados, quanto requeria uma tão nova, tão espantosa e quasi incrivel maravilha, e muitas vezes diziamos que não era possivel haver gente no mundo que pudesse acabar de gastar aquillo em toda a vida.

Vimos tambem n'este rio grande somma de embarcações como fustas, a que chamão panouras, fechadas de pôpa e de prôa com redes de cannas como capoeiras,

de tres e quatro sobrados, de dous palmos de alto cada sobrado, cheias de adens, que homens trazião a vender, os quaes vão pelo rio acima a remo e á vela, ou como querem, vendendo estas adens que trazem por mercadoria.

E quando vêm que é tempo de lhe darem de comer, se chegão á terra, e onde o campo é mais brejoso, e com algumas alagôas d'agua, poem pranchas em terra, e abrem as portas d'aquelles sobrados, e dando quatro pancadas n'um tambor, todas estas aves, que são de seis, sete mil para cima, com uma grande grita se sahem fóra da embarcação, e todas de corrida se vão metter no charco da agua que está no campo.

E passado o espaço em que ao dono lhe parece que ellas podem ter comido, torna a tanger o tambor, ao som do qual, todas com a mesma grita se tornão a recolher á embarcação d'onde sahírão, e cada uma vai demandar o seu sobrado sem faltar uma só, e partido d'alli se vai seu caminho.

E quando vê que é tempo para pôrem, se torna a chegar á terra, e onde vê o campo enxuto, e de boa relva, abre as portas dos sobrados em que as traz, e torna a tanger o tambor, e em o ouvindo se sahem todas á terra para pôrem.

E passada uma hora de tempo, ou aquelle espaço em que lhe a elle parece pouco mais ou menos que ellas podem ter posto, torna a tocar o tambor, e ellas se tornão logo todas muito depressa a recolher á embarcação,

sem, como digo, ficar uma só no campo ; e como são recolhidas dentro na embarcação, o dono com outros dous ou tres que traz comsigo se vão á terra com alcofas nas mãos, e chegando á relva onde as adens puzerão, que está toda branquejando com os ovos, os recolhem nas alcofas, e se tornão a embarcar, e não ha dia em que não enchão dez e doze alcofas, e com isto tornão a seguir seu caminho, vendendo esta sua mercadoria.

E quando já vêm a ter poucas adens, e se querem reformar de outras, as vão comprar a outra gente que tambem vive de as criar e vender por junto a estes regatões, que as não podem criar como est'outros, porque, como já disse, ninguem trata em mais que n'aquillo que lhe foi concedido por licença da camara.

E estes que vivem de criar estas adens têm junto das asas em que morão uns charcos d'agua em que trazem dez, doze mil adinhos, uns maiores e outros mais pequenos ; e para tirarem os ovos têm em umas casas como terecenas muito compridas vinte, trinta fornalhas cheias de esterco, e n'elle soterrão duzentos, trezentos, e quinhentos ovos juntos, e tapando as bocas das fornalhas para que o esterco esteja quente, os deixão assim estar até o tempo que lhes parece que podem já ser para sahirem, e mettendo então em cada uma d'estas fornalhas um capão meio depennado, e ferido nos peitos, lhe tornão a cerrar a porta, e d'alli a dous dias os tem o capão todos tirados fóra, e então os poem debaixo de uns covãos que já para isso têm feitos com seus farelos molhados dentro, e

assim andão dez ou doze dias soltos até que elles por si se vão metter nas alagôas em que se acabão de criar, e se fazem grandes para os poderem vender a estes regatões.

CAPITULO XCVIII

De outras muitas diversidades de cousas que vimos, e da ordem que se tem nas cidades movediças que se fazem nos rios em embarcações.

Vimos tambem ao longo d'este grande rio por onde iamos, grande multidão de porcos, e sendeiros bravos e mansos, que homens a cavallo guardavão. E n'outra parte muitos bandos de veados mansos que homens de pé guardavão, e os trazião a pascer, os quaes veados todos erão mancos da mão direita para não poderem fugir, a qual manqueira lhe fazem em pequenos por correrem menos perigo.

Vimos tambem muitos curraes em que criavão grande somma de gozos para venderem aos merchantes, porque toda a sorte de carnes se come n'esta terra, e pelos talhos e preços se sabe de que sorte é.

Vimos mais muitas barcaças cheias de leitões, e outras cheias de kágados, rãs, lontras, cobras, enguias, caracóes e lagartos, porque tudo, como digo, se compra

para se comer. E porque as cousas d'esta qualidade são de menos preço, se permitte aos que tratão n'ellas tratarem em muitas sortes d'ellas, porque a tudo se tem respeito; comtudo se fazem certas franquezas mais n'umas cousas que em outras, porque não falte quem venda tudo.

E já que a occasião do que vou tratando me dá licença para fallar de tudo, direi o que mais vimos, e de que nos não espantámos pouco, por vermos de quão baixas e quão immundas cousas lança mão a cobiça dos homens para seu proveito, e isto é que vimos outra muita gente que trata em comprar e vender o esterco dos homens, o qual entre elles não é tão má veniaga, que não haja muitos mercadores d'ella muito honrados e ricos, e este esterco serve para estercar as sementeiras em terras alquevadas de novo, porque achão que é me lhor que o de que commummente se usa.

E os que comprão isto andão pelas ruas tangendo em umas taboinhas como quem pede para S. Lazaro, e assim declarão o que querem comprar, porque não deixão de entender quão sujo é seu nome proprio, e quão máo para se apregoar pelas ruas.

E é tão boa esta veniaga entre elles, que ás vezes se vê n'um porto de mar entrarem n'uma maré duzentas e trezentas velas a carregar d'ella, como n'esta nossa terra entrão urcas a carregar de sal, e ainda se lhe dá muitas vezes por repartição de almotaçaria, conforme á falta que ha d'ella na terra, e por ser este esterco tão excel-

lente para as sementeiras, dá esta terra da China tres novidades cada anno.

Vimos tambem muitas embarcações carregadas de cascas de laranjas seccas, que servem para nas tavernas se cozerem com a carne do cão, para lhe tirar o máo cheiro que de si tem, e seccar-lhe a humidade, e fazêl-a mais tesa.

Vimos tambem (como já disse) por este rio acima muitos vancões, lanteas, e barcaças carregadas de quantos mantimentos a terra e o mar podem produzir, e isto em tanta abundancia, que realmente affirmo que não sei como nem com que palavras o possa contar, porque não se ha de imaginar que ha d'estas cousas a quantidade que ha n'estas terras que por cá se sabem, senão de cada cousa d'estas por si ha duzentas, trezentas embarcações, principalmente nos chandêos e feiras que se fazem nos dias dos seus pagodes, em que tudo é franco pelo grande concurso de gente que n'ellas se ajunta, e as casas d'estes pagodes todas ou a maior parte d'ellas estão situadas á borda do rio para que o carreto das cousas fique menos trabalhoso, e ellas fiquem mais nobres e mais abastadas.

E quando estas embarcações se ajuntão n'estas feiras, se ordena d'ellas uma cidade muito grande e muito nobre, que ao longo da terra toma comprimento de mais de uma legua, e quasi de um terço de largo, em que ha mais de vinte mil embarcações, afóra balões, e guedees, e manchuas, que não têm conto, por serem em-

barcações muito pequenas, e em que a gente negoceia.

N'esta cidade, por ordem do aitao da Batampina, que, como já disse, é o supremo presidente sobre todos os trinta e dous almirantes dos trinta e dous reinos d'esta monarchia, ha sessenta capitães, trinta do governo da republica d'esta cidade, e que têm cargo de a pôrem por sua ordem, e ouvirem as partes de sua justiça, e outros trinta para guarda dos mercadores que vêm de fóra, porque naveguem seguramente, e sem receio de ladrões, e sobre estes todos ha um chaem, que na jurisdicção do civil e crime tem mero e mystico imperio, sem appellação nem aggravo.

E nos quinze dias que estas feiras durão, que é a da lua nova até a cheia, é mais para ver a policia, o concerto, e a nobreza d'esta cidade, que está fabricada no rio em embarcações, que quantos edificios ha na terra, porque n'ella se vêm duas mil ruas muito compridas e muito direitas, fechadas todas com embarcações de uma parte e da outra, e as mais d'ellas com toldos de seda, e muitos estandartes, guiões, e bandeiras, e varandas pintadas de diversas pinturas, em cima das quaes se vendem todas as cousas quantas se podem desejar, n'outras ha todos os officiaes mecanicos de quantos officios ha nas republicas, e pelo meio corre a gente que negoceia em umas manchuas pequenas, muito pacificamente, sem estrondo nem rebuliço nenhum. E se acaso se acha ladrão que furtasse alguma cousa, logo na mesma hora é castigado conforme ao delicto que commetteu.

Tanto que é noite se fechão todas estas ruas com cordas que se atravessão de umas ás outras, para que ninguem passe depois do sino ser corrido.

Em cada rua d'estas ha dez, doze lanternas acesas, postas em cima dos mastros, para que se veja quem passa de noite, quem é, para onde vai, e o que busca, para que pela manhã se dê razão de tudo ao chaem, e esta quantidade de luminarias, vista assim juntamente de noite, é a mais formosa cousa e mais para ver que quantas se podem imaginar.

Em cada rua d'estas ha um sino de vigia, e quando se toca o da embarcação do chaem, respondem os outros todos a elle com tamanho estrondo de vozes, que nós ficámos pasmados de ouvir uma cousa quiçá nunca imaginada dos homens, e de tanto concerto, e tão bom regimento.

Em cada uma d'estas ruas, até nas mais pobres, ha casas de oração, fabricadas sobre grandes barcaças, como galés, e muito limpas e bem concertadas, com toldos cosidos em ouro, que servem de capella onde está o idolo, com seus sacerdotes que ministrão os sacrificios que a gente do povo offerece, de que todos têm assaz larga comedia das offertas e esmolas que lhes dão continuamente.

A cada homem honrado, ou mercador principal d'estas ruas nobres lhe cahe por distribuição uma noite de vigia com certos homens de sua quadrilha, afóra os trinta capitães do governo que roldão por fóra em balões muito bem esquipados, porque não escape ladrão em nenhuma parte, os quaes sempre andão bradando para que sejão ouvidos.

Entre algumas cousas notaveis que aqui vimos, foi uma rua de mais de cem embarcações carregadas de idolos de páo dourados de muitas sortes que se vendião para se offerecerem nos pagodes; e afóra isto, pés, e pernas, e braços, e cabeças, que homens doentes compravão para offerecerem por sua devoção.

Ha tambem outras embarcações toldadas de seda, em que se fazem muitas farças, e muitos jogos de diversas maneiras, a que muita gente do povo concorre para seu passatempo.

Ha outras em que se vendem lettras de cambio para se passar dinheiro da terra para o céo, de que estes sacerdotes de Satanaz lhes promettem muitos ganhos e interesses, e lhes affirmão que sem estes cambios se não podem salvar por nenhuma via, visto ser Deos mortal inimigo dos que não dão esmola aos pagodes, e d'isto lhes dizem tantas mentiras, e lhes prégão tantas patranhas, que os coitados deixão muitas vezes de comer por lh'o darem.

Ha outras embarcações carregadas de caveiras de defuntos em muita quantidade, que homens comprão para que quando algum morre lh'as levem por offerta diante da tumba, porque dizem que assim como aquelle defunto vai á cova acompanhado d'aquellas caveiras, assim a sua alma ha de entrar no céo acompanhada das esmolas d'aquelles cujas forão aquellas caveiras, porque quando o porteiro do paraiso o vir lá com muitos criados, lhe fará honra como a homem que cá n'esta vida foi senhor

de todos aquelles, porque se fôr pobre e não fôr acompanhado, não lhe abrirão, e quanto um mais caveiras leva, tanto se julga por mais bemaventurado.

Ha tambem outras embarcações em que os homens trazem grande somma de gaiolas com passarinhos vivos, e tangendo com instrumentos musicos dizem em voz alta á gente que os ouve, que libertém aquelles captivos que são creaturas de Deos, a que muita gente acode a lhes dar esmola com que resgata d'aquelles captivos os que cada um quer, e os lança logo a avoar, e toda a gente dando uma grande grita lhes diz: pichau pitanel catão vocaxi, que quer dizer: dize lá a Deos como cá o servimos.

Ha outros homens que n'outras embarcações trazem grandes panellas cheias d'agua, em que trazem muitos peixinhos vivos que tomão nos rios n'umas redes de malhas muito miudas, e tambem pela mesma maneira vêm bradando que libertem aquelles captivos por serviço de Deos, que são innocentes que nunca peccárão, a que tambem a gente dando sua esmola, comprão d'aquelles peixinhos os que querem, e os tornão logo a lançar no rio, dizendo: vai-te embora, e lá dize de mim este bem que te fiz por serviço de Deos. E estas embarcações em que estas cousas se trazem a vender não se hão de contar por menos somma que de cento e duzentas para cima, e outras muitas de outras cousas em muito maior quantidade.

CAPITULO XCIX

Das mais cousas que vimos n'esta cidade, e de outras algumas que ha na China em outras partes.

Vimos tambem umas barcaças em que vêm homens e mulheres tangendo em varios instrumentos para darem musicas a quem os quizer ouvir, e só por isso vêm a ser muito ricos.

Ha tambem outros homens que trazem as embarcações carregadas de cornos que os sacerdotes vendem para se darem banquetes no céo, os quaes dizem que forão de animaes que se offerecêrão em sacrificios aos idolos por devoções e votos que homens fizerão por infortunios em que se achárão, ou por enfermidades que tiverão, porque dizem que assim como a carne d'aquelles animaes se deu cá aos pobres da terra pelo amor de Deos, assim tambem a alma d'aquelle por quem se offerece aquelle corno, come no outro mundo a alma d'aquelle mesmo animal cujo foi aquelle corno, e convida outras almas suas amigas, como cá na terra os homens costumão fazer uns aos outros.

Vimos tambem muitas embarcações toldadas de dó, com suas tumbas, e tochas, e cirios, e mulheres que chorão por dinheiro, para enterrarem a gente que morre quão honradamente cada um quizer ir acompanhado ou chorado.

Ha outros que se chamão pitaleus, que trazem em bar-

caças muito grandes, muitas invenções de animaes bravos muito para ver e temer, em que entrão cobras, serpentes, lagartos muito grandes, tigres, bichos, e outros muitos animaes de diversas maneiras, que tambem com tangeres e bailes mostrão por dinheiro.

Ha outros que trazem grande somma de livros que contão historias e dão relação de tudo o que se quer saber, assim da creação do mundo, em que dizem infinita mentiras, como das terras, reinos, ilhas e provincias que ha no mundo, e das leis e costumes de cada uma d'ellas, principalmente dos reis da China quantos forão, e o que fizerão, e os que fundárão as terras e as cidades, e as cousas que acontecêrão em cada um dos tempos. Estes fazem tambem petições e cartas, e dão conselhos como procuradores, e outras cousas a este modo, com que tambem ganhão muito bem a sua vida.

Ha outros que pelo mesmo modo vêm n'umas embarcações muito ligeiras e com homens armados apregoando em altas vozes, que quem se quizer satisfazer de quem o affrontou ou injuriou que venha alli fallar com elles, e será logo restituido em sua honra.

Ha tambem outras embarcações em que vêm grande somma de mulheres velhas que servem de parteiras, e dão mesinhas para botarem as crianças, e fazerem parir ou não parir.

Ha outras embarcações em que vem grande somma de amas para criarem engeitados, e outras crianças, pelo tempo que cada um quizer.

Vimos tambem outras embarcações muito bem concertadas em que vêm homens honrados e de muita autoridade com suas mulheres de aspecto grave e honroso, que servem de corretores de casamentos, e consolar mulheres anojadas por mortes de maridos e filhos, e outras cousas d'esta maneira.

Ha tambem outras embarcações em que vem grande somma de cristaleiras, de que muitas não são mal assombradas.

Ha tambem outras embarcações em que vem grande somma de moços e de moças para se darem a soldada á quem as houver mister, com suas fianças seguras.

Ha tambem outros homens mais graves a que chamão mongilotos, que comprão demandas de cousas civis e crimes, e comprão tambem escripturas e posses antigas, e conhecimentos de cousas sonegadas por aquillo em que se concertão com as partes.

Ha outros que vêm n'outras embarcações, que curão de boubas com darem suadouros, e curão tambem chagas e fistulas incuraveis.

E emfim por não me deter mais em particularisar todas as cousas que aqui se achão n'esta cidade, porque será não poder dar fim a esta historia, direi sómente que não ha ahi cousa de quantas na terra se possão pedir nem desejar, que n'estas embarcações se não achem por este tempo, em muito maior quantidade do que tenho dito.

E das mais cidades e villas, e lugares que pela terra estão situados não quero aqui dizer nada, porque pel-

d'este rio se julgará o mais, que tudo se parece um com o outro. E uma das cousas, antes a principal, porque esta monarchia da China, que contém em si trinta e dous reinos, é tão nobre, tão rica, e de tão grande trafego e commercio, é porque é toda lavrada de rios e esteiros de admiravel feição, muitos que a natureza fez, e muitos que os reis, os senhores, e os povos antigamente mandárão abrir, para que toda a terra se pudesse navegar e communicar sem trabalho, dos quaes os mais estreitos têm pontes muito altas, e compridas e largas, de cantaria muito forte, feitas ao modo das nossas, e alguns que uma só pedra os atravessa de uma parte á outra, de oitenta, noventa, e de cem palmos de comprido, e de quinze e vinte de largo, cousa certo digna de grandissimo espanto, e que quasi se não deixa entender como uma tamanha pedra se possa assim inteira arrancar da pedreira, nem mover-se d'ella para se pôr no lugar onde estava.

Todos os caminhos e serventias das cidades, villas, lugares, aldêas e castellos, são de calçadas muito largas, feitas de muito boa pedraria, com columnas e arcos nos cabos d'ellas de muito rico feitio, com lettreiros de lettras douradas, em que estão escriptos grandes louvores dos que as mandárão fazer, e de uma banda e da outra têm poyaes de muito custo para descansarem os caminhantes e gente pobre, e têm muitos chafarizes e fontes d'agua muita boa, e em lugares estereis e pouco povoados, têm mulheres solteiras, que de graça dão entrada á

gente pobre que não tem dinheiro; e este abuso, e abominação, a que elles chamão obra de misericordia, deixárão defuntos em capellas para descargo de suas almas, com terras, rendas, e fóros applicados a estes males, que elles têm para si que são bens.

Houve tambem outros defuntos, que deixárão rendas para que nos despovoados e nas charnecas haja casas em que se tenhão grandes luminarias de noite, para que os que caminhão não percão o tino de suas jornadas, e haja tambem vasilhas com agua para elles beberem, e casas para descansarem. E para não haver n'isto falta, se buscão pessoas a que dão muito bons ordenados, as quaes se obrigão a terem estas cousas sempre muito bem preparadas, da mesma maneira que o instituidor o deixou ordenado por sua alma.

D'estas grandezas que se achão em cidades particulares d'este imperio da China, se póde bem colligir qual será a grandeza d'elle todo junto, mas para que ella fique ainda mais clara, não deixarei de dizer (se o meu testemunho é digno de fé) que nos vinte e um annos que durárão os meus infortunios, em que por varios accidentes de trabalhos que me succedião atravessei muita parte da Asia, como n'esta minha peregrinação se póde bem ver, em algumas partes vi grandissimas abundancias de diversissimos mantimentos que não ha n'esta nossa Europa, mas em verdade affirmo que não digo eu o que ha em cada uma d'ellas, mas nem o que ha em todas juntas vem á comparação com o que ha d'isto na

China sómente. E a este modo são todas as mais cousas de que a natureza a dotou, assim na salubridade e temperamento dos ares, como na policia, na riqueza, no estado, nos apparatos e nas grandezas das suas cousas, e para dar lustro a tudo isto, ha tambem n'ella uma tamanha observancia da justiça, e um governo tão igual e tão excellente, que a todas as outras terras póde fazer inveja, e a terra a que faltar esta parte, todas as outras que tiver, por mais alevantadas e grandiosas que sejão, ficão escuras e sem lustro. E quando alguma vez me ponho a cuidar no muito que vi d'isto nas partes da China, por uma parte me causa grandissimo espanto, ver com quanta liberalidade Nosso Senhor partio com esta gente dos bens da terra, e por outra me causa grandissima dôr e sentimento ver quão ingrata ella é a tamanhas mercês, pois ha entre ella tantos e tamanhos peccados com que continuamente o offende, assim os das suas bestiaes e diabolicas idolatrias, como tambem o da torpeza do peccado nefando, porque este não sómente se permitte entre elles publicamente, mas por doutrina dos seus sacerdotes o têm por virtude muito grande. E das particularidades que ha n'isto se me perdôe não fallar aqui mais largo, porque nem o entendimento christão o soffre, nem a razão consente que se gaste tempo e palavras em cousas tão torpes, tão brutas e tão abominaveis.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS C ATÉ CIV

Chegados a Pekim são mettidos n'uma prisão chamada Gofanjauserca, na qual de boa entrada lhes dão logo trinta açoutes. Entregão a carta de recommendação aos tanigores. Estes obtêm revista do processo, que, depois de seis mezes e meio, é sentenciado com todas as ceremonias usadas nos grandiosos tribunaes d'aquelle imperio, sahindo o promotor da justiça condemnado em suspensão do officio, vinte taeis para os presos, e seremlhe riscadas nos autos as suas razões pela cruel injustiça com que solicitára a morte d'aquelles innocentes, os quaes, por se lhes não ter provado seu crime, e por misericordia, são absoltos, condemnados comtudo para as obras de Quansy, onde trabalhárão por seu mantimento; a sentença é dada aos 9 dias da setima lua dos 15 annos da coroação do filho do sol. D'estes doze mezes quatro lhes são remettidos por esmola d'el-rei. Os mesmos tanigores os vão recommendar ao monteo, ou governador, que vai partir para o lugar onde é o desterro. O monteo os recebe com toda a caridade; os hospeda em sua casa pelo amor de Deos, e lhes promette que dos trabalhos que na prisão de Quansy fizerem, hão de ser pagos por elle da fazenda d'el-rei.

CAPITULO CV·

De alguma pequena informação d'esta cidade de Pekim, onde o rei da China reside de assento.

Antes que conte o que passámos d'aqui por diante depois que nos embarcámos com este Chim, que nos levava a seu cargo, e nos dava boas esperanças de termos liberdade, me pareceu conveniente dar alguma pequena informação d'esta cidade de Pekim, e de algumas cousas que n'ella notei, assim da abastança, policia e grandeza d'ella, como do regimento e grande governo da sua justiça, e o admiravel modo que têm no provimento de toda a republica, e por que maneira se pagão os serviços dos que jubilão na guerra, conforme aos estatutos d'ella, e outras cousas semelhantes a estas, ainda que confesso que me falta o melhor, que é saber e engenho para dar a entender o clima em que esta cidade jaz, e a altura dos gráos em que está, que é cousa que eu cuido que os doutos e curiosos desejaráõ de saber.

Mas como meu intento (como já atrás tenho dito) não foi outro senão deixar isto a meus filhos por carta de A B C para aprenderem a ler por meus trabalhos, não me deu muito escrevêl-o assim toscamente como eu o soube fazer, porque entendo que o melhor d'estas cousas é tratal-as eu da maneira que a natureza me ensinou,

sem buscar circumloquios nem palavras alheias com que apontoasse a fraqueza do meu rude engenho, porque temi que se isto fizesse me tomassem com o furto nas mãos, e se dissesse por mim o rifão commum, d'onde veio a Pedro fallar gallego.

Mas já que me é forçado tratar d'isto, para cumprir o que atrás deixo promettido, digo que esta cidade que nós chamamos Pakim, a que os seus naturaes chamão Pekim, por ser este o seu primeiro nome, está situada em altura de quarenta e um gráos da banda do norte, tem os seus muros de circuito, segundo os Chins nos affirmárão, e eu depois vi n'um livrinho que trata das grandezas d'ella, que se chama Aquesendoo, que eu trouxe a este reino, trinta leguas, dez de comprido e cinco de largo, e outros affirmão que tem cincoenta, dezesete de comprido e oito de largo.

E já que os que tratão d'ella varião n'isto tanto, como é dizerem uns trinta, e outros cincoenta leguas, quero eu declarar a causa d'esta duvida conforme ao que vi por meus olhos. Quanto ao como ella agora está povoada de casaria muito nobre, terá de circuito as trinta leguas que dizem, e está cercada toda de duas ordens de muros muito fortes, com infinidade de torres e baluartes ao nosso modo, mas por fóra d'esta cerca, que é a da propria cidade, vai outra de muito maior comprimento e largura, que os Chins affirmão que antigamente fôra toda povoada, o que agora não é, mas tem sómente muitas aldêas e povoações divididas umas das outras, com

muita quantidade de quintans ao redor muito nobres, em que entrão mil e seiscentas que têm muita vantagem de todas as outras, as quaes são aposentos dos procuradores das mil e seiscentas cidades e villas notaveis dos trinta e dous reinos d'esta monarchia, que quando chamão a côrtes, se ajuntão n'esta cidade cada tres annos sobre o governo do proveito commum, como adiante se dará relação.

Por fóra d'esta grande cerca, a qual, como digo, corre por fóra de toda a cidade, estão em distancia de tres leguas de largo, e sete de comprido, vinte e quatro mil jazigos de mandarins, que são umas capellas pequenas, cosidas todas em ouro, as quaes têm todas adros fechados em roda com grades de ferro e de latão feitas ao torno, e as entradas que têm, são uns rcos de muito custo e riqueza. Junto a estas capellas tem aposentos muito grandes, com jardins e bosques espessos de grande arvoredo, e muitas invenções de tanques, e fontes, e bicas d'agua. E as paredes das cercas são forradas por dentro de azulejos de porcellana muita fina, e por cima pelos espigões têm muitos leões com bandeiras douradas, e nos cantos das quadras, coruchéos muito altos de diversas pinturas. Tem mais quinhentos aposentos muito grandes, que se chamão casas do filho do sol, onde se recolhem todos os que aleijárão na guerra em serviço d'el-rei, e afóra estes outros muitos que por serem velhos ou doentes deixárão tambem a guerra, e se aposentárão. E a cada um de todos estes se dá um tanto por

cada mez para seu mantimento, os quaes, segundo os Chins nos affirmárão, chegavão á cópia de cem mil, porque em cada um d'estes aposentos dizião elles que havia duzentos homens. Vimos mais uma rua de casas terreas muito comprida, onde pousavão vinte e quatro mil remeiros, que são os das panouras d'el-rei.

Vimos outra rua do mesmo modo de mais de uma grande legua de comprimento, onde pousavão quatorze mil taverneiros, que são os da côrte, e outra rua pela mesma maneira, onde havia infinidade de mulheres solteiras, privilegiadas do tributo que pagão as da cidade, por serem tambem da côrte, muitas das quaes fugírão a seus maridos, por andarem n'esta desaventura, e se elles por isso lhes fizerem algum mal, têm muito grande pena, porque ellas têm alli seguro do tutão da côrte, que é o supremo em todas as cousas que tocão á casa do rei. Vivem tambem n'esta cerca todos os mainatos que lavão roupa a toda a cidade, que, segundo nos affirmárão, passão de cem mil, por haver aqui grandes rios, e ribeiras de agua, com infinidade de tanques muito fundos, e lagos fechados todos de cercas de cantaria muito forte, e de lageas muito primas e bem lavradas. Tem mais o vão d'esta grande cerca, segundo conta este Aquesendoo, mil e trezentas casas nobres, e de officinas de muito custo, de mulheres e de homens religiosos que professão as quatro leis principaes do numero das trinta e duas que ha n'este imperio da China, das quaes casas dizem que algumas têm das portas a dentro

passante de mil pessoas, afóra os servidores que ministrão de fóra o necessario para a sustentação d'ellas.

Vimos mais outra grande quantidade de casas que têm edificios muito grandes e nobres, com grandes cercas, em que ha jardins e bosques espessos, onde se acha toda a maneira de montaria e caça quanta se póde desejar, as quaes casas nobres são como estalagens, onde concorre de continuo muita infinda gente, assim a comer, como a ver autos, farças, jogos, touros, lutas, e banquetes esplendidos, que tutões, chaens, conchacys, aytaos, bracalões, chumbins, monteos, lauteás, e outros muitos senhores, capitães, mercadores, e gente nobre e rica, alli vão dar a seus amigos e parentes, com grande apparato de muitos porteiros de maças de prata, e baixellas ricas, com todo o serviço de peças de ouro. E alli se achão camaras, onde ha leitos de prata e doceis de brocado.

E todo o serviço se faz com moças virgens muito formosas, e muito ricamente vestidas. E não é muito ser isto assim, e muito mais sem comparação, segundo o grande apparato e grandeza que vimos em algumas d'estas casas. E os Chins nos affirmão que ha banquete que dura dez dias á charachina, o qual na largueza, e grande apparato e pompa com que se faz, nos ministros e servidores, nas musicas, nos passatempos de pescarias, de caças, de montarias, de jogos, de farças, de autos, e de desafios de gente de pé e de cavalho, faz de custo mais de vinte mil taeis.

Estas estalagens têm de fabrica mais de um conto de ouro, que sustentão companhias de mercadores muito ricos, que por via de trato e mercancia mettem aqui seu dinheiro, em que se diz que ganhão muito mais que em o aventurarem por mar.

E está isto já tão taxado e com tanta ordem, que quando uma pessoa quer fazer algum grande gasto, se vai ao xipatom da casa, que é o principal d'ella, e dando-lhe conta do que determina, elle lhe mostra um livro todo repartido em capitulos, do regimento e modo dos banquetes, no qual se lhe declara o que se dá em cada um d'elles, e como, e de que maneira se serve, para elle d'alli escolher á sua vontade, o qual livro eu algumas vezes vi e ouvi ler, e se chama Pinatoreu.

E no introito d'elle, logo nos primeiros tres capitulos, trata dos banquetes com que Deos se ha de convidar, e que preço têm. E d'alli por descendencia vem logo ter ao rei da China, que na terra e no governo d'ella dizem que assiste por especial graça do céo, por presidente sobre todos os reis que ha n'ella. E do rei da China para baixo, fallando já humanamente, trata do banquete dos tutões, que são as dez dignidades supremas no mando sobre todos os quarenta chaens do governo, que são vice-reis, e aos tutões chamão resplandores do sol, porque dizem elles que assim como o rei da China é filho do sol, assim os tutões que o representão se podem chamar resplandores que procedem d'elle, assim como os raios que o sol lança.

Mas deixando agora estas brutalidades gentilicas, que trazem por pratica, de uma só cousa tratarei aqui particularmente n'esta materia, que é das iguarias que dizem que se hão de dar no banquete em que se convida a Deos, de que a alguns d'elles vi usar muito á lettra, inda que por falta de fé suas obras lhes hão de aproveitar pouco.

CAPITULO CVI

Do regimento que se tem no dar dos banquetes nas estalagens notaveis, e do estado que traz o chaem dos trinta e dous estudos.

Este livro que trata do regimento dos banquetes, a primeira cousa de que falla no seu introito, como já disse, é do banquete que na terra se ha de dar a Deos, e fallando d'elle diz d'esta maneira:

« Todo o banquete, por muito custoso que seja, se satisfaz com um certo preço de dinheiro, ou menos ou mais, conforme ao que o que convida quer alargar a mão, de maneira que a paga d'elle se contribue com dinheiro, sem d'ahi ficar mais ao que convidou por premio de todo o seu gasto que louvor dos lisongeiros, e murmuração dos ociosos, pelo que te aconselho, irmão, diz o introito do livro, que gastes antes o teu com ban-

queteares a Deos nos seus pobres, e proveres secretamente os filhos dos bons, porque se não percão por falta do muito que te a ti sobeja, e lembre-te a vil materia de que teu pai te gerou, e a muito mais vil em que tua mãi te concebeu, e verás de quanto menos quilates és que todo o outro genero de animal bruto, que sem distincto de razão se move a qualquer effeito a que a inimiga carne o convida. E já que queres, como homem, convidar teus amigos que amanhã não serão, convida como bom e fiel os pobres de Deos, a cujos necessitados gemidos se elle compadece como pai piedoso, e com promessas de satisfação infinita na casa do sol, onde temos por fé que os seus o possuirão com grande alegria. »

E após estas e outras muitas palavras dignas de serem notadas, que por regimento da casa lhe diz um sacerdote, o xipatom, que é, como disse, o principal sobre todos os outros que governão este grande labyrintho, lhe mostra os capitulos de todo o livro, começando dos mais illustres até o mais baixo, e lhe diz que veja a que genero de homem ou de senhor quer convidar, e quantos hão de ser os convidados, e quantos dias quer que dure o banquete, porque os reis e tutões têm no banquete que se lhes dá taes iguarias, e tantos servidores, e tal apparato, e em taes casas, e com taes baixellas, e tantos ministros, e cavallos a destro, e tantos dias de caça, ou montaria, o qual lhe ha de custar tanto dinheiro, sem lhe faltar nenhuma cousa. E se tambem quer o banquete de menos custo, lhe mostra n'outro capitulo os

banquetes que se dão aos chaens, aitaos, ponchacys, bracalões, anchacys, conchalins, lauteás, ou capitães, ou mercadores ricos, porque toda a outra mais gente d'aqui para baixo não tem que fazer mais que assentar-se á mesa e comer a pasto, da maneira que quer, e ir-se embora, de que continuamente ha cincoenta, sessenta casas cheias de todo o genero de homens e mulheres a que servem outros ministros mais baixos.

E n'isto, como digo, ha muito que ver, assim nas casas e no ornamento e concerto d'ellas, como nas cozinhas, despensas, açougues, enfermarias, dormitorios, estrebarias, salas, páteos, camaras, e casas separadas com leitos ricos, e grandes baixellas, e mesas postas com suas cadeiras sem haver mais que assentar e comer. Ha outras casas onde se dão musicas com todas as harpas e violas d'arco, descantadas com doçainas, frautas, orlos, sacabuxas, e outras muitas differenças de instrumentos de musica que não ha entre nós.

E d'isto tudo é tanta a abundancia, que se o banquete é de mulheres, como muitas vezes se acontece, tambem o serviço pela mesma maneira é de mulheres, e de moças virgens muito formosas, e muito ricamente vestidas, em tanto que por serem ellas estas, se casão aqui com ellas muitas vezes muitos homens nobres. De modo que para concluir já o que d'estas estalagens quiz dizer assim em somma, de todo o dinheiro que se gasta n'estes banquetes se tira a quatro por cento, de que o xipatom dá os dous, e os que dão os banquetes os outros dous,

para sustentação da mesa dos pobres, que se dá aqui pelo amor de Deos a todo o genero de pessoa que se quizer assentar a ella, e se lhe dá casa e cama muito limpa e bem concertada, por tempo de tres dias sómente, salvo se é mulher prenhe, ou enfermo que não possa caminhar, aos quaes se dá gasalhado mais tempo, porque a tudo se tem respeito, conforme á necessidade que se offerece.

Vimos mais aqui n'esta cerca de fóra (que, como já disse, cinge toda est'outra cidade) em distancia de mais tres leguas de largo, e sete de comprido, trinta e dous aposentos muito grandes, apartados uns dos outros pouco mais de tiro de falcão, que são os estudos das trinta e duas leis que ha nos trinta e dous reinos d'este imperio, em cada um dos quaes estudos, segundo a grande quantidade de gente que vimos n'elle, deve de haver mais de dez mil estudantes, e o mesmo Aquesendoo, que é o livro que trata d'estas cousas, os orça todos por junto em numero de quatrocentos mil.

E afóra estes aposentos ha outro muito maior e mais nobre, separado por si, que terá quasi uma legua em roda, em que se vêm habilitar todos os que se hão de agraduar, assim no sacerdocio, como nas leis do governo do reino, no qual assiste um chaem da justiça, a quem os maioraes dos outros estudos obedecem, que se chama por dignidade suprema o xileyxitapou, que quer dizer senhor de todos os nobres.

Este chaem, por ser mais honrado que todos os outros,

traz um estado tão grandioso como qualquer tutão, porque traz trezentos mogores de guarda, e vinte e quatro porteiros de maças, e trinta e seis mulheres em facas brancas com jaezes de prata, e gualdrapas de seda, tangendo em instrumentos suaves, e cantando a elles, com que fazem musica a seu modo muito bem concertada, e vinte cavallos a destro em osso com suas cobertas de brocado, e de tela de prata, e o pescoço todo guarnecido do mesmo, e com bocaes de campainhas de prata, e junto com cada um d'elles vão seis alabardeiros, e quatro homens da estribeira, muito bem concertados, e diante de todo este apparato vão mais de quatrocentos upos, com grande somma de cadêas de ferro muito compridas, que vão arrojando pelo chão, com uma desordem e um estrondo tão medonho, que fazem tremer as carnes a toda a pessoa, e vão doze homens a cavallo, que se chamão peretandas, com sombreiros de setim carmesim nas mãos, a modo de esperavéis postos em hasteas muito compridas, e outros doze com bandeiras de damasco branco, com suas franjas e rendas de ouro muito largas. Detrás de tudo isto vem o chaem assentado n'um carro triumphal, e derredor d'elle vêm sessenta conchalins, e chumbins, e monteos da justiça, que são como entre nós desembargadores, e chançareis, e corregedores, os quaes todos vão a pé com seus treçados de chaparia de ouro ás costas, e os ministros mais baixos que estes, como são escrivães, contadores, meirinhos, e inquiridores, vão diante de todo este tumulto, dando grandes brados para

que a gente do povo se recolha para suas casas, porque fique a rua despejada sem apparecer pessoa viva, e na reçaga de todo este estado, vêm os requerentes e solicitadores, tambem a pé. E junto da pessoa d'este chaem ou tutão (que ambos estes nomes lhe podem caber) vão dous meninos a cavallo, um á mão direita, e outro á esquerda, iguaes com elle, muito ricamente vestidos, e com suas insignias nas mãos, que significão a justiça e a misericordia; o da mão direita, que significa a misericordia, vai vestido de branco, e o da mão esquerda, que significa a justiça, vai vestido de encarnado. E as cavalgaduras em que vão estes meninos tambem levão suas gualdrapas do mesmo de que elles vão vestidos, e as guarnições e jaezes d'ellas são de ouro, com uma rede por cima de prata tirada pela fieira, que lhe cobre todas as ancas; derredor de cada um d'estes meninos vão seis moços de até quinze annos, com suas maças de prata, de maneira que não ha pessoa que isto veja, que por uma parte lhe não tremão as carnes de medo, e por outra não fique pasmada da grandeza e magestade que isto representa.

E por me não deter já mais nas cousas d'esta grande cerca, deixarei de contar outras muitas que n'ella vimos, assim de edificios nobres e ricos, como de templos de seus pagodes, e pontes armadas sobre columnas de pedra muito grossas, e caminhos todos calçados de lageas muito primas, e todos muito largos e bem acabados, e muito compridos, e que de uma banda e da outra têm suas grades de ferro muito bem feitas, porque das cou-

sas que já tenho dito se poderá colligir quaes são as que deixo por dizer, pois todas se parecem umas com as outras.

E tratarei agora o mais brevemente que puder de alguns edificios que vi dentro na cidade, e principalmente de quatro, que por me parecerem mais grandiosos, os notei com mais curiosidade, e de outras cousas particulares que ha n'ella dignas de serem notadas.

EXTRACTO

DO

CAPITULO CVII

Tem mais esta grande cidade dos muros para dentro, segundo os Chins nos affirmárão, tres mil e oitocentas casas dos seus pagodes, em que continuamente se sacrifica uma muito grande quantidade de aves, e de animaes silvestres, dando por razão que aquelles são mais aceitos a Deos que os outros domesticos que a gente cria em casa, e para isto dão os sacerdotes muitas razões ao povo, com que o persuadem a terem esta abusão por artigo de fé. D'estes pagodes que digo, ha muitos edificios muito sumptuosos, principalmente os das religiões em que vivem os menigrepos, e conquiais, e talagrepos, que são

os sacerdotes das quatro seitas de Xaca, e Amida, e Gizom, e Canom, as quaes precedem por antiguidade ás outras trinta e duas d'este diabolico labyrintho em que o demonio se lhes mostra algumas vezes em diversas figuras, para os fazer dar mais credito a estes seus enganos e falsidades. As ruas ordinarias d'esta cidade são todas muito compridas e largas, e de casaria muito nobre, de um até dous sobrados, fechadas todas de uma banda e da outra com grades de ferro, e de latão, com suas entradas para os beccos que n'ellas entestão, e nos cabos de cada uma d'estas ruas estão arcos com portas muito ricas que se fechão de noite, e no mais alto d'estes arcos têm sinos de vigia. Cada rua d'estas nobres tem seu capitão e quadrilheiros que roldão a quartos, e a cada dez dias são obrigados a irem dar relação á camara do que passa n'ellas, para os ponchacys ou chaens do governo proverem no que succedeu, conforme á justiça.

Tem mais esta grande cidade, segundo conta este livro, com que tenho allegado muitas vezes, que trata só das grandezas d'ella, cento e vinte esteiros que os reis e povos antigamente fizerão, de tres braças d'agua de fundo, e doze de largo, os quaes todos atravessão toda a largura e comprimento da cidade, com grande somma de pontes feitas sobre arcos de pedraria muito fortes, e nos cabos, columnas com suas cadêas atravessadas, e poyaes com encosto para a gente descansar. E estas pontes que estão n'estes cento e vinte esteiros se

affirma que são mil e oitocentas, e todas a qual melhor, e mais rica, assim no feitio como em tudo o mais que se vê.

Affirma tambem este livro, que tem cento e vinte praças nobres, em cada uma das quaes se faz cada mez uma feira, que feita a conta ao numero d'ellas, sahe a quatro feiras por dia em todo o anno, das quaes, nos dous mezes que aqui andámos em nossa liberdade, vimos algumas dez ou doze em que havia infinita gente, assim de pé como de cavallo, que n'umas caixas como de bufarinheiros vendião quantas cousas se podem nomear, afóra as tendas ordinarias dos mercadores ricos, que em suas ruas particulares estavão postos por muita boa ordem, e com tanta quantidade de peças de sedas, brocados, telas, e roupas de linho, e de algodão, e de pelles de martas, e arminhos, e de almiscar, aguila, porcellanas finas, peças de ouro e de prata, aljofar, perolas, ouro em pó e em barras, que nós os nove companheiros andavamos como pasmados.

Pois, se quizer fallar particularmente de todas as mais cousas de ferro, aço, chumbo, cobre, estanho, latão, coral, alaqueca, crystal, pedra de fogo, azougue, vermelhão, marfim, cravo, noz, maça, gengivre, canella, pimenta, tamarinho, cardamomo, tincal, anil, mel, cêra, sandalo, assucar, conservas, mantimento de frutas, farinhas, arrozes, carnes, caças, pescados, hortaliças, d'isto tudo havia tanto, que parece que faltão palavras para o encarecer.

Affirmárão-nos tambem estes Chins que tem esta cidade cento e sessenta casas de açougues ordinarios, em cada uma das quaes havia cem talhos de todas as carnes quantas se crião na terra, porque de todas esta gente come, vitela, carneiro, bode, porco, cavallo, bufaro, bada, tigre, leão, cão, mulato, burro, zevra, anta, lontra, texugo, e finalmente todo o animal a que se póde pôr nome, e em cada talho está logo limitado o preço de cada cousa d'estas. E além do peso que tem cada merchante por onde pesa, estão mais a cada porta outras balanças da cidade em que se torna a repesar, para ver se levão as partes seu peso certo, porque não fique o povo enganado.

E afóra estes açougues, que são os communs, não ha rua nenhuma em que não haja cinco, seis casas como açougues de todas as carnes muito excellentes, e além d'isto ha tambem muitas tavernas em que se dá tudo guisado com muita limpeza e perfeição. Ha tambem lojas cheias de lacões, marrãs, e chacinas, e aves, porcos e vaccas de fumo, e d'isto tanta quantidade, que o bom seria não o contar, mas digo-o porque se saiba quão liberalmente Deos Nosso Senhor partio com estes cegos dos bens que elle creou na terra, pelo que o seu nome seja bemdito para sempre.

EXTRACTO

DO

CAPITULO CVIII

O primeiro edificio dos que vi mais notaveis e dignos de memoria, foi uma prisão a que elles chamão Xinamguibaleu, que quer dizer encerramento dos degradados, cuja cerca será de quasi duas leguas em quadrado, tanto de largo como de comprido, fechada com um muro muito alto, sem ameias nenhumas, senão sómente com seus espigões por cima, os quaes são todos forrados de pastas de chumbo muito largas e grossas, e por fóra tem uma cava d'agua muito funda que a rodeia toda, com suas pontes levadiças que de noite se levantão com cadêas de latão, e se suspendem em umas columnas de ferro coado muito grossas.

Tem um arco de pedraria muito forte que vai fechar em duas torres, na volta do qual em todo cimo estão seis sinos de vigia muito grandes, aos quaes quando tangem, respondem todos os outros que estão dentro, que, segundo os Chins nos affirmão, são mais de cento, e fazem um estrondo assaz terrivel e espantoso.

N'esta prisão ha continuamente, por regimento d'elrei, trezentos mil homens, de dezesete annos até cincoenta, de que nós recebêmos tamanho espanto,

quanto n'uma cousa tão nova e tão desacostumada se requeria.

E perguntando nós aos Chins pela causa d'aquelle tamanho edificio, e da grande quantidade de presos que em si tinha, nos respondêrão que depois que aquelle rei da China, por nome Crisnagol-dacotay, acabára de fechar com muro as trezentas leguas de distancia que ha entre este reino da China e o da Tartaria, como já atrás fica contado, ordenára, com parecer dos povos, que para isso forão chamados a côrtes, que todos aquelles que por justiça fossem condemnados em pena de degredo, fossem degradados para a fabrica d'aquelle muro, aos quaes se daria mantimento sómente, sem el-rei lhes ficar por isso obrigado a satisfação nenhuma, pois lhes fôra aquillo dado em pena de seus delictos. E que servindo seis annos contínuos, se poderião ir livremente, sem as justiças os constrangerem a servirem o mais tempo em que fossem condemnados, porque d'esse lhes fazia el-rei mercé, em satisfação do que em consciencia lhes podia estar devendo. E que se antes do tempo d'estes seis annos ser acabado, fizessem algum feito notavel, ou cousa em que se mostrassem avantajados dos outros, ou fossem feridos tres vezes nas sahidas que fizessem, ou matassem algum inimigo, ficarião desobrigados de todo o mais tempo que lhes ficasse por cumprir, e o chaem lhes passaria certidão em que declarasse o porque o desobrigára, para que por ella se visse que satisfizera conforme ao estatuto da guerra.

Este muro era obrigação ter continuos duzentos e dez mil homens, que por regimento d'el-rei lhe erão dados, dos quaes se davão de quebra para cada anno a terça parte, nos mortos, nos aleijados, e nos que se livravão, ou por terem cumprido seu tempo, ou pelo merecimento de suas obras; e porque quando o chaem, que é o superior de toda esta gente, mandava pedir esta cópia de homens ao Pitaucamay, que é a relação suprema de toda a justiça, se não podião ajuntar tão depressa como era necessario, estando divididos por diversos lugares do imperio todo, que é tamanho como já tenho dito, e se passava muito tempo antes que se ajuntassem, ordenou outro rei que succedeu a este Crisnagol-dacotay, por nome Goxilcy-aparau, que se fizesse n'esta cidade de Pekim esta grande cerca, para que tanto que os presos fossem condemnados em degredo para o muro, se trouxessem logo a este Xinamguibaleu, onde estivessem todos juntos, para que quando do muro mandassem pedir os homens que fossem necessarios, os achassem alli, e os dessem logo sem detença nenhuma, como agora se faz.

Estes presos, tanto que pela justiça são entregues n'esta prisão, de que se passa certidão a quem os leva, os soltão logo das prisões em que vierão, e andão todos soltos sem terem mais que uma taboazinha pequena de quasi um palmo de comprido, e quatro dedos de largo, muito delgada, na qual está escripto: « Fuão, de tal lugar, condemnado a degredo geral por tal caso, entrou em tal dia de tal mez e de tal anno. »

E este relicario traz cada um ao pescoço por testemunho de suas virtudes, para que se saiba por que crime foi condemnado, e quando alli entrou, porque todos sabem por suas antiguidades conforme ao tempo em que alli entrárão. Os quaes presos se têm por muito bem livrados quando os levão a trabalhar no muro, porque da prisão do Xinamguibaleu não podem por nenhum caso ter remissão, nem se lhes leva nenhum tempo em conta, nem têm outra nenhuma esperança de liberdade senão a hora em que lhes couber sahir d'alli para o muro por sua successão; porém como são no muro, têm logo esperança certa de serem livres conforme ao estatuto que já tenho dito.

E já que dei relação da causa por que se aqui fez esta tamanha prisão, antes que me saia d'ella me pareceu que vinha a proposito dar conta de uma feira que n'ella vimos, de duas que dentro n'ella se costumão fazer cada anno, a que os naturaes chamão Guxinemaparau do Xinamguibaleu, que quer dizer : feira rica da prisão do degredo.

Estas feiras se fazem nos mezes de Julho e Janeiro, com festas notaveis, feitas á invocação dos seus idolos, onde por seu modo têm seus jubilêos plenissimos em que lhes promettem grandes riquezas de dinheiro na outra vida.

São estas feiras ambas francas e livres, sem pagarem nenhum direito, pela qual causa concorre a ella tanta gente, que se affirma que passa de tres contos de pes-

soas. E porque, como disse, os trezentos mil homens que estão em deposito n'esta prisão andão todos soltos, como a propria gente que vem de fóra, tem esta maneira para não haver impedimento na sahida.

A cada um dos livres que entra, se põe na taboa do braço direito uma chapa de uma certa confeição de oleos e bitumes de lacre com ruibarbo e pedra-hume, que depois que se secca não se póde por nenhum caso tirar senão com vinagre e sal muito quente. E para que tanta multidão de gente se possa toda signalar, estão a estas portas de uma banda e da outra uma grande somma de chanipatões, que com uns sinetes de chumbo molhados n'aquelle bitume a cada um dos que chega lhe poem logo aquelle signal, e o deixão entrar. E isto se faz aos homens sómente; e não ás mulheres, porque estas não estão obrigadas ao degredo do muro.

E quando vêm ao sahir d'estas portas, vêm todos com os braços em que trazem os signaes arregaçados, para que os mesmos chanipatões, que são os porteiros e ministros d'aquelle negocio, os conheção e os deixem passar, e o que por algum caso foi tão mofino, que acertou de se lhe apagar o signal, bem póde ter paciencia, e ficar-se com os outros presos, porque nenhum remedio ha para o deixarem sahir de dentro, pois não traz o signal que se lhe pôz ao entrar da porta. E anda isto já por todos estes chanipatões tão corrente, e tanto sem enleio, que n'uma hora entrão e sahem cem mil homens sem haver embaraço em pessoa nenhuma; e d'esta ma-

neira todos os trezentos mil obrigados ao degredo ficão sempre dentro, sem nenhum poder sahir na volta dos outros.

Tem esta prisão, ou deposito, das cercas para dentro tres povoações como grandes villas, todas de casas terreas, e ruas muito compridas sem beccos nenhuns, e nas entradas d'ellas tem portas muito fortes com seus sinos de vigia em cima, e cada uma tem seu chumbim, e vinte homens de guarda; e d'estas povoações obra de um tiro de falcão estão os aposentos do chaem, que é o superior de toda esta prisão, os quaes são uma grande quantidade de casas muito nobres, com páteos muito grandes, e jardins com muitos tanques d'agua, e salas e camaras de muitas invenções, em que um rei se póde muito bem agasalhar por muita gente que traga comsigo.

Das principaes duas povoações d'estas atravessão duas ruas de mais de tiro de falcão cada uma, que chegão até os aposentos do chaem, todas com arcos de pedraria cobertos por cima como os do esprital de Lisboa, senão quanto lhe fazem ainda muita vantagem, nos quaes se vendem continuamente quantas cousas se possão pedir, assim de mantimentos como de mercadorias muito ricas, onde ha todas as ourivesarias de ouro e de prata, e lojas de mercadores muito grossos, a quem suas riquezas não aproveitão para deixarem de ir cumprir seus degredos quando lhes couber por sua successão. E entre estas ruas dos arcos, que é um escampado muito grande,

se fazem estas duas feiras cada anno, a que vem esta grande quantidade de gente que tenho dito.

Tem mais esta prisão das cercas para dentro muitos bosques de arvoredo muito alto, com muitos regatos, e tanques d'agua muito boa para o serviço e lavagem de toda esta gente presa, e muitas ermidas, e muitos espritaes, e doze mosteiros de casas muito sumptuosas e ricas.

De maneira que tudo quanto deve ter uma cidade muito nobre e muito rica, tanto se acha d'estas cercas para dentro em muita abundancia, e em muitas cousas de muita vantagem, porque os mais d'estes presos têm aqui comsigo suas mulheres e seus filhos, a que el-rei dá casa conforme á familia que cada um tem.

CAPITULO CIX

De outra cerca que vimos n'esta cidade por nome thesouro dos mortos, de cujo rendimento se sustenta esta prisão, e de muitas cousas notaveis que ha n'ella.

A segunda cousa d'estas de que só determino dar relação, é outra cerca que vimos quasi tamanha como esta, cercada em roda de muros muito fortes com suas cavas, que se chama Muxiparão, que quer dizer the-

souro dos mortos, com muitas torres de cantaria lavrada, e em todas coruchéos de diversas pinturas, o qual muro em todo cima no lugar das ameias era fechado todo em roda com grades de ferro, e encostados a ellas grande quantidade de idolos de differentes figuras, de homens, de serpentes, de cavallos, de bois, de elephantes, de peixes, de cobras, e de outras muitas feições monstruosas de bichos e alimarias nunca vistas em nenhuma parte, e todos estes de bronze e de ferro coado, e alguns d'elles de estanho e de cobre, a qual machina vista assim toda por junto no modo e postura em que está era muito mais aprazivel para ver do que ninguem póde imaginar.

E passando nós por uma ponte que atravessava a largura da cava, chegámos a um grande terreiro, que estava no recebimento da primeira entrada, todo fechado em roda com grades de latão muito grossas, e lageado todo de lages brancas e pretas assentadas á maneira de enxadrez, tão lisas e tão bem lustradas que se via uma pessoa n'ellas como n'um espelho.

No meio d'este terreiro estava uma columna de jaspe de trinta e seis palmos de alto, e toda, ao que parecia, de uma só pedra, em cima da qual estava um idolo de prata em vulto de mulher que com ambas as mãos estava afogando uma serpente muito bem pintada de verde e preto, e logo mais adiante á entrada da porta que estava entre duas torres muito altas, armada sobre vinte e quatro columnas de pedra muito grossas, estavão duas

figuras de homens, cada um com sua maça de ferro nas mãos, como que guardavão aquella entrada, cuja estatura e grandeza era de cento e quarenta palmos, com uns rostos tão feios em tanta maneira, que quasi tremião as carnes a quem os olhava, aos quaes os Chins chamavão Xixipitau Xalicão, que quer dizer assopradores da casa do fumo.

A' entrada d'esta porta estavão doze homens com alabardas, e dous escrivães assentados a uma mesa que escrevião todo o genero de pessoa que entrava, aos quaes e davão duas caixas, que erão tres réis da nossa moeda.

Entrando nós d'esta porta para dentro demos em uma rua muito larga, fechada toda de ambas as partes com arcos muito ricos, assim no feitio como em tudo o mais, nos quaes havia infinidade de campainhas de latão que por todas as voltas dos arcos estavão penduradas por cadêas do mesmo, que com o movimento do ar que dava n'ellas fazião um tamanho ruido, e uma tamanha traquinada, que não havia quem pudesse ouvir, por muito alto que se fallasse.

Esta rua teria de comprimento quasi meia legua, e d'estes arcos a dentro, assim de uma parte como da outra, tinha feitas, pela proporção dos arcos, duas ordens de casas terreas como grandes igrejas, com seus coruchéos cosidos em ouro, e outras muitas invenções de pinturas. As quaes casas nos affirmão os Chins que erão tres mil, e todas de alto abaixo estavão cheias de caveiras de ho-

mens mortos até os telhados, cousa de tamanho espanto, que ao que se julgava, nem mil náos, por grandes que fossem, as poderião carregar.

Por detrás d'estas casas estava uma serra de ossos tão alta que sobrepujava por cima dos telhados d'ellas, a qual era de comprimento de um cabo e do outro da mesma meia legua, e muito larga em grande quantidade.

E perguntando nós aos Chins se tinha aquillo conto, respondêrão que sim, porque tudo estava escripto por matriculas das tres mil casas que os talagrepos tinhão em seu poder, e que não havia casa d'aquellas que não rendesse cada anno de dous mil taeis para cima, de propriedades que defuntos lhe tinhão deixado por descargo de suas almas, o qual rendimento chegava todo a cinco contos de ouro, dos quaes el-rei levava os quatro, e os talagrepos o outro para despeza de toda aquella fabrica, e que os quatro que el-rei como padroeiro levava, se gastavão no mantimento que se dava aos trezentos mil degradados do Xinamguibaleu.

Com este espanto do que viamos começámos a caminhar por esta rua adiante, e chegando já quasi ao meio d'ella fomos dar em um grande terreiro, cercado em roda de duas ordens de grades de latão, no meio do qual estava uma cobra de bronze toda enroscada e armada por peças, que tinha em roda mais de trinta braças, cousa de tamanho espanto que faltão palavras para o encarecer, a qual alguns dos nossos estimárão em

mais de mil quintaes, presupposto ser òca por dentro. E sem embargo de ser de tão demasiada grandeza, era em tudo tão bem proporcionada, que em nenhuma cousa se lhe enxergava falta.

A isto correspondia tambem o feitio d'ella, porque se via n'elle todo o primor e perfeição que se podia desejar.

Esta mònstruosa cobra, a que os Chins chamavão serpe tragadora da casa do fumo, tinha mettido na cabeça um pilouro de ferro coado de cincoenta e dous palmos, como que lhe tinhão tirado com elle.

Mais adiante obra de vinte passos estava uma figura de homem do mesmo bronze, a modo de gigante, tambem assaz estranha e desacostumada, assim na grandeza do corpo, como na grossura dos membros, o qual sustentava com ambas as mãos um pilouro de ferro coado, e olhando para a serpe muito arreganhado a modo de colerico, fazia que lhe tirava com elle.

Ao redor d'esta figura estava uma grande somma de idolos pequenos todos dourados, postos em joelhos com as mãos levantadas para elle como que o adoravão, e em quatro tirantes de ferro que estavão por derredor, esta vão cento e sessenta e dous candeeiros de prata, com seis, sete e dez torcidas cada um.

Este idolo era o da invocação de todo este edificio, e se chamava Muchiparom, o qual dizião os Chins que era thesoureiro de todos os ossos dos mortos, e que vindo aquella serpe que tinhamos visto para os roubar, elle

lhe tirava com aquelle pilouro que tinha nas mãos, por onde ella logo com medo fugia para a concava funda da casa do fumo, onde Deos a tinha lançado por ser muito má. E que já lhe tinha feito um arremesso havia tres mil annos, e que d'ahi a outros tres mil lhe havia de fazer outro, e que assim de tres em tres mil annos havia de gastar cinco pilouros, com que a havia de acabar de matar; e como fosse morta, havião todos aquelles ossos que alli estavão juntos de tornar aos corpos cujos antes forão para morarem para sempre na casa da lua. E afóra estas bestialidades nos contárão outras muitas a este modo, nas quaes estes cegos miseraveis estão tão crentes, que não ha cousa que lh'as possa tirar da cabeça, porque isto é o que os seus bonzos lhes prégão, e lhes dizem que não está em mais ser uma alma bemaventurada que em lhe trazerem alli os seus ossos, pelo que não ha dia que alli não venhão duas mil ossadas d'estes malaventurados, e os que não podem trazer os ossos por ser a distancia de muito caminho, trazem um dente e dous, porque com isso, dando sua esmola, dizem que satisfazem tanto como se trouxerão tudo o mais. Pelo qual ha por todas estas casas tanta quantidade de dentes em tanta maneira, que me parece que muitas náos os não puderão carregar.

CAPITULO CX

Do terceiro edificio que aqui vimos, por nome Nacapirau.

Vimos mais n'um grande escampado fóra dos muros d'esta cidade outro edificio muito sumptuoso e rico, por nome Nacapirau, que quer dizer rainha do céo; porém elles não dizem isto pela que o é verdadeiramente, que é a virgem Maria Nossa Senhora, mas têm estes cegos para si que assim como cá na terra os reis temporaes são casados, assim tambem Deos Nosso Senhor lá no céo é casado, e que os filhos que gerou n'esta Nacapirau, que é sua mulher, são as estrellas que de noite se vêm no céo, e quando alguma d'ellas correndo se desfaz no ar, dizem que é um d'aquelles seus filhos que morreu, e que pelo sentimento d'esta morte, as outras suas imãs chorão tantas lagrimas, que do que sobeja d'ellas se rega cá embaixo a terra, por meio das quaes nos ordena Deos a sustentação de nossa vida, como esmola dada pela alma d'aquelle defunto. Mas deixando estas e outras infinitas patranhas que estes miseraveis têm nas trinta e duas seitas que ha entre elles, tratarei sómente das officinas que vimos n'este edificio, as quaes são cento e quarenta mosteiros d'esta maldita religião, tantos de homens como de mulheres, em cada um dos quaes nos affirmárão que havia quatrocentas pessoas que ao todo fazem somma de cincoenta e seis mil, afóra outra muita grande cópia de

daroezes que servem de fóra, que não estão atados ao voto da profissão como os de dentro, os quaes por insignia do sacerdocio andão vestidos de rôxo, com suas altirnas verdes sobraçadas, que são como entre nós as estolas, e contas ao pescoço por onde rezão, mas não pedem esmola, porque têm proprio de que se sustentão.

N'este edificio da Nacapirau se aposentou no anno de mil e quinhentos quarenta e quatro o rei dos Tartaros, quando pôz cerco a esta cidade, como adiante se dirá, no qual, por sacrificio diabolico e sanguinolento, mandou degollar trinta mil pessoas, das quaes as quinze mil erão mulheres, e as mais d'ellas moças e formosas, e filhas dos principaes senhores do reino, e religiosas professas das seitas do Quiay Nivandel, deos das batalhas, e do Compovitau, e de outros quatro cujos nomes são Quiay Mitrun, Quiay Colompom, Quiay Muhelee, e Muhee Lacasaa, cujas cinco seitas são as principaes das trinta e duas que ha n'este reino.

Mas tórnando a meu proposito, dentro na cerca d'este grande edificio de que ia tratando vimos algumas cousas que me parecêrão merecedoras de se fazer memoria d'ellas, uma das quaes é outra cerca no amago d'esta, de quasi uma legua em roda, armadas as paredes d'ella sobre arcos de cantaria muito fortes, e em cima no lugar das amêas fechada toda em roda com grades de latão, e a cada seis braças tirantes de ferro sobre columnas de bronze que fechavão de umas nas outras, com infinidade de campainhas penduradas por cadêas, as quaes

movidas com o ar, que continuamente lhes dava, fazião um continuo e tão espantoso ruido, que não havia pessoa que o pudesse esperar.

Aqui n'esta segunda cerca em uma grande porta por onde entrámos estavão, em figuras muito disformes, os dous porteiros do inferno, segundo elles dizem, um por nome Bacharom, e outro Quagifau, ambos com maças de ferro nas mãos, e tão feios em tanto extremo, que as arnes tremião aos que olhavão para elles.

Passando esta porta por baixo de uma grossa cadêa que a atravessava toda, e fechava nos peitos d'estes dous diabos, fomos dar n'uma rua muito formosa, assim de larga como de comprida, fechada toda de uma banda e da outra com arcos todos pintados de diversas maneiras, por cima dos quaes ião duas fileiras de idolos quanto distava o comprimento da rua, em que haveria mais de cinco mil vultos, os quaes não divisámos bem de que erão feitos, porém erão todos dourados, e com mitras nas cabeças de diversas invenções.

No cabo d'esta rua estava um grande terreiro, quadrado, lageado todo de lages muito primas brancas e pretas, assentadas ao modo de enxadrez, e todo á roda cercado de quatro fileiras de gigantes de metal de quinze palmos cada um, e com alabardas nas mãos, e as grenhas das cabeças, e as barbas douradas, o qual espectaculo, afóra o contentamento que dava aos olhos, mostrava tambem um real e assaz grandioso apparato.

No cabo d'este terreiro estava o Quiay Hujão, deos

da chuva, encostado a um bordão, de mais de setenta palmos de comprido, e elle tão alto que dava com a cabeça em cima nas amêas da torre, que seria de mais de doze braças, o qual era tambem de metal, e botava pela boca, pelas faces, pela testa e pelos peitos vinte e seis esguichos de agua, que a gente embaixo tomava por grande reliquia, a qual agua lhe vinha de cima da torre a que estava encostado por canos tão secretos que ninguem lh'os enxergava. E passando nós por baixo das suas pernas, que elle tinha afastadas uma da outra com que fazia o portal por onde a gente se servia, fomos dar em uma grande casa como igreja muito comprida, e de tres naves com esteios de pedra de jaspe muito grossos e altos, e ao longo das paredes de uma parte e da outra, muita somma de idolos grandes e pequenos em diversas figuras, todos dourados, os quaes postos em prateleiras por muito boa ordem, tomavão toda a largura e comprimento das paredes, e á vista dos olhos parecia que erão todos de ouro.

No cabo d'esta casa, em uma tribuna redonda de quinze degráos, estava um altar feito á proporção da tribuna, sobre o qual estava a estatua da Nacapirau, em figura de mulher muito formosa, com os cabellos soltos por cima dos hombros, e as mãos ambas levantadas ao céo, e ella em si tão resplandecente por ser o ouro muito fino e muito brunhido, que não havia quem lhe pudesse ter os olhos direitos, porque os raios que de si lançava cegavão como os de um espelho.

Em torno d'esta tribuna nos primeiros quatro degráos estavão doze reis da China em vultos de prata, com corôas na cabeça, e maças de armas ás costas. E mais abaixo se vião tres fileiras de idolos dourados postos em joelhos com as mãos levantadas, e ao redor em cima no ar muita somma de candeeiros de prata, de seis e sete torcidas, pendurados dos tirantes que atravessavão a casa.

Sahindo nós d'aqui, nos fomos por outra rua tambem de arcos da maneira da outra por onde tinhamos entrado, e d'esta por outras duas tambem de edificios muito ricos, e fomos sahir a um grande terreiro, no qual estavão oitenta e dous sinos de metal muito grandes, que estavão pendurados por grossas cadêas de uns tirantes de ferro que de uma ponta e da outra se sustentavão sobre columnas de ferro coado.

Sahidos nós tambem d'aqui, chegámos a uma porta muito forte, posta entre quatro torres muito altas, na qual estava um Chifuu com trinta homens de alabardas, e dous escrivães que tomavão n'uns livros os nomes de todos os que sahião, como fizerão tambem a nós, aos quaes demos trinta réis da sahida.

CAPITULO CXI

Do quarto edificio situado no meio do rio, onde estão as cento e treze capellas dos reis da China.

E por acabar já de dar fim a esta materia, a qual, se eu houver de dar conta de todas as particularidades d'ella, viria a ser quasi infinita, entre uma grande quantidade de edificios nobres e ricos que aqui vimos, um que me pareceu mais notavel foi uma cerca situada no meio do rio da Batampina, de quasi uma legua em roda, e um ilhéo raso a modo de lizira, cercado todo em torno de cantaria muito prima, que pela parte de fóra se levantava sobre a agua altura de mais de trinta e oito palmos, e por dentro ficava rasa com o chão, fechada por cima toda em roda de duas ordens de grades de latão, de que as primeiras que estavão mais para fóra, erão de seis palmos de alto sómente, em que a gente se podia encostar, e as segundas que estavão mais por dentro, erão de nove palmos, as quaes tinhão leões de prata postos em cima de bolas redondas. D'estas grades para dentro estão, por muito boa ordem, cento e treze capellas a modo de baluartes redondos, em cada uma das quaes estava uma rica sepultura de alabastro, assentada com muito artificio sobre duas cabeças de serpentes de prata, que por estarem enroscadas, e terem muitas voltas, parecião ser cobras, ainda que tinhão os rostos de

mulheres, com tres cornos nas testas, que não soubemos determinar o que significavão. E em cada uma d'estas capellas ardião treze candeeiros de prata de sete torcidas cada um, que ao todo em estas cento e treze capellas, vinhão a ser os candeeiros mil e quatrocentos e trinta e nove.

No meio de uma grande praça, fechada em roda com tres ordens de grades, e com duas fileiras de idolos, estava uma torre muito alta com cinco coruchéos de diversas pinturas, e seus leões de prata no mais alto d'elles, na qual nos dizião os Chins que estavão as ossadas d'estes cento e treze reis, que se tinhão passado para alli d'aquellas capellas debaixo. E estas ossadas (que elles venerão por grande reliquia) dizem elles que todas as luas novas se banquetêão umas com outras, pelo qual a gente commum n'estes taes dias lhes costuma offerecer infinidade de aves de toda a sorte, arroz, vaccas, porcos, assucar, mel, e todo o mais genero de mantimento a que se póde pôr nome, e por esta ajuda que lhes dão para estes banquetes, a qual os sacerdotes tomão toda para si, cuidão elles que ficão remidos como por jubilêo plenissimo, de toda a immundicia de seus peccados.

Aqui n'esta torre vimos tambem uma riquissima casa, toda de alto abaixo forrada de pastas de prata, na qual estavão estes cento e treze reis da China em figuras de vulto tambem de prata, e a ossada de cada um dos reis estava mettida em cada um d'aquelles vultos, porque dizem que assim todos juntos, segundo lhe dizião os seus

sacerdotes, se communicavão de noite uns com os outros, e tinhão seus passatempos que ninguem era digno de ver senão certos bonzos, a que elles chamão cabizondos, que são de dignidades e gráos mais altos que os outros, como cardeaes entre nós.

E d'estas cegueiras e ignorancias, e de outras muitas nos contavão estes miseraveis muita quantidade, em que elles crêm tão firmemente como se forão verdades muito claras e manifestas. Em toda esta grande cerca contámos em dezesete estancias trezentos e quarenta sinos de metal e ferro coado, vinte em cada estancia, os quaes todos se tangem em certos dias da lua, que são aquelles em que elles dizem que estes reis se visitão e se banquetêão. Junto d'esta torre n'uma riquissima capella armada no ar sobre trinta e sete pilares de cantaria muito forte, estava a estatua da deosa Amida feita de prata, com os cabellos de ouro, sobre uma tribuna de quatorze degráos, toda cosida em ouro, tinha o rosto bem assombrado, e as mãos ambas levantadas ao céo, dos seus sovacos pendião enfiados como ramaes de contas uma grande somma de idolos, tamanhos como um meio dedo, e nos lugares secretos tinha duas ostras de perolas guarnecidas de ouro muito grandes.

E perguntando nós aos Chins pela significação d'aquellas cousas, nos disserão que depois que Deos alagára o mundo com a agua dos rios do céo, em que se afogára todo o genero humano, vendo que a terra ficava deserta, e sem haver n'ella quem o louvasse, mandára do céo da

lua a deosa Amida, camareira-mór da Nacapirau sua mulher, para que restaurasse a perda da gente que se afogára, a qual em pondo os pés em uma terra que já era desalagada, por nome Calempluy (que é aquella ilha ou lizira que atrás disse, que está na enseada de Nankim, onde Antonio de Faria desembarcou em terra) ella se tornára toda em ouro, e alli estando em pé, e com o rosto no céo, suára pelos sovacos grande somma de crianças, pelo do braço direito machos, e pelo do esquerdo femeas. E depois de paridas, ou lançadas pelos sovacos estas crianças, as quaes affirmão que forão trinta e tres mil e trezentas e trinta e tres, as duas partes de femeas e uma de machos, porque dizem que assim havia sempre de haver no mundo, ficára tão debilitada d'aquelle parto, por não ter quem a provesse do necessario, que lhe deu um vagado de fraqueza tamanho, que cahíra morta em terra, sem nunca mais se levantar até agora, pelo qual a lua, em memoria do sentimento d'esta morte, se cobrio de dó, que são aquellas nodoas da sombra da terra que commummente lhe vemos, e que quando acordar, que será depois de passarem tantos annos quantas forão as crianças que pario, que são, como disse, 33333, então tirará a lua aquella mascara de dó, e ficará a noite d'alli por diante tão clara como o dia. E d'estes desatinos e outros muitos a este modo nos contárão tantos, que é muito para pasmar, mas muito mais para chorar, ver com quão claras e manifestas mentiras traz o demonio tão enganados a homens por outra parte tão enten-

didos, sem poderem atinar com a trilha d'esta nossa santa verdade que o filho de Deos veio notificar ao mundo, porém o segredo d'isto elle só o sabe. Depois que sahímos d'este terreiro onde vimos todas estas cousas, fomos a outro templo de religiosas, muito sumptuoso e rico, no qual nos disserão que estava a mãi d'este rei, que se chamava a Nhay Camisama, e n'este nos não deixárão entrar por sermos estrangeiros. D'aqui fomos por uma rua toda de arcos até chegarmos a um cáes que se dizia Hicharioo-topileu, onde havia grande somma de embarcações de peregrinos de diversos reinos que continuamente concorrem a este templo por jubilêo plenissimo que el-rei da China com os chaens do governo lhes têm concedido, e juntamente privilegios de muita franquia por toda a terra, e comer de graça em muita abastança.

De outros muitos mais templos que vimos n'esta cidade os dous mezes que andámos n'ella em nossa liberdade, não trato, porque querer dar por extensão relação de todos será processo infinito; mas não deixarei de dizer algumas outras cousas particulares, e dignas de se notarem, que vimos.

CAPITULO CXII

Do provimento que se tem com todos os aleijados e gente desamparada.

O rei da China reside o mais do tempo n'esta cidade de Pekim, por assim o prometter e jurar no dia da sua coroação, em que lhe mettem na mão o sceptro de todo o governo.

N'esta cidade, em ruas separadas por si de certos bairros, ha umas casas a que elles chamão Laginampur, que quer dizer ensino de pobres, nas quaes por ordem da camara se ensina a todos os moços ociosos a que se não sabe pai, assim a doutrina, como o ler e escrever, e todos os officios mecanicos, até que por suas mãos podem ganhar suas vidas, e d'estas casas não ha tão poucas n'esta cidade que não passem de duzentas, e quiçá de quinhentas; e ha outras tantas, em que tambem por ordem da cidade estão muitas mulheres pobres que são amas, e dão de mamar a todos os engeitados a que de certo se não sabe pai nem mãi; porém antes que estes se aceitem n'estas casas, faz a justiça sobre isso grandes exames, e se se vem a saber qual foi o pai ou a mãi do engeitado, os castigão gravemente, e os degradão para certos lugares que elles têm por mais estereis e doentios. E depois de serem criados estes engeitados, se repartem por est'outras casas que digo, onde são ensinados. E se alguns por defeito da natureza não são para

aprender officios, tambem se lhes dá outro remedio de vida, conforme á necessidade de cada um; se são cegos, dão a cada atafoneiro, que tem engenho de mão, tres, dous para moerem e um para peneirar, e este é o modo que as republicas têm para proverem, assim os cegos como os outros necessitados que a cidade tem a seu cargo, porque nenhum mecanico póde assentar tenda para official sem licença da camara, e quando algum faz petição em que pede esta licença, logo lh'a dão, com obrigação de sustentar ou um, ou mais d'aquelles necessitados que pertencerem para o seu officio, para que d'aquillo de que elle pretende sustentar-se, se remedêe tambem o pobre, porque dizem elles que é isto obra de proximidade mandada por Deos, e muito aceita a elle, e pela qual elle dissimula comnosco o castigo de nossos peccados, e a cada um d'estes tres cegos ha o atafoneiro de dar de comer, e vestir, e calçar, e seis tostões por anno, para que quando morrer, tenha que deixar por sua alma, porque não pereça, por ser pobre, na concava funda da casa do fumo, conforme ao quarto preceito da deosa Amida, que foi a primeira de quem estes cegos tomárão suas superstições e suas erronias, a qual, segundo parece, foi depois do diluvio seiscentos e trinta e seis annos.

E esta seita com todas as mais que se achão n'este barbarismo da China, que, segundo eu soube d'elles, e já disse algumas vezes, são trinta e duas, vierão do reino de Pegú ter a Sião, e d'alli por sacerdotes e cabizondos

se espalhárão por toda a terra firme de Camboja, Champaa, Laos, Gueos, Pafuas, Chiammai, imperio de Uzanguee, e Cauchenchina, e pelo archipelago das ilhas de Ainão, Lequios, e Japão, até os confins do Miacoo e Bandou, de maneira que a peçonha d'estes herpes corrompeu tamanha parte do mundo, como a maldita seita de Mafamede.

Ha tambem outro remedio de vida para os aleijados não perecerem á fome, o qual é, que os aleijados dos pés que não podem andar, dão-se aos esparteiros para que torção tamiças, e fação empreitas para seirões, e outras cousas que as mãos podem fazer. E para os aleijados das mãos, que não podem trabalhar com ellas, dão-lhes umas seiras para que ás costas acarretem das praças por dinheiro, carne, pescado, hortaliça, e outras cousas, á gente que nem tem quem lh'o leve, nem o póde ella levar; e aos que são aleijados de pés e de mãos, com que totalmente carecem de remedio para ganharem por si suas vidas, poem-os em umas casas muito grandes como mosteiros, em que tambem ha grande quantidade de merceeiras que rezem pelos defuntos, e das offertas dos sahimentos de todos os mortos lhes dão a metade, e aos sacerdotes a outra metade. E se são mudos, tambem se recolhem em outra casa como hospital, e para sua sustentação lhes applicão todas as penas das regateiras e mulheres bravas, que se deshonrão em publico.

Para as mulheres publicas que na velhice vierão a

adoecer de algumas doenças incuraveis, ha tambem outras casas da mesma maneira, em que são curadas e providas muito abastadamente á custa das outras mulheres publicas do mesmo officio, para a qual obra cada uma d'estas paga de fôro um tanto cada mez, porque tambem cada uma d'estas póde vir depois a cahir na mesma enfermidade, e então as outras que fôrem sãs pagaráõ para ella o que ella agora em sã paga para as outras doentes. E para a arrecadação d'estas rendas ha homens postos pela cidade, a que se dão por isso bons ordenados. Ha tambem outras casas como mosteiros, em que se sustentão muita somma de moças orphãs, as quaes a cidade provê, e casa á custa das fazendas que perdem aquellas que seus maridos accusárão por adulterios, e dão a isto por razão, que já que aquella se quiz perder por sua deshonestidade, que se ampare com o seu uma orphã, pois é virtuosa, porque assim se castiguem umas, e se amparem outras. Ha tambem certos bairros em que se agasalhão homens pobres e de bom viver, que a cidade tambem sustenta á custa dos procuradores que sustentão demandas injustas em que as partes não têm justiça, e de julgadores que por aceitação de pessoas, ou por peitas, não correm com os feitos conforme a justiça, de maneira que em tudo se governa esta gente com muita ordem.

CAPITULO CXIII

Da maneira que se tem para haver em todo o reino celeiros para os pobres, e qual foi o rei que isto ordenou.

Tambem é razão que se saiba a grandissima ordem e maravilhoso governo que tem este Chim, rei gentio, em prover o seu reino de mantimentos, para que a gente pobre não padeça necessidades, e para isso direi o que d'isto se trata nas suas chronicas, que eu algumas vezes ouvi ler, escriptas em lettra de fórma ao seu modo, que aos reinos e republicas christãs póde ser exemplo, assim de caridade como de bom governo.

Contão estas chronicas que um rei, bisavô d'este que agora reina, por nome Chausirão Panagor, que por uma grande enfermidade que tivera perdêra a vista, era grandissimamente amado do seu povo, pela realidade e brandura da sua condição e natureza.

Este desejando de fazer a Deos um grande serviço, e que lhe fosse summamente agradavel, chamou a côrtes, e n'ellas ordenou que para remedio de toda a gente pobre houvesse (como ainda agora ha) em todas as cidades e villas do reino, celeiros de trigo e de arroz, porque quando por alguma esterilidade a terra não désse fructo, como algumas vezes se acontecia, tivesse a gente mantimento de que se sustentasse aquelle anno, para que os pobres não perecessem á mingoa, e que para isso dava

toda a decima parte dos direitos reaes. E mandando passar d'isso um padrão geral por todas as cidades que erão cabeças dos anchacilados das comarcas, diz a chronica que trazendo-lh'o para que o assignasse com um sinete de ouro que trazia no braço, com que, por ser cego, o costumava de fazer, logo em o assignando lhe dera Deos vista perfeita, a qual sempre tivera todo o tempo que depois viveu, que forão quatorze annos. Pelo qual exemplo (se assim foi) parece que quiz Nosso Senhor mostrar quanto lhe agrada a caridade que por seu amor se usa com os pobres, ainda entre os infieis, e que o não conhecem. E de então para cá houve sempre em toda esta monarchia um grande numero de celeiros, que, segundo se affirma, são quatorze mil casas. E a ordem que as camaras do governo têm em os proverem sempre de mantimentos novos, é esta:

Tanto que as novidades parece que estão já certas e seguras, se reparte o trigo velho por todos os moradores e gente dos lugares, conforme á possibilidade de cada um, e lh'o dão a modo de emprestimo, por tempo de dous mezes, os quaes homens, acabado este tempo que pela justiça lhes foi posto, vêm logo todos entregar outro tanto trigo novo quanto recebêrão velho, e dão mais de crescença a seis por cento para as quebras, porque nunca se diminua a cópia que alli se puzer, e quando acerta o anno a ser esteril, se reparte tambem o trigo pelo povo sem se levar por isso ganho nem interesse algum, e o que se dá á gente pobre que não tem com que

satisfaça o que se lhe empresta, esse todo se contribue das rendas que as terras pagão a el-rei, por ser esmola que elle por aquelle padrão lhe tem feita, o qual está registrado em todas as camaras, para que os anchacys da fazenda o levem em conta. E de toda a mais massa das rendas do reino, que é uma muito grande quantidade de picos de prata, se fazem tres partes, das quaes uma é para a sustentação do estado real, e do governo do reino, outra para a defensão das terras, e provimento dos armazens e das armadas, e a outra se põe em thesouro aqui n'esta cidade de Pekim, com o qual o rei de poder ordinario não póde bulir, por estar deputado para a defensão do reino, e para as guerras que muitas vezes se tem com os Tartaros, e com o rei dos Cauchins, e com outros reis que confinão com elle, ao qual thesouro elles chamão Chidampur, que quer dizer muro do reino, porque dizem elles que emquanto aquelle thesouro estiver alli vivo para remedio dos trabalhos a que de necessidade se ha de acudir, não lançará o rei tributo nem finta sobre os pobres, nem os povos serão avexados, como se faz nas outras terras em que se não tem esta providencia.

Assim que em todas as cousas ha n'este reino um tão excellente governo, e uma tão prompta execução nas cousas d'elle, que entendendo bem isto no tempo que lá andou aquelle bemaventurado padre-mestre Francisco Xavier, lume no seu tempo de todo o Oriente, cuja virtude e santidade o fizerão tão conhecido no mundo,

que por isso escusarei por agora tratar mais d'elle, espantado assim d'estas cousas, como de outras muitas excellencias que n'esta terra vio, dizia que se Deos alguma hora o trouxesse a este reino, havia de pedir de esmola a el-rei nosso senhor que quizesse ver as ordenações e os estatutos da guerra e da fazenda por que esta gente se governava, porque tinha por sem duvida que erão muito melhores que os dos Romanos no tempo de sua felicidade, e que os de todas as outras nações de gentes de que todos os escriptores antigos tratárão.

CAPITULO CXIV

Do numero da gente que vive nas casas d'el-rei da China, e dos nomes das dignidades supremas que governão o reino, e das tres principaes seitas que ha n'elle.

Por me temer que particularisando eu todas as cousas que vimos n'esta cidade, a grandeza estranha d'ellas possa fazer duvida aos que as lerem, e tambem por não dar materia a murmuradores e gente praguenta, que querem julgar das cousas conforme ao pouco que elles vírão, e que seus curtos e rasteiros entendimentos alcanção, de lançarem juizos sobre as verdades que eu vi por meus olhos, deixarei de contar muitas cousas que

quiçá darão muito gosto á gente de espiritos altos, e de entendimentos largos e grandes, que não medem as cousas das outras terras só pelas miserias e baixezas que têm diante dos olhos, porque estes sei eu que assim pela grandiosidade de seus espiritos, como pela sua natural curiosidade, e pela capacidade dos seus entendimentos, folgaráõ muito de as saber. Mas por outra parte não porei tambem muita culpa a quem me não der muito credito, ou duvidar do que eu digo, porque realmente affirmo que eu mesmo que vi tudo por meus olhos, fico muitas vezes confuso, quando imagino nas grandezas d'esta cidade de Pekim, no admiravel estado com que se serve este rei gentio, no apparato dos chaens da justiça, e dos anchacys do governo, no terror e espanto que em todos causão os seus ministros, e na sumptuosidade das casas e templos dos seus idolos, e de tudo o mais que ha n'ella. Porque sómente na cidade de Minapau, que está situada dentro da cerca dos paços d'el-rei, ha cem mil capados, e trinta mil mulheres, e doze mil homens da guarda, a que el-rei dá grossos salarios e tenças, e doze tutões, que são as dignidades supremas sobre todas as outras, aos quaes (como já disse) o commum chama resplandores do sol, porque como o rei se nomêa por filho do sol, dizem elles que estes doze, por representarem em tudo sua pessoa, se chamão resplandores do sol. E abaixo d'estes doze, ha quarenta chaens, que são como vice-reis, afóra outras muitas dignidades mais inferiores, que são como regedores, governadores,

vedores da fazenda, almirantes, capitães-móres, que se noméão por anchacys, aytaos, ponchacys, lauteás, e chumbins, os quaes todos ainda que n'esta cidade, que é a côrte, são mais de quinhentos, nenhum traz estado de menos de duzentos homens, e os mais d'elles, para maior espanto, são gentes estrangeiras de diversas nações, dos quaes a maior parte são Mogores, Persios, Coraçones, Moens, Calaminhas, Tartaros, e Cauchins, e alguns Bramás, do Chaleu e Tanguu, porque dos naturaes não fazem conta por ser gente fraca, e para pouco, ainda que muito habeis e engenhosos em todo o negocio mecanico, e de agriculturas, e architectos de engenho muito vivo, e inventores de cousas muito subtís e artificiosas. E as mulheres são muito alvas, e castas, e inclinadas a todo o trabalho mais que os homens; a terra em si é fertil de mantimentos, tão rica e abastada de todas as cousas, que em verdade affirmo que não sei como o diga, porque parece que não ha entendimento que possa comprehender, quanto mais palavras que possão declarar os nomes de tantas e tão varias cousas quantas Deos quiz dar a este povo infiel e inimigo seu; e tão ingrato a todas estas mercês que recebe d'elle, que tem para si que só pelos merecimentos do seu rei produz a terra toda esta abastança, e não pela divina providencia, e pelo amor d'aquelle Senhor que tudo póde.

D'esta sua cegueira e incredulidade lhe nascem os grandes desatinos, e a grande confusão de superstições que tem entre si, em que tem muitos abusos e ceremo-

nias diabolicas, e usão de sacrificios de sangue humano, os quaes offerecem com diversidade de fumos cheirosos, e com grandes peitas que dão aos seus sacerdotes, porque lhes segurem grandes bens n'esta vida, e na outra riquezas de ouro infinitas, os quaes sacerdotes lhes dão para isso uns escriptos como lettras de cambio, a que o commum chama cuchimiocós, para que lá no céo, em elles morrendo, lhes dêm a cento por um, como que tivessem elles lá respondentes. E n'isto estão estes miseraveis tão cegos, que muitas vezes deixão de comer e prover-se do que lhes é necessario, por terem que dar a estes sacerdotes de Satanaz, havendo esta veniaga por boa e muito segura.

Ha tambem outros sacerdotes de outra seita que se chamão naustolins, os quaes pelo contrario prégão aos seus ouvintes, e lh'o affirmão com grandes juramentos, que não ha mais que viver e morrer como qualquer bruto, e por isso que se logrem dos bens, emquanto lhes durar a vida, porque de ignorantes era cuidar outra cousa.

Ha outros de outra seita que se chama trimechau, que têm por opinião que quanto tempo um homem vive n'esta vida, tanto ha de estar morto debaixo da terra, e depois por rogos d'estes seus sacerdotes se ha de tornar a sua alma a metter n'uma criança de sete dias, para de novo viver n'aquelle corpo até tomar forças para tornar em busca do corpo velho que deixou na cova, para o levar ao céo da lua, onde dizem que dormirá uma grande

somma de annos, até se converter em estrella, e que alli ficará fixo para sempre.

Outros, de outra seita que se chama gizom, têm para si que sós as bestas pela penitencia que fizerão n'esta vida com os trabalhos que levárão n'ella, alcançaráõ depois o céo, em que descansem, e não o homem que sempre viveu á vontade da carne, roubando, e matando, e fazendo outros muitos peccados, pela qual razão por nenhum caso póde ser salvo senão o que á hora da morte deixar quanto tiver ao pagode e aos sacerdotes que roguem por elle.

De maneira que todo o fundamento d'estas suas diabolicas seitas está posto em tyrannias, e em proveito dos bonzos, que são os que isto prégão á gente, e lh'o affirmão com muitas palavras, por onde os tristes dos ouvintes parecendo-lhes ser aquillo verdade, lhes dão tudo quanto têm, porque cuidão que com lh'o darem ficão salvos e seguros dos medos com que os ameação se o assim não fizerem.

Não quiz n'esta materia tratar de mais que d'estas tres seitas sómente, e quiz deixar todos os mais abusos das trinta e duas seitas que ha n'este grande imperio da China, assim porque declaral-os todos será processo infinito, como já disse algumas vezes, como porque d'estes se póde bem entender quaes serão os outros, porque todos são a este modo. E deixando o remedio d'estes tamanhos males e cegueiras á misericordia e á providencia divina a quem sómente elle compete, não tratarei

d'aqui por diante de mais que de contar outros trabalhos que passámos no nosso degredo na cidade de Quansy, até sermos captivos dos Tartaros, que foi no anno de mil e quinhentos e quarenta e quatro.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS CXV ATÉ CXXV

N'um sabbado 13 de Janeiro de 1544 são os nossos Portuguezes levados de Pekim para Quansy, a concluir o seu desterro. Lá são feitos alabardeiros do chaem, com que muito folgão por ser o mantimento muito mais avantajado, melhor a paga, e mais a liberdade. Pouco lhes dura este bem, porque nascendo de pequena origem uma desavença grande entre dous d'elles, por onde todos se vêm a travar e ferir uns a outros, são presos, açoutados logo, e mettidos em processo. Tornão a ser açoutados; passão na prisão fomes e sêdes; até que o chaem, em certo dia em que lá se costumão fazer esmolas pelos defuntos, os releva de maior pena, condemnando-os só a passarem n'aquelle desterro para sempre até o tutão mandar o contrario se lhe parecer; determinando porém que o que d'alli por diante fizer união nos bazares, ou

tirar sangue a qualquer pessoa, seja morto a açoutes no mesmo dia.

São mandados para umas ferrarias onde estão cinco mezes com assaz de trabalho, sem vestido, nem cama, cobertos de piolhos e mortos de fome; no fim dos quaes vêm todos a adoecer de modorra, e por ser o mal contagioso os lanção fóra para que vão pedir esmola até serem sãos; no que passão outros quatro mezes de miseria.

Indo Fernão Mendes ao matto fazer lenha para todo o rancho, encontra um Portuguez, que por naufragio tinha ido dar áquellas paragens havia 27 annos e vivia casado na terra, tendo ahi mulher e filhos christãos; este Portuguez, que é o mesmo de quem lhe fallára a Ignez de Leiria e se chama Vasco Calvo, os convida todos á sua casa, onde lhes dá de cêar com muito amor.

Havendo oito mezes e meio que assim vivião mendigando n'esta cidade, uma quarta-feira, 13 de Julho de 1544, sôa de repente com geral terror estar el-rei da Tartaria com 27 reis e um exercito de um conto e oitocentos mil homens, de que os seiscentos mil são de cavallo, e oitenta mil badas de mantimento e bagagem, sobre Pekim, pelo que el-rei da China fugio para Nankim, e que uma parte do exercito inimigo vem sobre a cidade onde o pobre do autor se acha, e não póde tardar.

Põe-se tudo em som de defensa para os receber; ma

ao outro dia os Tartaros chegão, escalão e arrombão a cidade, matão o chaem, e todos os moradores d'ella, sem perdoarem a cousa viva, a qual mortandade se affirmou que chegára a sessenta mil pessoas; aproveitão só o ouro e a prata; tudo o mais incendeião e arrasão. Os Portuguezes vão captivos. Passando d'alli os inimigos a investir o castello de Nixiamcoo, sendo repulsos na primeira escalada com grande perda, e achando-se meio descoroçoados, um dos Portuguezes, Jorge Mendes, diz que daria elle traça como o castello se tomasse. O Mitaquer, general tartaro, lhe promette, se assim o fizer, liberdade, honras e mercês para si e para os companheiros.

Jorge Mendes desempenha-se da promessa, sendo o primeiro que na seguinte escalada sobe ao muro: o castello tomado é posto por terra.

O Mitaquer agasalha os nossos com muito favor.

Continuão a sua marcha para se irem ajuntar com o corpo do exercito d'el-rei da Tartaria, ao qual antes de chegarem recebe o Mitaquer os parabens que el-rei lhe manda pelo principe da Persia em razão das victorias que obtivera, e grandes protestações da sua amizade e promessas muito honradas.

Chegão emfim ao arrayal, descreve-se a magnificencia com que el-rei ahi se está; o Mitaquer e os Portuguezes são d'elle bem recebidos.

O Tartaro, conhecendo que a tomada da China não é tão leve cousa como de principio lhe pareceu, por ser

chegado o inverno se determiná em partir para suas terras, por haver já perdido quatrocentos mil homens, trezentos mil cavallos e sessenta mil badas.

De maneira que de um conto e oitocentos mil homens com que partio do seu reino para cercar esta cidade de Pekim, sobre a qual esteve seis mezes e meio, levou menos setecentos e cincoenta mil, os quatrocentos e cincoenta mil que morrêrão de peste, fome e guerra, e trezentos mil que se lançárão com os Chins pelo grande soldo que por isso lhes davão, afóra outras muitas vantagens de honras e mercês de dinheiro que lhes fazião continuamente.

Mettido já na sua cidade de Taymicão, é visitado de varios reis em pessoa e de outros por embaixadores. Vem o d'el-rei Carão pedir-lhe a irmã em casamento, o que elle concede, e por essá occasião se fazem festas.

A rogos do Mitaquer dá outra vez audiencia aos Portuguezes; põe-lhes á escolha ficarem-o servindo, ou iremse com o embaixador para a Cauchenchina, d'onde se poderão tornar para sua terra; a pretexto de terem n'ella mulheres e filhos pobres, a quem sustentarem, abração todos o segundo partido, afóra Jorge Mendes, que se fica com seis mil taeis de renda em cada um anno. Este á despedida reparte mil cruzados pelos seus oito companheiros, e el-rei lhes manda dar mais dous mil taeis.

SUMMARIO E EXTRACTO

DO

CAPITULO CXXVI

Partidos para a Cauchenchina com os embaixadores tartaros a 9 de Maio de 1544, vão pernoitar no primeiro dia a um pagode chamado Naypatim. Ao outro dia chegão á cidade de Puxanguim. D'ahi a cinco de viagem, sempre pelo mesmo rio « fomos, diz o autor, um sabbado pela manhã, ter a um grande templo por nome Singuafatur, o qual tinha uma cerca que seria de mais de uma legua em roda, dentro da qual estavão fabricadas cento e sessenta e quatro casas muito compridas e largas a modo de terecenas, todas cheias até os telhados de caveiras de gente morta, as quaes erão tantas em tanta quantidade que receio muito dizêl-o, assim por ser cousa que se poderá mal crer, como pelo abuso e cegueira d'estes miseraveis.

« Fóra de cada uma d'estas casas, estavão os ossos das caveiras que estavão dentro n'ella, postos em rumas tão altas que sobrepujavão por cima dos telhados mais de tres braças, de maneira que a mesma casa ficava mettida debaixo de toda esta ossada sem se apparecer d'ella mais que a frontaria em que estava a porta.

« Sobre um teso que a terra fazia para a banda do sul, estava feito um terreiro alto fechado todo com nove or-

dens de grades de ferro para o qual se subia por quatro entradas. Dentro d'este terreiro estava posto em pé, encostado a um cubello de cantaria muito forte e alto, o mais disforme e espantoso monstro de ferro coado que os homens podem imaginar, o qual tomado assim a esmo, se julgava que seria de mais de trinta braças em alto, e seis de largo, e n'esta tamanha disformidade era muito bem proporcionado em todos os membros, salvo na cabeça, que era um pouco pequena para tamanho corpo, o qual monstro sustentava em ambas as mãos um pilouro do mesmo ferro coado de trinta e seis palmos em roda. A significação d'esta estranha monstruosidade perguntámos nós ao embaixador tartaro, o qual nos respondeu:

« — Se vós outros soubesseis a conta d'este deos forte, e quão necessario vos era terdel-o por amigo, houvereis por bem empregado dardes-lhe tudo o que tendes antes que aos vossos mesmos filhos, porque haveis de saber que este grande santo que aqui vedes é o thesoureiro de todos os ossos de quantos nascêrão no mundo, para no derradeiro dia de todos os dias, quando os homens hão de tornar a nascer de novo, dar a cada carne os ossos que deixou na terra, porque conhece todos, e sabe particularmente de que carne foi cada ossada d'aquellas, e aquelle triste que n'esta vida foi tão mofino que lhe não fez honra, nem lhe deu esmola, dar-lhe-ha os mais podres ossos que achar no chão porque viva sempre enfermo, ou lhe dará um osso ou dous menos, para que

fique manco, ou aleijado, ou torto, e por isso vós outros, de meu conselho, fazei-vos aqui seus confrades, e offerecei-lhe alguma cousa, e vós vereis o bem que d'ahi se vos segue.

« Tambem lhe perguntámos para que era aquelle pilouro que tinha nas mãos, e nos respondeu:

« — Que para dar com elle na cabeça á serpe tragadora que vivia na concava funda da casa do fumo, quando os quizesse vir roubar.

« Após isto lhe tornámos a perguntar pelo nome d'aquelle monstro, e nos disse:

« — Que era, Pachinarau-dubeculem-pinanfaqué, o qual havia setenta e quatro mil annos que nascêra de uma tartaruga por nome Miganja, e de um cavallo marinho de cento e trinta braças de comprido, que se chamava Tibremvucão, que fôra rei dos gigaos de Fanjús.

« E d'estas patranhas e bestialidades nos contou outras muitas que têm para si, com que o demonio os leva todos ao inferno, a que elles chamão concava funda da casa do fumo.

« Affirmou-nos tambem este embaixador que sómente das esmolas dos seus confrades passava de duzentos mil taeis de renda cada anno, afóra as propriedades das capellas dos jazigos dos nobres, que separadas por si fazião outra muito maior quantidade de renda que esta das esmolas, e que tinha de ordinario doze mil sacerdotes a que se dava de comer e vestir, que, como merceei-

ros, erão obrigados a rezar pelos defuntos d'aquelles ossos, os quaes não sahião fóra d'aquella cerca sem licença dos seus chisangués a que obedecião, mas que de fóra havia seiscentos servidores que lhes negociavão o necessario, os quaes sacerdotes uma só vez no anno se lhes permittia quebrarem a castidade dentro n'aquella cerca, mas que fóra d'ella o podião fazer cada vez e com quem quizessem, sem incorrerem em peccado, e que para isso tinhão tambem seus encerramentos, onde tinhão muitas mulheres deputadas para isto, as quaes com licença das suas libangús, que são as priorezas, se não negão aos sacerdotes d'esta bestial e diabolica seita. »

CAPITULO CXXVII

Do caminho que fizemos até chegarmos á cidade de Quanginau, e do que n'ella vimos.

Seguindo nosso caminho d'este pagode para diante, fomos ao outro dia ter a uma cidade muito nobre que estava á borda do rio, por nome Quanginau, na qual estes embaixadores ambos se detiverão tres dias, provendo-se de algumas cousas de que já vinhão faltos, e vendo umas festas que se fazião á entrada do Talapicor de Lechune, que é entre elles como papa, o qual ia visitar el-

rei e consolal-o pelo máo successo que tivera na China.

Este Talapicor entre algumas honras e mercês que fez aos moradores d'esta cidade para lhes satisfazer o muito que gastárão no recebimento que lhe fizerão, foi conceder-lhes que pudessem todos ser sacerdotes, e ministrar sacrificios onde quer que se achassem para lhe darem por isso seu estipendio como aos outros que forão feitos por exame, e que pudessem tambem passar escriptos como lettras de cambio para no céo darem dinheiro aos que lhe cá fizessem bem.

E ao embaixador da Cauchenchina, por ser estrangeiro, concedeu que na sua terra pudesse legitimar por novos parentescos os que por isso lhe dessem dinheiro, e dar nomes de titulos honrosos aos senhores da côrte, assim como el-rei o fazia, de que o triste embaixador se houve por tão honrado, e a vaidade que tomou por isto o fez tão alheio de sua condição (porque naturalmente era apertado) que o fez alli gastar em esmolas que deu aos sacerdotes tudo quanto levava de seu, e não contente ainda com isto nos tomou tambem a cambio os dous mil taeis que el-rei nos tinha dado, de que depois nos deu de interesse a quinze por cento, e querendo-se estes embaixadores partir, forão visitar o Talapicor a um pagode onde estava aposentado, porque por ser grandioso e tido em reputação de santo, não podia pousar com nenhum homem senão com el-rei sómente, porém elle lhes mandou que se não fossem aquelle dia, porque havia elle de prégar em um templo de religiosas da invocação de Pon-

timaqueu, o que elles tiverão por muito grande honra, e d'alli se forão logo para o pagode onde se havia de fazer o sermão, onde era tanta a gente em tanta maneira que foi necessario mudar-se o agrem, que era o pulpito, para um terreiro muito grande, o qual em menos de uma hora foi todo cercado em roda de palanques toldados de pannos de seda, em que estavão as mulheres e filhas dos nobres ricamente vestidas, e de outra parte estava a Vanguenarau, que era a prioreza, com todas as menigrepas do pagode, que erão mais de trezentas, e subido o Talapicor no agrem, depois de mostrar no exterior muitos gestos e meneios de santidade, pondo de quando em quando os olhos no céo com as mãos levantadas, começou seu introito, dizendo:

« Faxitinau hinagor datirem, voremidané datur natigam filau impacur, coilouzaa patigão, etc., etc. Que quer dizer: — Assim como por natureza a agua lava tudo, e o sol aquenta as creaturas, assim é proprio em Deos por natureza celeste fazer bem a todos. Pelo qual uns e outros somos muito obrigados a imitarmos este Senhor que nos creou e nos sustenta, com fazermos geralmente aos faltos do bem do mundo aquillo que queriamos que nos fizessem a nós, visto como n'esta obra o agradamos muito mais que em todas as outras, porque assim como o bom pai folga quando vê que lhe convidão seus filhos, assim folga este Senhor, pai verdadeiro de todos, quando com zelo de caridade nos communicamos uns com os outros.

« Pelo que está visto e claro que o avarento que fecha a mão para aquelles a que a necessidade obriga a pedir o que lhe falta, e lhe é necessario, e torce o focinho para outra parte sem lhe dar remedio, assim ha de ser torcido por juizo justo de Deos no charco da noite, onde continuo bradará como rã, atormentado na fome de sua avareza, pelo que vos admoesto e mando a todos que pois tendes orelhas que me ouçais, e façais o que a lei do Senhor vos obriga, que é dardes do vosso sobejo aos pobres, a quem falta o remedio para se sustentarem, porque Deos vos não falte no derradeiro bocejo da vida. E seja esta caridade em vós tão geral que até os passarinhos do ar sintão esta vossa liberalidade, a que a lei do Senhor vos obriga, porque a falta do vosso sobejo os não constranja a tomarem o alheio, em cujo peccado vós sereis tão culpados como se matáreis um menino no berço. E encommendo-vos que vos lembre o que está escripto nos volumes da nossa verdade ácerca dos bens que haveis de fazer aos sacerdotes que rogão por vós, porque se não percão á mingua do que lhes não dais, que será ante Deos tamanho peccado como que matasseis uma vacca branca estando mamando na teta da mãi, em cuja morte morrem mil almas que n'ella como em casa de ouro estão sepultadas esperando o dia da sua promessa, em que serão tornadas em perolas brancas para bailarem no céo como os argueiros nas resteas do sol. »

E assim com estas ruins razões, e outras muitas tão

ruins como ellas, se veio a afervorar de tal maneira, e dizer tantos desatinos, que nós os oito Portuguezes estavamos pasmados da devoção d'aquella gente, e de comotodos estavão promptos e com as mãos alevantadas, dizendo de quando em quando tayximida, que quer dizer assim o cremos.

Um dos da nossa campanhia por nome Vicente Morosa, quando estes ouvintes em certos passos dizião tayximida, dizia tambem, tal seja tua vida, e isto com tanta graça nos menêos, e com um semblante tão sisudo, e sem nenhum movimento de riso, que não havia nenhum de quantos estavão no auditorio que se pudesse ter ao riso, e elle só não fazia de si nenhuma mudança, mas ficava sempre muito seguro, fingindo que chorava com devoção, e sempre com os olhos postos no Talapicor, o qual quando olhou para elle não se pôde ter que não fizesse tambem o que os outros fazião, de maneira que o fim da prégação, assim no que prégava como nos ouvintes, se soltou n'um riso com tanto gosto, que até a Vanganarau com todas as menigrepas da religião, não havia cousa que as pudesse tornar a metter na autoridade com que primeiro estavão, tendo todos para si que o Portuguez fazia aquillo com devoção e em todo seu siso, porque na verdade se entendêrão que o fazia zombando ou por desprezo, quiçá que fôra muito bem castigado.

Após isto se recolheu o Talapicor para o pagode onde pousava, acompanhado de toda a gente honrada e dos embaixadores, e de caminho foi gabando a devoção do

Portuguez, dizendo : « Até estes, ainda que bestiaes, e sem conhecimento da nossa verdade, não deixão de sentir que é cousa santa o que me ouvirão; » a que todos respondêrão que era assim sem falta nenhuma.

SUMMARIO E EXTRACTO

DOS

CAPITULOS CXXVIII, CXXIX E CXXX

Continuando a viagem pelo rio mais quatro dias chegão á cidade de Lechune, que « é cabeça da falsa religião, diz o autor, d'esta gentilidade, como Roma entre nós, na qual está um templo muito sumptuoso, e de edificios muito notaveis, em que estão sepultados vinte e sete reis ou imperadores d'esta tartara monarchia, em jazigos de capellas muito ricas, assim por serem lavradas de obra muito custosa, como por serem todas forradas de prata, onde havia uma grande quantidade de idolos de differentes naturezas, tambem feitos de prata.

« Para a parte do norte, um pouco afastada d'este templo, estava uma notavel cerca assim de grande, como de forte, dentro da qual estavão edificados duzentos e oitenta mosteiros, dedicados aos seus pagodes, tantos de homens como de mulheres, nos quaes nos affirmárão

que havia quarenta e dous mil sacerdotes e menigrepos, afóra os ministros que servião de fóra, de que tambem era uma grande quantidade.

« Por entre estas duzentas e oitenta casas havia infinitas columnas de bronze, e em cima de cada uma d'ellas estava um idolo do mesmo bronze dourado, e alguns d'estes idolos erão de prata, que são as estatuas dos que elles nas suas seitas tiverão por santos, e de que contão grandes patranhas, e segundo os quilates das virtudes em que cada um exercitou a vida, assim lhe fazem a estatua mais ou menos dourada e rica, para que os vivos que os virem assim honrados, se incitem e animem a os imitarem, para que depois de mortos lhe fação a elles outro tanto.»

Vêm n'um d'estes mosteiros a uma irmã do rei da Tartaria, a qual em enviuvando se tinha alli recolhido em religião, com seis mil mulheres, e era tida em conta de santa. Esta manda dar aos Portuguezes cem taeis. D'ahi a cinco dias, continuando pelo rio, chegão á cidade de Rendacalem, que está no extremo do reino da Tartaria e entrão no senhorio de Xinaleygran; caminhão por elle onze dias; embarcão-se no esteiro de Quatanqur; chegão ao lago de Singapamor; mettem por um rio largo e chegão a Tarem, pertencente já á Cauchenchina; ahi são bem agasalhados. Sete dias depois chegão á cidade de Xolor, onde se faz toda a porcellana adamascada, que vai ter á China; vão ver umas minas de prata, onde trabalhão mil homens, e d'onde se tirão

por anno para o rei de Cauchim seis mil picos, que fazem oito mil quintaes da nossa moeda. Passão pela cidade de Manaquileu, pela de Tinanquaxy, onde pela tia d'el-rei, que ahi governa, sabem que elle se recolheu da guerra dos Tinocouhós, muito contente com o bom successo que n'ella teve; e está ha quasi um mez em Fanaugrem, occupado em caças e pescarias. Para lá se partem; no meio do caminho, na villa de Lindaupanoo, são hospedados pelo capitão d'ella, parente de um dos embaixadores. Este capitão conta que um seu genro era fallecido, por cuja morte sua filha, que era mulher do morto, se queimára tambem logo, de que seus parentes todos estavão muito consolados por ella mostrar n'esta fineza que fizera quem sempre fôra. E o mesmo embaixador, pai da morta, se mostrou tambem d'isto muito satisfeito, dizendo: « Agora filha, que sei que és santa, e estás servindo teu marido no céo, te prometto e juro que por essa fineza em que mostraste o real sangue d'onde procedes, te mande fazer em memoria de tua bondade, uma casa de nome tão honroso, que tu desejes de vir de lá d'onde estás a te recrear n'ella, como aquellas almas que temos para nós que já antigamente fizerão o mesmo. » E com isto se deixou cahir em terra de bruços com o rosto no chão, onde esteve até o outro dia, que foi visitado de todos os religiosos d'aquella terra, que o consolárão com muitas palavras, affirmando-lhe que sua filha era santa, e como a tal lhe podia mandar fazer estatua de prata, porque todos elles lhe davão licença

para isso, o que elle estimou grandemente, e lhes deu por isso muitos agradecimentos, e os proveu com dinheiro, e assim a todos os pobres que havia na terra.

Entrão em Fanaugrem, onde el-rei está com grande apparato, e tem comsigo 64 estatuas de bronze e 19 de prata tomadas aos inimigos, cujos deoses erão, e ás quaes mandou deitar aos pescoços cadêas de ferro, para as levar comsigo a rastos, quando entrar triumphante na sua capital de Huzanguee. El-rei recebe com honra a embaixada do Tartaro, e promette que favorecerá o desejo que os Portuguezes trazem, de quando fôr monção se embarcarem para onde lhes convem.

SUMMARIO E EXTRACTO

DOS

CAPITULOS CXXXI, CXXXII E CXXXIII

Abalão-se com el-rei. Ao cabo de treze dias chega elle a Husanguee, onde se lhe faz um grande recebimento, levando por triumpho diante de si todos os despojos que tomára na guerra, de que a principal parte, e de que se elle mais jactava, erão doze carretas carregadas dos idolos de que atrás fiz menção, os quaes erão de diversas maneiras como elles os costumão ter nos seus

pagodes, e d'estes os sessenta e quatro erão gigantes de bronze, e dezenove de prata do mesmo teor e grandeza, porque, como já por vezes tenho dito, o de que esta gente faz mais caso é de triumpharem com estes idolos, dizendo que apezar de seus inimigos lhes captivárão os seus deoses; em torno d'estas doze carretas, ia uma grande quantidade de sacerdotes presos de tres em tres com cadêas de ferro, os quaes todos ião chorando. Após estes sacerdotes, mais atrás um pequeno espaço, ião quarenta carros com duas badas em cada carro, cheios até cima de infinidade de armas, com muitas bandeiras a rasto, e n'outros vinte carros que trás estes ião pela mesma maneira vinhão umas arcas muito grandes chapeadas de ferro, em que se dizia que vinha o thesouro dos Tinocouhós, e n'esta ordem ia tudo o mais de que elles costumão a fazer caso nos triumphos d'estas entradas, como forão duzentos elephantes armados com castellos e panouras de guerra, que são as espadas que levão nos dentes quando pelejão, e uma grande somma de cavallos com saccas de caveiras e de ossos de gente morta. De maneira que n'esta entrada mostrou ao povo tudo o que ganhára por sua lança aos inimigos na batalha que tivera com elles.

Depois de haver quasi um mez que estavamos n'esta cidade, vendo muitos jogos e festas notaveis, e outras muitas maneiras de desenfadamentos que os grandes e o povo continuamente fazião, com banquetes esplendidos todos os dias, o embaixador tartaro que nos trouxera,

fallou a el-rei sobre a nossa ida, a qual lhe elle concedeu muito levemente, e nos mandou logo dar embarcação para a costa da China, onde nos pareceu que achassemos navios nossos em que nos fossemos para Malaca, e d'ahi para a India, o qual foi logo posto em effeito, e nós nos fizemos prestes do necessario para a partida.

Finalmente embarcão: chegão ao porto de Sanchão, ilha no reino da China, onde depois morreu S. Francisco Xavier; como ahi não achem navio de Malaca, correm adiante até Lampacau, onde achão dous juncos da costa do Malayo, um de Patane, e outro de Lugor.

« Como a natureza d'esta nossa nação portugueza, diz o autor, é sermos muito affeiçoados a nossos pareceres, houve aqui entre nós todos oito tanta differença e desconformidade de opiniões sobre uma cousa em que o que mais nos relevava era termos muita paz e concordia, que quasi nos houveramos de vir a matar uns aos outros, de maneira que por ser assaz vergonhoso contar o como passou, não direi mais senão que o Necodá da lorcha que nos alli trouxe de Huzanguee, espantado d'este nosso barbarismo, se partio muito enfadado, sem querer levar carta nem recado nosso que nenhum de nós lhe désse, dizendo que antes queria que el-rei por isso lhe mandasse cortar a cabeça, que offender a Deos em levar cousa nossa onde elle fosse. E assim differentes e malavindos ficámos aqui n'esta pequena ilha mais nove dias, em que os juncos ambos se partírão, sem tambem nenhum d'elles nos querer levar comsigo, pelo qual nos

foi forçado ficarmos alli mettidos no matto, arriscados a muitos e grandes perigos, dos quaes ponho em muita duvida podermos escapar, se Deos Nosso Senhor se não lembrára de nós, porque havendo já dezesete dias que aqui estavamos em grande miseria e esterilidade, veio alli acaso surgir um corsario por nome Samipocheca, que vinha desbaratado, fugindo da armada do aytao do Chincheo, que de vinte e oito velas que tinha lhe tomára as vinte e seis, e elle lhe escapára com sómente aquellas duas que trazia comsigo, nas quaes trazia a mór parte da gente muito ferida, pelo que lhe foi forçado deter-se alli vinte dias para que a curasse. E nós os oito constrangidos da necessidade nos foi forçado assentarmos partido com elle para que nos levasse comsigo por onde quer que fosse, até que Deos nos melhorasse n'outra embarcação mais segura em que nos fossemos para Malaca.

« Passados estes vinte dias em que os feridos guarecèrão sem em todo este tempo haver entre nós reconciliação da desavença passada, nos embarcámos ainda assim malavindos com este corsario, os tres no junco em que elle ia, e os cinco no outro de que era capitão um seu sobrinho, e partidos d'aqui para um porto que se chamava Lailoo, avante do Chincheo sete leguas, e d'esta ilha oitenta, seguímos por nossa derrota com ventos bonanças ao longo da costa de Lamau, espaço de nove dias, e sendo uma manhã quasi noroeste sueste com o rio do sal, que está abaixo de Chabaquee cinco

leguas, nos commetteu um ladrão com sete juncos muito alterosos, e pelejando comnosco das seis horas da manhã até as dez, em que tivemos uma briga assaz travada de muitos arremessos assim de lanças como de fogo, emfim se queimárão tres velas, as duas do ladrão, e uma das nossas, que foi o junco em que ião os cinco Portuguezes, a que por nenhuma via pudemos ser bons, por já a este tempo termos a maior parte da gente ferida. E refrescando-nos sobola tarde a viração, prouve a Nosso Senhor que lhe fugimos e escapámos das suas mãos.

Dá-lhes um temporal; vão surgir na ilha de Tanixumaa. O Nautaquim d'esta ilha, homem curioso de cousas novas, folga com ver e ouvir os Portuguezes, pede-lhes noticias do seu reino de que tantas grandezas soão, « a que respondêmos, diz o autor, mais conforme ao gosto que n'elle viamos, que não ao que realmente era verdade, mas isto foi em certas perguntas em que foi necessario ajudarmo-nos de algumas cousas fingidas por não desfazermos no credito que elle tinha d'esta nossa patria.

« A primeira foi dizer-nos que lhe tinhão dito os Chins e Lequios, que Portugal era muito maior em quantidade assim de terra como de riqueza, que todo o imperio da China, o que nós lhe concedêmos.

« A segunda, que tambem lhe tinhão certificado que tinha o nosso rei sogigado por conquista de mar a maior parte do mundo, a que tambem dissemos que era verdade.

« A terceira, que era tão rico o nosso rei de ouro e de prata, que se affirmava que tinha mais de duas mil casas cheias até o telhado, e a isto respondêmos que no numero de duas mil casas nos não certificavamos, por ser a terra e o reino em si tamanho, e ter tantos thesouros e povos, que era impossivel poder-se-lhe dizer a certeza d'isso. E n'estas perguntas, e em outras d'esta maneira, nos deteve mais de duas horas, e disse para os seus:

« — Certo que se não deve de haver por ditoso nenhum rei de quantos agora sabemos na terra, senão só o que fôr vassallo de tamanho monarcha como é o imperador d'esta gente. »

O Nautaquim os hospeda como amigos.

EXTRACTO

DO

CAPITULO CXXXIV

Nós o tres Portuguezes, como não tinhamos veniaga em que nos occupassemos, gastavamos o tempo em pescar e caçar, e ver templos dos seus pagodes que erão de muita magestade e riqueza, nos quaes os bonzos, que são os seus sacerdotes, nos fazião muito gasalhado, porque toda esta gente do Japão é naturalmente muito bem inclinada e conversavel.

No meio d'esta nossa ociosidade, um dos tres que eramos, por nome Diogo Zeimoto, tomava algumas vezes por passatempo tirar com uma espingarda que tinha de seu, a que era muito inclinado, e na qual era assaz destro. E acertando um dia de ir ter a um paul onde havia grande somma de aves de toda a sorte, matou n'elle com a munição umas vinte e seis marrecas. Os Japões vendo aquelle novo modo de tiros que nunca até então tinhão visto, derão rebate d'isso ao Nautaquim, que n'este tempo estava vendo correr uns cavallos que lhe tinhão trazido de fóra, o qual, espantado d'esta novidade, mandou logo chamar o Zeimoto ao paul onde andava caçando, e quando o vio vir com a espingarda ás costas, e dous Chins carregados de caça, fez d'isto tamanho caso, que em todas as cousas se lhe enxergava o gosto do que via, porque como até então n'aquella terra nunca se tinha visto tiro de fogo, não se sabião determinar com o que aquillo era, nem entendião o segredo da polvora, e assentárão todos que era feitiçaria.

O Zeimoto vendo-os tão pasmados, e o Nautaquim tão contente, fez perante elles tres tiros em que matou um milhano e duas rolas, e por não gastar palavras no encarecimento d'este negocio, e por escusar de contar tudo o que se passou n'elle, porque é cousa para se não crer, não direi mais senão que o Nautaquim levou o Zeimoto nas ancas de um quartao em que ia, acompanhado de muita gente, e quatro porteiros com bastões ferrados nas mãos; os quaes bradando ao povo, que

n'este tempo era sem conto, dizião : « o Nautaquim principe d'esta ilha Tanixumaa, e senhor de nossas cabeças, manda e quer que todos vós outros, e assim os mais que habitão a terra d'entre ambos mares, honrem e venerem este chenchicogim do cabo do mundo, porque de hoje por diante o faz seu parente, assim como os facharões que se assentão junto de sua pessoa, sob pena de perder a cabeça o que isto não fizer de boa vontade ; » a que todo o povo com grande tumulto de vozes respondia : « assim se fará para sempre. »

E chegando o Zeimoto com esta pompa mundana ao primeiro terreiro dos paços, descavalgou o Nautaquim, e o tomou pela mão, ficando nós os dous um bom espaço atrás, e o levou sempre junto de si até uma casa onde o assentou á mesa comsigo, na qual, tambem por lhe fazer a maior honra de todas, quiz que dormisse aquella noite, e sempre d'alli por diante o favoreceu muito, e a nós por seu respeito em alguma maneira.

E entendendo então o Diogo Zeimoto que em nenhuma cousa podia melhor satisfazer ao Nautaquim alguma parte d'estas honras que lhe fizera, nem em que lhe désse mais gosto que em lhe dar a espingarda, lh'a offereceu um dia que vinha da caça com muita somma de pombas e de rolas, a qual elle aceitou por peça de muito preço, e lhe affirmou que a estimava muito mais que todo o thesouro da China, e lhe mandou dar por ella mil taeis de prata, e lhe rogou muito que lhe ensi-

nasse a fazer a polvora, porque sem ella ficava a espingarda sendo um pedaço de ferro desaproveitado, o que o Zeimoto lhe prometteu, e lh'o cumprio. E como d'alli por diante todo o gosto e passatempó do Nautaquim era no exercicio d'esta espingarda, vendo os seus que em nenhuma cousa o podião contentar mais que n'aquella de que elle mostrava tanto gosto, ordenárão de mandarem fazer por aquella outras do mesmo teor, e assim o fizerão logo. De maneira que o fervor d'este appetite e curiosidade foi d'alli por diante em tamanho crescimento, que já quando nós d'alli partímos, que foi d'alli a cinco mezes e meio, havia na terra passante de seiscentas. E depois a derradeira vez que me lá mandou o vice-rei D. Affonso de Noronha com um presente para o rei do Bungo, que foi no anno de 1556, me affirmárão os Japões que n'aquella cidade do Fucheo, que é a metropole d'este reino, havia mais de trinta mil.

E fazendo eu d'isto grande espanto, por me parecer que não era possivel que esta cousa fosse em tanta multiplicação, me disserão alguns mercadores, homens nobres e de respeito, e m'o affirmárão com muitas palavras, que em toda a ilha do Japão havia mais de trezentas mil espingardas, e que elles sómente tinhão levado de veniaga para os Lequios, em seis vezes que lá tinhão ido, vinte e cinco mil.

De modo que por esta só que o Zeimoto aqui deu ao Nautaquim com boa tenção e por boa amizade, e por lhe satisfazer parte das honras e mercês que tinha recebido

d'elle, como atrás fica dito, se encheu a terra d'ellas em tanta quantidade que não ha já aldêa nem lugar, por pequeno que seja, d'onde não saião de cento para cima, e nas cidades e villas notaveis não se falla senão por muitos milhares d'ellas. E por aqui se saberá que gente esta é, e quão inclinada por natureza ao exercicio militar, no qual se deleita mais que todas as outras nações que agora se sabem.

CAPITULO CXXXV

Como este Nautaquim me mandou mostrar ao rei do Bungo, e do que vi e passei até chegar onde elle estava.

Havendo já vinte e tres dias que estavamos n'esta ilha de Tanixumaa descansados e contentes, passando o tempo em muitos desenfadamentos de pescarias e caças a que estes Japões commummente são muito inclinados, chegou a este porto uma náo do reino do Bungo, em que vinhão muitos mercadores, os quaes desembarcando em terra forão logo visitar o Nautaquim com seus presentes, como têm por costume. Entre estes vinha um homem velho e bem acompanhado, e a quem todos os outros fallavão com acatamento, o qual posto de joelhos diante do Nautaquim lhe deu uma carta, e um rico terçado guarnecido de ouro, e uma boceta cheia de

abanos, que o Nautaquim tomou com grande ceremonia. E depois de estar com elle um grande espaço, perguntando-lhe por algumas particularidades, leu a carta entre si, e entendendo a substancia d'ella ficou algum tanto carregado, e despedindo de si o que lh'a trouxera, com o mandar agasalhar honradamente, nos chamou para junto de si, e acenou ao interprete que estava um pouco mais afastado, e nos disse por elle: « Rogo-vos muito, amigos meus, que ouçais esta carta que me agora derão d'el-rei do Bungo, meu senhor e tio, e então vos direi o que quero de vós. » E dando-a a um seu thesoureiro, lhe mandou que a lesse, a qual dizia assim:

« Olho direito do meu rosto, assentado igual de mim como cada um dos meus amados, Hiascarão goxo, Nautaquim de Tanixumaa, eu Oregemdoo vosso pai no amor verdadeiro de minhas entranhas, como aquelle de quem tomastes o nome e o ser de vossa pessoa, rei do Bungo e Facataa, senhor da grande casa da Francina, e Tosa, e Bandou, cabeça suprema dos reis pequenos das ilhas do Goto e Xamanaxeque, vos faço saber, filho meu, pelas palavras de minha boca ditas á vossa pessoa, que os dias passados me certificárão homens que vierão d'essa terra que tinheis n'essa vossa cidade uns tres chenchicogins do cabo do mundo, gente muito apropriada aos Japões, e que vestem seda e cingem espadas, não como mercadores que fazem fazenda, senão como homens amigos de honra, e que pretendem

por ella dourar seus nomes, e que de todas as cousas do mundo que lá vão por fóra vos têm dado grandes informações, nas quaes affirmão em sua verdade que ha outra terra muito maior que esta nossa, e de gentes pretas e baças, cousas incriveis ao nosso juizo, pelo que vos peço muito como a filho igual aos meus, que por Fingeandono, por quem mando visitar minha filha, me queirais mandar mostrar um d'esses tres que me lá dizem que tendes, pois, como sabeis, m'o está pedindo a minha prolongada doença e má disposição, cercada de dôres, e de muita tristeza, e de grande fastio, e se tiverem n'isto algum pejo, os segurareis na vossa e na minha verdade, que logo sem falta o tornarei a mandar em salvo, e como filho que deseja agradar a seu pai, fazei que me alegre com sua vista, e que me cumpra este desejo, e o mais que n'esta deixo de vos dizer, vos dirá Fingeandono, pelo qual vos peço que liberalmente partais comigo de boas novas de vossa pessoa e de minha filha, pois sabeis que é ella a sobrancelha do meu olho direito, com cuja vista se alegra meu resto. Da casa do Fucheo, aos sete mamocos da lua. »

Depois de lida esta carta, nos disse o Nautaquim : « Este rei do Bungo é meu senhor e meu tio, irmão de minha mãi, e sobretudo é meu bom pai, e ponho-lhe este nome, porque o é de minha mulher, pelas quaes razões me tem tanto amor como aos seus mesmos filhos, e eu pela grande obrigação que por isto lhe tenho, vos certifico que estou tão desejoso de lhe fazer a vontade,

que dera agora grande parte da minha terra porque Deos me fizera um de vós outros, assim para o ir ver, como para lhe dar este gosto que eu entendo, pelo muito que sei da sua condição, que elle estimará mais que todo o thesouro da China. E já que de mim tendes entendida esta vontade, vos rogo muito, que conformeis a vossa com ella, e que queira um de vós ambos ir a Bungo ver este rei que eu tenho por pai e senhor, porque est'outro a que dei nome e ser de parente não o hei de apartar de mim até que de todo me não ensine a tirar como elle. »

Nós os dous, Christovão Borralho e eu, lhe respondêmos que beijavamos as mãos a sua alteza pela merce que nos fazia em se querer servir de nós, e já que n'isso mostrava gosto, ordenasse qual de nós queria que fosse, porque se iria logo fazer prestes; a que elle depois de um pouco pensativo na deliberação da escolha, apontando para mim respondeu : « Este, que é mais alegre e menos sisudo, porque agrade mais nos Japões, e desmelencolise o enfermo, porque gravidade pesada como a d'est'outro, entre doentes não serve de mais que de causar tristeza e melancolia, e accrescentar o fastio a quem o tiver. »

E gracejando com os seus sobre esta materia, com alguns ditos e galantarias, a que naturalmente são muito inclinados, chegou o Fingeandono, ao qual me elle logo entregou com palavras de muito encarecimento acerca da segurança de minha pessoa, de que me eu

houve por muito satisfeito, e fiquei fóra de alguns receios que antes se me representavão pelo pouco conhecimento que até então tinha d'esta gente, e me mandou dar duzentos taeis para o caminho, com os quaes me fiz prestes o mais depressa que pude, e nos partímos o Fingeandono e eu em uma embarcação de remo . . . »

Desembarcão em Osqui, onde se detêm dous dias. « E, continúa o autor, nos fomos por terra para a cidade, onde chegámos ao meio-dia, e por não ser tempo de poder fallar el-rei, se foi (o Fingeandono) descer á sua casa, onde da mulher e dos filhos foi muito bem recebido, e a mim me fizerão muito gasalhado. E depois que jantou e descansou do trabalho do caminho, se pôz de vestidos de côrte, e com alguns parentes seus se foi ao paço, e me levou comsigo a cavallo.

« El-rei, sabendo da sua vinda, o mandou receber ao terreiro do paço por um seu filho moço, ao que parecia, de nove até dez annos, o qual vinha acompanhado de muita gente nobre, e elle vinha ricamente vestido com seis porteiros de maças diante, e tomando o Fingeandono pela mão, lhe disse com rosto alegre e bem assombrado: « A tua entrada n'esta casa d'el-rei meu senhor « seja de tamanha honra e contentamento para ti, que me« recão teus filhos, por serem teus filhos, comer á mesa « comigo nas festas do anno. » A que elle prostrado por terra respondeu: « Os moradores do céo, de quem, « senhor, aprendeste a ser tão bom, respondão por mim, « ou me dêm lingua de restea do sol para te gratificar

« com musica alegre a tuas orelhas esta grande honra
« que me agora fazes, por tua grandeza, porque sem isso
« peccarei se fallar, como os ingratos que habitão no
« mais baixo lago da concava escura da casa do fumo. »

« E com isto arremettendo ao terçado que o menino tinha na cinta para lh'o beijar, elle lh'o não consentio; mas tomando-o pela mão acompanhado d'aquelles senhores que com elle vierão, o levou comsigo até o metter na casa onde el-rei estava, o qual ainda que jazia na cama doente, o recebeu com outra nova ceremonia de que me escuso dar relação por não fazer a historia prolixa.

« E depois que leu a carta que lhe elle trouxe do Nautaquim, e lhe perguntar por algumas novas particulares de sua filha, lhe disse que me chamasse, porque a este tempo estava um pouco afastado atrás. Elle me chamou logo, e me apresentou a el-rei, o qual fazendo-me gasalhado, me disse: « A tua chegada a esta terra de que eu
« sou senhor, seja ante mim tão agradavel, como a chuva
« do céo no meio do campo dos nossos arrozes. » Eu, achando-me assaz embaraçado com a novidade d'aquella saudação, e d'aquellas palavras, lhe não respondi por então cousa alguma. Elle então olhando para os senhores que estavão presentes lhes disse: « Sinto torvação
« n'este estrangeiro, e será por ver tanta gente, de que
« póde ser que venha desacostumado, pelo que será bom
« deixarmos isto para outro dia, porque se fará mais á
« casa, e não estranhará ver-se no que se agora vê. » A

isto respondi eu então pelo meu interprete, que levava muito bom, que quanto ao que sua alteza dizia de me sentir torvado, lh'o confessava, mas não por causa da muita gente de que me via cercado, porque já outras vezes tinha visto outra em muito maior quantidade, mas que quando eu imaginava que me via diante dos seus pés, isso só bastava para eu ficar mudo cem mil annos, se tantos tivera de vida, porque os que estavão á róda erão homens como eu, porém sua alteza, o fizera Deos em tão alto gráo avantajado de todos, que logo quizera que fosse senhor, e os outros fossem servos, e que eu fosse formiga tão pequena em comparação da sua grandeza, que por ser pequeno, nem elle me enxergasse, enm eu soubesse responder a suas perguntas. Da qual tosca e grosseira resposta todos os que estavão presentes fizerão tamanho caso, que batendo as palmas a modo de espanto, disserão para el-rei: « Vê vossa alteza como « falla a proposito; não deve este homem de ser mer- « cador que trate em baixeza de comprar e vender, senão « bonzo prégador que ministre sacrificio ao povo, ou « homem que se criou para corsario do mar. » A que el-rei respondeu : « Tendes razão, e a mim assim m'o « parece, mas já que largou os fechos á cobardia, vamos « adiante com nossas perguntas, e ninguem falle nada, « porque eu só quero ser o que lhe pergunte, que vos « affirmo que tenho gosto de fallar com elle, emtanto « que quiçá comerei d'aqui a um pouco qualquer bocado, « porque não sinto agora nenhuma dôr em mim. » De

que a rainha e suas filhas que estavão junto com elle, com grande contentamento e com os joelhos em terra levantárão as mãos ao céo, e derão a Deos muitas graças por aquella mercê que lhes fizera. »

SUMMARIO E EXTRACTO

DOS

CAPITULOS CXXXVI E CXXXVII

Tem o autor a fortuna de em sós 30 dias curar aquelle rei do Japão. E' muito estimado na côrte, pelas noticias que todos folgão de lhe ouvir de umas regiões tão desconhecidas, como este Portugal. Com a sua espingarda excita em todos tanta admiração e gosto, como o Zeimoto o fizera com a sua em Tanixumaa. Mas deixemol-o fallar a elle :

« O segundo filho d'el-rei, por nome Arichandono, moço de dezeseis até dezesete annos, e a quem elle era muito affeiçoado, me requereu algumas vezes que o quizesse ensinar a tirar, de que me eu escusei sempre, dizendo que havia mister muito tempo para o aprender; porém elle não aceitando esta minha razão, fez queixume de mim a seu pai, o qual pelo comprazer me rogou que lhe désse um par de tiros para lhe satisfazer aquelle appetite, a que respondi que dous,

e quatro, e cento, e quantos sua alteza mandasse; e porque elle n'este tempo estava comendo com seu pai, ficou para depois que dormisse a sésta, o qual ainda aquelle dia não teve effeito, porque foi aquella tarde com a rainha sua mãi a um pagode de grande romagem, onde se fazia uma festa pela saude d'el-rei.

« E logo ao outro dia seguinte, que foi um sabbado, vespera de Nossa Senhora das Neves, se veio pela sésta á casa onde eu estava, sem trazer comsigo mais que sós dous moços fidalgos, onde me achou dormindo sobre uma esteira, e vendo estar a espingarda pendurada, não me quiz acordar, com proposito de tirar primeiro um par de tiros, parecendo-lhe, como elle depois dizia, que n'aquelles que elle tomava não se entenderião os que lhe eu promettêra, e mandando a um dos moços fidalgos que fosse muito caladamente acender o morrão, tirou a espingarda d'onde estava, e querendo-a carregar como algumas vezes me tinha visto fazer, como não sabia a quantidade de polvora que lhe havia de lançar, encheu o cano em comprimento de mais de dous palmos, e lhe metteu o pilouro, e a pôz no rosto e apontou para uma larangeira que estava defronte, e pondo-lhe o fogo, quiz a desaventura que arrebentou por tres partes, e deu n'elle e lhe fez duas feridas, uma das quaes lhe decepou quasi o dedo pollegar da mão direita, de que o moço logo cahio no chão como morto, o que vendo os dous que com elle estavão, forão fugindo caminho do paço, e gritando pelas ruas ião dizendo: « A espingarda

« do estrangeiro matou o filho d'el-rei, » a cujas vozes se levantou um tamanho tumulto na gente, que toda a cidade se fundia, acudindo com armas e grandes gritas á casa onde o pobre de mim estava, e já então qual Deos sabe, porque acordando eu com esta revolta, e vendo jazer o moço no chão junto de mim ensopado todo em sangue, sem acudir a pé nem a mão, me abracei com elle já tão desatinado e fóra de mim que não sabia onde estava.

« N'este tempo chegou el-rei debruçado sobre uma cadeira que quatro homens trazião aos hombros, e elle tão coado que não trazia côr de homem vivo, e a rainha a pé sobraçada em duas mulheres, e ambas as filhas da mesma maneira em cabello cercadas de grande quantidade de senhoras e gente nobre, as quaes vinhão todas como pasmadas, e entrando todos na casa, e vendo jazer o moço no chão como morto, e eu abraçado com elle, ensopados ambos em sangue, assentárão todos totalmente que eu o matára, e arremettendo dous dos que alli estavão a mim com os terçados nús nas mãos me quizerão logo matar ; porém el-rei bradou rijo dizendo : « Ta, ta, ta, inquirão-o primeiro, porque suspeito que « vem esta cousa de mais longe, porque póde ser que peitassem este homem alguns parentes dos tredos de que « o outro dia mandei fazer justiça. »

« E chamando então os dous moços fidalgos que se achárão alli com seu filho, os inquirio com grandes perguntas, a que respondêrão que a minha espingarda o

matára com uns feitiços que tinha dentro no cano, a que os circumstantes todos disserão com uma grita muito grande: « Para que é, senhor, ouvir mais? dê-se-lhe « logo cruel morte. »

« Com isto mandárão logo a grande pressa chamar o Jurubaca, que era o interprete por quem me eu entendia com elles, que n'este tempo tambem era fugido com medo, e o trouxerão preso diante d'el-rei, e perante elle e toda a justiça lhe fizerão um preambulo de muitos ameaços se não fallasse verdade, a que elle tremendo e chorando respondeu que elle a diria.

« Então fizerão logo alli vir tres escrivães, e cinco algozes com terçados de ambas as mãos arrancados, e eu já n'este tempo estava com as minhas atadas, e posto em joelhos diante d'elles, e o bonzo Asquerão teixe, que era o presidente da justiça, com os braços arregaçados, e uma gomia tinta no sangue do mesmo moço na mão, me disse: « Eu te esconjuro como a filho do diabo que « és, e culpado n'este crime tão grave como os habita- « dores da casa do fumo mettidos na concava funda do « centro da terra, que aqui em voz alta que todos te ou- « ção me digas qual foi a causa por que quizeste que a « tua espingarda com feitiçarias matasse este innocente « menino que todos tinhamos por cabellos da nossa ca- « beça? » A que eu por então não respondi palavra por estar tão fóra de mim que ainda que me matárão cuido que o não sentíra, porém elle com semblante feroz e irado me tornou a dizer: « Se não responderes a minhas

« perguntas, te hei por condemnado á morte de sangue,
« e fogo, e agua, e assopro de vento, para nos ares seres
« despedaçado como penna de ave morta que se divide
« em muitas partes. » E com isto me deu um grande
couce para que espertasse, e me tournou a dizer: « Falla,
« confessa de quem foste peitado, e quanto te derão, e
« como se chamão, e onde vivem? » A que eu algum
tanto já mais esperto, respondi, que Deos o sabia, e a elle
tomava por juiz d'esta causa. Elle comtudo, não contente
com o que tinha feito, me fez outros muitos ameaços
de novo, e me pôz diante outros muitos espantos e terribilidades em que se gastou espaço de mais de tres
horas, dentro nas quaes prouve a Nosso Senhor que o
moço tornou em si, e vendo seu pai e sua mãi junto
comsigo banhados em lagrimas, lhes disse que lhes
pedia muito que não chorassem, nem demandassem a
ninguem a sua morte, porque só elle fôra a causa d'ella,
e que eu não tinha culpa nenhuma, pelo que lhes tornava a pedir muito pelo sangue em que o vião banhado,
que me mandassem logo soltar, e senão que tornaria a
morrer de novo, e el-rei me mandou tirar logo as prisões com que os algozes me tinhão atado.

« N'este tempo chegárão quatro bonzos para o curarem, e vendo-o da maneira que estava, e com o dedo
pollegar pendurado, fizerão tamanho caso d'isto que
o não sei dizer, o que ouvindo o moço, começou a dizer: « Tirem-me esses diabos de diante, e tragão-me
« outros que me não digão da maneira que estou, pois

« foi Deos servido que estivesse eu d'esta maneira. »

« E despedindo logo estes quatro, vierão outros, os quaes se não atrevêrão a curar as feridas, e assim o disserão a seu pai, de que elle ficou assaz triste e desconsolado, e tomando sobre isto o parecer dos que estavão com elle, lhe aconselhárão que devia de mandar chamar um bonzo por nome Teixeandono, muito afamado entre elles, que estava então na cidade de Facataa, que era d'alli setenta leguas, a que o moço assim ferido respondeu: « Não sei que diga a esse conselho que dais a « meu pai estando eu da maneira que todos vedes, porque « onde houvera já de ser curado para se me estancar o « sangue, quereis que espere por um velho podre que « está d'aqui cento e quarenta leguas de ida e de vinda, « que primeiro que cá chegue se passará um mez: desaf- « frontai esse estrangeiro, e segurai-o do medo que lhe « tendes posto, e despejem esta casa, que elle me curará « como souber, porque antes quero que me mate um « homem que tanto tem chorado por mim como esse coi- « tado que o bonzo de Facataa de 92 annos, e sem vista « nos olhos. »

O autor logra pôr são o principe em sós vinte dias, pelo que é muito festejado de todos, e presenteado do rei e real familia: n'isto apura 1500 cruzados, com os quaes se torna muito contente para Tanixumaa. De Tanixumaa sahe com os seus dous companheiros para Liampoo, onde chegão a salvamento. N'esta cidade portugueza, de que já atrás se fez larga menção, se alegrão muito de

os ver tornar, e das noticias que por elles recebem do reino do Japão, sua muita prata e boa condição para se n'elle fazerem mercadorias, « do que todos ficárão, diz o texto, tão contentes, que não cabião em si de prazer, e logo ordenárão uma devota procissão para darem graças a Nosso Senhor por tamanha mercê, e n'ella forão da igreja maior que era de Nossa Senhora da Conceição, até outra de Santiago, que estava no cabo da povoação, onde houve missa e prégação.

« Acabada esta tão pia e tão santa obra, começou logo a cobiça a entrar nos corações dos mais dos homens d'aquella povoação de tal maneira, por querer cada um d'elles ser o primeiro que fizesse esta viagem, que vierão uns e outros a se dividirem, e pôrem-se em bandos, e com as armas na mão atravessar cada um as fazendas todas da terra, d'onde nasceu que vendo os mercadores chins esta tão nova e desordenada cobiça, onde o pico de seda valia n'aquelle tempo a quarenta taeis, veio em sós oito dias a subir a preço de cento e sessenta, e ainda assim a tomavão por força e de muito má feição.

« E com esta sêde e desejo do interesse, em sós quinze dias se fizerão prestes nove juncos que então no porto estavão, e todos tão mal negociados, e tão mal apercebidos, que alguns d'elles não levavão pilotos mais que sós os donos d'elles, que nenhuma cousa sabião d'aquella arte, e assim se partírão todos juntos um domingo pela manhã contra vento, contra monção .

contra maré, e contra razão, e sem nenhuma lembrança dos perigos do mar, mas tão contumazes e tão cegos n'isto que nenhum inconveniente se lhes punha diante, e n'um d'estes ia eu tambem.

« D'esta maneira velejárão assim ás cegas aquelle dia por entre as ilhas e a terra firme, e á meia-noite com uma cerração de grande chuveiro e tempestade que lhes sobreveio, derão todos por cima do parcel de Gotom, que está em trinta e oito gráos, com que dos nove juncos escapárão sós dous por grande milagre, e os sete se perdêrão todos sem de nenhum d'elles se salvar uma só pessoa, a qual perda foi orçada em mais de trezentos mil cruzados de fazenda, afóra outra maior de seiscentas pessoas que n'elles morrêrão, em que entrárão cento e quarenta Portuguezes, todos honrados e ricos.

« Os dous juncos que escapámos milagrosamente, seguímos por nossa derrota, e ambos em uma conserva fomos até tanto avante como a ilha dos Lequios, e alli com a conjuncção da lua nos deu tamanho contraste de vento nordeste que nunca nos mais vimos um ao outro, e lá quasi sob a tarde nos saltou o vento ao oesnoroeste, com que os mares ficárão tão cavados, e com escarcéo e vagas tão altas que era cousa espantosissima de ver.

« O nosso capitão, que se chamava Gaspar de Mello, homem fidalgo, e muito esforçado, vendo que o junco ia já aberto de pôpa, e com nove palmos d'agua no porão

da segunda coberta, assentou, com parecer dos officiaes, de cortar ambos os mastros, porque nos abrião o junco, e comquanto isto se fez com todo o tento e resguardo possivel, não pôde ser tanto a nosso salvo que a arvore grande não levasse debaixo de si quatorze pessoas, em que entrárão cinco Portuguezes, os quaes todos ficárão alli amassados, arrebentando cada um d'elles por mil partes, que foi uma cousa lastimosissima de ver, e que a todos nos derrubou os espiritos de tal maneira, que ficámos como pasmados.

« E crescendo comtudo a tormenta cada vez mais, nos deixámos ir, com assaz de trabalho, ao som do mar até quasi o sol posto, em que o junco acabou de se abrir de todo.

« Vendo então o capitão e toda a mais gente o triste estado em que nossos peccados nos tinhão posto, nos soccorrêmos a uma imagem de Nossa Senhora, á qual pedímos com muitas lagrimas e muitas gritas que nos alcançasse do seu bento filho perdão de nossos peccados, porque da vida não havia já quem fizesse conta.

« D'esta maneira passámos a maior parte da noite, e com o junco meio alagado corrêmos até o quarto da modorra rendido, que varámos por cima de uma restinga, na qual logo ás primeiras pancadas se fez em pedaços, em que morrêrão sessenta e duas pessoas, uns afogados, e outros esborrachados debaixo da quilha, cousa de tanta dôr e lastima, quanta os bons entendimentos podem imaginar. »

CAPITULO CXXXVIII

Do que passámos esses que escapámos d'este naufragio depois que fomos em terra.

Os poucos que escapámos d'este miseravel naufragio, que não forão mais que vinte e quatro, afóra algumas mulheres, tanto que a manhã foi clara conhecêmos que a terra em que estavamos era do Lequio grande, pelas mostras da ilha do fogo e a serra de Taydacão, e ajuntando-nos todos assim feridos como estavamos de muitas cutiladas das ostras e das pedras que havia na restinga, encommandando-nos a Nosso Senhor com muitas lagrimas, começámos a caminhar mettidos na agua até os peitos, e alguns lugares atravessámos a nado, e d'esta maneira caminhámos cinco dias continuos com tanto trabalho quanto a mesma cousa dá a entender, sem em todos elles acharmos cousa que comessemos senão alguns limos do mar, e no fim d'estes dias prouve a Nosso Senhor que chegámos á terra, e caminhando pelo matto, nos deparou a divina providencia o mantimento de umas hervas que n'esta nossa terra se chamão azedas, de que comêmos tres dias que alli estivemos, até que fomos vistos de um moço que andava guardando gado, o qual tanto que nos vio, correndo pela serra acima foi dar rebate de nós a uma aldèa que estava d'alli um quarto de legua, o que sabido

pelos moradores d'ella, appellidárão logo toda a comarca com grande vozeria de tambores e busios, de maneira que em espaço de tres ou quatro horas se ajuntárão passante de duzentas pessoas, de que os quatorze erão de cavallo, e tanto que houverão vista de nós se dividírão em dous magotes, e se vierão direitos a nós. O nosso capitão vendo este triste e miseravel estado em que a desaventura nos tinha posto, se assentou em joelhos, e com muitas palavras nos começou a animar, e lembrar-nos que nenhuma cousa se movia sem a vontade divina, pelo que como christãos deviamos de entender que Nosso Senhor se havia por servido de ser aquella a nossa hora derradeira, e que pois assim era, nos conformassemos todos com a sua vontade, tomando com muita paciencia da sua mão aquella tão desastrada morte, pedindo-lhe de todo nosso coração e com muita efficacia perdão dos peccados da vida passada, porque elle confiava em sua misericordia, que gemendo nós todos, como a sua santa lei nos obrigava, se não lembraria d'elles n'aquella hora, e levantando com isto as mãos e a voz ao céo, disse por tres vezes, com muitas lagrimas: « Senhor Deos, misericordia, » com as quaes vozes se levantou em todos uma tamanha grita de um christão e devoto pranto, que com verdade posso affirmar que o que então menos se sentia era aquillo que naturalmente mais se teme.

E estando assim todos n'este trabalhoso trance, chegárão a nós seis de cavallo, e vendo-nos assim nús, e

sem armas, e com os joelhos em terra, e duas mulheres mortas diante de nós, houverão tamanha piedade, que voltando os quatro d'elles para a gente de pé que vinha atrás, os fizerão ter a todos, sem consentirem que nenhum nos fizesse mal, e tornárão logo trazendo comsigo seis d'aquelles de pé que parecião ser ministros de justiça, ou ao menos d'aquella que então cuidavamos que Deos queria que se fizesse de nós, e estes, por mandado dos de cavallo, nos atárão a todos de tres em tres, e com mostras de piedade nos disserão que não houvessemos medo, porque el-rei dos Lequios era homem muito temente a Deos, e inclinado por natureza aos pobres, aos quaes fazia sempre grandes esmolas, pelo que nos affirmavão em verdade, e juravão por sua lei, que nos não havia de fazer nenhum mal; as quaes consolações, ainda que nas mostras de fóra nos parecêrão algum tanto piedosas, comtudo não nos satisfizerão nada, porque já a este tempo estavamos tão desconfiados da vida, que ainda que nol-as disserão pessoas de que tiveramos muita confiança, piedosamente lh'o creramos, quanto mais gentios crueis, e tyrannos, e sem lei nem conhecimento de Deos.

Tanto que nos tiverão atados, a gente de pé nos fechou a todos no meio, e os de cavallo ião adiante correndo de uma parte para a outra a modo de roldas. E começando nós a caminhar, umas tres mulheres que ainda levavamos vivas, ou para melhor dizer, mais que mortas, se não puderão d'alli bulir de pasmadas,

com muitos demaios assim de fraqueza como de medo, pelo que foi forçado aos de pé levarem-as ao collo, revezando-se de uns nos outros, e antes que chegassemos ao lugar expirárão as duas d'ellas, que ficárão alli no matto nuas, e a condição de serem comidas dos bichos, e dos adibes, e lontras, de que alli tinhamos visto muito grande quantidade, e já quasi sol posto chegámos a um grande lugar de mais de quinhentos vizinhos chamado Sipautor, no qual fomos logo mettidos dentro de um pagode, que era um templo da sua adoração, cercado em roda de parede muito alta, e vigiados de mais de cem homens, que com gritas e estrondos de muitos tangeres nos velárão toda aquella noite, em que cada um de nós teve o repouso que o tempo e o estado em que estavamos de si nos davão.

EXTRACTO E SUMMARIO

DOS

CAPITULOS CXXXIX E CXL

« Ao outro dia depois de ser manhã clara nos vierão visitar as mulheres honradas d'aquelle lugar, e por obra de caridade nos trouxerão muito arroz e peixe cozido, e algumas frutas da terra, para que comessemos, mostrando nas palavras que dizião, e nas lagrimas que derramavão,

condoerem-se muito da nossa triste miseria. Estas, vendo tambem quão faltos todos estavamos de vestidos, porque n'aquelle tempo tinhamos sobre nós muito pouco ou nada mais que o que trouxeramos dos ventres de nossas mãis, se forão seis d'ellas que todas entre si escolhêrão, a pedir com grandes vozes por todas as ruas dizendo : « Gentes, « gentes, que professais a lei do Senhor cuja condição é « (se se póde dizer) ser prodigo para comnosco, em nos « communicar seus bens, sahí do encerramento de vossas « paredes a verdes carne de nossa carne tocada por ira da « mão do Senhor poderoso, e soccorrer-lhe com vossas « esmolas para que a misericordia de sua grandeza vos « não desampare como a elles. » A cujas vozes foi tanta a esmola que a gente lhes dava que em menos de uma hora fomos todos providos do necessario em muita abastança. »

O xivalem, ou capitão do lugar, recebe do broquem, que é o governador do reino, uma ordem escripta, para que mande os naufragados para a cidade de Pongor, d'alli sete leguas.

Partem ao outro dia : pernoitão na villa de Gundexilau, n'uma masmorra como cisterna em que ha muitas sanguesugas. Ao outro dia chegão a Pongor : conduzem os presos á presença do broquem ; pedem-lhe misericordia ; elle lh'a promette, quanta couber nos limites da sua justiça. Como porém se tenhão suspeitas de serem ladrões, pela grande valia das riquezas que o mar arrojou á terra depois do seu naufragio, mettem-os em prisão, em que

passão dous mezes. Ao cabo d'elles manda o broquem um espia disfarçado em mercador, o qual, com muitos artificios e mostras de piedade, procura extorquir-lhes a confissão de seus crimes e roubos, se em verdade os commettêrão, por onde Deos com aquella desaventura os castigaria. Elles que já estão sobre-aviso, por tal arte respondem a este explorador, que o transformão em patrono e advogado seu perante o broquem. Vão portanto ser restituidos á liberdade, senão quando entra no porto um Chim corsario, grande inimigo dos Portuguezes, e muito aceito na terra, o qual com mentiras e verdades desfaz tudo e induz ao rei a dar por sentença que sejão todos feitos em quartos, e estes postos nas ruas publicas.

CAPITULO CXLI

Como el-rei mandou esta sentença ao broquem da cidade onde estavamos presos para que a executasse, e do que n'isso succedeu.

Dada esta cruel sentença contra nós, mandou el-rei um peretanda que a levasse logo, e a entregasse ao broquem da cidade onde estavamos presos, para que em termo de quatro dias a executasse em nós; o qual se partio logo com ella, e chegando á cidade, permittio Nosso Senhor que se fosse agasalhar em casa de uma sua irmã viuva, e mulher muito honrada, da qual tinha-

mos recebido muitas esmolas, a quem elle em muito segredo deu conta do a que vinha, e que havia de levar certidões da justiça que se fizesse em nós como el-rei lhe mandava.

Esta nobre mulher disse isto a uma sua sobrinha filha do broquem governador da cidade, em cuja casa se agasalhava uma mulher portugueza que era casada com o piloto que tambem estava preso comnosco com dous filhos seus. E querendo-a esta já consolar, lhe descobrio o que tinha sabido, a qual pobre Portugueza, tanto que esta senhora lhe deu esta nova, dizem que cahio supitamente no chão como morta, onde esteve sem falla um grande espaço, e quando tornou em si, se ferio com as unhas no rosto tão cruelmente, que ambas as faces forão desfeitas em sangue, a qual cousa, tão nova e tão desacostumada entre esta gente; espalhando-se logo por toda a cidade, causou em todas as mulheres d'ella tamanho espanto, que as mais d'ellas se sahirão de suas casas assim como n'aquella hora se achárão, com os filhos e filhas pelas mãos, sem pôrem diante as reprehensões que lhes podião dar seus maridos, nem arreceiarem as más linguas da gente praguenta e ociosa, que movida da sua má inclinação e natureza tem por costume fallar mal de muitas cousas que pela singeleza e boa tenção com que são feitas, as aceitára Nosso Senhor muitas vezes em serviço. E chegando assim todas á casa da filha do broquem onde, esta mulher então estava mais para morrer que para dar razão do que umas e outras lhe pergun-

tavão, ellas movidas pela causa primeira e principal, que é Deos Nosso Senhor autor de todos os bens, o qual movido da sua infinita bondade e misericordia, quando os trabalhos e os infortunios são maiores, então acode com o remedio mais certo áquelles que se achão mais attribulados, e mais desconfiados do remedio da terra, ainda que erão gentias se enternecêrão tanto, e houverão tamanho dó das lagrimas e desacostumado sentimento que vírão n'aquella mulher, que determinárão todas entre si de escreverem uma carta á mãi d'el-rei em nosso favor, a qual escrevêrão alli logo, em que lhe davão conta de toda a verdade de nós, e do que por dito do povo tinhão sabido, e quanto contra justiça se dera aquella sentença contra nós, e tambem lhe dizião o que esta Portugueza fizera, e a grande dôr e lastima com que, derramando sangue de todo seu rosto, lamentava com altas vozes a morte de seu marido e de seus filhos, e lhe affirmárão que tinha Deos tomado á sua conta o castigo da sem-razão d'este crime, e as palavras da carta dizião assim :

« Perola santa congellada na ostra maior do mais fundo das aguas ; estrella esmaltada de raios de fogo ; madeixa de cabellos dourados entretecida em capella de rosas, cujos pés de tua grandeza se aposentão no principal de nossas cabeças como rubi de joia sem preço, nós as somenos formigas da tua despensa, aposentadas no esquecido de suas migalhas, filhas e parentas da mulher do broquem, com todas as mais tuas captivas aqui assi-

gnadas, te fazemos, senhora, queixume do que os nossos olhos hoje nos mostrárão, que foi uma pobre mulher estrangeira sem semelhança de carne no rosto, alagada toda n'um charco de sangue, com os seus peitos feridos com tão admiravel crueza que aos brutos do matto fazia espanto, e a toda a gente temor muito medonho, gritando em vozes tão altas que te affirmamos todas em lei de verdade que se Deos lhe inclina as orelhas, como temos para nós que ha de fazer, por ella ser pobre e desprezada do mundo, que grande castigo de fogo e de fome venha sobre nós, pelo que receiosas nós d'isto, que todas grandemente tememos, te pedimos n'um grito como crianças esfaimadas que chorão á mãi, que postos os olhos na alma d'el-rei teu marido, por respeito da qual te pedimos isto de esmola, te queiras fazer da natureza dos santos, e pôres de todo á parte os respeitos da carne; porque quanto te mais moveres por Deos, tanto mais serás mettida na casa de Deos, onde temos por certo que acharás el-rei teu marido, cantando ao som da harpa dos meninos que nunca peccárão a cantiga d'esta piedosa esmola que por Deos e por elle todas te pedimos, que é pedires com efficacia grande a el-rei teu filho que se mova por Deos e por ti, e por nossos gritos e lagrimas, a haver piedade d'estes estrangeiros, e perdoar-lhes livremente toda a culpa que tiver d'elles, pois, como sabes, não os accusou nenhum santo que viesse do céo, senão homens torpes e de máo viver, a que não é licito inclinarem-se as orelhas. Conchanilau, donzella formosa, e bem inclinada, e

sobretudo mais honrada que todas as d'esta cidade, pela criação que sua mãi fez em ti, te certificará da parte de Deos, e d'el-rei teu marido, por cujo amor te pedimos isto, das mais particularidades d'este negocio, assim das continuas lagrimas e gemidos em que todos estes pobres agora ficão, como do grande medo e tristeza em que toda esta cidade está posta, cujos moradores todos com jejuns e esmolas te pedem que apresentes seus gritos diante d'el-rei teu sobre todos muito querido filho, a quem o Senhor de todos os bens dê tanto bem, que dos seus esquecidos se fartem as gentes que habitão a terra e as ilhas do mar. »

Esta carta ia assignada por mais de cem mulheres das principaes de toda a cidade, e foi mandada por uma donzella filha do mandarim Comanilau, governador da ilha de Banchaa, que jaz ao sul d'esta dos Lequios, a qual donzella partio o mesmo dia que chegou a sentença, já com duas horas de noite, por ser assim necessario, acompanhada de dous irmãos seus, e de outros dez ou doze parentes, todos gente muito nobre e dos principaes da cidade.

SUMMARIO

DOS

CAPITULOS CXLII E CXLIII

Chega a donzella á côrte, participa o negocio a sua tia, camareira-mór da rainha mãi d'el-rei. A camareira-mór logra interessar tanto sua ama em favor da pretenção, que esta se vai com a emissaria mostrar a carta ao filho, que ainda está na cama, pedindo ambas mui piedosamente que revogue a sentença. El-rei vem n'isso levemente, obrigado de um sonho que n'essa noite houvera, e escreve logo ao broquem que a todos aquelles presos mande soltar, e da fazenda real os proveja de embarcação, com as mais esmolas que a lei do Senhor lhe manda que faça, sem que a avareza lhe feche as mãos; accrescentando estas palavras :

« E quanto a verem minha pessoa antes de sua partida o hei por escusado, assim pelo trabalho que n'isso podem levar, como por não me ser dado, por ter o officio de rei, ver gente que conhecendo muito de Deos, usa pouco de sua lei, tendo por costume tomar o alheio. De Bintor, ás tres chavecas do primeiro mamoco da lua, na presença da sobrancelha do meu olho direito mãi minha, e senhora de todo o meu reino. » E o signal d'el-rei dizia assim :

« Hirapitau Xinancor Ambulec, esteio forte de toda a justiça. »

Volta a donzella a toda pressa com esta resposta, e o broquem a notifica aos presos; consola-os, manda-lhes tirar os ferros dos pés e das mãos, e lhes aconselha que d'ahi ao diante fação muito por viver como gente boa. Dá-lhes vestidos; hospeda-os em sua casa, onde muitas senhoras lequias os vêm ver e confortar, por serem as d'esta terra muito bem inclinadas; e não contentes com isto, agasalhão-os em suas casas, o tempo que alli estão, que são 46 dias, nos quaes são todos mui bem providos do necessario, que « não houve nenhum de nós, diz o autor, que não trouxesse de cem cruzados em dinheiro, e a Portugueza em dinheiro e peças trouxe mais de mil, com o que de seu marido em menos de um anno se restaurou do que tinha perdido. »

Passado um mez de descanso partem para Liampoo. Da terra dos Lequios d'onde sahem, faz o autor uma descripção, para que á vista da sua muita riqueza, e da condição fraca de seus moradores, os Portuguezes algum dia se tentem a conquistal-a, o que, segundo elle diz, com sós dous mil homens se conseguiria.

SUMMARIO E EXTRACTO

DO

CAPITULO CXLIV

De Liampoo sahem para Malaca n'uma náo portugueza. Achão ainda em Malaca por governador a Pero de Faria. Mandado pelo governador, torna o autor a fazer-se á vela aos 9 de Janeiro de 1545 para Martavão, encarregado de tratar de cousas concernentes á defensão da fortaleza, que n'este prazo se acha mal apercebida para resistir ao Achem, de que se arreceia. Espião toda a costa do Malaio, entrando todos os rios d'ella, sem terem novas algumas do inimigo : « Seguindo pela mesma derrota, continua o autor, por espaço de mais de nove dias, que era aos vinte e tres da nossa viagem, surgímos em uma ilha pequena que se dizia Pisanduree, na qual foi necessario ao Necodá, que era o mouro capitão do junco, fazer uma amarra, e tomar agua e lenha. E desembarcado em terra com esta determinação, se deu ordem ao effeito d'ella com toda a pressa possivel, e se repartio a gente pelos serviços mais necessarios, em que se gastou aquelle dia quasi todo. Emquanto se isto fazia, um filho d'este capitão mouro me commetteu que fosse com elle matar um veado, de que havia muitos por aquella ilha, a que eu respondi que de boa vontade, e tomando uma espingarda me fui com elle á terra, onde

mettendo-nos pela espessura do matto, não caminhariamos por elle pouco mais de cem passos, quando descobrímos n'um escampado uma grande banda de porcos montezes que andavão foçando junto de um charco d'agua. Alvoroçados nós com a vista d'esta montaria, nos fomos chegando para o mais perto d'elles que pudemos, e disparando ambos as espingardas no corpo de toda a banda, derrubámos dous d'elles; com o alvoroço d'isto demos uma grande grita, e nos fomos correndo até o escampado em que fossavão, onde achámos nove homens desenterrados, e outros dez ou doze meios comidos, com a qual vista ficámos assaz pasmados e confusos, e nos afastámos um pouco para trás por causa do grande fedor d'estes corpos mortos.

« O mouro que ia comigo, que se chamava Çapetuu, me disse então : « Parece-me que será bom conselho « irmos dar conta d'isto a meu pai, que está na praia « fazendo a amarra, para que mande logo rodear esta « ilha, e ver se se descobrem algumas lancharas de la- « drões que podem estar detrás d'aquella ponta, e temo « que nos possa acontecer aqui algum desastre, como « já algumas vezes aconteceu a alguns navios em que « houve matarem-lhe muita gente por descuido dos seus « capitães. »

« Eu parecendo-me bem o seu conselho, me tornei logo com elle á praia, onde elle deu conta a seu pai do que tinhamos visto. E como o Necodá era homem sisudo, e estava escaldado d'estes desastres, mandou logo com

muita presteza rodear a ilha toda, e fez embarcar as mulheres e os moços pequenos com a roupa meia lavada assim como estava, e elle com quarenta homens de espingardas e lanças se foi demandar a fossa, d'onde nós tinhamos vindo, e chegando ao lugar dos mortos, os andou vendo com as mãos nos narizes, por causa do grande fedor, que se podia mal soffrer, e movido a piedade d'elles mandou pelos marinheiros fazer uma grande cova em que os enterrassem, e revolvendo-os para os metterem n'ella, a uns achárão alguns crises guarnecidos de ouro, e a outros manilhas nos braços.

« O Necodá entendendo o mysterio d'isto que via, me disse que despedisse logo d'alli a embarcação de remo que tinha, e mandasse recado ao capitão de Malaca, porque sem duvida nenhuma me affirmava que aquelles mortos erão Achens que vinhão desbaratados de Tanauçarim onde as suas armadas continuavão por causa da guerra que tinhão com el-rei de Sião, porque aquellas manilhas de ouro que achára, erão dos capitães do Achem que costumavão enterrar-se com ellas nos braços, e que a isso poria a cabeça. E que para mais prova d'isto queria mandar desenterrar alguns, o que logo fez, e desenterrando mais trinta e sete que alli estavão, lhe achárão dezeseis manilhas de ouro, e doze crises ricos com muitos anneis, de maneira que ainda montaria este despojo passante de mil cruzados que o Necodá levou, afóra o de que se não soube parte, mas não foi isto tanto a nosso salvo, que nos não custasse

adoecer-nos a gente quasi toda do grande fedor dos mortos.

« Eu despedi logo d'aqui para Malaca o balão de rm e que levava, pelo qual escrevi a Pero de Faria todo e successo da viagem, e o caminho que fizera, e os portos, e rios, e angras em que entrára, sem em nenhuma oarte achar nova nem recado d'estes inimigos mais qus pspeitar-se estarem em Tanauçarim, d'ondeo tersuoes corpos mortos que aqui acharamos se podia crer que vinhão desbaratados. E que da mais certeza que tivesse d'isto lhe escreveria logo d'onde quer que me achasse. »

CAPITULO CXLV

Como chegámos a uma ilha que se dizia Pullo Hinhor, e do que o rei d'ella ahi passou comigo.

Despedido este balão para Malaca com cartas a Pero de Faria, e estando já o junco apercebido de tudo o necessario, nos fizemos á vela na volta de Tanauçarim, onde (como tenho dito) eu levava por regimento que fosse surgir, para negociar com o Lançarote Guerreiro que elle e os mais Portuguezes que andavão em sua companhia viessem soccorrer Malaca pela nova que havia de virem os Achens sobre ella. E velejando por nossa derrota, chegámos a uma ilha pequena de pouco

mais de uma legua em roda que se chamava Pullo Hinhor, d'onde nos sahio um paraoo em que vinhão seis homens baços, todos com barretes vermelhos, mas pobremente vestidos, e chegando a bordo do junco, que ainda n'este tempo ia á vela, nos salvárão com mostras de paz, a que nós respondêmos da mesma maneira, e após isso nos perguntárão se vinhão alli alguns Portuguezes, a que foi respondido que sim, porém elles não se fiando do que os mouros lhes dizião, lhes rogárão que lhes mandassem mostrar um ou dous, porque relevava ser assim.

O Necodá me pedio então muito que quizesse subir acima, porque n'este tempo jazia eu deitado embaixo na camara, mal disposto, o que eu fiz logo por lhe fazer a vontade: e apparecendo em cima no convez, chamei pelos que vinhão no paraoo, os quaes tanto que me vírão e conhecêrão que era Portuguez, derão uma grita, e tangendo as palmas a modo de alegria, entrárão dentro no junco, e um d'elles que no aspecto parecia de mais autoridade me disse: « Antes, senhor, que peça licença para fallar, te rogo que vejas essa carta para por ella me dares credito ao que disser, e saibas que sou esse que ella diz; » e com isto me metteu uma carta na mão emburilhada n'um trapo bem sujo, a qual eu tomei e vi que dizia d'esta maneira:

« Senhores Portuguezes e verdadeiros christãos, este honrado homem que esta mostrar a vossas mercês, é rei d'esta ilha agora novamente feito christão, por nome D. Lançarote, do qual todos os aqui assignados e outros

muitos mais que andamos por esta costa, temos recebido grandes avisos de traições que Achens e Turcos contra nós ordenavão, e por meio d'este bom homem soubemos tudo, e tambem por seu respeito nos deu Nosso Senhor agora uma muito grande victoria contra elles, em que lhes tomámos uma galé, e quatro galeotas, com mais cinco fustas, nas quaes lhes matámos mais de mil mouros, pelo que pedimos a vossas mercês pelas chagas de Nosso Senhor Jesus-Christo, e pelas dôres da sua sagrada paixão, que não consintão fazer-se-lhe mal nem aggravo algum, mas antes o favoreção em tudo como bons Portuguezes, porque seja exemplo, para que os outros que isto souberem fação o mesmo que este fez. Beijamos mil vezes as mãos a vossas mercês, hoje 3 de Novembro de 1544. »

Esta carta vinha assignada por mais de cincoenta Portuguezes, em que entravão os quatro capitães que eu buscava, que erão Lançarote Guerreiro, Antonio Gomes, Pero Ferreira, e Cosmo Bernaldez.

Eu vendo esta carta e a efficacia de suas palavras, fiz ao pobre reizinho alguns offerecimentos de minha pessoa, ainda que a minha possibilidade era então tão pequena, que não chegava a mais que a um fraco jantar, e a um barrete vermelho ; o qual, comquanto era velho, ainda era melhor que o que elle trazia.

Elle entre algumas contas que me deu de si e de suas miserias, levantando as mãos para o céo, e chorando muitas lagrimas, me disse :

« Sabe Nosso Senhor Jesus-Christo, e sua mãi Santa Maria, cujo escravo eu sou, quanta necessidade eu agora tenho do favor e ajuda de alguns christãos, porque por eu ser tambem christão, de quatro mezes a esta parte, me pôz um meu escravo mouro n'este estado em que me agora vejo, sem ter por mim mais, que pôr sómente os olhos no céo, e com grande dôr e pouco remedio chorar minha desaventura, e te affirmo na verdade d'esta santa e nova lei que agora professo, que só por ser christão e amigo de Portuguezes me vejo perseguido d'esta maneira. E já que por ti, por seres um só, não posso ser ajudado, te rogo, senhor, que me leves comtigo, porque não perca esta alma que Deos em mim pôz, e eu te prometto de te servir como captivo emquanto viver. »

E tudo isto que disse foi acompanhado sempre de tantas lagrimas que era cousa piedosa de ver.

O Necodá, como de sua natureza era bem inclinado e brando de condição, houve muito grande dó d'elle, e lhe deu um pouco de arroz, e um panno para se cobrir, porque de tudo vinha tão falto que nem as carnes trazia de todo cobertas, e depois que se informou d'elle de algumas cousas que lhe relevava saber, lhe perguntou tambem pelo seu inimigo onde estava, e que poder tinha, a que lhe elle respondeu que estava d'alli pouco mais de um quarto de legua, em uma casa de palha com sós trinta pescadores comsigo, e os mais d'elles, ou quasi todos, sem armas nenhumas.

O Necodá então pondo os olhos em mim, e vendo-me estar triste porque eu só não bastava para poder dar remedio a este pobre christão, e parecendo-lhe que n'isto me fazia muita amizade, me disse:

« Se agora, senhor, fôras capitão d'este junco assim como eu, que fizeras ás lagrimas d'este coitado, de que os teus olhos tambem têm sua parte? »

E eu lhe não respondi palavra nenhuma, por estar tão malenconisado e triste quanto a proximidade christã me obrigava.

O filho do Necodá, que, como já disse, era mancebo de bom espirito, e criado entre Portuguezes, vendo a dôr e vergonha em que este aperto me tinha posto pedio a seu pai que lhe désse vinte marinheiros do junco, para com elles restaurar aquelle pobre reizinho, e lançar aquelle ladrão fóra d'aquella ilha, a que elle respondeu que se lh'o eu pedisse o faria de boa vontade: eu arremettendo-lhe aos pés para lh'os abraçar, por ser a mais humilde cortezia que se costuma entre elles, lhe disse chorando: que se me isso fizesse, toda minha vida seria seu escravo captivo, e lhe conheceria aquella tamanha amizade, e a todos seus filhos, como elle veria, porque assim lh'o jurava em minha verdade, e elle m'o concedeu muito levemente. E mandando surgir o junco junto da ilha, se fez prestes com todos os seus em tres embarcações de remo, com um falcão e cinco berços, e sessenta homens jaos e lusões com muito boas armas, em que havia trinta com espingardas, e os mais com lanças

e frechas, e muita somma de panellas de polvora, e outros artificios de fogo convenientes a nosso proposito.

CAPITULO CXLVI

Do que succedeu aos nossos contra os inimigos d'este reizinho, e de uma grande victoria que uns Portuguezes houverão n'esta costa contra um capitão turco.

Seria ás duas horas depois do meio dia quando desembarcámos todos em terra, e nos fomos logo caminhando para a tranqueira onde os inimigos estavão. Na dianteira ia o filho do Necodá com quarenta homens, dos quaes os vinte erão de espingardas, e os mais de lanças e frechas, e o mesmo Necodá ia na retaguarda com trinta homens, e levava uma bandeira de cruz que Pero de Faria lhe dera quando partio de Malaca, para por ella ser conhecido por vassallo d'el-rei nosso senhor se no mar encontrasse com alguns navios nossos; e seguindo com esta ordenança nosso caminho por dentro da ilha, e levando o pobre reizinho por guia, chegámos aonde o levantado estava com sua gente toda posta em campo, fazendo muitas algazarras, e dando mostras de muita ufania, como que nos não tinha em conta, os quaes por todos podião ser até cincoenta, mas nas mostras gente

fraca e desarmada, e mal provida do necessario para sua defensão, porque não tinhão mais que páos, e dez ou doze lanças, e uma espingarda.

Os nossos tanto que houverão vista d'elles, derão fogo ao falcão e aos berços, e disparando vinte espingardas arremettêrão a elles, que já n'este tempo ião fugindo, quasi todos feridos, e sem ordem nenhuma, e os seguírão com tanta pressa que os alcançárão em cima no viso de um outeiro, onde em menos de dous credos forão todos mortos, sem escaparem mais que sós tres a que se deu a vida por dizerem que erão christãos, e chegando a uma povoação de vinte casas de palha terreas, se não achou mais n'ellas que sós sessenta e quatro mulheres e crianças pequenas, as quaes todas em um grito dizião chorando : « Christão, Christão, Jesus, Jesus, Santa Maria, » e alguns dizião : « Padre nosso que estás nos céos, sanctificado seja o teu nome, » sem mais outra cousa. E parecendo-me a mim que na verdade erão christãos como dizião, pedi ao Necodá que mandasse retirar seu filho, e não consentisse que se matasse nenhum, pois erão christãos, e elle o fez logo com muita presteza ; comtudo as pobres casas forão saqueadas, e em todas ellas se não achou valia de cinco cruzados, porque toda esta gente é tão pobre que nem um só real tem de seu, nem se mantém de outra cousa mais que de algum peixe que tomão á linha, que comem assado nas brasas e sem sal, e sem embargo d'isto são tão vãos, tão presumptuosos, e tão cheios de opinião, que não ha nenhum

d'elles que se não chame rei de qualquer pedacinho de terra em que tem uma choupana de palha sem mais outra cousa. E nem os homens nem as mulheres têm cousa alguma de seu de que se vistão.

Morto este mouro alevantado com todos os mais da sua companhia, e sendo o pobre reizinho christão entregue de sua mulher e de seus filhos que esse inimigo lhe tinha captivos, com mais sessenta e tres almas christãs, e ordenada alli uma igreja para se doutrinarem os novamente convertidos, nos tornámos ao junco, onde embarcados demos logo á vela, e seguímos nossa derrota na volta de Tanauçarim, onde esperava de achar a Lançarote Guerreiro e os seus companheiros pára tratar com elles o negocio que atrás tenho dito.

Mas porque na carta que este reizinho me mostrára dos Portuguezes fazião elles menção de uma victoria que Deos lhes dera contra os Turcos e Achens d'esta costa, determinei de declarar aqui o como elle passou assim, porque me pareceu que n'isso darei gosto aos leitores, como porque se entenda que os bons soldados no tempo da necessidade não ha cousa que não levem ao cabo, e que por isso importa muito terem-os muito mimosos, e muito favorecidos.

Havendo já quasi oito mezes que estes nossos cem homens andavão n'esta costa embarcados em quatro fustas muito bem concertadas, em que tinhão tomadas vinte e tres náos de presas muito ricas, e outros muitos navios pequenos, as gentes que costumavão a navegar

por aquella costa andavão já tão assombradas do nome portuguez, que de todo deixárão o commercio de suas viagens, e varárão os seus navios em terra, por onde as alfandegas d'estes portos de Tanauçarim, Junçalão, Merguim, Vagaruu e Tavay perdião muito dos seus rendimentos, pelo que foi forçado a estes povos darem conta d'isso ao imperador do Sornau, rei de Sião, que é senhor supremo de toda esta terra, para que provesse n'este mal de que todos geralmente se queixavão, o qual proveu logo da cidade de Odiaa onde então estava com muita presteza, mandando vir da frontaria dos Lauhos um seu capitão turco por nome Heredim Mafamede, o qual no anno de 1538 viera de Suez na armada de Soleimão Baxá, vice-rei do Cairo, quando o grã turco o mandou sobre a India, e desgarrando este em uma galé do corpo da armada, veio ter a esta costa de Tanauçarim, onde aceitou partido d'este Sornau, rei de Sião, e o servio de fronteiro-mór na arraya do reino dos Lauhos, com doze mil cruzados de soldo por anno.

E porque el-rei, por elle ser Turco, o tinha em conta de homem invencivel, e para mais que todos os seus, o mandou então vir da frontaria onde estava com trezentos janisaros que tinha comsigo, e fazendo-lhe uma grossa mercê de dinheiro, o fez general da costa d'este mar com provisões de rei absoluto sobre todos os oyaas, que são como duques, para desaffrontar estes povos das avexações que os nossos lhes fazião, e lhe prometteu de o fazer duque de Banchaa, que é um Estado muito

grande, se lhe trouxesse as cabeças dos quatro Portuguezes.

Este soberbo Turco, ufano e cheio de vaidade com as novas mercês e nova promessa que el-rei lhe fizera, se partio para Tanauçarim com muita pressa, onde chegado fez logo uma armada de dez velas para ir pelejar com os nossos, e tão confiado em ter victoria, que em resposta de algumas cartas que o Sornau lhe escreveu da cidade de Odiaa, lhe respondeu elle uma que dizia estas palavras :

« Do dia que a minha cabeça se apartou dos pés de vossa alteza para este pequeno feito em que mostrou gosto que o eu servisse, a nove dias, cheguei a Tanauçarim, onde logo com toda a presteza provi na falta de velas que aqui achei, de que não quizera levar mais que duas, porque sem falta para mim tenho que essas sós bastavão para enxotar estes formigueiros, mas para ser em tudo obediente ao regimento que me deu o Combracalão, governador do imperio, sellado com a mutra do sello real, apparelho a galé grande, e as quatro pequenas, e cinco fustas, com as quaes determino partir-me logo, porque arreceio que saibão estes cães da minha vinda, e que Deos, por meus peccados, seja tanto seu amigo que lhes dê tempo para fugirem, o que para mim será tamanha dôr que só a imaginação d'ella temo que me consuma a vida, ou por desesperação me faça semelhante a cada um d'elles. Mas eu confio no propheta Mafoma, cuja lei professei de pequeno, que se não mos-

tre tanto meu inimigo que consinta peccados poderem tanto. »

Chegado, como digo, este Heredim Mafamede a Tanauçarim, fez logo prestes esta armada de cinco fustas, quatro galeotas, e uma galé real, e embarcou n'ella oitocentos mouros de peleja, afóra a chusma do remo, em que entravão trezentos janisaros, e os mais erão Turcos, Gregos, Malabares, Achens e Mogores, gente toda muito escolhida, e exercitada na guerra, em que parecia que a victoria estava muito certa, e com ella se sahio do porto de Tanauçarim em busca dos nossos, que n'este tempo estavão n'esta ilha de Pullo Hinhor, de que este christão era rei, o qual n'esta conjuncção que esta armada se fazia, acertou de estar lá na cidade vendendo um pouco de peixe secco.

E sentindo o que se ordenava contra os nossos, largou a veniaga, e se veio com muita pressa a esta sua ilha, na qual os achou muito descansados, sem saberem parte de nada, e com todas as quatro fustas varadas em terra; e dando-lhes conta do que passava, ficárão elles todos tão sobresaltados, quanto a qualidade do caso requeria, e logo n'aquella noite e no dia seguinte espalmárão os navios, e os lançárão ao mar, e embarcárão mantimentos, agua, artilharia e munições, e se puzerão com o remo em punho, com tenção, segundo me elles depois contárão, de se irem para Bengala ou para Racão, por se não atreverem a pelejar com armada tão grossa.

E estando assim vacillando em differentes pareceres,

apparecêrão todas as dez velas juntas, e nas costas d'ellas cinco náos grossas de Guzarates, cujos senhorios tinhão dado ao Heredim Mafamede trinta mil cruzados pelos segurar dos nossos. A vista d'estas quinze velas metteu a nossa gente em muita confusão, e por já a este tempo se não atreverem a se fazer na volta do mar por lhe ficar o vento muito ponteiro, se mettêrão detrás de uma calheta que a ilha fazia da banda do sul cercada de arrecife de pedras, porque já não tinhão outro remedio, e alli determinárão de esperar o que a fortuna lhes offerecesse.

As cinco náos dos Guzarates se fizerão na volta do mar, e as dez velas de remo se forão direitas á ilha, onde chegárão quasi ás Ave Marias, e o Turco mandou logo espiar o porto onde tinha por novas que os nossos estavão, e se veio a remo pôr na boca da angra, por lhe ficar assim a presa mais segura, e com tenção de tanto que fosse manhã tomar todos os nossos ás mãos, e atados com cordas, como elle dizia, os apresentar ao Sornau de Sião, porque isso era o porque lhe tinha promettido o Estado de Banchaa, como atrás fica dito.

A manchua que fôra espiar o porto tornou á armada com duas horas de noite, e deu por novas ao Heredim que os nossos erão já acolhidos, de que dizem que ficou tão pasmado, que dando bofetadas em si e depennando as barbas, disse chorando : « Bem me temi eu sempre que peccados meus havião de ser causa que Deos n'este feito se mostrasse mais christão que mouro, e que Mafa-

mede havia de ser tal como cada um d'estes perros que eu vinha buscar, » e com isto se deixou cahir no chão como morto, onde esteve sem falla por espaço de mais de uma grande hora, porém quando tornou em si, proveu logo como capitão no que convinha, mandando logo as quatro galeotas em busca dos nossos a uma ilha que se dizia Taubasoy, que estava ao mar d'aquella de Pullo Hinhor sete leguas, tendo para si que lá devião de estar, por ser muito melhor colheita que aquella em que estava ; e as cinco fustas dividio em tres partes, duas mandou a outra ilha por nome Çambilão, e outras duas a outra que estava mais junto da terra firme, por serem todas de boas colheitas, e a outra fusta, por ser mais ligeira, mandou trás as quatro galeotas, para que antes da manhã lhe trouxesse recado do que achasse, promettendo de alviçaras cinco mil cruzados.

Os nossos que estavão bem álerta, vendo que o Turco se tinha desfeito da maior força do poder que trazia, e que não tinha alli comsigo mais que só a galé em que estava, se determinárão em o commetter, e sahindo-se da calheta com o remo em punho, se vierão muito caladamente a ella

E como os inimigos estavão seguros, e fóra de lhes parecer que podia haver alli cousa que os commettesse, e ser já passante da meia-noite, tinhão em si fraca vigia. As nossas quatro fustas derão todas juntas na galé com grande impeto e esforço, e lhe lançárão dentro sessenta homens, os quaes antes que os inimigos entrassem em

seu accordo para se valerem das armas, que seria espaço de dous ou tres credos, lhe matárão á espada passante de oitenta Turcos, e todos os mais se lançárão ao mar, sem na galé ficar homem vivo, nem pessoa a que se désse a vida, onde tambem morreu o perro de Heredim Mafamede, e tanto favoreceu Deos Nosso Senhor os nossos n'este grande feito, que lhes deu esta honrosa victoria tão barata que não custou mais que um moço nosso, e nove Portuguezes feridos, e na galé me affirmárão elles que morrêrão á espada e afogados muito perto de trezentos mouros, de que a maior parte forão janisaros de cercola de ouro, que é divisa de nobreza entre os Turcos.

E já quando isto acabou de se concluir serião as duas horas depois da meia-noite. E descansando o que restava da noite com muito contentamento e com boa vigia, em vindo a manhã quiz Nosso Senhor por sua misericordia que chegárão duas fustas da ilha, onde forão mandadas, que sem saberem parte do que era passado vinhão algum tanto descuidadas, as quaes em dobrando a ponta da angra, onde estava a galé, os nossos todos quatro arremettêrão a ellas, e em muito breve espaço forão tomadas com muito pouco custo dos nossos.

E havendo elles este prospero successo por mercê grande dada da mão de Deos, fizerão todos uma devota salva em que lhe derão muitas graças e muitos louvores, e lhe pedírão com muitas lagrimas que os não desam-

parasse, porque por honra do seu santo nome se lhe offerecião todos em sacrificio para no mais que com seu favor esperavão de fazer darem as vidas pela sua santa fé catholica.

Após isto provendo com muita pressa na fortificação de duas fustas e da galé que tinhão tomado, as abalroárão com a ribanceira da parte do sul, e lhe assestárão cinco peças grossas que defendião a entrada da angra. E sendo já quasi vespera, chegárão as outras duas fustas que forão mandadas á terra firme com o mesmo cuidado das outras, e ainda que houve algum pequeno de trabalho em abalroal-as, todavia forão ambas rendidas, mas com morte de dous Portuguezes, dos quaes um foi Lopo Sardinha, feitor de Ceilão.

E tornando-se os nossos a fortificar de novo com est'outras duas fustas, determinárão de esperarem alli as quatro galeotas que erão mandadas á ilha do mar, porém a estas deu lá Nosso Senhor ao outro dia tanto vento norte que deu com duas d'ellas á costa, de que se não salvou pessoa nenhuma. As outras duas vindo já sobola tarde destroçadas de toda a appellação dos remos, distantes uma da outra mais de tres leguas, uma d'ellas chegou ao porto ás Ave Marias, que tambem teve a fortuna das outras, sem se dar vida a mouro nenhum.

Ao outro dia uma hora ante-manhã, sendo o vento calmo de todo, virão os nossos a outra galeota que andava manca, por ter alijado toda a esquipação do remo

ao mar, e que não podia tomar o porto senão sobola tarde com o vento oeste, e determinando-se de a irem buscar, se chegárão a ella, e lhe derão duas surriadas de artilharia com que lhe matárão a maior parte da gente, e após isso a abalroárão, e a tomárão sem nenhum trabalho, por ter a gente quasi toda morta e ferida, e a trouxerão á toa para dentro da angra onde as outras estavão.

De maneira que das dez velas da armada, ficárão aos nossos a galé, duas galeotas, e quatro fustas, e dos outros tres navios as duas galeotas derão á costa na ilha de Taubasoy, como já disse, e da outra fusta se não soube nenhuma nova; mas suspeitou-se que a comêra o mar, ou dera á costa em alguma das outras ilhas. E esta gloriosa victoria que Nosso Senhor deu aos nossos foi no mez de Setembro do anno de 1544 na vespera e dia do Arcanjo São Miguel, com a qual o nome portuguez ficou tão celebrado e tão temido por toda esta costa que em mais de tres annos se não fallou n'outra cousa. O que sabido pelo Chaubainhaa, rei de Martavão, os mandou logo buscar com promessas de grandes partidos para o ajudarem contra o rei do Bramaa que n'aquelle tempo se fazia prestes na cidade de Pegú para o vir cercar com setecentos mil homens.

SUMMARIO

DO

CAPITULO CXLVII

Seguem na via do porto de Tanauçarim. Encontrão um batel, com alguns Portuguezes mortos e outros a morrer de sêde por haver muitos dias que tendo-se n'elle recolhido de um naufragio andavão assim perdidos por aquellas aguas. Surgem na boca do rio de Martavão para em amanhecendo subirem até á cidade. Pela noite ouvem toada de artilharia. Aclarando a manhã fazem conselho, se entraráõ ou não. Decide-se que apezar das duvidas se vá reconhecer o que se teme. Entrão e descobrem a cidade cercada toda em roda de uma grande quantidade de gente, que occupa grande parte da vista, e no rio quasi outra tanta de vela e de remo. Surgem no porto com muito recado e fazendo ceremonias de paz. Vêm de terra seis Portuguezes, os quaes lhes aconselhão que por nenhum caso fação d'alli mudança, nem fujão como tencionavão porque se não tornem suspeitos ao rei do Bramaa, cuja armada é de mil e setecentas velas, que porém venha Fernão Mendes em companhia d'elles a ver a João Cayeiro, que alli está na sua tranqueira fazendo parte do cerco, a quem dará conta do a que vem e fará o que elle lhe aconselhar; e que tambem lá achará Lançarote Guerreiro, e

os outros capitães para quem traz cartas. Elle assim o faz, acha com o Cayeiro na tranqueira setecentos Portuguezes. Consulta-se entre elles o negocio; todos se declarão mui prestes para servir em tudo a el-rei de Portugal; assentão porém em que já agora o irem soccorrer a Malaca se não faz necessario, visto como da derrota que o inimigo acaba de levar, ficou tão quebrado que em dez annos se não poderá reparar. O autor para sua resalva pede a João Cayeiro um instrumento por onde conste tudo aquillo a Pero de Faria. Conserva-se nos trabalhos do cerco 46 dias, que foi o tempo em que alli se demorou a armada do rei do Bramaa contra o Chaubainhaa, rei de Martavão. Ouçamos ao proprio Fernão Mendes o remate da historia d'este cerco.

« Sendo já passados seis mezes e treze dias que durava este cerco, dentro no qual tempo a cidade foi commettida cinco vezes á escala vista com mais de tres mil escadas, sempre os de dentro a defendêrão valerosamente, e mostrárão serem homens de muito animo, mas como o tempo e os successos da guerra os forão consumindo poucos a poucos, e de nenhuma parte lhes veio soccorro, e os inimigos erão sem comparação muitos mais que elles, o Chaubainhaa se vio tão falto de tudo que se affirmou que não tinha em toda a cidade mais que sós cinco mil homens, porque os cento e trinta mil que havia mais n'ella, erão já mortos á fome e a ferro, pelo qual havido conselho no remedio que isto podia ter, se assentou que tentasse el-rei o inimigo por interesse,

o que elle logo pôz por obra, e lhe mandou commetter que levantasse o cerco, e que lhe daria por isso trinta mil biças de prata, que era um conto de ouro, e lhe ficaria tributario em sessenta mil cruzados cada anno.

« Ao que foi respondido pelo rei bramaa que nenhum partido lhe havia de aceitar se não se entregasse primeiro em seu poder. Outra vez lhe commetteu o Chaubainhaa que o deixasse sahir em duas náos com seu thesouro e com sua mulher e seus filhos, para se passar ao Sornau, rei de Sião, e que lhe largaria a cidade com tudo quanto n'ella estivesse, o que tambem lhe não quiz conceder. Terceira vez lhe mandou commetter que se retirasse com o seu campo para Tagalaa, que era d'alli seis leguas, para que se elle pudesse sahir livremente com os seus, e que lhe largaria a cidade e o reino com todo o thesouro que fôra do rei passado, ou lhe daria por elle tres contos de ouro, o que tambem lhe foi negado.

« Pelo qual, desesperado o Chaubainhaa de poder já ter paz nem concerto algum com este cruel inimigo, revolvendo no pensamento que meio teria para se poder salvar de suas mãos, emfim tomou por derradeiro remedio valer-se dos Portuguezes, parecendo-lhe que por seu meio poderia ser salvo do perigo em que se via, e mandou commetter a João Cayeiro que se embarcasse de noite nas quatro náos que alli tinha, para o salvar com sua mulher e seus filhos, e lhe daria por isso a metade do seu thesouro.

« E este negocio mandou tratar com muito segredo por um Paulo de Seixas, natural da villa de Obidos, que tinha comsigo dentro na cidade, o qual em trajo de Pegú, por não ser conhecido, veio ter uma noite á tenda onde estava o João Cayeiro, e lhe deu uma carta do Chaubainhaa, a qual dizia assim :

« Esforçado e leal capitão dos Portuguezes por mercê
« do grande rei do cabo do mundo, leão forte e de bra-
« mido espantoso, com corôa de magestade na casa do
« sol, eu o malafortunado Chaubainhaa, principe que fui,
« e já não sou d'esta malafortunada e captiva cidade, te
« faço saber por palavras ditas da minha boca, na fir-
« meza fiel de minha verdade, que eu me rendo d'esta
« hora para sempre por vassallo e subdito do grande rei
« portuguez, senhor soberano de meus filhos e meu, com
« reconhecença de parias, e de tributo rico qual ordenar
« a sua vontade, pelo que te requeiro da sua parte que
« tanto que Paulo de Seixas te der esta minha carta, sem
« fazeres nenhuma detença te venhas logo com essas
« náos por junto do baluarte do cáes da varela, onde me
« acharás em pé esperando por ti para logo sem mais
« outro conselho me entregar em tua verdade com todo
« o thesouro que tenho comigo de pedraria e ouro, e
« da ametade d'elle faço livremente serviço a el-rei de
« Portugal, comtanto que me conceda licença que á custa
« do que me fica, faça no seu reino ou nas fortalezas da
« India dous mil Portuguezes a que prometto de dar
« grossos soldos, para com elles me restituir no que

« agora me é forçado largar por minha grande desaven-
« tura. E quanto a ti e aos mais que estão comtigo, que
« fôrem em ajuda de me eu salvar, prometto na fé de
« minha verdade de partir tão largamente com todos
« que se hajão por muito satisfeitos. E porque o tempo
« não soffre carta mais comprida, Paulo de Seixas por
« quem t'a mando te certificará assim do que vio, como
« do mais que com elle passei. »

« Lida esta carta por João Cayeiro, mandou logo com grande segredo chamar a conselho os mais honrados e de melhor nome que tinha comsigo, e mostrando-lhes a carta, lhes relatou por palavra quão importante e proveitoso era ao serviço de Deos e d'el-rei nosso senhor aceitar este partido com que o Chaubainhaa os commettia.

« E dando sobre isto de novo juramento ao Paulo de Seixas, lhe disse que dissesse o que d'isto entendia, e se era verdade que o thesouro do Chaubainhaa era tamanho como tinha a fama, a que elle respondeu que pelo juramento que tomava elle não sabia de certa certeza quamanho o thesouro era, mas que elle víra cinco vezes por seus olhos uma grande casa do tamanho de uma igreja meã cheia de pães, e de barras de ouro até o telhado, em que lhe parecia que poderia haver carrega de duas náos grandes, e víra mais vinte e seis caixões fechados e liados com cordas, em que o Chaubainhaa lhe dissera que estava o thesouro que fôra do Bresagucão, passado rei de Pegú, e que da quantidade do ouro lhe

disse que erão cento e trinta mil biças, de quinhentos cruzados cada biça, que ao todo vinhão a ser sessenta e cinco contos de ouro, e que dos pães de prata que tambem víra na bralla do Quiay Adocaa, deos dos trovões, não sabia a quantidade certa, mas que com seus olhos víra tamanha cópia d'ella, que quatro boas náos a não esgotarião. E que tambem lhe mostrára a estatua de ouro do Quiay Frigau que se tomára em Degum toda coberta de pedraria, tão rica, de tanto resplandor, e de tamanho preço, que tinha para si que em todo o mundo não havia cousa igual a ella. De maneira que do que este homem declarou alli em publico pelo juramento que lhe derão, ficárão os ouvintes todos tão espantados, que aos mais d'elles pareceu ser aquillo cousa impossivel.

« E mandando-o sahir para fóra da tenda se praticou sobre a resolução d'este feito, em o qual por peccados nossos se não tomou nenhuma, por haver n'esta junta tantas diversidades de opiniões e de pareceres, que Babylonia em seu tempo não lançou de si mais variedade de linguas, de que a principal causa, segundo se disse, foi a inveja de seis ou sete homens que querião presumir de fidalgos que se achárão alli presentes, os quaes tendo para si que se Deos permittisse que este negocio succedesse como se esperava, o João Cayeiro só (a quem os mais não tinhão boa vontade) ficaria d'aqui com tamanho nome e tanta honra, que seria pouco, como elles depois dizião, fazêl-o el-rei marquez, ou quando menos governador da India.

« De modo que estes ministros do demonio, depois de pôrem diante algumas impossibilidades, que erão o rebuço de sua fraqueza e más inclinações, e o temor que tinhão de perderem suas fazendas, e de lhes o rei bramaa cortar por isso as cabeças, se resumírão em totalmente não consentirem n'este feito, antes o descobrirem se João Cayeiro insistisse em levar ávante o que determinava, que era aceitar o que o Chaubainhaa lhe commettia. A qual João Cayeiro então dissimulou por lhe ser assim forçado, porque arreceiou que se fizesse n'isso força o descobrissem ao rei bramaa, como já dizião, sem temor de Deos, nem vergonha dos homens. »

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

PARIS. — TYP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1